

OS AMBIENTALISMOS CHINESES E SUAS
PAISAGENS

Danilo Caporalli Barbosa
Orientador: Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Danilo Caporalli Barbosa

Os Ambientanismos Chineses e suas Paisagens

Belo Horizonte
2023

Danilo Caporalli Barbosa

Os Ambientanismos Chineses e suas Paisagens

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Altamiro Sergio Mol Bessa

Belo Horizonte
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

B328a	<p>Barbosa, Danilo Caporalli. Os ambientalismos chineses e suas paisagens [manuscrito] / Danilo Caporalli Barbosa. - 2023. 328f. : il.</p> <p>Orientador: Altamiro Sérgio Mol Bessa.</p> <p>Tese (Doutorado)– Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.</p> <p>1. Paisagens - Teses. 2. Simbolismo - Teses. 3. Ambientalismo - Teses. 4. Mudanças ambientais globais - Teses. 5. China – Teses. I. Bessa, Altamiro Sérgio Mol. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.</p> <p>CDD 304.2</p>
-------	--



FOLHA DE APROVAÇÃO

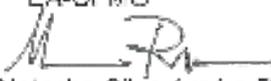
Os ambientalismos chineses e suas paisagens

DANILO CAPORALLI BARBOSA

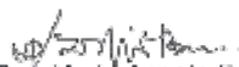
Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do Grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 22 de novembro de 2023, pela Comissão constituída pelos membros:


Prof. Dr. Atamiro Sérgio Mol Hassa - Orientador
EA-UFMG


Profa. Dra. Natácha Silva Araújo Rona
EA-UFMG


Profa. Dra. Maria Cristina Rosa
EFAFIO-UFMG


Profa. Dra. Maria Angela Fagundes Pereira Leite
FAU-USP – por videoconferência

Profa. Dra. Fernanda Alves do Brilo Bueno
UFOP


Dr. David Prado Machado

Belo Horizonte, 22 de novembro de 2023.

Aos meus professores, pelos grandes exemplos.

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão a todos que contribuíram para a realização desta tese. Vocês foram fundamentais na minha caminhada.

Primeiramente, agradeço à minha família: meu pai, Wilson, minha mãe, Giovanna, meu irmão, Tomás e minha irmã, Sofia. O apoio incondicional e o amor de vocês foram cruciais em cada etapa desta jornada. Vocês são meu porto seguro.

Agradeço ao meu orientador, Altamiro Bessa, cuja sabedoria, orientação e paciência foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas amigas e professoras Natacha Rena e Maíra Nobre, agradeço pela amizade e pelo apoio constante. Nunca me esquecerei de tudo que fizeram por mim. Amo vocês.

Ao meu amigo e colega Henrique Porto, agradeço pela parceria, pela atenção e por me ajudar tantas vezes.

Aos companheiros de vigem, Marcelo Maia e Gabriela Bitencourt, pela atenção e força antes, durante e depois da China.

A Clara, cujo apoio foi inestimável, meu sincero agradecimento.

Aos colegas do Projeto Brumadinho, do Projeto MAPAS, do NPGAU, e do Grupo de Pesquisa GeoPT, agradeço a oportunidade de aprender e crescer com vocês. À Vitória Murata pela diagramação e auxílio no design e encadernação deste trabalho.

À Daniele, que com carinho e cuidado não me deixou desistir, meu profundo obrigado.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão ao CNPq pelo financiamento da pesquisa de campo.

Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil.

Resumo

A ascensão da China enquanto potência econômica mundial tem revirado o tabuleiro de xadrez da geopolítica global. Em meio aos avanços econômicos chineses e os tropeços norte-americanos, as políticas ambientais se tornaram um ponto sensível entre as duas potências. Compreendendo o contexto que se forma, esta tese mapeia as características dos ambientalismo chinês e das suas paisagens. Para tanto, este trabalho propõe uma abertura para formas ainda não discernidas de ambientalismo e paisagens nutrindo-se da história, da geografia, da filosofia e da arte. Com o intuito de pesquisar estas outras construções ambientais, assumimos algumas escolhas: optamos por fazer relatos curtos de lugares, projetos e histórias, entremeados pela teoria; optamos também por ilustrar à mão todos os mapas que se estruturam em uma só linguagem associada ao fazer da arquitetura. Do mesmo modo, os capítulos se organizam pela comunhão dos elementos simbólicos da pintura de paisagem tradicional chinesa: a água e a montanha. A opção pelos relatos curtos foi feita após o contato direto com a cultura chinesa em uma viagem de 100 dias. A partir dessa imersão, o caráter classificatório da pesquisa foi substituído por uma prática narrativa. Ao final, identificamos a construção da ecocivilização chinesa como um projeto de mudança da formação social que se apoia no emaranhado de relações ambientais para se constituir de forma planejada, histórica, institucionalizada e múltipla.

Palavras-Chave: China; paisagem; ambiente; ambientalismo; ecocivilização

Abstract

China's rise as a global economic power has upended the chessboard of global geopolitics. Amid Chinese economic advances and North American missteps, environmental policies have become a sensitive point between the two powers. Understanding the context that is being formed, this thesis maps the characteristics of Chinese environmentalism and its landscapes. To this end, this work proposes an opening to forms of environmentalism and landscapes not yet discerned, nourished by history, geography, philosophy, and art. In order to research these other environmental constructions, we made some choices: we chose to make short reports of places, projects, and stories, interspersed with theory; we also chose to hand-illustrate all the maps that are structured in a single language associated with architectural practice. Likewise, the chapters are organized by the commonality of symbolic elements of traditional Chinese landscape painting: water and mountains. The option for short reports was made after direct contact with Chinese culture on a 100-day trip. From this immersion, the classificatory nature of the research was replaced by a narrative practice. In the end, we identify the construction of Chinese ecocivilization as a project to change social formation that relies on the tangle of environmental relations to constitute itself in a planned, historical, institutionalized, and multiple way.

Keywords: China; landscape; environment; environmentalism; ecocivilization

Sumário

1.Introdução	13
2. Uma breve história da China	30
2.1. Mitos e Império Antigo (2.700 AEC a 618 EC)	31
2.2. Período Imperial Recente (618 a 1839 EC)	46
2.3. Modernidade: Período Revolucionário (1839 a 1978 EC)	57
2.4. Modernidade: Milagre Econômico (1978 a 2020 EC)	63
3. Água: Shuǐ (水)	68
3.1. A geografia das águas na China	79
3.2. Yu, o Grande (大禹 - Dà Yǔ)	104
3.3. O Grande Canal (大运河)	111
3.4. Rio Suzhou (苏州河)	127
3.5. Fuhe e Nanhe – Chengdu	141
3.6. A Teoria das Duas Montanhas – 綠水青山就是金山銀山	156
3.7. As águas na China, impressões e considerações finais	166
4. Montanha: Shān (山)	172
4.1. A geografia das montanhas na China	179
4.2. Balzac e a Costureirinha Chinesa	197
4.3. Parque Lianhuashan – Shenzhen	211
4.4. Chongqing (重庆), a cidade das montanhas	226

4.5. Mil Árvores e Museu de Artes de Qintai	245
4.6. O Céu é Redondo e a Terra é Quadrada (天圆地方)	265
4.7. Ecocivilização	277
5. Considerações Finais	305
Referências	311

1. Introdução

A ascensão da China como potência mundial nas primeiras décadas do século XXI tem modificado completamente o tabuleiro de xadrez da geopolítica mundial. Se cada século tivesse uma data de entrada, marcada pelo evento que definiria o paradigma dos próximos 100 anos, 2001 parecia a data perfeita. Nos primeiros anos deste século, vislumbrávamos apenas um polo global e os atentados terroristas pareciam a única ofensiva contra o sistema que se lançava unilateralmente. Uma das visões daquela época era uma previsão de que este seria o século do terrorismo e da unilateralidade. Neste mesmo período, alguns grupos ambientalistas já se posicionavam contra aquela visão e alertavam para um século que seria marcado pelas disputas ambientais. As guerras seriam por água, os refugiados seriam da seca e do aumento do nível do mar e as crises seriam causadas pelo fim dos combustíveis fósseis.

Hoje, em 2023, essas previsões ainda não ocorreram, pelo menos, não completamente. Os desastres ambientais seguem acontecendo. Cada vez mais, eles poderiam ser evitados pela ação humana. Entretanto, contrariamente às predições, eles não se tornaram a tônica do século, não passaram a ser as notícias principais da atualidade. Em 2008, tivemos a crise financeira desencadeada pelo rompimento da bolha imobiliária dos Estados Unidos. Em 2011, a Primavera Árabe tomou conta dos jornais e reverberou até Julho de 2013 no Brasil. Em 2020 e 2021, tivemos a pandemia de Covid-19. Além desses eventos que marcaram o início do século, contrariando a ideia de conflitos por razões ambientais, houve em 2003 a invasão do Iraque, em 2008, a guerra na Ossétia do Sul, em 2011 e 2012 as guerras civis da Líbia

e da Síria, em 2014 o conflito na Ucrânia, em 2020 as ofensivas em Nagorno-Karabakh, em 2022, a campanha russa na Ucrânia, e, em 2023, os conflitos na Etiópia, no Sudão e em Israel. Todos esses conflitos e eventos demonstram que, assim como no século XX e nos séculos antes dele, a tônica não está na disputa entre o homem e a natureza, mas do homem contra o próprio homem.

Esse pensamento direciona o olhar para a China pela sua caminhada socialista, guiada por pensamentos marxista-leninistas e sob a orientação maoísta, mas também pela sua trajetória pacífica para se tornar a segunda maior potência econômica mundial. É notável a ascensão chinesa. Como veremos no capítulo “Um Breve Histórico da China”, o país passa por um período que ficou conhecido como “século da humilhação” e, mesmo após ser colonizado por outras potências, em 60 anos de revolução e 30 anos de reformas, ele cresce ao ponto de socorrer o mundo da crise de 2008. O mais espantoso é que essa ascensão não envolveu nenhum conflito direto desde 1978. As grandes potências mundiais comumente se estabeleceram por guerras. Dos Estados Unidos à Macedônia, passando pela Inglaterra, Portugal, o Império Persa e até o próprio Império chinês (pré- guerras do ópio), todos garantiram seus crescimentos econômicos por meio de conflitos armados. Dessa maneira, é interessante observarmos os processos que foram desenvolvidos nos últimos anos para tirarmos lições para compreensão deste fenômeno.

No entanto, algo teve de ser sacrificado para um processo tão veloz e em um país tão populoso, o ambiente. O processo de industrialização foi muito prejudicial para as águas, o ar, as montanhas e as áreas verdes da China. De acordo com Liu Jinlong e Xu Tuoyuan (2021, p. 30),

respectivamente, Professor e Doutora da Renmin University of China, quase dois terços das cidades chinesas passam por problemas relacionados à escassez de água. A produção agrícola do país é fortemente impactada pela má distribuição dos recursos hídricos no território, sendo que a quantidade de terras agrícolas é de apenas 8% das terras do mundo, em comparação com uma população de 19% da população mundial (LIU; XU, 2021, p.31). A poluição do ar se tornou tão expressiva que a chuva ácida resultou na degradação da floresta tropical em Hainan (LIU; XU, 2021, p.32-33). Frente a essas e outras questões ambientais graves, a China teve que se voltar para dentro e começar uma grande mudança no seu processo de desenvolvimento.

Reverendo parte dos meios pelos quais o país se desenvolveu, uma série de medidas têm sido tomadas para melhorar a qualidade ambiental do país. Entretanto, esse não é um processo linear, mas um processo múltiplo, com enraizamentos nas mais diversas tradições, símbolos, pensamentos, histórias e artes. Além disso, globalmente começou-se a cobrar uma resposta objetiva do país para seu volume de poluição. Em uma disputa entre os países que mais emitem CO₂, os Estados Unidos (EUA) e a China apontam um para o outro como os maiores poluidores do mundo. Os EUA se apoiam no dado absoluto de emissão de CO₂, que coloca a China com 11,472,369,000.00t em oposição ao próprio EUA em segundo lugar, com menos da metade da quantidade, 5,007,336,000.00t (ROSER; ORTIZOCHOA, 2022a). Por outro lado, quando a quantidade de emissões é ranqueada e dividida pela população, a China se torna o 38º país em emissões por habitante e os EUA o 12º (ROSER; ORTIZOCHOA, 2022b).

Buscando por uma relação ambiental própria e compreendendo a pressão mundial para uma resposta do país à crise climática, a China entrou no jogo geopolítico para disputar a própria noção de ambientalismo. Por esse motivo, discutiremos os “ambientalismos” ao longo desta tese. Mas introdutoriamente, assumiremos o termo como a relação homem-ambiente-natureza que busque melhorias na qualidade de vida considerando a implicação na coexistência dos seres. Nessa movimentação, muito se tem falado sobre grandes avanços tecnológicos, sobre o emprego de políticas públicas ambientais, sobre o resgate de uma história virtuosa em torno das questões ambientais e de um apelo às artes para conformação de uma outra visão sobre o país. Apesar disso, pouco se sabe no Ocidente sobre a China e, menos ainda, sobre seus ambientalismos. É entre a disputa do Ocidente com o Oriente que muitas informações ainda flutuam sem respostas ou amarrações. Assim, é nesse dinâmico contexto que esta tese surge buscando respostas para algumas questões mais fundamentais sobre os ambientalismos chineses e suas paisagens.

Esta tese surgiu tentando responder a uma única pergunta:

Existe ambientalismo na China?

E por mais simples que ela pareça, foi puxando este fio que um novelo de lã emaranhado e extremamente complexo surgiu.

A resposta curta é, “sim, é claro que existem ambientalismos na China”. Mas, de que vale saber que um tesouro existe se nem tivermos um mapa e nem soubermos como ele é?

Assim começa o processo de puxar esse emaranhado de perguntas e respostas. Por isso, esta tese busca compreender como são os ambientalismos chineses, quais são suas principais características, quais

seus contornos, suas organizações e composições. Entretanto, para lançar luz sobre essas formas não poderíamos assumir que esses ambientalismo seriam como os nossos - até porque nem os nossos se parecem entre si. Então, além de uma extensa pesquisa para reconhecimento das possíveis bases desses ambientalismo, foi necessário ir até a China e conhecer pessoalmente algumas das formas que estão apresentadas aqui.

Entretanto, antes de continuarmos a falar sobre como optamos por investigar esses ambientalismo, é importante falar brevemente da minha trajetória até a

China. Durante a graduação na Escola de Arquitetura da UFMG tive contato com alguns grupos de pesquisa como o DESEJACA, o Práxis e o Indisciplinar. A aproximação com a pesquisa e, principalmente, com a extensão universitária, abriu portas para trabalhos de campo junto aos movimentos sociais. O ano era 2015 e ainda havia uma grande efervescência remanescente das Jornadas de Julho de 2013, os movimentos sociais e urbanos estavam surgindo um após outro.

Naquele contexto comecei a atuar junto a um movimento ambientalista da cidade de Belo Horizonte, o Movimento Parque Jardim América (Parque Já). Como ativista, participei de várias manifestações, audiências públicas, encontros com outros movimentos e blocos de carnaval, que eram importantes táticas de agitação e propaganda das lutas. Paralelamente, atuei como técnico da universidade no movimento e escrevi o trabalho de conclusão de curso de dentro do grupo de pesquisa Indisciplinar, justamente sobre o Parque Já. Conhecendo esse e outros movimentos sociais e ambientais, associado com o momento em que o Brasil vivia em 2016 optei, no ano seguinte, por dar início ao mestrado.

Observando as relações institucionais em torno das questões ambientais, acabei encontrando um desastre silenciado em Barcarena no Estado do Pará. A cartografia traçada naquela ocasião permitiu desenhar um rico histórico sobre o ambientalismo no mundo, o protagonismo da Noruega nas pautas ambientais desde a década de 1980, o papel da Noruega no cenário internacional, a atuação das empresas norueguesas no Brasil, o financiamento do Fundo Amazônia pelo país nórdico e o desastre causado pelo despejo de rejeitos nos rios de Barcarena.

Foi a partir dessas duas visões do ambientalismo, como ativista e como pesquisador, que comecei a buscar novas experiências no campo ambiental. Nesse sentido, o encontro com a China foi inevitável. Se por um lado, as experiências norte-americanas e europeias tomavam conta do cenário internacional, ou pelo menos o que se tinha notícia, por outro, as propostas decrescentistas ganhavam força na América Latina e entre os movimentos populares. Entre 2016 e 2020, o Brasil passava por uma importante crise econômica e política que tinha como pano de fundo o aumento do desemprego, da fome e da inflação. Neste contexto, a redução do crescimento econômico, que nos anos seguintes ainda foi agravado pela Covid-19, demonstrou que, por mais duro que possa parecer o processo de crescimento econômico, o decrescimento se apresenta ainda mais cruel com as populações mais vulneráveis. Foi a partir dessa análise, elaborada no trabalho “A dimensão geopolítica da sustentabilidade: uma cartografia da ação norueguesa no território brasileiro” (BARBOSA, 2019) que comecei a direcionar meu olhar para a China.

No Ocidente, autores como Joan Martínez Alier (2007), Naína Pierri (2001) e Sérgio Ulisses Silva Jatobá, Lúcia Cony Faria Cidade, Glória Maria

Vargas (2009) classificam os movimentos ambientalistas em três grandes categorias. A primeira é aquela voltada para a preservação e conservação nas áreas verdes e paisagens intocadas. A segunda se volta para a superação dos problemas ambientais por meio da tecnologia e da eficiência energética. Por último, a luta por justiça social e ambiental, à qual todos os autores se filiam, ligada aos movimentos populares do sul global. A divisão existente entre os ambientalismo, enquanto mecanismo de análise, é muito bem elaborada e possibilita uma compreensão histórica e geopolítica dos movimentos ocidentais no século passado. Entretanto, na abordagem direta dos problemas ambientais brasileiros, é necessário dissolver as categorias e buscar soluções que integrem a relevância de natureza bem preservada, do emprego de tecnologias inovadoras e o enfrentamento às contradições sociais estabelecidas. Trata-se de uma soma, +++ ou e,e,e. Nesse sentido, a busca pelos ambientalismo chineses começou por tentar compreender se em uma potência econômica e socialista haveria outras abordagens para questões similares.

Inicialmente estudamos a partir da história, mas logo foi possível perceber que muito se desenvolvia nos mitos, nas religiões, nos pensamentos e nas artes. Entretanto, em um breve mergulho sobre as questões ambientais na China, já foi possível perceber o quão escassas são as informações em português e mesmo em inglês. Além disso, muitas fontes da web simplesmente não são acessíveis pelo Ocidente nem mesmo com o uso de ferramentas como Redes Privadas Virtuais (VPN - no inglês). Aqui devo confessar que nunca imaginei o tamanho do mundo virtual chinês. O Grande Firewall é um conjunto de limitações de tráfego transnacional pela internet no país. Essa barreira não permite que nós do

Ocidente tenhamos acesso a boa parte dos trânsitos de informações que circulam internamente na China. Dessa maneira, ir para lá é experienciar um outro lugar físico, mas também um outro mundo virtual.

Em janeiro de 2022, me inscrevi para uma bolsa junto com os professores Marcelo Reis, Natacha Rena e a doutoranda Gabriela Bitencourt, com o objetivo de pesquisar infraestruturas e, da minha parte, a intercessão com as questões ambientais. Neste processo fomos selecionados pela chamada CNPq No 26/2021 em novembro daquele ano e em janeiro de 2023 embarcamos para a China. Antes de irmos, estabelecemos uma parceria com a Huazhong University of Science and Technology (HUST) de Wuhan, a partir do Instituto Confúcio da UFMG. Assim, cheguei inicialmente em Shanghai, durante o feriado do Ano Novo Chinês onde passei 10 dias. Em seguida fui para Shenzhen e passei mais 10 dias enquanto aguardava o retorno das aulas da HUST que ainda estava de recesso. Chegando em Wuhan, fui recebido junto dos meus colegas de expedição pelos professores da Escola de Arquitetura de lá. Nossa equipe teve a oportunidade de articular uma série de atividades conjuntas com a HUST, incluindo a participação em uma disciplina e a criação de uma disciplina de projeto integrada com alunos da graduação da UFMG. A pesquisa segue em andamento, e as parcerias estabelecidas têm se fortalecido cada dia mais. Ao todo foram 100 dias na China, 10 cidades visitadas, diversos museus, templos, praças e parques. A troca com os professores e outros alunos de pós-graduação abriu um número inimaginável de possibilidades. O volume de materiais de pesquisas coletados superou (em muito) a disponibilidade de tempo para análise, de modo que muito ainda será sistematizado para pesquisas futuras.

Dessa forma, este trabalho não busca esgotar nenhum de seus temas - como se isso fosse possível. Como dissemos anteriormente, o que buscamos aqui é a multiplicidade, a abertura para mais fontes, mais possibilidades de compreensão e, se possível, a criação de mais formas de relação entre o homem e o ambiente que se proponham mais integradas ou unificadas.

Para tanto, este estudo foi estruturado buscando compreender as mais diversas formas de relações entre homem e ambiente, sem comparar ou impor mecanismos ocidentais sobre os existentes na China. Em vista disso, esta tese parte de uma intensa análise histórica que tem a dupla função de criar uma base comum de compreensão do contexto chinês e de apresentar os principais pensamentos que moldaram o país. No histórico que traçamos, é possível identificar a profunda relevância das artes para a trajetória do pensamento chinês.

Assim, optamos por utilizar o conceito de paisagem elaborado pelas pinturas de Shanshui (山水 - Shānshuǐ) para explorar alguns dos elementos que vêm compondo um novo pensamento.

Antes de abordarmos o “Shanshui (山水 - Shānshuǐ)” faremos uma breve explicação sobre os termos em chinês que empregamos nesta tese. As três grafias acima são formas distintas de expressar a mesma palavra. A primeira é a grafia ocidentalizada, ela apresenta as letras, mas não as acentuações. A segunda grafia é o sistema de escrita por caracteres (ou sinogramas) denominado de hanzi (汉字) ou caracteres Han. Essa segunda forma de escrita é em chinês simplificado. Aqui optamos por empregar o chinês simplificado por ser a forma mais empregada na china continental.

O chinês tradicional ainda é a escrita mais empregada em Taiwan, Hong Kong e Macau, que não passaram pelas reformas ortográficas das décadas de 1950 a 1980. Essas reformas fizeram parte do plano de alfabetização da população e buscaram simplificar a língua escrita. Por último, o terceiro termo é o pinyin. De acordo com a *Faculty of Asian and Middle Eastern Studies* (2020) da Universidade de Cambridge, o pinyin é o sistema para transcrever os sons do mandarim para um alfabeto latino. Ele foi criado nos anos 1950 e adotado oficialmente em 1958 com o objetivo de ajudar os alunos de chinês a ler caracteres e palavras uma vez que a escrita dos hanzi não é uma escrita fonética. O pinyin é muito usado atualmente para digitar em aparelhos eletrônicos, uma vez que a escrita em hanzi conta com milhares de caracteres diferentes. Assim, com os teclados ocidentais ainda é possível fazer a escrita de caracteres. A acentuação dos pinyin é fundamental para sua leitura, uma vez que a língua falada é tonal, isto é, palavras iguais com entonações distintas têm significados distintos. Por exemplo, as palavras “mā” e “mǎ”, têm o som bem similar para ocidentais, mas a primeira, expressa pelo hanzi 妈, significa mãe, enquanto a segunda, escrita por 马, quer dizer cavalo.

Apesar do pinyin ser a forma romanizada mais adequada para a leitura fonética dos termos, muitas das fontes e referências que utilizamos trazem a grafia inglesa das palavras, dos nomes e das expressões. Por exemplo, a cidade de 上海, em português, é Xangai, em inglês é Shanghai, e em pinyin é Shànghǎi. Associado a essa dificuldade, a escrita em pinyin se alterou com o tempo, principalmente até a década de 1980. Há também uma outra forma de romanização ou notação fonética e transliteração do

chinês, o Wade–Giles. Esse sistema foi empregado principalmente em livros ingleses antes da década de 1980 e influenciou muito a forma como até hoje falamos palavras como Pequim e kung fu, que em pinyin são, respectivamente, Běijīng e Gōngfū. Assim, em meio às várias possibilidades de grafia, optamos por assumir a grafia dos termos em inglês seguida de seu hanzi entre parênteses na primeira aparição no texto e, posteriormente, apenas o termo em inglês. A opção pelo inglês segue três lógicas: a primeira é a facilidade e a amplitude de pesquisas com os termos; a segunda é a proximidade da grafia com o pinyin; e por fim, essa é a grafia, depois do hanzi, mais utilizada nas ruas e placas das cidades. Alguns nomes de cidades como Pequim e Xangai podem ser pesquisados em português sem grandes prejuízos nas informações básicas encontradas. Entretanto, quando migramos para cidades como Suzhou (em português Sucheu), buscar pelo nome em inglês aumenta exponencialmente o número e a qualidade dos resultados. Buscando por “Sucheu” na página web do Google (24 de out. de 2023, às 22:23), são encontrados 74.500 resultados em 0,41 segundos. Destes resultados, vários se referem a um design de óculos que não tem nenhuma relação com a cidade. Pesquisando no mesmo dia e horário pelo termo “Suzhou”, foram encontrados 41.500.000 resultados em 0,37 segundos. As fontes em inglês incluem até documentos oficiais. Dessa maneira, pensando que esta pesquisa interessa que mais pesquisas surjam e busquem por mais informações e resultados relevantes para o campo do meio ambiente e da paisagem, empregaremos os termos em inglês.

Voltando para tratar do Shanshui, as pinturas de paisagens tradicionais são assim denominadas por representarem as montanhas - 山 Shan - e as águas - 水 Shui. De acordo com Altamiro Sérgio Mol Bessa

(2021, p. 33), “Na língua chinesa, a palavra mais tradicional para designar paisagem é Shanshui, que significa montanha- água. Ela aparece com esse sentido pela primeira vez no ano de 353”. As montanhas e as águas carregam muitos simbolismos em todas as correntes de pensamento e religiões chinesas. Essencialmente, esse par representa dois polos antagônicos e complementares da vida: o estático e o movimento. A montanha representa o acolhimento do homem e cresce em direção ao céu, buscando o sagrado. A água carrega o sentido do misterioso e perigoso e corre para baixo para o lugar mais humilde. Juntos, esses elementos conformam um constante caminho, um processo que não para completamente e nem flui desenfreadamente. Para tratar dessa subjetividade de cada um dos elementos e sua representação nas religiões e pensamentos chineses, foi criado um preâmbulo nas duas seções desta tese: a seção “Água: Shuǐ (水)” e a seção “Montanha: Shān (山)”.

Assim, a tese está dividida em 3 partes. A primeira, introdutória, conta com o capítulo “Uma Breve História da China”. A segunda, sobre as águas, trará uma série de visões sobre os ambientes chineses e as relações com os homens a partir dos rios, mares e lagos. A terceira fará o mesmo da anterior a partir da categoria da montanha. Por fim, a última parte do trabalho fará uma amarração da multiplicidade apresentada a partir da visão da ecocivilização.

O primeiro capítulo da segunda parte, “A geografia das águas na China”, faz um atlas dos principais cursos d’água, lagos e mares. Nele, são retratadas também algumas das relações históricas da ocupação do povo chinês no território com esses corpos d’água. O capítulo também tem a função de territorializar e criar mapas que nos permitam, ao longo dos

demais capítulos, identificar a disposição territorial dos ambientalismo e das paisagens chinesas.

O segundo capítulo da segunda parte, chamado de “Yu, o Grande (大禹 - Dà Yǔ)”, conta a história mitológica de um dos primeiros imperadores chineses que foi responsável por domar as águas e acabar com as enchentes durante o seu reinado. Este mito, que tem grande relevância até os tempos de hoje, demonstra a importância histórica que a técnica e a prevenção de desastres naturais têm na constituição do Estado, na formação da cultura e na identidade do povo chinês.

O capítulo seguinte, “O Grande Canal”, aborda uma das obras de engenharia mais relevantes da história. O Grande Canal, que começou a ser criado há mais de 3 mil anos, reflete a capacidade técnica e engenho do Império chinês. Mais do que apenas uma grande obra de engenharia, o conjunto de canais que coletava grãos estabeleceu também um complexo sistema tributário responsável pela estabilização dos impérios além de um grande desenvolvimento tecnológico no campo do manejo das águas, que foi responsável, inclusive, pelo controle de enchentes na região.

“O Rio Suzhou” é o capítulo que aborda um dos projetos piloto da requalificação de rios urbanos na China. O Suzhou, que corre por dentro de Shanghai, foi um rio historicamente afetado pelo processo de industrialização que se estabeleceu a partir da década de 1980. O piloto que teve início no final da década de 1990 apresentou para a China a possibilidade de começar a lidar com questões ambientais locais e com manejo de águas urbanas sem o abandono do crescimento econômico. O sucesso do processo de requalificação do Suzhou foi responsável por diversos outros que foram encabeçados pelos governos provinciais,

incentivados pelo governo central e financiados pelos bancos de desenvolvimento. O desenho institucional e o emprego de tecnologias deste projeto são importantes estudos de caso para o ambientalismo chinês.

O capítulo seguinte, “Fuhe e Nanhe - Chengdu”, narra a experiência de caminhar às margens de dois rios urbanos chineses, o Fuhe e o Nanhe. Nele, apresenta-se uma visão sobre algumas arquiteturas, o desenho urbano, o modo como alguns grupos experienciam o ambiente e a relação da cidade de Chengdu com os elementos da paisagem.

“A Teoria das Duas Montanhas” é um capítulo transitório entre as montanhas e as águas. Apesar do nome, a teoria tem grande impacto na forma como a China passou a lidar com suas águas nos últimos anos. A Teoria das Duas Montanhas é um exemplo de ambientalismo chinês que coaduna uma prática bem-sucedida com uma teoria estruturada. O objetivo dessa junção é a replicabilidade adaptável a novos territórios e contextos, conformando então uma política pública para proteção ambiental que segue diretrizes alinhadas com distintas escalas do Estado.

O último capítulo da segunda parte traz as impressões e considerações sobre as águas da China. Nele, são amarrados alguns pensamentos, mas, principalmente, as visões pessoais e experiências que não couberam nos demais capítulos.

O primeiro capítulo da terceira parte, após um preâmbulo da montanha, é “A geografia das montanhas na China”. Nele, é feito um atlas das montanhas, dos recursos minerais e da terra na China. São abordadas as características de relevo, a importância das montanhas para a cultura, a escassez do ferro e a abundância do carvão mineral e a distribuição dos

alimentos cultivados. O capítulo situa o homem, seu laço com a terra e a disponibilidade dos recursos materiais no território.

Em seguida, abordamos o filme “Balzac e a costureirinha chinesa”. A obra de Dai Sijie retrata o momento da Revolução Cultural na história da China, a partir de uma visão pessoal e semiautobiográfica. O filme, dentre outras coisas, apresenta a vida nas montanhas, a relação do homem com a terra constantemente entrelaçada com o Estado e o conflito entre a individualidade dos desejos e a coletividade das políticas. O filme colabora com um olhar para a montanha enquanto abrigo, trabalho e fonte dos bens materiais, enquanto a água é retratada como símbolo de ruptura da rigidez da vida.

O Lianhuashan Park em Shenzhen é o tema seguinte. Nele, aborda-se um parque em torno de uma montanha e a relação das pessoas que ali frequentam. A área é turística e local, simbólica e cotidiana, verde e urbana. Turística, por ser um marco vertical em meio à cidade plana, além de contar com a icônica estátua de Deng Xiaoping, além de permitir uma visão panorâmica da cidade de Shenzhen. Local, por ser amplamente frequentada por pessoas da cidade e ponto de encontro aos finais de semana para famílias, namorados, grupos de idosos, dentre outros. Simbólica por fazer referência aos caminhos do desenvolvimento urbano chinês. Cotidiana, por ser lugar de exercícios, de caminhada com animais e atividades entre amigos. Verde, por sua extensa área de gramados e matas densas preservadas. Por fim, urbana, por estar localizada no meio de um dos bairros mais importantes de Shenzhen que é, por sua vez, uma das maiores metrópoles mundiais em população, área, comércio e conexões. O

parque é assim, um exemplo de como o planejamento territorial chinês utiliza do ambiente para agregar e integrar diversas visões sobre o espaço.

A cidade das montanhas, Chongqing, é um mapa para uma cidade complexa. Neste capítulo, exploramos a geografia acidentada de Chongqing para demonstrar como o planejamento urbano chinês e suas instâncias locais e nacionais se articulam para potencializar as dinâmicas econômicas. Nesse processo, a geografia, os recursos materiais, as montanhas, as áreas verdes, as paisagens e as vistas da cidade, tudo é utilizado, proporcionando assim uma gama de vivências possíveis para a cidade.

“Mil Árvores e Museu de Artes de Qintai” é um capítulo em que analisamos um gesto arquitetônico a partir de dois exemplos. O Mil Árvores, um empreendimento misto em Shanghai e o Museu de Arte de Qintai em Wuhan. Ambos os edifícios assumem em suas formas a literalidade de seus conceitos. Ambos são montanhas projetadas. Entretanto, as análises de contexto e as decisões projetuais decorrentes delas geraram polos opostos da experiência arquitetônica. Assim, o capítulo observa como duas visões distintas do ambiente, mesmo que em direções similares, podem reduzir ou multiplicar novas interações com o ambiente e a paisagem. O capítulo é também o encerramento da parte das montanhas e traz na análise dos projetos reflexões sobre a relação com os simbolismos da montanha e suas leituras.

A última parte desta tese, em seu primeiro capítulo, faz um breve ensaio sobre os avanços tecnológicos e a questão ambiental projetada pela China. O capítulo é um diálogo com uma Inteligência Artificial, em torno do conceito ancestral de “Terra quadrada e céu redondo”, seguido de uma

análise. Por fim, o texto apresenta algumas questões às quais devemos ficar atentos no futuro da arquitetura, dos estudos ambientais e do campo da paisagem.

O último capítulo da tese aborda a construção da ecocivilização chinesa. Diferenciamos o conceito da ideia de desenvolvimento sustentável. Analisamos como esta construção amarra os ambientalismos chineses e suas bases de pensamento com o planejamento da sociedade no futuro intencionado pelo governo. Observamos também como esta proposta surge como uma resposta às demandas internacionais por redução de poluição. Por fim, apresentamos o mapa teórico das principais características que vêm compondo esta construção e nos voltamos para uma análise crítica dos reais desafios que ela deve enfrentar para não se desfazer em uma narrativa dentro de um jogo geopolítico.

Após o último capítulo, as considerações finais apresentam a conclusão do processo desta tese, as contribuições do trabalho para o campo da arquitetura, do urbanismo, para os estudos ambientais e para o campo da paisagem.

Dessa maneira, esta tese oferece uma visão ampla sobre os ambientalismos chineses enquanto construções históricas e profundamente enraizadas nas bases materiais e imateriais que conformam essa sociedade. Como já mencionado, não buscamos esgotar o tema, mas abrir portas para mais estudos na área. Assim, esta tese propõe um mergulho epistemológico na sociedade chinesa como método para mapear multiplicidades das relações entre o homem e o ambiente que resultam em: noções de natureza; vivências urbanas; concepções de arquitetura; organização burocrática; construção simbólica e manifestações artísticas.

2. Uma breve história da China

Muitas são as historiografias e os debates historiográficos acerca da origem da civilização chinesa, bem como sobre quais seriam as fontes mais confiáveis e as datas mais precisas. Há divergências importantes sobre a existência da primeira dinastia, a Xia (夏朝), os três primeiros imperadores, a existência do sábio taoísta Laozi (老子), bem como sobre as grafias dos nomes na transliteração dos caracteres originais para o alfabeto latino. Há, de fato, diversas controvérsias que, apesar de conhecidas, não caberiam neste trabalho. Assim, assumiremos a compreensão e as escolhas históricas dos autores com os quais trabalharemos. Quando forem identificadas oposições, conflitos e incongruências nas informações destes autores, elas serão apontadas. Debates como o da real existência, ou não, de Laozi e até de Confúcio, não serão abordados, uma vez que o que nos importa aqui é como seus pensamentos modificaram as relações humanas naquele território.

O que denominamos hoje como civilização chinesa tem sua origem na região entre os vales do rio Amarelo e o do rio Changjiang (conhecido como Yangtzé no Ocidente). Entretanto, como apontado pelo professor Emiliano Unzer Macedo (2020, aula 24, 31”) e pelo ex-secretário de Estado dos Estados Unidos Henry Kissinger (2011, pos.1029), a China supera seus limites geográficos e suas estruturas de governo; ela está mais ligada a um conjunto de valores de um projeto civilizacional que tende a se projetar para o futuro ao mesmo tempo que se reconhece em sua manutenção.

2.1. Mitos e Império Antigo (2.700 AEC a 618 EC)

O início dos preceitos civilizacionais chineses se dá por volta de 2.700 anos antes da era comum (AEC). Neste contexto, narra-se o princípio da ordem dinástica com o Imperador Amarelo, que é creditado como o criador da cultura chinesa, da medicina, da produção de seda e da agricultura. De acordo com Kissinger (2011, pos.160), apesar de o Imperador Amarelo ser considerado como um mito fundador, acredita-se que sua figura cumpriria o papel de restabelecimento de um império. Desse modo, a China seria anterior ao mito do Imperador Amarelo, sendo necessária apenas a restauração de sua harmonia. De acordo com Macedo (2020, aula 01, 7 ‘10 “ a 12’ 40”), os primeiros imperadores da dinastia Xia, apesar da ausência de provas materiais de suas existências, representam importantes valores que passaram a ser adotados nos períodos seguintes. De acordo com a lenda, após a morte do Imperador Amarelo (Huangdi), seu neto, Zhuanxu (颛顼), fundador da tribo Xia, o teria sucedido. Posteriormente, a tribo Xia chega ao poder e Yao, tataraneto de Huangdi, se torna o primeiro imperador da dinastia Xia.

É nesse período que se passa a história de Yu, o Grande (大禹), narrada no capítulo homônimo desta tese. O imperador Yao já havia sido sucedido por seu filho Shun, que ficara muito contente com o trabalho de Yu e, no final de sua vida, o nomeia Imperador. Neste contexto, Macedo (2020, aula 01, 11’ 27”) analisa que, apesar da linha sucessória ser, em geral, passada do pai para o seu filho primogênito, haveria exceções. Em alguns casos, figuras teriam ascendido ao trono por competência na aplicação de técnicas e na contenção de desastres naturais. Esse teria sido o caso da

nomeação de Yu como imperador. Apresenta-se assim o início de um pensamento meritocrático que se tornará um importante estatuto para a cultura chinesa e para o Ocidente. Nesse mesmo período há um grande debate sobre se Yu teria ou não existido e se as enchentes foram ou não reais.

Um exemplo dos debates acerca do tema ocorreu entre 2016 e 2017, na Revista Science, quando David R. Montgomery (2016, p. 538 - 539) publicou uma chamada que apontava para o artigo de Qinglong Wu; et al (2016, p. 579-582). O artigo determinou, por meio de estratigráficos e datação por radiocarbono, que houve inundações no período de 1920 AEC, o que posicionaria o mito de Yu mais próximo do que se imaginava e, possivelmente, apontaria para a cultura Erlitou como uma “mãe” da cultura chinesa. Por outro lado, em 2017, também na Revista Science, o professor e pesquisador Jian-Chiu Han (2017, p. 1382) contestou os experimentos e a extrapolação de dados feitos por Wu; et al. Na mesma edição, Wu; et al (2017, p. 1382) responderam a Jian-Chiu Han, esclarecendo cada ponto contestado.

O debate ocorrido na Revista Science demonstra a importância do tópico da historicização dos mitos. As primeiras três dinastias chinesas eram consideradas dinastias mitológicas até poucos anos atrás. Em meados do século XX, foram encontrados vestígios arqueológicos que permitiram um melhor posicionamento histórico das dinastias Shang e Zhou. Dessa forma, atualmente, apenas a dinastia Xia é considerada mitológica.

O processo de historicização dos mitos é extremamente importante para o estabelecimento das origens antropológicas da China, uma vez que, nas localidades entre o rio Amarelo e o Changjiang, há vestígios de dezenas

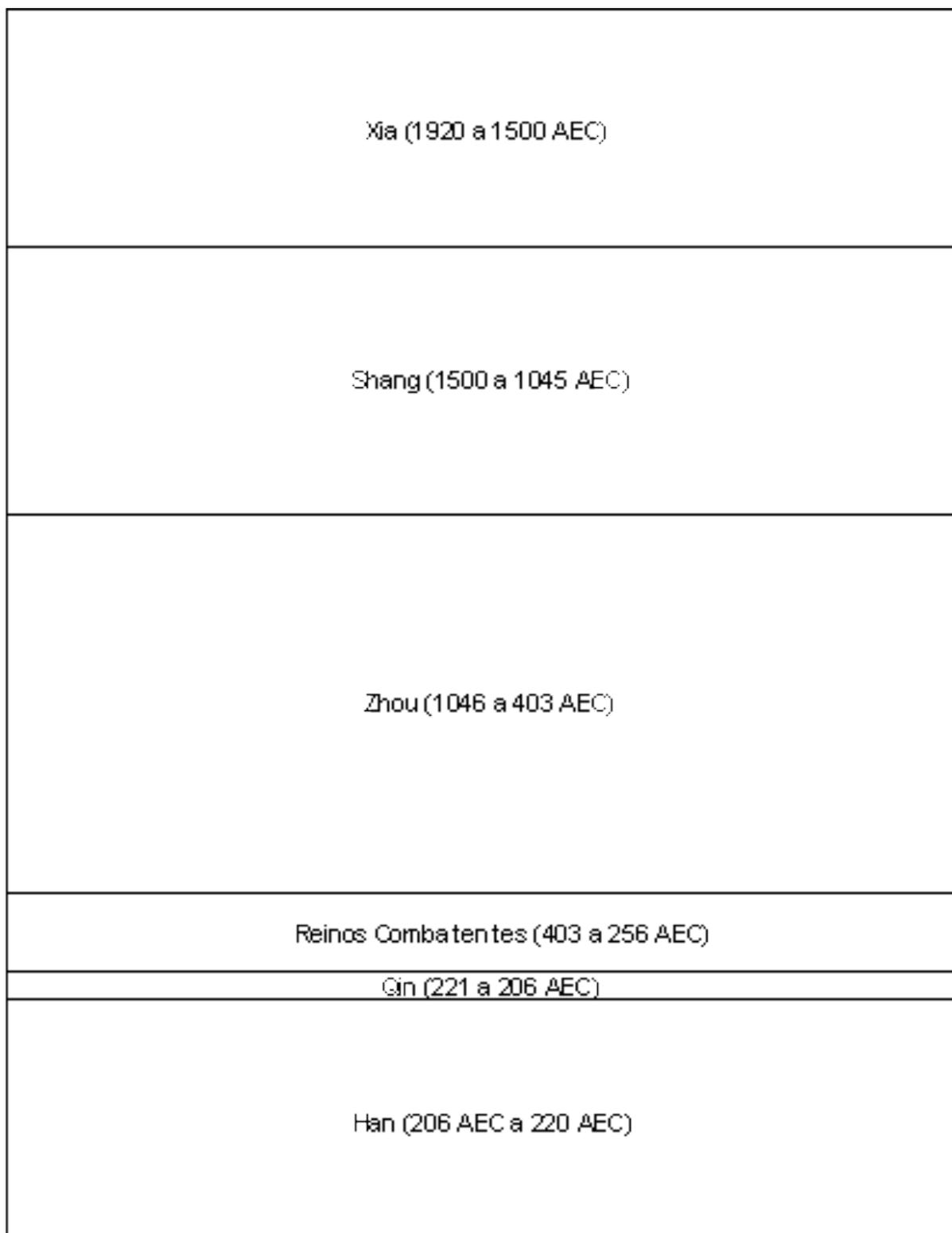
de culturas que nasceram e desapareceram no local. Além disso, milênios antes da entrada do marxismo na China, Confúcio já havia demonstrado a relevância da história para a constituição do país, isto é, para o poder e, conseqüentemente, para a sua tomada. Assim, a disputa pela história “oficial” é e sempre foi algo muito importante para a intelectualidade e para o meio político na China. Dito isso, retomaremos o breve histórico.

O fim da dinastia Xia, muitas gerações de imperadores após Yu, traz também importantes conceitos que estruturaram a lógica do Estado na China por milênios. O último imperador desta dinastia é Jie (桀), que, conforme a mitologia, não teria se provado apto a representar o Céu e, portanto, levado os Xia ao seu declínio. Macedo (2020, aula 02, 18’ 00”) ressalta que a importância da dinastia Xia pode ser observada através da mitologia formada a seu respeito. Sobre esta dinastia foram criados diversos mitos que, buscando justificativas para o seu início e fim, apresentavam as virtudes e os vícios de seus governantes. A lógica que se estabeleceu é a de que mazelas como enchentes, fome e secas, aliadas à truculência do governante, seu ímpeto para bebidas e para festas, eram sinais do abandono do Céu.

A dinastia seguinte, a Shang (商朝), foi a primeira a ter sua existência comprovada materialmente por evidências arqueológicas. De acordo com Patrícia Buckley Ebrey (2006, p.8), a dinastia Shang tem seu início e fim incerto - aproximadamente em 1.500 AEC e 1.045 AEC, respectivamente. Para Ruben Ygua (2021, p.15), a dinastia teria início em 1.675 AEC e fim em 1.046 AEC. Já para Tregear (1965, p. 54-55), a dinastia teria iniciado por volta de 1550 AEC e terminado por volta de 1.050 AEC. As diversas datas apresentadas pelas fontes que utilizamos aqui não serão temas de debate.

Cada uma delas advém de uma distinta escola de historiografia, de um tempo diferente e de um contexto diferente. Assim, assumimos as datas apresentadas por Emiliano Unzer Macedo (2020), uma vez que seu trabalho é organizado cronologicamente e de forma objetiva, o que facilita a busca por eventos e datas históricas. Além disso, das fontes por nós utilizadas, o trabalho de Macedo (2020) é um dos mais recentes, estando, portanto, mais apto a abarcar as definições mais atualizadas da historiografia chinesa.

Fig. 1 - Linha do tempo das dinastias chinesas



Han (206 AEC a 220EC)	
Três Reinos (220 AEC a 266 EC)	
Dezesseis Reinos (304 a 439 EC)	Jin (266 a 420 EC)
Sui (581 a 619 EC)	
Tang (618 a 907 EC)	
Cinco Dinastias e Dez Reinos (907 a 960 EC)	
Song (960 a 1279 EC)	
Yuan (1279 a 1368 EC)	
Ming (1368 a 1644 EC)	
Qing (1368 a 1644 EC)	
República da China (Kuomintang) (1911 a 1949 EC)	
República Popular da China (Partido Comunista) (1949 a atualmente)	

Fonte: Elaborado pelo autor

O Imperador Tang (商汤), o primeiro da dinastia dos Shang, teria sido um aliado do último imperador Xia. Ao observar a tirania de seu predecessor, Tang teria decidido tomar o poder e estabelecer uma nova dinastia. Aqui, Macedo (2020, aula 2, 2 ‘30 “ a 4’ 05”) aponta para a justificativa da mudança dinástica com base no conceito do mandato do Céu. De acordo com o autor, Tang fundamentou a sua tomada do poder apontando para as mazelas ambientais como sinal de que o soberano anterior não mais representaria os Céus. Essa visão justificaria a organização de rebeliões populares que culminaram no fim da primeira dinastia e no estabelecimento da próxima. Dessa forma, Anne Cheng (2008, p.57) posiciona a criação do mandato do Céu na transição das dinastias Shang e Zhou (周朝) (1046 a 403 AEC). “Esta famosa ideia do mandato celeste, que permaneceria na base de toda a teoria política chinesa, foi invocada pelos Zhou pela primeira vez para justificar a derrubada da dinastia precedente” (CHENG, A. 2008, p57). Seja nos Shang ou nos Zhou, a mudança de um imperador “filho do Céu” para “representante do Céu” é um conceito que alcança os tempos atuais e faz referência a duas importantes questões: a primeira é

[...] o exercício do poder não era mais apanágio de uma e mesma linhagem, por simples transmissão hereditária [...]. O mandato do Céu era suscetível de ser modificado, de passar de uma linhagem para a outra.(CHENG, A. 2008, p.57-58)

e a segunda é

A expressão “mudança de mandato” chegou a traduzir, na mente dos pensadores progressistas do séc. XIX, a noção de “revolução”. [...] na China o arranjo do universo é também e sobretudo um

arranjo do espaço humano: ordem social e ordem cósmica se encontram e se confundem. (CHENG, A. 2008, p.57-58)

O destaque que fazemos aqui é para o mandato do Céu como parte de uma lógica indissolúvel de política, de misticismo, de ambiente, de natureza e do homem. Não é que todos aqueles elementos sejam um, mas que sua ordem indica a legitimidade do soberano. Na lógica do Yin - Yang, o equilíbrio das partes afeta o todo e, neste caso, é demonstrado pelo todo. Novamente, devemos nos atentar para que não se assuma aqui uma lógica causal entre os elementos.

Durante seu reinado, o imperador promoveu uma política de distribuição de moedas para a população mais pobre, que havia sofrido com o regente anterior. Dessa forma, e com o desenvolvimento de novas técnicas para a agricultura, foi possível diminuir a fome da população. De acordo com Macedo (2020, aula 2, 6 '20"), há evidências geológicas de um período de maior fertilidade do solo, compatível com a época narrada. Marcada pelo início da construção da grande muralha, e de outras grandes obras de infraestrutura, a dinastia Shang foi responsável pela criação de grandes canais que levaram água, tanto para irrigação, quanto para navegação, o que possibilitou uma maior integração territorial da região. Neste período, foi revisto o calendário, que deixou de ser lunar e passou a ser solar, alterando, assim, a compreensão da duração de um ano, que mudou de 354 para 365 dias (MACEDO, 2020, aula 2, 19 '00"). O cálculo preciso do número de dias no ano permite que as estações para plantio e colheita passem a ser mais eficazes e a produção de alimentos incrementada. Para Panzini (2012, p. 352-354), é nesse período que é desenvolvido o método de plantio mais eficaz para o arroz. No novo

método, os campos passaram a ser inundados e as mudas de arroz transplantadas para o véu de água que era formado sobre o solo. Essa técnica só foi possível pelo uso de um sistema de canais e eclusas que conduziam as águas de acordo com a necessidade de enchimento ou esvaziamento dos campos.

Em muitos países asiáticos, ao contrário, o alagamento artificial das glebas delimitadas para a produção do arroz se tornou a principal forma de atividade agrícola: desenvolveram-se métodos para limitar a perda de água na percolação do solo, refinaram-se as técnicas de transplantação, aperfeiçoaram-se calendários e procedimentos ligados à paisagem das Monções, de forma a obter, onde as condições climáticas permitiam, várias colheitas ao ano. [...] Esse método de cultura do arroz transformou inteiramente a paisagem, esculpindo as montanhas e rever descendo ambientes estéreis. (PANZINI, 2012, p. 354-355).

Baseando-me nestes autores, podemos destacar que a civilização chinesa, durante sua idade do bronze, há quase quatro mil anos, já apresentava aspectos de uma relação homem-ambiente que relacionavam alimentação, sobrevivência, emprego de técnicas de cultivo, matemática, astronomia, princípios de contabilidade, ordenamento estatal e política. Tudo isso costurado por uma produção ética e estética do ambiente.

O fim da dinastia Shang se dá em 1046 AEC, com o declínio de seu regente e a ascensão da dinastia Zhou (1046 a 403 AEC). O fim dos Shang é similar ao fim dos Xia: a incapacidade e a ineficiência do regente abrem caminho para seu destronamento e para a passagem do mandato do Céu a uma nova dinastia.

A dinastia Zhou é dividida em dois momentos:

os Zhou ocidentais (1122 a 771 AEC) e os Zhou orientais (772 a 256 AEC). Macedo (2020, aula 3, 8 ‘30 ‘’) aponta que a dinastia Zhou nunca se viu propriamente unificada durante as suas regências. O período da dinastia é marcado por diversas invasões, que forçam a mudança da capital para outra cidade mais oriental.

Anne Cheng (2008, p.48), analisando as três primeiras dinastias (Xia, Shang e Zhou), propõe:

Em Lugar desta representação a posteriori das Três Dinastias sucedendo-se linearmente, seria sem dúvida mais exato conceber suas culturas em desenvolvimento paralelo ou com interseções a partir de um tronco comum. Duas importantes características comuns parecem ter sido um poder oriundo de linhagens entrincheiradas em cidades fortificadas e a prática de enfeudar membros da família real. (CHENG, A. 2008, p.48).

O período entre 742 e 481 AEC, que ficou conhecido como Primavera e Outonos, foi sucedido, de 403 a 256, pelo período dos Reinos Combatentes (CHENG, A. 2008, p.21). Esses dois períodos são marcados por guerras durante tantos anos que levaram à ascensão de oficiais dos exércitos ao poder. Macedo (2020, aula 3, 16 ‘30 ‘’) aponta que a competição entre os reinos também fez florescer uma grande quantidade de escolas de pensamento. Durante a dinastia Zhou e seu período de desagregação e combates, é interessante notar o surgimento das chamadas “cem escolas de pensamento”. É também nesse período de caos que surgem os dois pensadores que irão influenciar até os dias de hoje o conceito que se tem sobre o que é a China: Confúcio e Laozi.

Esses dois pensadores foram lidos e reinterpretados inúmeras vezes até os tempos atuais. O próprio entendimento filosófico de seus escritos

passou por tantas análises e escolas de pensamento que é impossível uma leitura definitiva. O que nos cabe é apontar como algumas dessas leituras estruturaram o Estado, a cultura e a sociedade chinesa em determinados períodos.

Ao fim da dinastia Zhou e do período dos Reinos Combatentes, um dos reinos se sobressai, unificando a China em um único império, o império de Qin (秦朝) (221 a 206 AEC). Sua duração é breve, mas é extremamente importante para a história chinesa.

É no império Qin que surge o nome China, que, por sinal, é uma referência ocidental. O nome do país é Zhōngguó (中國/Império, Estado, País, Terra + Meio, Centro) (KISSINGER, 2011, pos.144 e 148). A dinastia Qin e o chamado Primeiro Imperador (Shi Huangdi) adotaram a visão legalista de Shang Yang do confucionismo. A partir destes preceitos, foram determinadas uma série de reformas que fortalecem o reino. É estabelecido:

Programa de coletivização e fim dos privilégios do poder aristocrático.

Os agricultores foram libertados da servidão*. As pessoas em todo o império agora deveriam ter responsabilidade coletiva umas pelas outras. Se uma pessoa não se comportava de acordo com as regras, outros deveriam denunciá-la.

Se não o fizesse, seriam esquartejados ou decapitados.

Medo e controle foram as principais características do sistema político. (MACEDO, 2020, aula 5, 8'52")

* A categoria “servidão” é típica do feudalismo europeu, de modo que é empregada por falta de outra categoria mais adequada. O autor discorda das denominações feudais apontadas por alguns estudiosos, como a própria Anne Chang (2008).

Com tais medidas, o primeiro imperador ataca a aristocracia e toma para si o dever de garantir a ordem, rompendo com parte das estruturas pré-existentes. De acordo com Macedo (2020, aula 5, 10 ‘50’’ a 12’ 29’’), além das medidas mencionadas, foram realizadas diversas obras de infraestrutura que, em conjunto com as reformas e o estabelecimento de uma ordem burocrática, fortalecem o exército e o Estado.

Posteriormente, Huangdi, assim como muitos imperadores na história chinesa, buscando a vida eterna, toma um elixir com mercúrio sem saber de suas propriedades tóxicas e morre. Com a morte de Huangdi, o Império começa a decair e logo tem início a dinastia Han (汉朝) de 206 AEC a 220 da era comum (EC). O primeiro imperador da nova dinastia, Wen de Han, reúne os textos confucianos e institui os exames admissionais para o funcionalismo público (MACEDO, 2020, aula 5). Pelos exames, teoricamente, qualquer pessoa, de qualquer classe, poderia alcançar os patamares mais altos da burocracia do Estado Chinês. Teoricamente, porque nem todos teriam, de fato, o tempo e o acesso a estudos para serem aprovados nos exames. Para além disso, é durante a dinastia Han que o comércio com outras nações se intensifica, trazendo prosperidade para o império. As constantes trocas e os caminhos pelos quais os mercadores passavam formaram o que, posteriormente, foi denominado como a Rota da Seda. As trocas comerciais modificaram a vida chinesa, trazendo prosperidade e produtos, mas, principalmente, novas ideias e novas doutrinas. É nesse período que chegam os primeiros missionários budistas.

Sima Qian (司馬遷), importante escritor, que viveu entre 145 e 85 AEC, autor do “Registro do Historiador”, documentou que o período Han

representa o ápice de uma sucessão de períodos que se iniciaram com a dinastia Xia. Durante esses tempos, diversos governantes se destacaram, cada um com suas respectivas virtudes. No entanto, também possuíam falhas que eventualmente levaram a períodos de crise. Eles eram então substituídos por novos líderes que, ao demonstrarem virtudes notáveis, acalmavam as forças da natureza. Assim, Sima Qian registra a ordem cósmica e sua conjugação com essa sucessão entre governos (MACEDO, 2020, aula 06, 28'00" a 28'50").

O avanço tecnológico na produção do papel, devido à intensidade de trocas com outros povos, aliado a uma burocracia engajada, permite que essa seja uma época de muitos registros, possibilitando, não apenas o conhecimento daquele tempo, mas também a salvaguarda de diversas expressões culturais antigas (CHENG, A. 2008, p.329 e 330).

Após o ano de 220 EC, o Império Han é fragmentado, dando início ao período dos Três Reinos de 220 a 266 EC, que foi sucedido pela dinastia Jin (266 a 420 EC). Esta dinastia também sofre com uma fragmentação e, antes mesmo de seu fim por completo, ela perdeu vários territórios e foi sucedida pelo período dos Dezesesseis Reinos (304 até 439 EC).

Neste longo ínterim, do fim da dinastia Han (220 EC) ao início da dinastia Sui (581 EC), dezenas de reinos surgem e caem. Instala-se um período de guerras e de fragmentação, tanto do estado quanto do povo. O confucionismo decai e o taoísmo ritualístico passa a ter cada vez mais relevância na sociedade. Também neste período, o budismo ganha mais adeptos entre a população. Assim como no período dos reinos combatentes, a disputa entre os reinos impulsiona novas correntes de pensamento, bem como inovações tecnológicas. De acordo com Macedo

(2020, aula 08, 12 ‘30’’), o budismo se adapta à cultura chinesa adotando, por exemplo, entidades mitológicas que são incorporadas à sua cosmologia. O budismo se instala, inicialmente no norte do império, dando contornos à uma expressão de individualidade do povo e das artes. Surgem textos como os de Cao Zhi, que cria poemas que revelam angústias individuais do próprio autor (MACEDO, 2020, aula 08, 16‘00’’).

Xie He (谢赫)(525 a 575 EC), um importante pintor, classifica obras de diversos artistas e estabelece os seis princípios da pintura chinesa (BRITANNICA, 2002).

- (i) a essência espiritual (Qi) do trabalho deve ser despertada;
- (ii) a pincelada deve evidenciar os elementos estruturais do tema;
- (iii) a forma deve ser fiel à realidade do sujeito; (iv) o uso da cor deve ser adequado à natureza do assunto;
- (v) a composição do trabalho deverá ser cuidadosamente planejada;
- (vi) o artista deverá transmitir a experiência dos antigos mestres, copiando suas obras como parte da sua formação. (DILLON, 1998, p.356) (tradução nossa)

Assim, Xie He ressalta a necessidade da busca pela objetividade da natureza e a inserção do homem neste contexto. No princípio VI é possível observar, novamente, a questão do indivíduo passando a ter novos contornos, exaltando-se a necessidade de superação própria. Neste sentido, a relação com o ambiente também passa por uma lógica do sujeito que busca, em sua própria interação, um equilíbrio virtuoso.

A dinastia seguinte, os Sui (隋朝)(581 a 619 EC), é, de acordo com Macedo (2020, aula 9), muito importante para o processo de reunificação

chinesa, consolidado apenas por seus sucessores, os Tang (唐朝) (618 a 907 EC).

Destaca-se, durante a dinastia Sui uma reorganização do funcionalismo público que, em face da constatação da corrupção dos Mandarins (funcionários que ocupavam altos cargos), instituiu medidas para a mitigação do problema, como a rotatividade e o limite de tempo dos funcionários em suas funções. A dinastia também implementou uma reforma no campo agrário, garantindo terras para pequenos produtores e retirando a hereditariedade da posse. Por fim, a obra mais importante do Sui foi a criação do Grande Canal, que liga Pequim ao rio Changjiang, e que possibilitou a conexão interna do transporte de diversos tipos de produtos. Apesar disso, o declínio dos Sui é breve e, ao perderem a guerra contra o reino coreano ao norte, a dinastia Tang toma o poder.

2.2. Período Imperial Recente (618 a 1839 EC)

Em 618 EC, a dinastia Tang, tida como uma das mais virtuosas da história chinesa, ascende ao poder colhendo os frutos dos ordenamentos promovidos pela dinastia Sui. Marcada por uma efervescência no campo das artes e pela consolidação do budismo, a dinastia Tang passa por um interregno entre 690 e 705 EC, quando a única imperatriz da história, Wu Zetian (武则天), restaura a dinastia Zhou. A tradição confuciana não permitia que uma mulher fosse a regente maior do império. Assim, para se manter no poder, Wu Zetian aproximou o Estado da tradição budista, que não se opunha à imperatriz. Posteriormente, houve a restauração da dinastia Tang, que permaneceu no poder até 907 EC. Nesse período, artistas como Wang Wei (王维), Li Bai (李白) e Du Fu (杜甫) se tornaram referências importantes, com obras que influenciaram fortemente a pintura de paisagem e a poesia. O impacto desses artistas é sentido até o tempo contemporâneo (MACEDO, 2020, aula 9, 15 '00"). Suas temáticas têm em comum a relação com a natureza e o reflexo na própria existência. Wang Wei, por exemplo, apesar de possuir pinturas das mais diversas ordens, representa, de forma recorrente, o tema do ambiente e sua relação com o homem. Além disso, Wang Wei retrata em sua arte as angústias dos indivíduos e suas interações com os prazeres da bebida e da vida.

Tentamos localizar algumas de suas pinturas e poemas para ilustrar e qualificar essa relação, expressa por Macedo (2020, aula 9, 15'00") e por Anne Cheng (2008, p.465), entretanto, todas as imagens encontradas, ao terem suas fontes checadas, não apresentavam correspondência com o

autor. De acordo com Paul Rouzer (2020), tradutor do livro *The Poetry and Prose of Wang Wei*, poucas ou nenhuma de suas obras sobreviveu ao tempo, mas sua influência nos demais artistas é muito importante. Isso porque, conforme expõe o autor:

[...] ele define o que a poesia chinesa é essencialmente para leitores de todo o mundo. Além disso, o seu verso veio a resumir em termos globais (para o bem ou para o mal) o que é uma representação chinesa da natureza - muitas vezes um cavalheiro recluso sentado numa cabana de palha aninhada num recanto de montanha ou num pinhal, tocando a sua cítara, lendo seus livros e observando as belezas da estação passarem diante dele. Para muitos, os seus poemas parecem visualizações precisas da pintura de paisagem tradicional chinesa. Não é de admirar, então, que os críticos dentro e fora da China sejam rápidos em conectar seus versos às suas pinturas (embora poucas ou nenhuma de suas obras sobreviva em outra coisa que não sejam cópias). (ROUZER, 2020, p. XV)

Ainda assim, destaca-se a importância de tal representação da natureza a partir da sua relação com o homem. Um homem que se relaciona pelo prazer da música, da literatura, da beleza e, por que não, do ambiente que o cerca e seus elementos. Nesse contexto, o ambiente não é hostil, repleto de bestas sedentas por sangue, ou qualquer coisa do gênero, mas um companheiro do prazer, assim como o livro, a cítara ou o

vinho. Em meio ao grande desenvolvimento dessa relação entre o homem e o ambiente, por meio das artes, da literatura e das escolas de pensamento, a dinastia Tang encontra seu ápice. Ela até hoje é vista como uma era de ouro para a cultura chinesa, mas, assim como outras dinastias antecessoras, conflitos internos acabam provocando sua fragmentação e

logo seu fim. O período que a sucede é denominado de Cinco Dinastias e Dez Reinos (907 a 960 EC).

Macedo (2020, aula 13) caracteriza o fim da dinastia Tang e o período de desagregação que a sucede como turbulentos e caóticos. Anne Cheng (2008, p. 481) define o período do século X e XI como o “renascimento confuciano”. A ascensão do general Zhao Kuangyin (927- 976) garante a conquista de boa parte dos demais reinos e dá início à dinastia Song (960 a 1279 EC).

A dinastia Song estabelece reformas nas burocracias estatais, privilegiando o sistema de mérito, os concursos públicos, a rotação de militares em províncias e o fortalecimento das fronteiras ao norte (MACEDO, 2020, aula 13, 2’ 55” a 4’ 50”). O favorecimento da classe de funcionários concursados exalta um confucionismo que passa por escolas de pensamento e adere cada vez mais ao taoísmo. De acordo com Anne Cheng (2008, p.483), nesse período as escolas confucianas aderem a uma visão do Tao e ganham grandes proporções no Império e no povo. O movimento de “popularização” do confucionismo é uma resposta que busca suplantar o budismo que, neste ponto, era praticado por boa parte dos chineses. Para isso, os confucianos utilizaram a tática budista de popularização por meio da criação de escolas de ensinamentos, os monastérios.

As mais de 400 escolas criadas para a preparação de jovens para os exames imperiais, associadas às práticas taoístas, impulsionaram um novo enraizamento confucionista na sociedade. Esse processo, denominado por Anne Cheng (2008, p.485) como “renascimento” do confucionismo (em alusão ao processo homônimo do Ocidente), compreende uma

reordenação das reflexões, resgatando princípios do confucionismo de Mêncio (372- 289 AEC) e direcionando os temas para o “pensar”.

Boa parte da capacidade cósmica com que o confucionismo do final dos Zhou e do início dos Han havia revestido a figura do soberano encontra-se desde então transposta para a dimensão interior, mesmo que os letrados ainda se atenham ao seu papel de “conselheiros do príncipe”. Desde o séc. IX-X esboçara-se um retorno à temática da santidade centrada na cultura individual da mente (xin) como caminho real para restabelecer o elo entre o Homem e o Céu. A reflexão sobre a mente, que, ao contrário da natureza (xing) quase não tinha sido objeto de debates entre os confucianos desde Mêncio, é devedora tanto da elaboração budista quanto da inspiração menciana. Neste novo interesse pelo papel da mente e suas relações com as coisas exteriores, percebe-se a influência das análises budistas dos processos de consciência e do surgimento do mundo sensível. No entanto, em vez de voltar o olhar para o interior para perceber a mente como natureza-de-Buda, trata-se para os confucianos de reintegrá-la em sua busca de santidade e distanciar-se da perspectiva budista num ponto crucial: a reflexão sobre a natureza humana, acompanhada da convicção menciana de sua bondade fundamental. (CHENG, A. 2008, p.485-486)

A influência budista no pensamento confuciano é um importante destaque, tanto pela reorientação antropocêntrica quanto pela assimilação para expansão. Ao buscar um restabelecimento de conexões entre o Homem e o Céu, por meio do pensamento, a sacralidade ou a moral não mais se manifestam pela relação homem- ambiente, mas pela própria virtude do ser, que alcança seu estado natural de bondade. Em outras palavras, a relação homem-Céu não se conecta mais à relação homem-ambiente, mas com o caminho virtuoso do Homem-Pensamento-Natureza. A Natureza é, dessa forma, o estado final (e virtuoso) do homem de bem que consegue, pelo pensamento, alcançar sua sacralidade.

O segundo ponto de destaque é a assimilação para a expansão. O confucionismo assimila não só a “tática” de popularização do budismo, mas também parte de sua lógica de pensamento. Ao reorientar o centro das discussões da natureza para a mente, o confucionismo inclina-se também para o próprio homem e sua natureza, assim como o budismo volta-se para a natureza-de-Buda. Há uma assimilação da reflexão sobre o pensamento para a expansão sobre um objeto: a natureza da mente.

Esse duplo movimento apresenta um formato de desenvolvimento do pensamento e da história chinesa que pode ser verificado em diversos outros momentos. Assimila-se para expandir e expande-se por assimilação. Essa estratégia é comum no popular jogo de tabuleiro Weiqi (围棋), na história da próxima dinastia (os Yuan ou Mongóis) e na análise de estudiosos, como Kissinger (2011, pos.431 e 435), sobre a resiliência da cultura chinesa.

A dinastia Song passa por um período de estabilidade e colhe os frutos da reestruturação do Estado pelos primeiros regentes. A Rota da Seda é novamente reforçada e o comércio floresce, assim como a capital Kaifeng que se torna uma das maiores cidades do mundo no seu tempo (MACEDO, 2020, aula 13, 12 ‘00’). Durante todo esse período, as fronteiras ao norte são fustigadas pelo império Jin, que habitava a região da Manchúria. Essa situação se perpetua até que a capital Song é tomada em 1124 EC. Os Song vão para o sul e estabelecem suas relações comerciais por meios marítimos. Os Jin se estabelecem na região nordeste do que hoje é a China contemporânea.

A divisão de território entre os Jin e os Song se mantém até que, sob o comando de Temujin Khan (Genghis Khan), os mongóis invadem a região e passam a dominá-la quase completamente. As invasões mongóis conformam um processo longo e desgastante de erosão, primeiro, do império Jin e, posteriormente, dos Song. Em 1279 EC, Kublai Khan, neto de Genghis Khan, finaliza as últimas resistências Song, ao sul, e inicia a dinastia Yuan (1279 a 1368 EC).

A dinastia Yuan, conhecida também como Os Mongóis, por ser uma dinastia estrangeira, apresenta uma série de características importantes que somam à história e cultura chinesas. Entretanto, é interessante como o movimento oposto, no qual a cultura chinesa passa a acrescentar ritos e costumes aos mongóis, também é verdadeiro (MACEDO, 2020, aula 14). Devido à proximidade dos líderes mongóis ao budismo, a corrente lamaísta, que segue o Dalai Lama e tem maior proeminência na região do Tibet, ganha status e se aproxima da corte. Por outro lado, a classe mandarim de funcionários escolados no confucionismo perde boa parte dos seus privilégios. Os Yuans, para aproximar seu controle sobre o Estado, nomeiam chefes mongóis para os altos cargos do exército e do funcionalismo público, extinguindo os concursos que existiam para os cargos da burocracia chinesa. Nesse período, até mesmo povos turcos e muçulmanos ganharam destaque na sociedade chinesa. Pela tradição confuciana, a hierarquia da sociedade se dava de forma relacional: do pai sobre o filho, dos mais velhos sobre os mais jovens, do marido sobre a esposa, de amigo sobre amigo e do regente sobre toda a estrutura. Nas sociedades imperiais, uma ordem de prestígio era observada, no topo os funcionários públicos, em seguida os agricultores, os artesãos, os artistas e

por fim os comerciantes. Os comerciantes ocupavam a posição mais baixa do prestígio social, porque não produziam, sendo vistos como exploradores da produção de outros (MACEDO, 2020, aula 14). Eram a última camada antes de estrangeiros e escravos. Entretanto, durante a dinastia Yuan, esta estrutura muda e, no topo da pirâmide passam a estar os mongóis, os Semu (povos turcos e centro asiáticos), os Hanren (povos do norte da China e do Tibet) e os Nanren (povos chineses do Sul). Além disso, os funcionários públicos passaram a ser menos valorizados e os mercadores ganharam grande prestígio e privilégios, como redução de impostos. Essa mudança impactou fortemente a sociedade chinesa, que se tornou mais cosmopolita e mais atraente para mercadores. A nova estrutura ampliava o comércio com outras partes do mundo e fortalecia a Rota da Seda.

A dinastia Yuan e o imperador Kublai Khan (1215 a 1294 EC) são, possivelmente, os mais conhecidos regentes da história imperial chinesa pelo Ocidente. Tal fama está, principalmente, relacionada ao seu contato direto com o comerciante Marco Polo (1254 a 1324 EC), que narrou detalhadamente suas viagens pela Rota da Seda e pela Ásia. A presença de Marco Polo, assim como a dos turcos e muçulmanos, é reflexo de um importante fortalecimento da Rota da Seda, do comércio marítimo e da efervescência econômica da China naquele momento.

A estrutura social criada pelos mongóis para garantir o domínio sobre os chineses foi também a razão de revoltas e rebeliões que, em 1368 EC, levaram à sua derrocada. Em seguida, uma nova dinastia foi estabelecida, mas os legados da Rota da Seda e do contato de diversos povos com a sociedade chinesa permaneceram. A região de Cantão (atual Guangzhou),

próxima à Hong Kong e Macau, ganhou um dinamismo comercial que persiste até hoje.

O fim do século de dominação mongol sob a China deu início a um período de restauração do que eram entendidos como sendo os valores e pensamentos chineses. De acordo com Anne Cheng (2008, p.598), essa restauração de valores da dinastia Song foi importante na constituição estatal, rígida e centralizada, voltada para a figura dos imperadores da dinastia Ming (明朝) (1368-1644 EC).

A filosofia da primeira metade do período Ming, que se caracteriza por uma busca espiritual fora dos quadros constituídos do saber livresco, da estrutura hierárquica e da moral ritualizada, está marcada por uma grande religiosidade. Reestabelecido o elo entre o Homem e o Céu pela renovação confuciana dos Song, vai surgindo, no prolongamento da influencia budista, uma necessidade de recentramento sobre a mente [...](CHENG, A. 2008, p.600)

Assim, o princípio da dinastia Ming é marcado pela retomada do confucionismo, que havia se deteriorado no período anterior. A retomada desses pensamentos restabelece os ritos taoístas e confucianos para o governo e os funcionários públicos, de modo a reatar o elo entre o Homem e o Céu. Por fim, a importante mudança que se estabelece no Estado impele, também, ao pensamento budista, novas doutrinas, que se voltam para a mente. Neste caso, a mente é compreendida como o próprio Céu. Assim, o governo deve se conectar com o Céu para voltar ao Uno, da mesma forma, no budismo, a mente não pode se restringir às fronteiras, devendo unir-se ao Céu (CHENG, A. 2008, p.601).

Ao final da dinastia Ming, o jesuíta Matteo Ricci (1552-1610) chega à China e estabelece um grande contato entre a cultura ocidental católica e

a chinesa. A escalada jesuíta é longa e se mostra duradoura, mantendo acesso à corte imperial até o fim do século XVIII (CHENG, A. 2008, p.628). Os jesuítas trazem do Ocidente conhecimentos de cartografia, matemática, astronomia e ciências que impressionam as elites intelectuais, isto é, os altos funcionários públicos, que mantêm o acesso católico ao imperador. Os conhecimentos trazidos do Ocidente passam a fazer parte da gama de saberes necessários para os concursos até o século XX. Apesar do acesso à corte, o catolicismo não foi bem aceito na China. De acordo com Anne Cheng, a exclusividade ritualística cobrada pelo catolicismo e a distinção entre ritos cívicos e ritos religiosos, não é nem compreensível pelas pessoas, nem compatível com uma vida chinesa.

Trata-se, na verdade, de saber se os ritos são de caráter religioso ou não. Se forem de caráter religioso, não podem ser, aos olhos dos cristãos, senão superstições e, por isso, são incompatíveis com a doutrina do “Senhor do Céu”; caso contrário, enquanto ritos civis e políticos, são compatíveis com a fé cristã. Ora, para os chineses, a questão em si não tem muito sentido pelo fato de não haver, em sua própria tradição, distinção entre religioso e civil, entre sagrado e profano, entre espiritual e temporal. O erro dos jesuítas foi provavelmente pensar que bastava falar a língua para introduzir-se na cultura chinesa: ora, para os chineses, o sentido reside ainda mais nos ritos do que nas palavras. (CHENG, A. 2008, p.629)

O fim da dinastia Ming é marcado pelas dominações e guerras que vêm do nordeste do território do Império. Desta vez, por parte do povo Manchu que, em 1644, domina a China e estabelece a última dinastia chinesa, a dinastia Qing (清朝) (1644-1911 EC).

O início da nova dinastia, inspirado pelos momentos históricos de ruptura e continuação, rompe com as ordens místicas do budismo e do

taoísmo, promovendo maior ênfase nos conhecimentos práticos da matemática, astronomia, engenharia e nos textos clássicos confucionistas. Assume-se um caráter técnico, centrado na ideia de organização do Estado e do mundo exterior, não mais buscando-se conexões e conhecimentos interiores (CHENG, A. 2008, p.643). A China se volta para o pragmatismo nos campos políticos, econômicos e até religiosos.

Antes do fim da dinastia Qing teve início um dos processos mais marcantes da história da China, as Guerras do Ópio.

Até aqui, utilizamos uma divisão temporal por dinastias. Essa forma de divisão é a mais comum em museus da China. Na historiografia ocidental clássica o tempo é marcado por antes de Cristo (a.C.) e depois de Cristo (d.C.) ou antes da era comum AEC e era comum EC. Além desse modo de datação, usamos também, como referência, os marcos temporais que julgamos serem nossos pilares civilizatórios, consistindo a divisão clássica ocidental em antiguidade, idade média (alta e baixa), idade moderna e contemporânea. Na antiguidade normalmente iniciamos os estudos com a Grécia, eventualmente pelo Egito e Mesopotâmia, e seguimos para o Império Romano. Ao final do império Romano do Ocidente marcamos o início da idade média que se estende até a tomada de Constantinopla em 1453 EC. Diferentemente dessa divisão por longos períodos e distintas localizações geográficas, a divisão chinesa conta com uma compreensão do território, da continuidade dos preceitos civilizacionais e da transição dos governos/ Estados.

A marcação de datas por anos, associada com a marcação por dinastias, é a utilizada aqui, já que permite demonstrar que em cada dinastia havia uma certa continuidade de um grupo de preceitos, ou ideias,

que se consolidam no início das dinastias e se dissolvem quando de seus términos. Outra questão relevante para essa maneira de expressar o tempo é a demonstração histórica do povo chinês de que seus preceitos civilizacionais superam suas linhas de governo. Nesse sentido, as dinastias são marcadas pelos seus pensamentos dominantes, sendo a transição do poder apenas uma parte comum da história, seja ela pacífica, ou violenta. Em ambos os casos, a historiografia por dinastias leva consigo a ideia de que os governos chineses começaram e terminaram porque o povo chinês assim o quis. Não debateremos se essa concepção procede, ou não, historicamente, mas apontá-la é necessário para compreendermos que a relação entre o povo e o Estado é uma ligação de identidade. Ser chinês, nesse caso, não é apenas uma referência ao local de nascimento no século XXI, mas é estar associado a uma civilização de quase 5 mil anos.

Até aqui, abordamos a história a partir das dinastias e destacamos os pensamentos e conformações mais relevantes para esta tese. Entretanto, para abordarmos a complexa modernidade chinesa, passaremos a apresentar os eventos e períodos a partir de uma perspectiva de seus encadeamentos e características. Essa mudança, é preciso ressaltar, visa apresentar uma base comum para a compreensão dos processos atuais, não tendo o intuito de criar uma análise sobre cada um dos processos, guerras, revoluções e políticas públicas da história chinesa.

2.3. Modernidade: Período Revolucionário (1839 a 1978 EC)

Durante a segunda metade do século XVIII, a ação de missionários protestantes e católicos, assim como o comércio com outras nações, se intensificam na região sudeste da China. Na mesma medida, crescem também os conflitos envolvendo comerciantes e missionários em todo o país. Em 1793-1794, a Inglaterra envia a missão diplomática Macartney, que tenta abrir as portas da China para o comércio estrangeiro (KISSINGER, 2011, pos. 807 - 989). Inglaterra, França, Portugal e Rússia buscam por uma série de produtos na China da dinastia Qing, mas seu comércio foi limitado por leis locais. As portas chinesas estavam fechadas para o fluxo de comércio pretendido pelos britânicos. Para a Companhia Britânica das Índias Orientais e para o governo inglês, que buscavam, principalmente, chá na China, a balança comercial das viagens para o Oriente ficaria desequilibrada, por isso da missão diplomática. Como as portas não foram abertas pela diplomacia, em 1830, a Inglaterra aumentou o volume de ópio traficado da Pérsia, Índia e Império Otomano para a China, causando uma grave crise social. Esse movimento leva à proibição do ópio e o combate ao tráfico pelo governo chinês no ano seguinte (YGUA, 2021, p.118).

As escaramuças militares inglesas na região e os conflitos entre estrangeiros e chineses aumentam até que, em 1839, tumultos em Hong Kong levam a uma escalada militar que culmina na Primeira Guerra do Ópio. A guerra termina em 1842 com o primeiro dos Tratados Desiguais, o Tratado de Nanjing. Nele, os ingleses obrigaram as autoridades chinesas a passarem o controle de Hong Kong para a Rainha Vitória e seus

descendentes, além da abertura de cinco cidades chinesas - Guangzhou, Fuzhou, Xiamen, Ningbo e Shanghai – para o comércio internacional (YGUA, 2021, p.119). Hong Kong seria “posse” britânica até 1997.

Após o Tratado de Nanjing, outros acordos desiguais foram estabelecidos com os Estados Unidos e a França. Em todos eles, foram pactuadas cláusulas de privilégios, nas quais determinava-se que a China não poderia favorecer outra nação que não aquela que assinava o contrato. De acordo com Kissinger (2011, pos. 807 - 989), “a diplomacia chinesa, mais tarde, usou essa cláusula para limitar exigências, estimulando a competição entre os vários reclamantes de privilégio especial”.

Em 1856, um navio inglês carregado de ópio é capturado, o que dá início à Segunda Guerra do Ópio. Desta vez, os governos da Rússia, França e Estados Unidos apoiam os ingleses na invasão. A guerra termina em 1858:

França, Reino Unido, Rússia e Estados Unidos obrigam a China a abrir os seus portos, a admitir delegações estrangeiras em Pequim, a aceitar missionários cristãos e a importação legal de ópio. Tratado de Aigun: a China cede à Rússia seus territórios localizados à esquerda do rio Amur e nas montanhas Sijoté-Alín. (YGUA, 2021, p.120).

Paralelamente a esse processo, a rebelião de Taiping começa em 1850. Durante a revolta contra os Qing, os revolucionários dominaram a cidade de Nanjing até 1864, quando foram massacrados pelo exército imperial. De acordo com Macedo (2016, p.30), mais de 20 milhões de pessoas foram mortas durante esse período. A Revolução Taiping demonstra como a instabilidade política já era latente na segunda metade do século XIX, o que culminaria, em 1911, com o fim da dinastia Qing.

Em 1860, a Segunda Guerra do Ópio termina com a tomada de Beijing pelas potências ocidentais. No tratado de Beijing, o comércio de ópio é liberado. A comercialização se torna tão lucrativa que, em 1865, o escocês Thomas Sutherland funda um banco com o objetivo de financiar o tráfico para a China, o Hong Kong and Shanghai Banking Corporation (HSBC).

Em 1894 começa a primeira guerra Sino-Japonesa, que separou a península coreana da China no ano seguinte.

Após o fim da guerra, em 1896, China e Rússia assinaram tratados de defesa contra os japoneses.

As intensas guerras e invasões estrangeiras fomentam movimentos nacionalistas e sociedades secretas que conspiram contra os invasores e o governo, que julgam ser fraco. Em 1900 tem início a Rebelião dos Boxers. Essa rebelião, posteriormente, inspira, tanto o Kuomintang, quanto o Partido Comunista Chinês, que enxergam no movimento a primeira reação revolucionária contra as invasões. Boxers é o nome dado pelo Ocidente a uma rebelião que juntou centenas de artistas marciais em todo o país e que foi responsável por sitiar os bairros estrangeiros em Beijing (YGUA, 2021, p.119). No mesmo ano, Sun Yat-Sen (孫中山), considerado Pai da Nação chinesa, organiza o Kuomintang (中國國民黨). Em 1901, o protocolo dos Boxers é firmado e acaba com a revolta.

As tensões continuam a crescer entre grupos nacionalistas e o governo chinês, até que em 1911 a rebelião de Sun Yat-Sen toma o poder e destitui a dinastia Qing. É criada, assim, a República da China.

O Partido Comunista Chinês (PCC) foi criado em 1921 e, 3 anos depois, une-se ao Kuomintang, na primeira frente unida contra os japoneses.

Em 1928, chega ao poder Chiang Kai-shek (蔣中正), com apoio dos Estados Unidos e da Inglaterra, declarando, em seguida, o PCC como ilegal. Contudo, durante os anos seguintes, o PCC continua a agir na ilegalidade (YGUA, 2021, p.124).

Em 1937 tem início a segunda guerra Sino- Japonesa e a segunda frente unida entre Kuomintang e PCC. A invasão seguida da ocupação japonesa institui um governo fantoche na Manchúria e restabelece o último imperador Qing na região. A Guerra durou até 1945. O Japão cessou o processo colonizatório da China apenas após as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Do ponto de vista chinês, o conjunto de batalhas e guerras denominadas como Segunda Guerra Mundial, que oficialmente teria início em 1939, inicia-se em 1937, com a invasão de seu território pelos japoneses (YGUA, 2021, p.125).

Com o restabelecimento do Governo chinês, o PCC retoma seu propósito de tomada do poder. A revolução comunista, capitaneada por Mao, foi estruturada a partir do campo, contrariando as teorias marxistas e soviéticas. Em 1949 o PCC ganha a guerra civil, o Kuomintang se refugia em Taiwan e é fundada a República Popular da China (YGUA, 2021, p.126).

Dentre as diversas medidas implementadas nos primeiros anos de governo do Partido Comunista, estão a política nacional de alfabetização e a reforma agrária. Em 1958 começa o Grande Salto Adiante. O período é o ponto histórico em que a maior parte das controvérsias em torno da China surgem, várias delas perdurando até a atualidade. O Grande Salto fez a

reforma agrária, a planificação da economia e buscou a industrialização das áreas urbanas. Em 1959 começa a campanha das quatro pragas (YGUA, 2021, p.126). A campanha incentivou a população a combater os ratos, as moscas e os mosquitos que eram vetores de doenças que assolavam os povoados, bem como a eliminação dos pardais, que comiam as sementes destinadas aos cultivos nos campos. Essa campanha causou um grande desequilíbrio ambiental, que gerou o aumento na população de insetos e prejudicou as plantações. Este e outros problemas agrícolas, assim como desastres naturais, foram responsáveis pelos três anos de fome no país. Em 1960, com o fracasso do Grande Salto Adiante e o aumento da fome, Mao perde poder político. De 1960 a 1966 um novo grupo assume o governo. Deng Xiaoping é um dos políticos que se posicionaram à frente das decisões naquele período. Esse momento é considerado no Ocidente como uma tentativa de abertura ou liberalização da China, entretanto, Mao enxergava o caráter reacionário das medidas que estavam sendo implementadas e articula sua retomada de poder pelo país. Em 1966 tem início a Revolução Cultural que se torna uma grande revolução dentro da revolução comunista. O objetivo era dar fim às influências estrangeiras e ocidentais no país, lutar contra os valores burgueses instituídos e acabar com os resquícios de preceitos, costumes e práticas imperiais. Durante a década de 1960, a China passa por vários desgastes com a União Soviética, de modo que, em 1971, após sua entrada nas Nações Unidas, iniciam-se as tratativas para a reaproximação com os Estados Unidos. Em 1972 o presidente Nixon vai à China e se encontra com Mao (YGUA, 2021, p.127), dando início a um processo de normalização de relações entre os dois países, que só foi formalizado em 1978.

Em 1976, um mês após a morte de Mao Tse- Tung, acaba a Revolução Cultural e tem início um novo momento na História da China. Em 1978, Deng Xiaoping começa processo de reforma e abertura econômica, por meio das Zonas Econômicas Especiais. No ano seguinte, visando controlar melhor a demografia e estruturar o projeto de crescimento e desenvolvimento nacional, é implementada a política do filho único. O processo de abertura se intensifica e segue até os tempos de hoje, agora sob os auspícios do governo Xi Jinping.

2.4. Modernidade: Milagre Econômico (1978 a 2020 EC)

O histórico apresentado a seguir é uma leitura dos principais eventos políticos dos anos 1978 a 2022. O período é ainda mais controverso do que todos os anteriores, dividindo opiniões até mesmo dentro do PCC. Assim, buscamos uma construção mais objetiva do sequenciamento de eventos. Para este fim, duas referências de linha do tempo foram fundamentais, a cronologia do delta do Rio das Pérolas feita por Liu Yuyang (2001) no livro “O Grande Salto Adiante” (tradução nossa) (CHUNG; INABA;  KOOLHAAS; LEONG. 2001, p. 32-43), e a Obra de Arte de “Temporalidades Sino-Comunistas”, elaborada pela doutoranda Gabriela Bitencourt (2022) e exposta na Escola de Arquitetura da UFMG em 2022. Por não estar mais em exposição, o trabalho pode ser acessado pelo QR Code ao lado, ou pelo link nas referências bibliográficas.

Em 1978 o processo de reforma e abertura teve início com a aprovação da “Política de Portas Abertas” que buscou dinamizar a economia chinesa em relação ao mercado global. Devido ao maior contato com o comércio exterior, à descentralização das decisões econômicas e à gradual transferência de terras para promoção de desenvolvimento, muito se questionou sobre a política de Deng Xiaoping (LIU, 2001, p.39). Naquele ano, em resposta aos protestos contra a busca de tecnologias japonesas, Deng disse “Não importa a cor do gato, contanto que ele cace o rato”. A frase se tornou um importante símbolo do seu pragmatismo.

Em 1980, houve a instauração de quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) - Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen - na Província de Guangdong. As ZEEs proporcionaram mão de obra qualificada e incentivos financeiros que atraíram empresas estrangeiras para a China.

De 1981 a 1985, no âmbito do 6o Plano Quinquenal, começou-se a tentar diminuir as discrepâncias territoriais chinesas, dando início à “política de ajuste de via de mão dupla”. Nela, as regiões costeiras, que tiveram seu desenvolvimento acelerado por meio de políticas preferenciais, compensaram as províncias do interior que se desenvolviam através da produção de energia e matérias-primas, isto é, mais lentamente (LIU, 2001, p.40).

O Plano Quinquenal seguinte, que ocorreu entre 1986 e 1990, teve como meta reduzir ainda mais a desigualdade regional oriental, central e ocidental. Suas políticas focaram na reforma das indústrias tradicionais por meio da introdução de novas tecnologias. Nas regiões centro e oeste, foram feitas tentativas para revitalizar setores como agricultura, transporte e mineração (LIU, 2001, p.41).

Em 1987, a Secretaria de Planejamento arrendou o direito de uso da terra urbana estatal para desenvolvedores. O governo prometeu compensar adequadamente ao expropriar terras coletivas e poderia cobrar uma taxa de uso do solo para financiar projetos de infraestrutura (LIU, 2001, p.41). No ano seguinte, 284 cidades abriram-se ao comércio e ao investimento estrangeiro para aumentar a capacidade de exportação das regiões costeiras e escoar as riquezas ao interior da China. Entre essas cidades destacam-se Shanghai e Shenzhen.

Em 1989, tiveram início os protestos na Praça da Paz Celestial. Naquela ocasião, o mundo se encontrava eufórico com o declínio soviético iniciado em 1985. Poucos meses antes da queda do muro de Berlim, os protestos chineses ganharam a mídia. Em meio a isso, a repressão aos protestos da Praça da Paz foi televisionada e a repercussão levou à renúncia de Deng Xiaoping no ano seguinte.

O 8o Plano Quinquenal (1991 - 1995) marcou a primeira vez que os formuladores de políticas começaram a desenvolver uma abordagem inter-regional entre as províncias costeiras e do interior por meio da melhoria da infraestrutura de transporte. Muitas das cidades costeiras cresciam com uma taxa anual de crescimento de 27% (LIU, 2001, p.42).

Em meados da década de 1990, o foco do planejamento chinês estava voltado para o crescimento econômico e a redução das desigualdades regionais. Crescer já era algo em andamento e bem elaborado, mas a superação da disparidade regional até hoje é uma questão. Um sinal dos avanços da política de redução desta desigualdade é a reforma dos sistemas de controle de fluxos no país, que tem sido cada vez menos rígida com migrações entre campo e cidade.

A partir da segunda metade da década de 1990, o foco do desenvolvimento econômico mudou para o crescimento sustentado na economia rural durante o 9o Plano Quinquenal (1997 - 2000). Em 19 de fevereiro de 1997, morreu Deng Xiaoping. Assim, esse foi o primeiro plano sem a efetiva participação de Deng. O plano tentou nivelar o campo para todas as províncias, mas inevitavelmente reduziu a vantagem competitiva das regiões mais desenvolvidas ao expandir os benefícios da reforma para o resto da China (LIU, 2001, p.42).

Em 2001, a China foi admitida na Organização Mundial do Comércio (OMC), integrando assim seus 1,3 bilhões de consumidores ao comércio internacional e impulsionando seu crescimento econômico. Em 2000, o crescimento anual do PIB chinês foi de 8,5% e em 2007 subiu para 15%. (BITENCOURT, 2022).

Durante o 10º Plano Quinquenal (2001 - 2005), surgiu o slogan “Going Global”, que anunciava uma estratégia prolongada de inserção internacional chinesa. Esta estratégia tinha três objetivos principais: 1) aumentar a emissão de investimento externo direto; 2) melhorar a qualidade dos projetos de internacionalização das empresas domésticas; 3) reduzir progressivamente os controles de capital. (BITENCOURT, 2022).

O 11º Plano Quinquenal (2006 - 2010) buscou construir uma sociedade eficiente em termos ecológicos e fortalecer o país por meio da ciência e da educação. Além disso, pretendia-se aprofundar o processo de reforma e abertura econômica pautado na cultura comunista, na democracia e na defesa dos interesses nacionais (BITENCOURT, 2022).

Em 2008, além das Olimpíadas de Pequim, que apresentaram uma nova China para o mundo, a crise global provocada pela quebra dos bancos dos Estados Unidos catapultou os investimentos chineses no mundo todo. Em 2009, a China se tornou a maior parceira comercial do Brasil e iniciou seu papel como investidora significativa no país (BITENCOURT, 2022).

O 12º Plano Quinquenal (2011 - 2015) buscou fazer crescer em 7% o PIB, promover o consumo interno, reduzir a diferença de renda por meio do aumento do salário-mínimo e dos programas sociais, além da melhoria da eficiência energética nacional.

Em 2013, o presidente chinês Xi Jinping tornou-se o sétimo presidente da China e relembra períodos históricos de intercâmbios culturais pacíficos e a forte influência política, econômica e militar que a China detinha no mundo nos tempos da antiga Rota da Seda. Em alusão a isso, anunciou-se as novas rotas da seda do século XXI. Essa iniciativa aumentou ainda mais os investimentos internacionais, agora nos campos das infraestruturas e conectividade (BITENCOURT, 2022).

Em 2018, a “construção da ecocivilização” é inserida na constituição da China e o Estado passa a ter o dever de proteger e melhorar os ambientes de vida e o ambiente ecológico, além de prevenir e controlar a poluição e outros perigos públicos.

Em 2020, a China ocupou a 45ª posição no Índice Global de Mobilidade Social. Além disso, o IDH passou de 0,410 em 1978 para 0,761 pontos em 2020 (BITENCOURT, 2022).

No período de 2021 a 2025, durante o 14º Plano Quinquenal, pela primeira vez não se define um valor específico para o crescimento do PIB chinês. Em vez disso, as metas foram expressas em termos qualitativos, incluindo as metas ambientais que passaram a incorporar.

Assim, a China se constitui historicamente como uma potência que passou pelos mais distintos arranjos de Estado e que, após o período de 1830 a 1945, se reergueu. Nesse sentido, olhamos para ela como um país que foi dominado por muitos anos por potências estrangeiras, que foi também um país em desenvolvimento e que enfrenta uma desigualdade interna assim como é no Brasil hoje. Portanto, compreender os processos históricos chineses nos possibilita visitar nossos próprios desafios.

3. Água: Shuǐ (水)

A água será nossa primeira categoria de compreensão dos ambientalismo chinês. Na tradicional arte da pintura de paisagem (山水 - Shānshuǐ) chinesa, a água (水 - Shuǐ) é o elemento mais baixo e, ao mesmo tempo, fundamental para o contraste com a montanha (山 - Shān). Como vemos na pintura de Huang Gongwang (黄公望) (Fig. 02), a água ocupa o ponto mais baixo da tela, de onde emerge o elemento mais visível da composição, as montanhas, que, por sua vez, acolhem as construções humanas e delimitam o céu. Assim, partindo de baixo para cima, a água será nosso elemento guia para a conformação da relação homem-natureza em seu simbolismo e sua materialidade, no contexto chinês.

Partindo da pintura de paisagem tradicional, podemos observar a água como, ao mesmo tempo, antagônica e complementar à montanha. De acordo com Pierre Ryckmans (2010, p.83), em “As anotações sobre pintura do Monge da Abóbora-Amarga”, a montanha traz à pintura sua alma, enquanto a água traz o movimento. Estes dois elementos são analisados pelo autor como partes opostas da “essência primordial a partir da qual operam as metamorfoses de todas as criaturas” (RYCKMANS, 2010, p.84). Essa relação entre água e montanha, como opostos criadores, é evidenciada também no clássico “I Ching: o livro das mutações” (WILHELM, 2006). Neste caso, a água se relaciona com o fogo e a montanha com o lago:

3 – Céu e Terra determinam a direção. Montanha e Lago unem suas forças. Trovão e Vento estimulam-se um ao outro. Água e Fogo não se combatem. Assim, os oito trigramas se interligam (WILHELM, 2006, p.205).

鶴紋逸寄



居嘉慶時... 龍源場
 漸賣傳人... 泥商... 以不
 能... 妻... 冥... 誰... 知
 至... 後... 住... 村... 始... 斯... 竟... 以
 何... 者... 我... 沙... 茶... 每... 枚... 打... 派... 不
 前... 漸... 之... 於... 淡... 王... 之... 為
 善... 道... 人... 題
 大... 飛... 芳... 詩... 畫

九珠峰翠接天向
 無數人家住碧灣
 王子嬉春三... 政
 夢... 迴... 於... 對... 峰
 崖... 以... 鴻... 逸



科... 筆... 不... 揮... 翰... 與... 餘... 贊... 若... 同
 去... 千... 百... 層... 蓮... 以... 元... 氣... 各... 以
 台... 界... 入... 世... 態... 見... 明... 微... 九... 珠
 之... 岸... 在... 何... 而... 老... 穉... 亦... 為
 致... 竭... 弄... 麓... 已... 久... 始... 拓... 起... 者
 而... 快... 矣... 喜... 歡... 告
 丁... 酉... 秋... 美... 陽... 雁



Fig. 2 Nine Pearly Peaks in Green (Huang Gongwang)

Fonte: National Palace Museum.

\https://theme.npm.edu.tw/opendata/DigitImageSets.aspx?sN=04016365&lang=2&Key=&pageNo=565, 2023.

No I Ching, a Água, é denominada de K'an, o Abismal, e tem como atributo ser perigoso, enquanto o Fogo, denominado Li, o Aderir tem como atributo a luminosidade (WILHELM, 2006, p.5). A Montanha e o Lago, respectivamente denominados, Kên, a Quietude e Tui, a Alegria, têm como atributos o repouso e a jovialidade (WILHELM, 2006, p.5). Esses quatro elementos, originados pelo Céu e pela Terra, representam a constante mutação que dá origem a todas as coisas.

Tanto Ryckmans (2010, p.27), lendo Laozi (老子) (Cap.28), quanto Wilhelm (2006, p.9), lendo o I Ching, abordam essa relação de pares como instrumentais para o mundo. O elemento primordial é um só, o “Tao (道)”, o Caminho, ou a mutação, de modo que os pares são instrumentos pelos quais o Uno se manifesta. O Uno é indivisível, ainda assim, ao se apresentar como uma linha, ele também separa o que está em cima do que está em baixo (WILHELM, 2006, p.9).

☯ Esse símbolo também teve um papel importante na Índia e na Europa. No entanto, especulações dualistas de caráter gnóstico são estranhas ao pensamento do I Ching em sua origem. Ele afirma apenas a viga mestra, a linha. Com essa linha, que em si mesma representa a unidade, a dualidade surge no mundo, pois a linha determina, ao mesmo tempo, o acima e o abaixo, a direita e a esquerda, adiante e atrás - em suma, o mundo dos opostos. (WILHELM, 2006, p.9).

No trecho acima, as “expressões dualistas de caráter gnóstico”, referem-se a leituras ocidentais que buscaram no Yang e no Yin compreensões estáticas do mundo. Ideias como o lado claro e o lado escuro de uma montanha, ou as duas faces de uma mesma moeda não representam o pensamento que estamos tentando compreender. O que se apresenta é a eterna mutação como único caminho de tudo, de modo que os pares e

dualidades representem estados de elementos que são transitórios. Estados como a água, a montanha, o céu e a terra são ferramentas da constante mutação.

¹ A mais remota antiguidade (taigu): trata-se do estado de Natureza anterior à História e a todo fenômeno de civilização, tal como o descrevem os taoístas, [...].

⁴ Assim que a Suprema Simplicidade se divide, a regra se estabelece: Taipu yisan er fa li yi. Mais uma vez, a origem dessa asserção é taoísta: para Lao Zi, “quando a Simplicidade se divide torna-se ferramenta, e o Santo que dela se serve governa os homens” (Lao Zi, cap.28). (RYCKMANS, 2010, p.27).

Dessa forma, a água (水 - Shuǐ), que trataremos aqui, enquanto elemento de análise dos ambientalismos chineses, representa um dos estados transitórios da relação homem-natureza.

De outra maneira, no “Tao Te Ching: O Livro do Caminho e da Virtude - Lao Tsé”, traduzido dos textos antigos por Wu Jun Cherng (2011), a água é observada enquanto substância. Para Laozi (老子), a água, de todas as substâncias, é a que mais se assemelha ao próprio Tao (道), isso porque ela sempre busca os caminhos mais baixos e ainda serve para beber a todos os seres.

A tradução do Dàodé jīng (道德經) feita por Cherng (2011) traz no Capítulo 8 o seguinte trecho sobre a relação da água com o Caminho.

A bondade sublime é como a água

A água, na sua bondade, beneficia os dez mil seres sem preferência

Permanece nos lugares desprezados pelos outros Por isso assemelha-se ao Caminho

Viva com bondade na terra

Pense com bondade, como um lago

Conviva com bondade, como irmãos

Fale com a bondade de quem tem palavra
Governe com a bondade de quem tem ordem
Realize com a bondade de quem é capaz

Aja com bondade todo o tempo

Não dispute, assim não haverá rivalidade (CHERNG, 2011, p.11)

O poema aproxima a bondade, uma das cinco virtudes do taoísmo, à água. A fidelidade, a polidez, a sabedoria, a justiça e a bondade, são as principais virtudes, sendo que a última é a que mais se aproxima do próprio Caminho. Deste modo, temos uma distinção importante dos pensamentos anteriores. Tanto em Ryckmans (2010), quanto em Wilhelm (2006), a água é um estado pelo qual a mutação passa. Já em Cherng (2011) a água é a substância utilizada como alegoria da virtude. Se dividirmos o simbólico do material, em Ryckmans (2010) e Wilhelm (2006), a água parte de um símbolo para sua representação material. Por outro lado, a alegoria em Cherng (2011, p.11) parte do material, a substância água, para representar como “a bondade”, enquanto símbolo de virtude, se apresenta em sua forma mais sublime.

O movimento do material para a representação simbólica também pode ser observado na célebre citação de Bruce Lee em 1971, ao ser entrevistado por Pierre Berton, sobre sua própria filosofia:

Esvazie sua mente, não assuma forma ou formato, como a água.

Se você coloca a água em uma xícara, ela se torna a xícara.

Se a coloca em uma garrafa, ela se torna a garrafa.

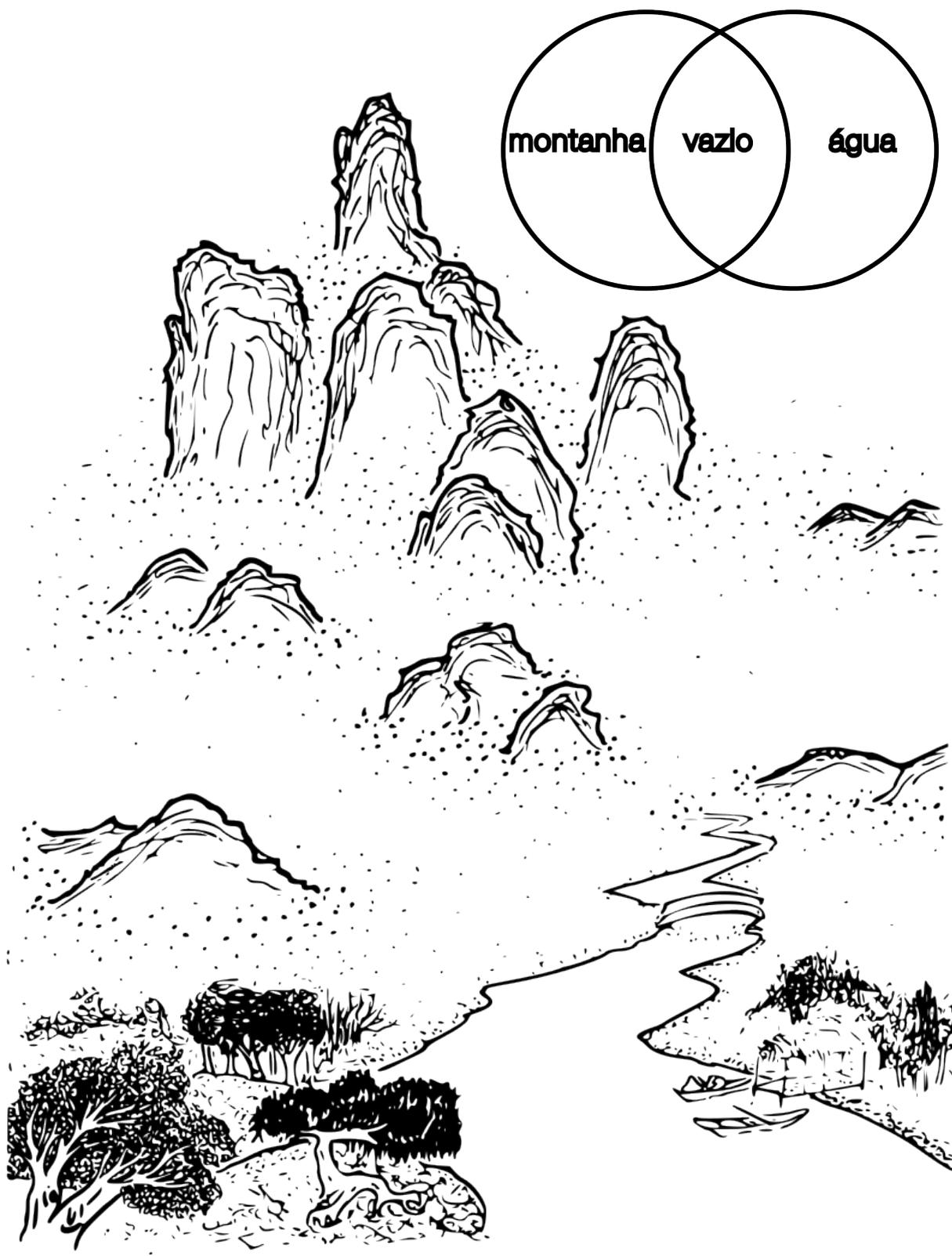
Se a coloca em uma chaleira, ela se torna a chaleira.

A água pode fluir ou destruir, seja a água. (LEE, 1971, 15'47")
(Tradução nossa)

A fala de Bruce Lee é influenciada pelos pensamentos I Ching e do Tao Te Ching, cumprindo esse movimento de observação da substância água para criação de uma metáfora sobre como deveria ser o sujeito e suas ações.

Ora como estado, ora como substância, a simbologia da água e sua materialidade não devem competir. Ambos os movimentos, a partir do simbólico e a partir do material, chegam às representações. São as representações que de fato acessamos. Ou melhor, é por meio das representações que podemos ler, tanto as materialidades, quanto os simbolismos. Não se trata de dois mundos, apenas um, mas com dois caminhos que usamos para visitá-lo e, ao tentarmos representá-lo, também produzimos um pouco mais desse mundo.

Fig. 3 - Representação de águas, montanhas e vazios



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Bessa (2021, p. 37).

Em torno dessa concepção de dois caminhos Altamiro Bessa (2021, p.32) acrescenta que não se trata de apenas dois, mas múltiplos. Isso porque na tradição chinesa, os pensamentos não se esgotam na contradição, mas exercem uma “oposição complementar” (BESSA, 2021, p.32). Bessa (2021, p.36), analisando a obra de François Cheng (2008), traduz esse movimento como representação. Para ele, trata-se de dois eixos, um vertical e outro horizontal nos quais a cosmologia chinesa transita:

A cosmologia chinesa é, pois, dominada por um duplo movimento cruzado: um eixo vertical, que representa o vai e vem entre vazio e plenitude, plenitude que provém do vazio, vazio que segue trabalhando na plenitude e um eixo horizontal, que representa a interação dos polos complementares yin e yang, de onde provém os dez mil seres, incluindo o homem, um microcosmo por excelência (CHENG, F., 2008, apud BESSA, 2021, p.36).

É justamente na pintura de paisagens chinesa, que tanto Bessa (2021) quanto F. Cheng (2008) observam a montanha e a água nesse duplo movimento de representação vertical e horizontal. Ambos avançam no pensamento ao incorporarem um terceiro elemento, o vazio. A água corta a montanha, definindo assim, tanto a própria montanha quanto o vale que se forma entre ela e a próxima montanha. Neste arranjo, as montanhas se dispõem em camadas, dando profundidade à pintura e imprimindo-lhe alma. Entretanto, a montanha não é seu vale, a água menos ainda, então o que seria o vale, a névoa ou a chuva? Os autores concordam que tais elementos são os vazios que surgem entre montanha e água (Fig. 03).

De acordo com Bessa (2021, p.37), é o vazio que permite o movimento entre água e montanha. Se nos parece que as montanhas emergem das

águas, ou que das montanhas escorrem as águas, é graças ao vazio, é ele que nos faz sentir nos movimentando ou imersos nestas paisagens (Fig. 03).

Na Fig. 04, observamos um exemplo que corrobora tanto com os pensamentos de Bessa (2021), quanto de F. Cheng (2008), e de Ryckmans (2010). Vemos, à esquerda da pintura, as montanhas que se erguem como se formassem muros para proteger o templo em seu centro. Deste modo a montanha recolhe o homem e o protege. A neblina, que parece pousar no vale ao lado do templo, é um vazio. Ela esconde o ponto de conexão da edificação com as rochas, mas tem o papel de conduzir o olhar justamente da montanha para os demais elementos sob os quais ela parece se esparramar. A cena humana, que se passa na pintura, é outro importante elemento. Nela, vemos uma operação portuária, com barcos de pesca minuciosamente desenhados. A preocupação do autor em retratar trabalhadores em suas atividades e o detalhamento, tanto das embarcações quanto das edificações, demonstra a relevância da relação Montanha-Água na atividade humana. Os grandes elementos ocupando campos opostos do quadro fluem de um para o outro por meio do homem. Na água, o barco retorna com a pesca que será levada para as edificações e possivelmente distribuída para os caminhos que cercam e sobem a montanha. É fácil imaginar que alguns dos animais da cena carregavam cestos repletos de peixe fresco passando por dentro do vale e entregando-os no templo.

Assim, a profundidade das águas e sua inabitabilidade não representam um problema a ser resolvido, mas uma condição relacional à montanha. Se a montanha acolhe, a água, ou o rio, alimenta e dá sustento, se a montanha é iluminada e evidente, a água esconde e oculta.

Por fim, e não tão relacionado às águas, chama atenção que o templo é a edificação posicionada mais próximo ao céu. A relação do templo com o divino e com os céus é evidente, mas o que chama atenção é que, mesmo assim, ele não ocupa o topo da montanha mais alta. Inclusive, analisando outras pinturas de paisagem tradicional chinesa, veremos que os topos dos morros não são normalmente ocupados. Compreende-se que apesar da relação dos templos com o Céu (enquanto divindade ou elemento primário dos 10 mil seres), a montanha e outros elementos da natureza se mostram mais próximos ou mais conectados ao divino.

A partir dessa compreensão da água enquanto elemento da pintura de paisagem, do seu papel no taoísmo, e como parte da cosmovisão chinesa, passamos para seus atributos físicos tentando desenhar um pouco da espacialidade chinesa.

Neste sentido, as seções que seguem são:

a geografia das águas na China, na qual serão apresentados os mapas e a relação de ocupação territorial

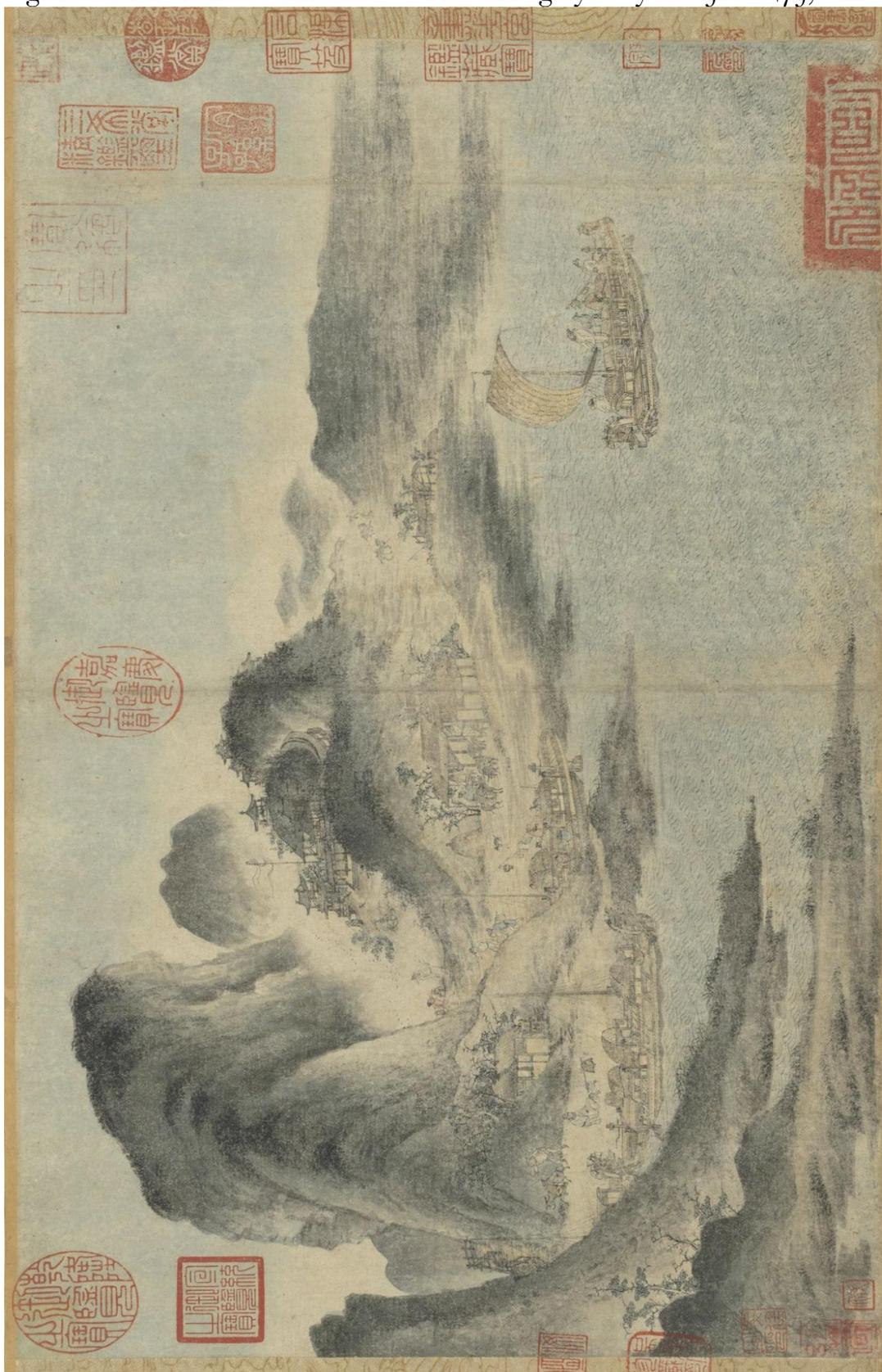
e fluvial das águas;

os antigos projetos fluviais e marítimos, onde

serão contadas as importantes histórias sobre a relação do homem com as águas, intermediada pela técnica;

os projetos modernos, que incorporam tanto as questões históricas e culturais já abordadas, quanto a maneira como elas têm sido empregadas nos últimos anos; a política das águas chinesas, que amarra os tópicos anteriores com as principais políticas que vêm sendo implementadas nos últimos anos e o que se espera para o futuro.

Fig. 4 - River Boats and Mountain Town - Song dynasty AD 960- 1279, Anonymous.



Fonte: National Palace Museum. Disponível em: <https://theme.npm.edu.tw/>. Acesso em: 16 de dez. de 2022.

3.1. A geografia das águas na China

Assim como grande parte dos berços civilizatórios do mundo, a China se desenvolve em torno de grandes rios e terras férteis. Neste capítulo, abordamos a geografia das águas, iniciando pelos principais rios, passando pelos lagos e chegando aos mares. A abordagem geográfica das águas colabora para compreendermos os grandes processos que a China passou nos últimos séculos, e outros pelos quais ainda passa. A questão demográfica, o processo de urbanização, o desenvolvimento econômico desigual no território e os avanços infraestruturais para modernização do país, são alguns desses processos e que se fazem cruciais para identificarmos os ambientalismo chinês.

Iniciando pelos grandes cursos d'água, rio Changjiang (长江), conhecido no Ocidente pelo nome de sua seção final, Yangtzé, possui 6.300 km e é o maior rio chinês e o terceiro maior do mundo (CHINA EMBASSY, 2004). Ele nasce no pico Geladaindong (各拉丹冬) na Cordilheira Tanggula (唐古拉山脉), localizadas na fronteira entre o nordeste da Região Autônoma do Tibete e a Província de Qinghai. Partindo da região de Tanggula e chegando até seu delta, em Shanghai (上海市), passando por montanhas e vales profundos, a parte superior do rio Changjiang é abundante em recursos hídricos como uma artéria de transporte que liga o oeste ao leste, sendo sua navegação beneficiada por excelentes canais naturais (CHINA EMBASSY, 2004).

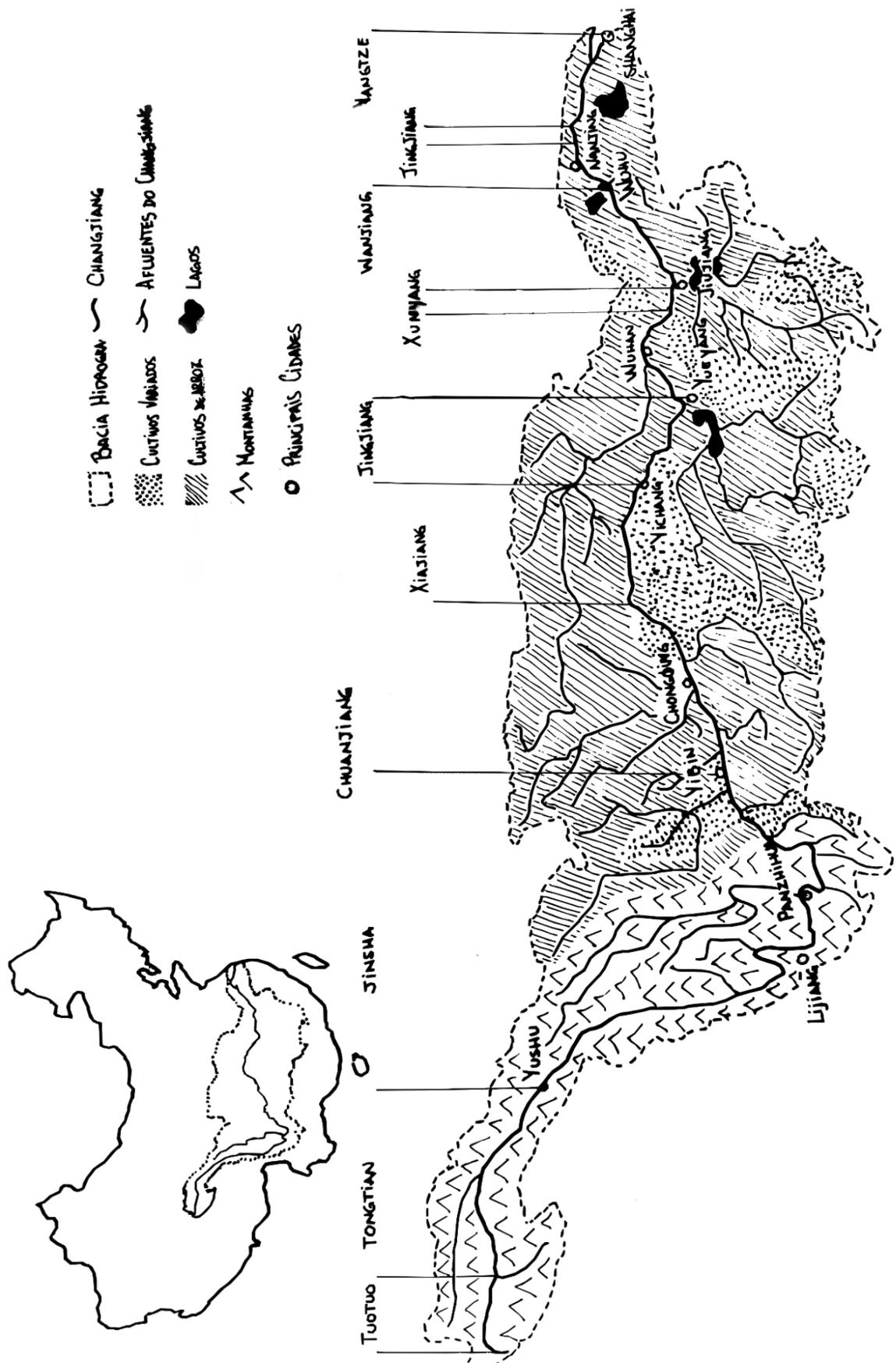
Na bacia hidrográfica (Fig. 05) do Changjiang, as áreas médias e inferiores têm clima quente e úmido, com chuvas abundantes e solo fértil, fator que favorece para que se tornem importantes regiões agrícolas

(CHINA EMBASSY, 2004) (Fig. 05). Graças a essa grande quantidade de terras férteis, nas porções médias e baixas do Changjiang, o território foi amplamente ocupado desde os primórdios da civilização chinesa. Com diversos grupos que se instalaram e desenvolveram importantes relações com o rio, surgiram também os nomes de cada um dos trechos. Na Fig. 05, observamos os nomes adotados em cada trecho do rio Changjiang.

Em uma conversa com professores chineses do Instituto Confúcio (IC-UFGM), abrimos um mapa da China para que as histórias que ouvíamos deles fossem marcadas e pudéssemos compreendê-las a partir de uma visão mais espacializada. Em determinado momento, o professor Liu (diretor do IC) buscava o rio Changjiang e, pelo mapa estar em inglês, não encontrava seu nome. Quando indicamos o rastro do leito d'água no mapa ele reparou no escrito Yangtzé, e disse que aquele não era o nome do rio. Segundo ele, Yangtzé é o nome da porção final, até a foz, e que apenas ocidentais o chamavam assim, pois haviam adentrado por suas águas a partir do delta e assumiram o nome da parte pelo todo do rio. A partir dessa conversa, e conferindo em referências como a Embaixada da China (CHINA EMBASSY, 2004), no Map World, sistema de mapeamento do governo chinês, e na enciclopédia Britânica (GREER; MURANOV, 2022), foi possível confirmar que o nome Yangtzé está ligado a um dos reinos que ocuparam a área do estuário do Changjiang.

Além do Changjiang, outro rio fundamental para a geografia e história chinesa é o Rio Amarelo (黄河).

Fig. 5 - Mapa da Bacia do Changjiang: nomes por trecho do rio e usos da terra



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de https://m.thepaper.cn/newsDetail_forward_19474112.

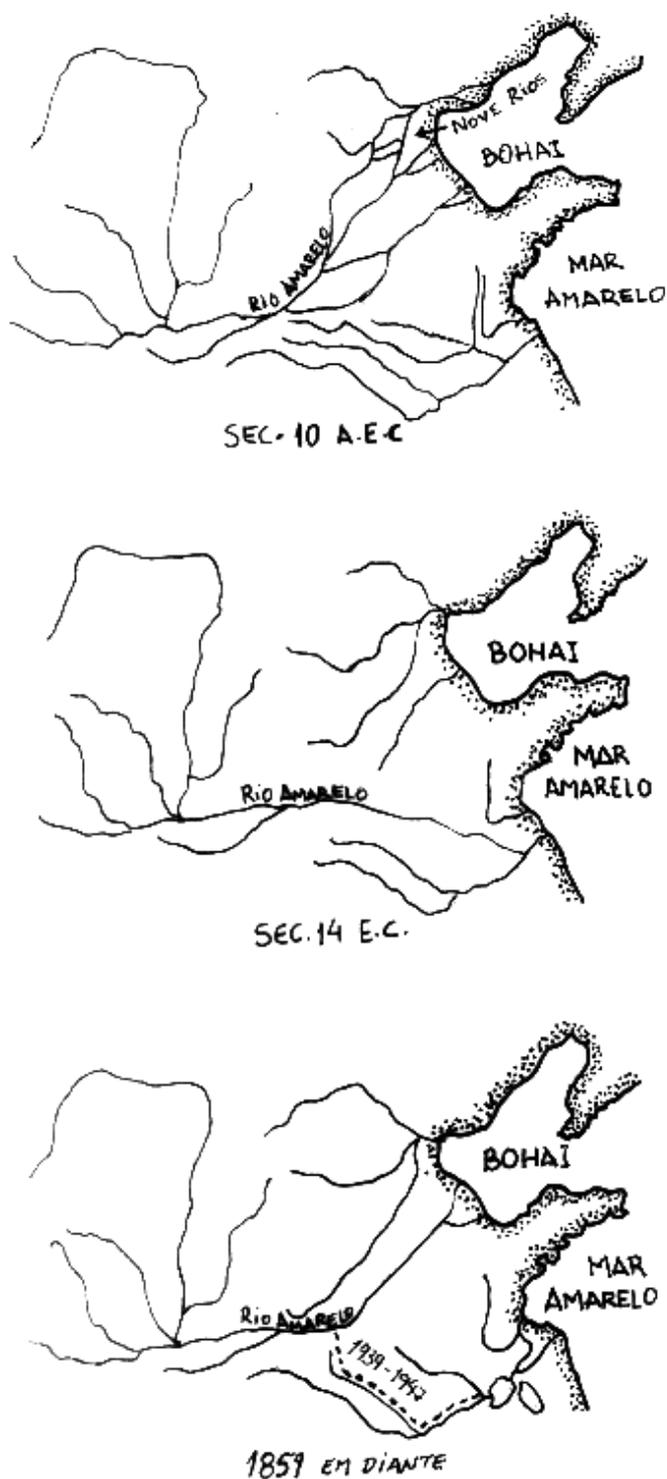
O Rio Amarelo é o segundo maior da China, com 5.464 km de extensão (CHINA EMBASSY, 2004). Seu vale é um dos berços da civilização chinesa em conjunto com os vales do Changjiang, do Huaihe (淮河 - Huái Hé) e das Pérolas (珠江). Ele se origina na Montanhas Bayan Har (拼音) na Província de Qinghai (汉语拼音) e corre em direção ao leste para desaguar no Mar de Bohai (渤海) (Fig. 06).

Devido a suas notórias inundações, o Rio Amarelo vem passando por intervenções antrópicas há milhares de anos. A topografia de sua bacia varia entre grande declividades e planícies, o que contribuiu para que os povos às suas margens buscassem, ora frear suas águas, ora reduzir seu espraiamento. De acordo com Thomas R. Tregear (1965, p.219), devido às grandes chuvas e intervenções humanas na criação de barragens, o curso do rio mudou drasticamente desde o século X AEC (Fig. 06). Apesar dos problemas gerados pelas inundações e rompimentos de barragens ao longo da história, as terras adjacentes ao rio amarelo são ricas em minerais e muito férteis, o que permitiu que os assentamentos humanos prosperassem na região e se desenvolvessem em técnicas agrícolas e mineradoras (CHINA EMBASSY, 2004).

O solo loess, presente em boa parte da extensão do Rio Amarelo, está diretamente ligado às inundações e à prosperidade da região (Fig. 07). De acordo com Tregear (1965, p.211-213), o solo loess é uma formação sedimentar composta de areia fina, partículas de areia, silte e argila. Devido a sua porosidade e quantidade de depósitos minerais, trata-se de um solo

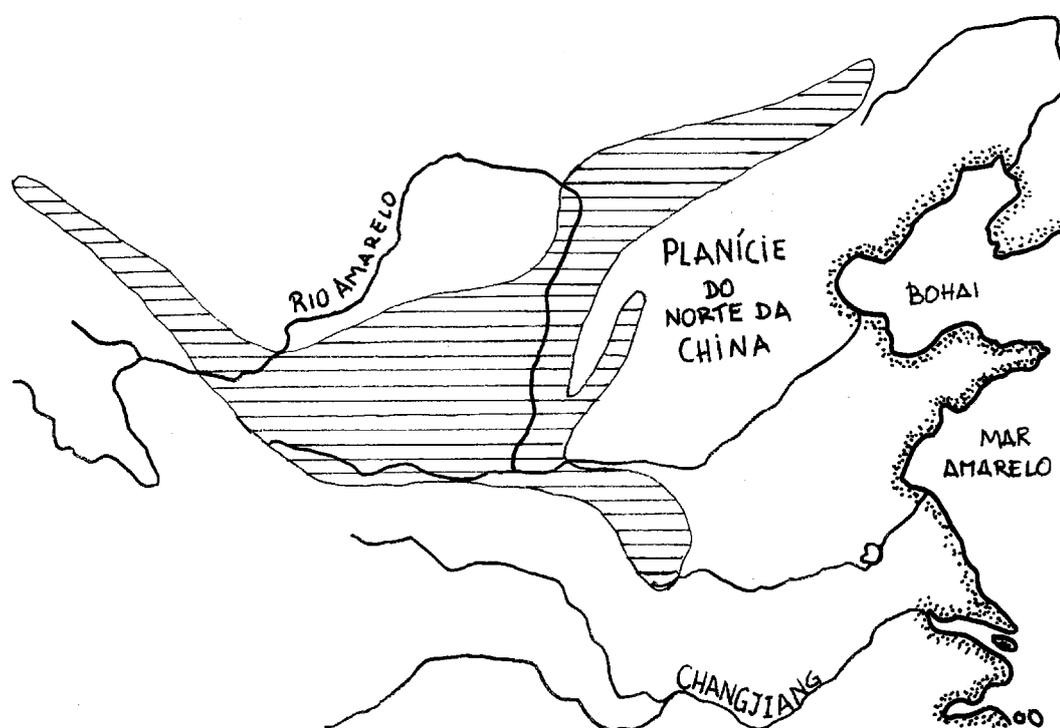
extremamente fértil, mas também muito instável e suscetível à erosão pela ação da água. Desta forma, tanto pelas chuvas quanto pela ação do próprio rio, o solo se desprende e é carregado para o leito no qual se deposita.

Fig. 6 - Mudanças no curso do Rio Amarelo.



Com a presença de chuvas intensas, o alagamento do rio assoreado se torna uma inundação e provoca alagamentos das ocupações humanas. Para tentar solucionar essa questão, os habitantes do vale do Rio Amarelo desenvolveram barragens que sobrepujam camadas de solo compactado para tentar evitar que durante os períodos de chuva as águas transbordassem.

Fig. 7 - Região do Solo Loess.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Tregear (1965, p.212)

Entretanto, o contínuo assoreamento, associado com os acúmulos de volume devido às barragens, transformam inundações em problemas ainda maiores. Apesar de evitarem inundações por anos, as barragens também fizeram com que nos eventos de seus rompimentos e transbordos, os danos

fossem ainda maiores devido aos volumes acumulados de água e solo (TREGGAR, 1965, p.219).

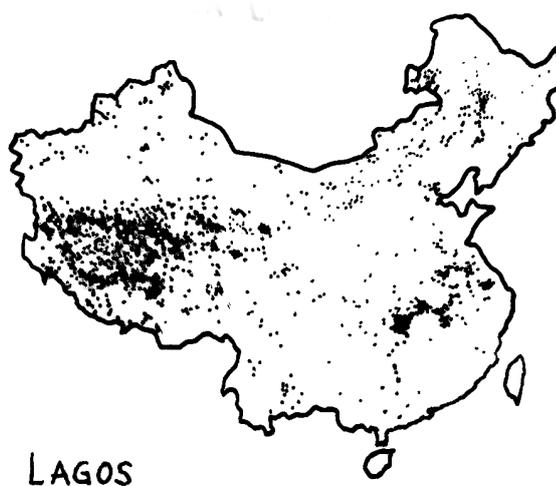
O Rio Amarelo e as técnicas empregadas para sua contenção têm grande relação com os ambientalismo que buscamos. Como observamos mais adiante, lidar com as inundações é, tanto uma tarefa associada ao Estado, quanto uma forma de legitimar o poder do governante. Portanto, começamos a desenhar uma relação ambientalista, na qual as forças da natureza e a legitimidade do Estado são intermediadas pela técnica e as tecnologias. Aprofundaremos mais nessa questão no desenvolver deste capítulo e dos demais.

Outra importante relação entre homem e águas na China se dá por meio dos lagos. Seja como parte dos seres primordiais, como mencionado no I Ching (WILHELM, 2006, p.5), seja nas pinturas de paisagens, como nos escritos do Monge da Abóbora- Amarga (RYCKMANS, 2010, p.27) os lagos ocupam um importante espaço na subjetividade chinesa e em sua geografia.

Os lagos atuam como sentinelas e integradores dos impactos das mudanças climáticas nos ecossistemas aquáticos, desempenhando um papel importante nas questões ecológicas e ambientais (XIE; et al., 2022, p.1). Na China, existem 2.9281 lagos com mais de 1 km², e devido a processos climáticos e socioeconômicos, esses corpos d'água têm sofrido intensas alterações nas últimas décadas (XIE; et al., 2022, p.1). Tradicionalmente, lagos passam por períodos de cheias e secas ao longo do ano. Entretanto, no contexto do aquecimento global, os lagos estão passando por rápidas mudanças nos processos físicos, químicos e biológicos, que exercem considerável influência no meio ambiente regional por meio dos balanços

de calor e água. De acordo com Xie et al. (2022, p.2), os lagos chineses vêm atraindo grande atenção de pesquisadores das ciências naturais e da terra, uma vez que são componentes importantes das águas interiores do país e que apresentam respostas relevantes às mudanças climáticas, como alterações em suas áreas e níveis.

Fig. 8 - Lagos e Reservatórios da China.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Xinxin Wang (2022, p.3767)

Os lagos atuam como sentinelas e integradores dos impactos das mudanças climáticas nos ecossistemas aquáticos, desempenhando um papel importante nas questões ecológicas e ambientais (XIE; et al., 2022, p.1). Na China, existem 2.928¹ lagos com mais de 1 km², e devido a processos climáticos e socioeconômicos, esses corpos d'água têm sofrido intensas alterações nas últimas décadas (XIE; et al., 2022, p.1). Tradicionalmente, lagos passam por períodos de cheias e secas ao longo do ano. Entretanto, no contexto do aquecimento global, os lagos estão passando por rápidas mudanças nos processos físicos, químicos e biológicos, que exercem considerável influência no meio ambiente regional por meio dos balanços de calor e água. De acordo com Xie et al. (2022, p.2), os lagos chineses vêm atraindo grande atenção de pesquisadores das ciências naturais e da terra, uma vez que são componentes importantes das águas interiores do país e que apresentam respostas relevantes às mudanças climáticas, como alterações em suas áreas e níveis.

Xiankun Yang, do departamento de geografia da Universidade Nacional de Singapura, e Xixi Lu, do Centro de Mudança Global e Gestão de Bacias Hidrográficas da Universidade de Economia e Finanças de Yunnan, utilizaram imagens de sensoriamento remoto para mapear lagos e reservatórios pela China (YANG; LU, 2014). A pesquisa encontrou um total de 185.333 lagos e 89.696 reservatórios (ou represas) e apontou sua distribuição territorial de acordo com a Fig. 08. na qual é apresentada uma graduação de leste a oeste na distribuição espacial. A maioria dos

¹ Em 2022 - O “número total de lagos com mais de 1km²” depende do ano, da metodologia de contabilização, da estação em que foram contados, de uma série de fatores dos quais não iremos nos aprofundar, mas que podem ser verificados nos distintos números apresentados por Xie et al. (2022), Yang e Lu (2014), Ma et al. (2011).

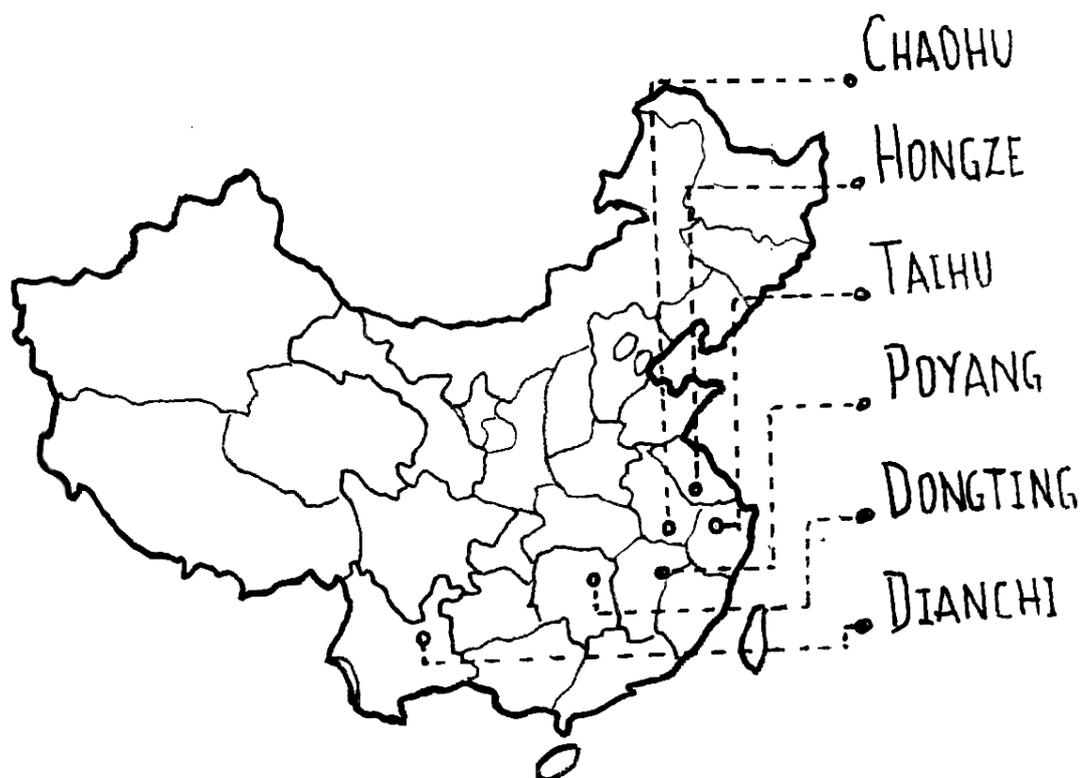
reservatórios está nas regiões à leste, como as partes médias e baixas da bacia hidrográfica do rio Changjiang, a parte inferior da bacia do Rio das Pérolas e algumas pequenas bacias no sudeste da China (YANG; LU, 2014, p.3).

Como fontes de água para consumo, irrigação, lazer e produção energética, os lagos e reservatórios são fundamentais para os assentamentos humanos. Na década de 1940, antes da vitória do Partido Comunista Chinês (PCC) sobre o Kuomintang Chinês (KMT), “a China não tinha mais do que 40 pequenas represas hidrelétricas e apenas um punhado de reservatórios de grande escala” (YANG; LU, 2014, p.5, tradução nossa). Nas décadas de 1950 e 1960, o número de represas aumentou em aproximadamente 72 mil, chegando a 87 mil nos primeiros anos da década de 1980 e 89,7 mil em 2014 (YANG; LU, 2014, p.1 - 6). Contudo, o número de lagos com mais de 1 km² tem diminuído, resultando em uma perda de quase 20% da sua área de cobertura (YANG; LU, 2014, p.5). Apesar disso, os lagos na região do Platô tibetano têm aumentado em número e em volume. A provável causa dessas alterações, de acordo com Yang e Lu (2014, p.6-7), é o aquecimento global e o intenso desenvolvimento industrial das regiões.

Em uma análise das águas dos principais lagos chineses, Sheng-rui Wang, et al. (2015) observou que os problemas não são apenas quantitativos, mas também qualitativos. A pesquisa observou os 6 principais lagos chineses, o Chaohu (巢湖 - Cháo Hú), o Hongze (洪泽湖 - Hóng Zé Hú), o Taihu (太湖 - Tài Hú), o Poyang (鄱阳湖 - Pó Yang Hu), o Dongting (洞庭湖 - Dòng Tíng Hú) e o Dianchi (滇池 - Diānchí), (Fig. 09). Os resultados apresentados indicam que, destes lagos, quatro estavam

em estágios graves de poluição devido à exploração de suas zonas costeiras e de reabastecimento, como zonas úmidas e nascentes de córregos, para produção agrícola e industrial (WANG; et al, 2015, p.3831).

Fig. 9 - Localização dos lagos analisado.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Top China Travel (2023). Disponível em: <https://www.topchinatravel.com/china-guide/the-largest-lakes-in-china.htm>.

Acesso em: 14 de set. de 2023.

Os dois outros lagos menos poluídos, o Poyang e o Dongting, também passam por incertezas frente aos seus parâmetros de segurança ecológica.

Processos como “perda da vegetação, ameaça aos habitats biológicos, aumento da carga de poluição nos lagos, eutrofização, diminuição dos recursos pesqueiros e ameaça a aves raras” são problemas a serem enfrentados (WANG; et al, 2015, p.3825) (tradução nossa).

Assim, a China passa por um grande desafio a ser superado, o desafio de requalificação de suas águas. Os lagos e reservatórios são importantes indicadores do estado de conservação dos corpos d’água e, conforme apresentado, apontam para uma grande contradição dentro do processo de desenvolvimento empregado, principalmente até a década de 2000, a relação entre a ocupação humana e seu ambiente. Essa contradição é a necessidade do uso dos recursos naturais para enriquecimento da região, que uma vez enriquecida, necessita de mais recursos naturais para se manter próspera. A superação desta contradição é um aspecto fundamental para o ambientalismo chinês. Portanto, devemos observar os projetos que vêm sendo implementados nos últimos anos (Ver capítulos: Rio Suzhou (苏州河) e; Fuhe e Nanhe - Chengdu) para requalificação destes lagos, mas sem perder de vista a contradição criada pelo modelo de desenvolvimento das décadas de 1950 a 2000. O desafio da requalificação das águas interiores foi definido no processo de desenvolvimento, enquanto sua superação está atrelada aos novos processos de qualificação e requalificação ambiental.

O último elemento geográfico que iremos abordar sobre as águas chinesas é o mar, ou melhor, os mares (Fig. 10). O litoral chinês é um dos maiores do mundo e, assim como quase todas as questões relativas a mensurações territoriais chinesas, sua medida depende de posicionamentos políticos como a consideração ou não da ilha de Taiwan, além de algumas

disputas territoriais de outras ilhas. Dessa forma, considerando apenas o litoral da China continental, são aproximadamente 18 mil quilômetros de costa, partindo da foz do Rio Beilun (北仑河 - Bèilún hé) fronteira com o Vietnã e subindo até a foz do Rio Yalu (鸭绿江 - Yālù jiāng) na fronteira com a Coreia do Norte. A linha costeira é banhada pelos seguintes mares:

O Mar do Sul da China ou Mar da China Meridional (南海 - Nánhǎi), é a parcela semifechada do oceano pacífico que vai de Singapura ao estreito de Taiwan, banhando também a Malásia, o Vietnã, Brunei e as Filipinas.

O Mar da China Oriental (东海) é limitado pelo Estreito de Taiwan ao sul e segue banhando a costa chinesa até o delta do Yangtzé, onde limita-se por uma linha até a ilha de Jeju na Coreia do Sul, seguindo para Kyushu no Japão até as ilhas Ryukyu a leste.

O Mar Amarelo (黄海) é a porção de mar acima da linha entre o delta do Yangtzé até a ilha de Jeju, e separa a China da península coreana.

O Mar de Bohai (渤海) é o mar que compreende as baías de Laizhou (莱州湾), ao sul da foz do Rio Amarelo, de Bohai (渤海湾), ao norte do mesmo estuário, e a de Liaodong (辽东湾), a maior das três. O Mar de Bohai é um golfo do Mar Amarelo.

Fig. 10 - Os mares do litoral chinês.



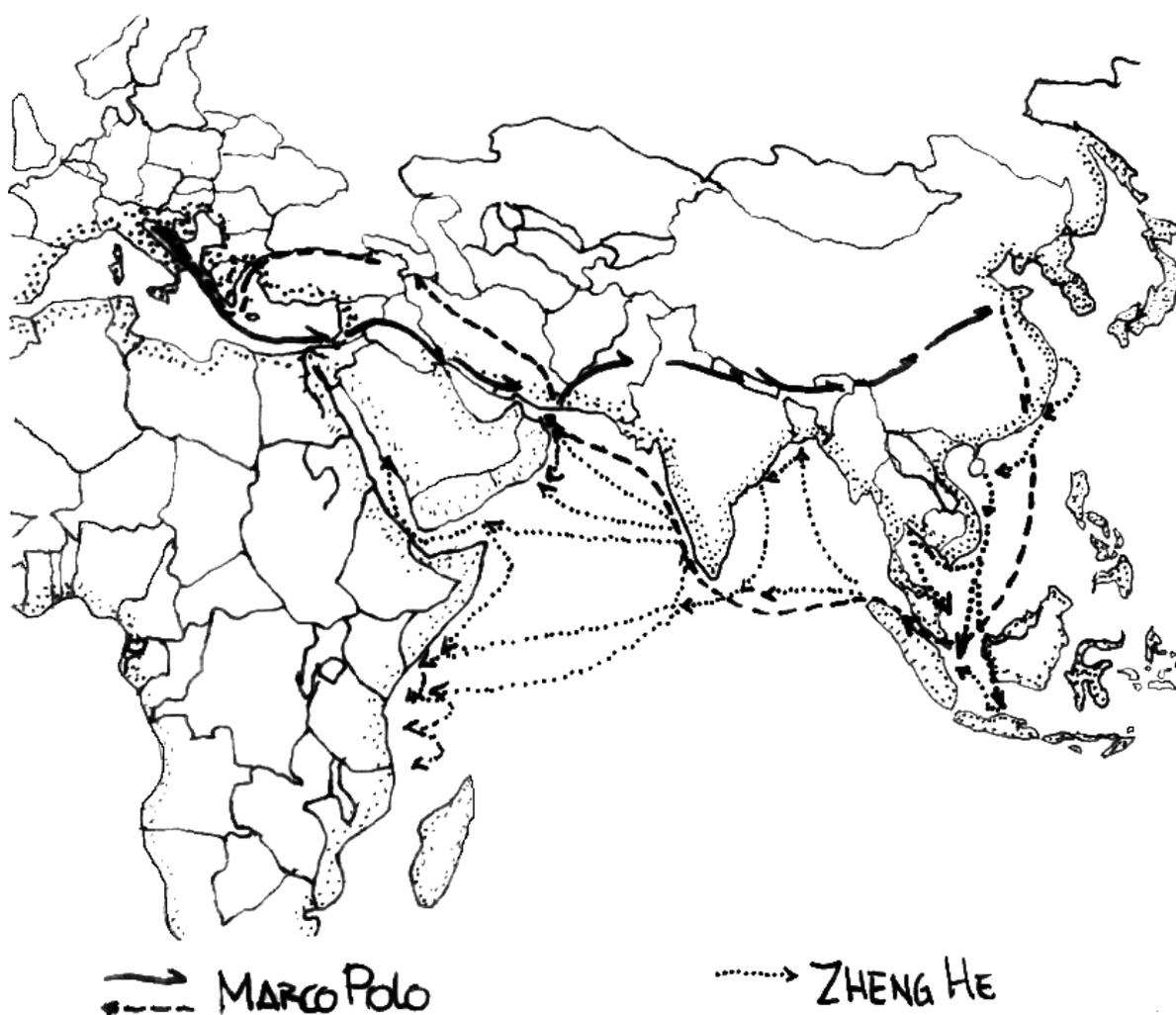
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Os mares chineses são estratégicos para o crescimento e o desenvolvimento do país, possibilitando trocas marítimas por todo o mundo. De acordo com o Banco Mundial (2023) em 2016 o Produto Interno Bruto (PIB) chinês foi de 11,23 trilhões de dólares - aproximadamente 14,7% do PIB global – dos quais 1,47 trilhões foram comercializados apenas pelo Mar do Sul da China (CHINA POWER TEAM, 2017), o que representa quase 13,1% do total de todos os bens e serviços finais produzidos pela China no ano. O valor dos bens comercializados por meio do Mar do Sul da China chega a quase 40% de todos os bens comercializados no país em 2016 (CHINA POWER TEAM, 2017). Dessa forma, os mares desempenham um papel fundamental para o comércio e economia chinesa.

Historicamente, a posição geográfica chinesa e sua relação com os mares foi determinante para a consolidação das grandes navegações no Oriente e no Ocidente. Em “As Viagens” de Marco Polo (2022, p.15) um mapa aponta o caminho traçado pelos venezianos em 1295 EC. Saindo da capital, Pequim, os comerciantes deslocaram-se até o estreito de Taiwan de onde partiram de barco com suas riquezas acumuladas pela viagem. O trajeto descendo todo o Mar do Sul da China, passando pelo estreito de Singapura e por Malaca em direção ao subcontinente indiano, foi, por muito tempo, utilizado como rota de navegação para trocas entre europeus e chineses (Fig. 11). Durante a Dinastia Ming (明朝 - Míng cháo) (1368–1644 EC.), em 1402 E.C., o imperador Zhu Di (朱棣 - Zhū Dì) deu início à construção de uma grande frota naval cujos navios contavam com dimensões comparáveis aos porta aviões da segunda guerra mundial (WANG TAO, 2018). De acordo com o sinólogo Jan Julius Lodewijk

Duyvendak (1939), a frota, liderada por Zheng He (郑和 - Zhèng Hé), percorreu caminhos similares àqueles relatados por Marco Polo.

Fig. 11 - As viagens de Marco Polo e Zheng He.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Zheng He, é uma figura homenageada até os tempos atuais na China. Suas expedições, rotas marítimas, e o tamanho da sua frota são temas de debates entre historiadores, sinólogos e arqueólogos. Existem centenas de aspectos que chamam atenção para as navegações de Zheng He: o tamanho da frota; as técnicas aprimoradas de construção de barcos; as técnicas de

navegação; o volume de pessoas envolvidas no projeto e nas viagens; o propósito das viagens e muitos outros mais. Apesar dos debates, acadêmicos normalmente concordam que Zheng He:

[...]”foi um importante eunuco muçulmano que serviu à corte de Ming como general de alta patente, almirante e diplomata, recebeu ordens imperiais para organizar sete viagens marítimas e conduziu com sucesso essas expedições nos anos seguintes: (1) 1405-1407, (2) 1407-1409, (3) 1409-1411, (4) 1413-1415, (5) 1417-1419, (6) 1421-1422, (7) 1431-1433. Só na primeira viagem, Zheng comandou uma poderosa frota imperial composta por 317 navios, incluindo sessenta e dois colossais “navios do tesouro” e mais de 27.800 soldados, oficiais e pessoal civil. O tamanho e o número de seus navios e a enorme legião de militares e civis fizeram com que essas aventuras superassem as expedições marítimas de Colombo e outros exploradores europeus durante o século XV. (LIU; CHEN; BLUE, 2014, p.xxiii).

As expedições de Zheng He estabeleceram trocas com dezenas de povos e países desde o Mar do Sul da China até a costa índica do continente africano. De acordo com Duyvendak (1939, p. 345-346), as relações nem sempre se estabeleceram pacificamente em todos os portos, de modo que as expedições em alguns casos, chegaram a eliminar completamente os povos resistentes à chegada das naus. Entretanto, é relatado que o propósito geral destas viagens era diplomático, visando estabelecer relações com reinos e povos distantes. É importante deixar claro, que apesar de alguns episódios violentos ou conflituosos, não há registro ou quaisquer evidências de tentativas colonialistas e imperialistas nas missões de Zheng He. Não era interesse da dinastia Ming estabelecer colônias em terras estrangeiras.

A dinastia Ming que substituiu o kanato de descendentes de Gengis Khan, foi duradoura e seus registros são fundamentais para a historiografia mundial. É neste período que temos as primeiras missões jesuítas ao extremo leste do continente asiático. É graças a boa parte dos registros e intensificação de viagens e trocas entre Oriente e Ocidente, durante essas duas dinastias, que foi possível confirmar parte do fabuloso relato das viagens de Marco Polo (2022, p.19-20). É a partir deste período que os mares passam a tomar novas proporções para a cultura chinesa, trazendo novas trocas comerciais e culturais, mas ameaças também.

Em 1839, vindos do mar, os ingleses impuseram aos chineses o comércio de ópio por meio da guerra (KISSINGER, 2011, pos. 807 - 989). Os primeiros anos de reinado da Rainha Victoria como monarca marcaram o início de sucessivos ataques ao império chinês que deixou marcas indeléveis na história, cultura e população. O tratado de Nanquim, como já mencionado, separou do domínio chinês as regiões de Xiamen, Fucheu, Ningbo, Shanghai e Hong Kong, que até os tempos atuais ainda não foi completamente reintegrada ao território da República Popular da China. E, apesar de marcas como a separação de Hong Kong, é do mar também que parte relevante do processo de desenvolvimento dos últimos 40 anos.

O processo de desenvolvimento e a relação com os transportes marítimos são relevantes não só para a China, mas para todo o mundo. Os pesquisadores do Julia Schaumeier & Tristan Smith (2012), da UCL Energy Institute, com auxílio de Duncan Clark & Robin Houston, da empresa KILN, desenvolveram um mapa interativo que mostra o movimento da frota mercante global ao longo de 2012, sobrepostos em um mapa batimétrico.



No período analisado, é possível observar a grande concentração de embarcações na costa chinesa, mais especificamente no Mar do Sul da China. Na 11, baseada em imagem tirada do site Shipmap (SCHAUMEIER; SMITH, 2012), é possível observar tanto a concentração de navios ao longo de toda a costa chinesa, gerando um destaque global para a região, quanto também, o próprio desenho que se forma por cada ponto das embarcações nas regiões das navegações de Zheng He e Marco Polo, formando o desenho do caminho dos navegadores. Este desenho formado evidencia a relevância destas navegações para o período e para os dias atuais. Os fluxos dos mares demonstram o dinamismo da região e sua polaridade econômica que atrai capital, mercadorias e outros fluxos para si.

Desta maneira, podemos verificar a grande relevância dos mares, das rotas marítimas e das trocas comerciais para a China hoje e em sua construção histórica. Os mares representam esse contato intenso da China com o Ocidente e com seus vizinhos insulares.

Levando em consideração as águas dos rios, dos lagos e dos mares, começamos a construir uma análise sobre o território chinês que atrai um olhar especial para a região mais próxima do seu litoral. Nessa região podemos verificar uma capilaridade maior dos rios, uma grande presença de lagos e represas e a grande linha costeira que permite grandes atividades portuárias. No entanto, antes de caminharmos para uma última análise desta região e da geografia que a conforma, devemos observar a paisagem formada pelos cursos d'água.

As paisagens de arroz descritas por Panzini (2012, p.355-356) e as milenares técnicas de alagamento chinesas, trazem para nosso

mapeamento das águas a materialidade histórica do desenvolvimento agrícola da região. As paisagens de arroz e as técnicas empregadas foram determinantes para que a China que conhecemos hoje se consolidasse e se desenvolvesse como berço fértil de filosofias, culturas, técnicas e tecnologias.

A técnica de plantio por alagamento é mais conhecida no Ocidente pela sua forma paisagística (Fig. 12), que produz vários espelhos d'água nos quais é plantado o arroz. Essa técnica, muito aplicada em todo o sudeste asiático, permitiu o aumento da produtividade dos terrenos, além de uma celeridade nas colheitas de arroz que chegam a produzir até duas vezes ao ano. As paisagens de arroz, tratadas por Panzini (2012), foram resultado do controle hidráulico e de obras de engenharia ambiental, corroborando com a sua importância histórica na coesão social destes territórios. “As obras de engenharia ambiental que foram necessárias para predispor os lugares a essas culturas [de arroz] levaram também ao nascimento de civilizações cuja coesão vinha justamente da capacidade de controle hidráulico” (PANZINI, 2012, p.355-356). A coesão pelo controle hidráulico está diretamente ligada a dois fatores: previsibilidade da colheita e disponibilidade total de alimento. Dessa forma, o Estado não é responsável apenas por organizar a produção nas disciplinas econômicas, mas também na sua própria cosmologia. Ou seja, é dever do Estado organizar o controle produtivo por meios materiais (de obras de infraestrutura) e imateriais (representando o Céu com honra na terra).

Fig. 12 - Paisagens de arroz.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Durante a dinastia Shang (1500 a 1045 AEC), foi também revisto o calendário que deixou de ser lunar e passou a ser solar, alterando assim a compreensão da duração de um ano de 354 dias para 365 (MACEDO, 2020, aula 2, 19 '00 "). Ao calcular tão precisamente o número de dias no ano, as estações para plantio e colheita passam a ser mais precisas e a produção de alimentos é incrementada. Para Panzini (2012, p. 352-354) é nesse período que é aperfeiçoado o método de plantio mais eficaz do arroz. Os campos eram inundados e as plantas transplantadas para o véu de água que se formava. Esta técnica só foi possível por um sistema de canais e eclusas que conduziam as águas de acordo com a necessidade de enchimento ou esvaziamento.

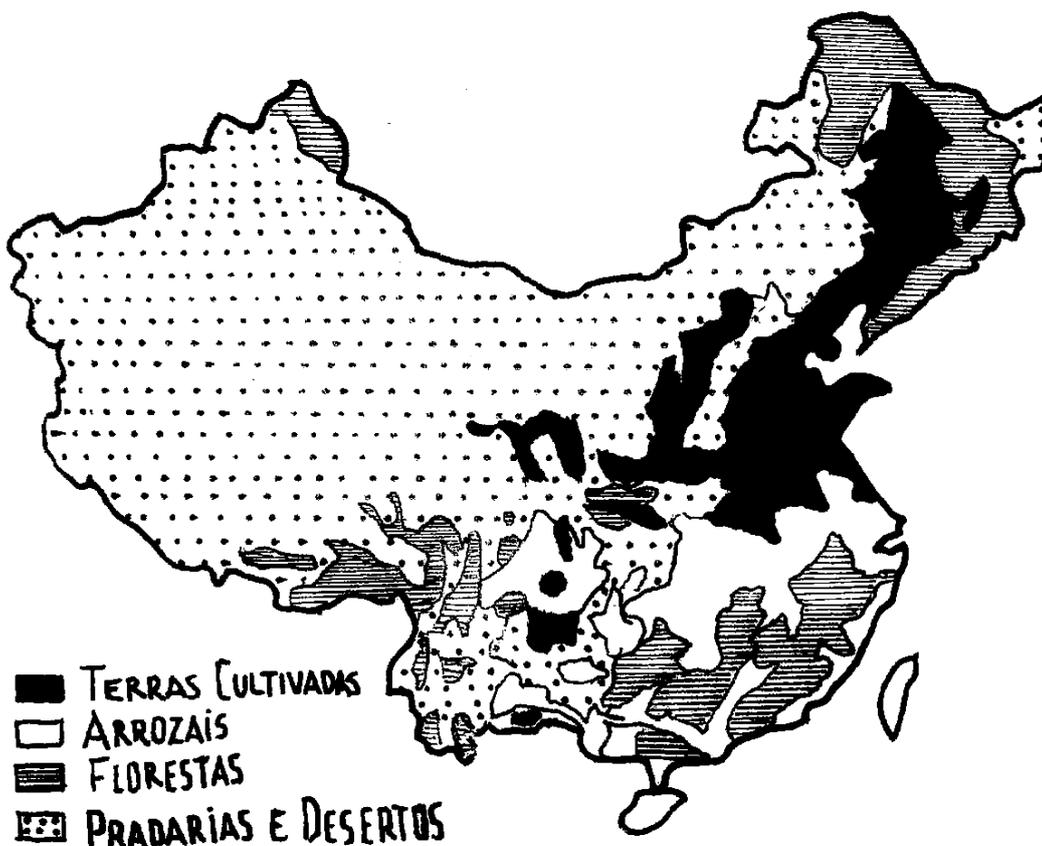
Em muitos países asiáticos, ao contrário, o alagamento artificial das glebas delimitadas para a produção do arroz se tornou a principal forma de atividade agrícola:

desenvolveram-se métodos para limitar a perda de água na percolação do solo, refinaram-se as técnicas de transplantação, aperfeiçoaram-se calendários e procedimentos ligados à paisagem das Monções, de forma a obter, onde as condições climáticas permitiam, várias colheitas ao ano. [...] Esse método de cultura do arroz transformou inteiramente a paisagem, esculpindo as montanhas e rever descendo ambientes estéreis. (PANZINI, 2012, p. 354-355).

Podemos destacar que a civilização chinesa, durante sua idade do bronze, há quase quatro mil anos atrás, já apresentava aspectos de uma relação homem- ambiente que relacionava alimentação, sobrevivência, emprego de técnicas de cultivo, matemática, astronomia, princípios de contabilidade, ordenamento estatal e política. Tudo isso alinhavado por uma produção ética e estética do ambiente.

A Fig. 13, apresenta as disposições dos recursos terrestres no território chinês. Nela, podemos observar uma grande concentração de terras desérticas, planícies e pradarias ao oeste e uma quantidade expressiva de terras produtivas a nordeste e de produção de arroz à leste no vale do Changjiang e ao sul próximo às grandes áreas de florestas. Desta forma, podemos observar que, tanto a distribuição das águas, quanto das terras férteis seguem uma divisão desigual no território chinês, de tal sorte que o leste e a zona costeira parecem contar com mais recursos enquanto o oeste, em especial as regiões autónomas do Tibet, do Xinjiang e da Mongólia.

Fig. 13 - Disposições dos recursos terrestres no território chinês.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Qiu; et al (2022).

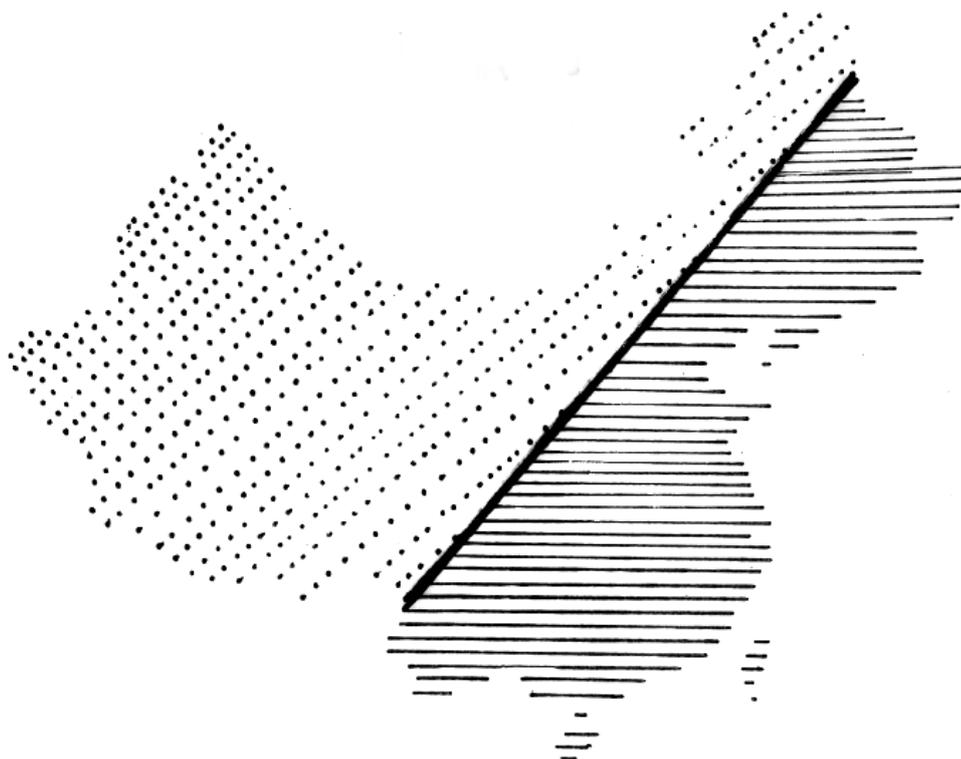
O resultado da relação com as águas (mares, lagos e rios) e das terras produtivas traz um importante aspecto geográfico que foi observado em 1935 pelo geógrafo Hu Huanyong (胡焕庸 - Húhuànyōng), a linha Hu, ou Heihe-Tengchong (黑河-腾冲线 - Hēihé-Téngchōng xiàn) (CHEN; et al, 2016) (Fig. 14). A linha Hu foi proposta com o objetivo de demonstrar a diferença territorial na densidade populacional chinesa (CHEN, et al, 2016, p.1594).

Ela divide o território começando na cidade de Aihui (renomeada em 1983 para Heihe) no Nordeste até o condado de Tengchong no Sudoeste (CHEN, et al, 2016, p.1597). Essa divisão territorial, feita por Hu Huanyon,

foi considerada uma das grandes proposições científicas da história da China contemporânea e guia, até hoje, boa parte do planejamento territorial, urbano e econômico do país.

A linha Hu representa uma divisão da densidade demográfica na qual 43% do território, na porção a leste, abriga 94% da população, enquanto os outros 57% do território são ocupados por apenas 6% da população (CHEN, et al, 2016, p.1594). Do ponto de vista do planejamento territorial, a linha passou a representar um desafio a ser superado. Para os planejadores e legisladores, o desenvolvimento equânime chinês depende da superação das fronteiras da linha, de modo que o meio urbano deveria se desenvolver não só na costa leste, mas em grandes cidades do nordeste. Para tanto, seria necessário implementar complexos fabris que agissem como motor desse desenvolvimento.

Fig. 14 - Linha Hu.



Entretanto, como afirmado por Chen Mingxing et al (2016, p.1609), devido às profundas raízes geográficas, a linha não foi superada desde a sua proposição em 1935. Os autores defendem que não há condições ou motivos para superá-la. As planícies e planaltos do norte e do oeste não apresentam aspectos significativamente fortes para a manutenção da ocupação humana. O noroeste do país é “formado por planícies e bacias com pequenas e estreitas áreas habitáveis, e tem um clima seco, com água disponível apenas na forma de neve derretida das altas montanhas, de canais artificiais e de poços excepcionalmente profundos” (CHEN, et al, 2016, p.1594).

Dessa maneira, a desigualdade territorial deve ser observada a partir de outras lentes que não a da distribuição dos recursos naturais. O que os autores propõem (CHEN, et al, 2016, p.1609), é que, ao invés de se tentar romper com o padrão demográfico apresentado pela linha Hu, seja articulado um processo de urbanização e qualificação das áreas a oeste que leve em conta os distintos recursos e capacidade de carga ambiental além do potencial de desenvolvimento econômico e social de diferentes lugares. Assim, a linha passa a representar uma tomada de consciência da situação e não o problema em si. O problema está na qualidade da urbanização do oeste, e justamente pela distinção, esta se torna uma importante área para propor novos modelos de urbanização, planejamento e desenvolvimento.

O capítulo a seguir trará a narrativa de dois projetos importantes para a construção da relação entre os chineses e as águas, a história de Yu, o Grande na contenção das enchentes e monções, e a construção do Grande Canal que é considerada a maior obra de engenharia pré-Revolução Industrial.

3.2. Yu, o Grande (大禹 - Dà Yǔ)

Um dos mais antigos e notórios mitos chineses é a história de Yu (禹 - Yǔ), um herói e semideus que controlou as águas dos rios e evitou inundações, salvando milhares de vidas com seu trabalho árduo.

A história é representada em diversas peças arqueológicas como o Suigongshui (遂公稅 - Suì gōng shuì), que é um recipiente de bronze que faz parte do acervo do Museu de Poly Artes de Pequim e no qual estão gravados 98 ideogramas que contam as façanhas de Yu (YANG; AN, 2011). Estima-se que o vasilhame tenha cerca de 3000 anos, de modo que é possível imaginar que neste período, a história de Yu já fosse difundida e fizesse parte da formação social dos povos que habitavam a região da atual província Shandong (Fig.15 e 16). De acordo com Lihui Yang, Deming An e Jessica Anderson Turner (2005, p. 6 a 14) (ver também: YANG; AN, 2011, p. 25 a 31) a história do controle das águas aparece também em livros antigos como: o Shanhaijing (山海经 - shān hǎi jīng), o livro das montanhas e dos mares, considerado como uma enciclopédia da China antiga que documenta sua geografia; o Chu Cí (楚辞 - chǔ cí), ou Versos de Chu, escrito durante o período dos Estados combatentes (475 AEC. a 221 AEC.) e; o Huainanzi (淮南子 - Huáinánzi) de 139 AEC, escrito e compilado por Liu An, que preservou diversas histórias antigas chinesas. Assim, o mito de Yu é parte importante da mitologia, da história e da simbologia chinesa.

A história de Yu tem início com seu pai, Gun (鯀 - Gǔn), herói criador do arado, da cidade murada e da domesticação do gado (YANG; AN; TURNER, 2005, p.129).



Fig. 15 - Sui Gong Yu.

Fonte: <http://www.g610.com/xianqin/suigongxu.htm>

Fig. 16 - Sui Gong Yu 2.

Fonte: <http://www.g610.com/xianqin/suigongxu.htm>

Um dia, Gun - ou Kun como em BIRRELL (1993, p. II, 41, 79-82, 84, 121, 122, 146, 190, 202, 214, 222) - observou que um pedaço da via láctea estava vazando dos céus e que seu vazamento na terra traria uma gigantesca inundação. Para tentar tratar essa catástrofe, Gun é designado como responsável por salvar a terra e as pessoas da grande inundação. Para tanto, ele decide por represar as águas que jorravam, então vai aos céus e rouba Xirang (息壤 - xīrǎng)², para conseguir completar sua missão. Xirang é uma terra de auto crescimento que ao ser cavada cresce ainda mais. Lutando contra as águas junto com Xirang, Gun consegue deter as enchentes por anos, mas quando a terra não consegue mais deter as águas a inundação se torna ainda pior. O deus supremo descobre o roubo, se enfurece e ordena ao deus do fogo que mate Gun como punição. Ao ser morto, o corpo de Gun não se decompõe, mas fica preservado por muito tempo. Vendo o corpo preservado, decidem abrir sua barriga para saber o que se mexia. Ao abrirem sua barriga, emerge Yu. O corpo de Gun, a depender da fonte, se torna um urso amarelo ou um dragão amarelo que deixa o monte Yushan em Taiwan e mergulha para a região de Henan. Por esse motivo, em boa parte dos cultos e templos dedicados a Yu, não são oferecidos ursos em sacrifício. Ao nascer milagrosamente da barriga de seu pai, o semideus Yu surge montado em um Dragão.

A tarefa designada pelo rei Yao a Gun, de curar as águas, passou então para seu filho Yu, que aprendeu com os erros do pai. Ao invés de tentar lutar contra as águas represando- as, e, conseqüentemente, piorando as

² Não confundir com Xi Rang (希壤 - Xīrǎng) a plataforma de metaverso criada pelo Baidu

enchentes, Yu opta por cavar canais e criar represas que escoam as águas de maneira controlada para outras regiões e até o mar.

O semideus dedicou-se arduamente à tarefa de controlar as águas e não descansou até cumpri-la 13 anos depois. Neste período, ele passou em frente a sua casa por 3 vezes, e mesmo querendo entrar, não o fez, pois, sentia que deveria cumprir sua missão antes de retornar. Trabalhou tanto que um lado de seu corpo ficou paralisado e ainda assim continuou seu trabalho. Mesmo quando seu filho nasceu, ao ser avisado, Yu decidiu continuar com seu empenho para salvar a todos das enchentes (YANG; AN; TURNER, 2005, p.238), tornando-se um exemplo de abnegação e dedicação.

A ideia de cavar canais surgiu quando, no início de sua jornada, Yu percebeu que a cauda do dragão Yinglong, ao tocar a terra, abriu um longo veio no chão que desaguou no mar e acalmou momentaneamente as águas. Compreendendo o erro de seu pai em lutar contra a força da natureza, ele começa a cavar trincheiras que passam a escoar as inundações. As pessoas, admiradas pelo esforço e os resultados das ações de Yu, juntam-se a ele na tarefa de cavar. Desta maneira, Yu conseguiu mobilizar o povo, os dragões e outras criaturas mágicas para construir canais e represas que atuassem em favor das águas, dando vazão nos períodos de enchente e represando-as nos períodos de seca. A popularidade de Yu, seu grande esforço, sua capacidade de aprendizado e engenho foram determinantes para que, posteriormente, ele se tornasse sucessor do imperador e estabelecesse a primeira dinastia, a dinastia Xia (2070 - 1600 AEC) (YANG; AN; TURNER, 2005, p.31).

O mito de Yu é relevante na história chinesa, tanto pelo seu simbolismo meritocrático quanto pela sua representação da relação homem-natureza. O herói, que abdica de sua vida por um propósito, se torna símbolo da importância do trabalho, da abnegação para o bem de todos e do compromisso em cumprir sua função. Ele também representa a relação homem natureza intermediada pela técnica, pela observação e pelo conhecimento. O céu, os deuses e as forças da natureza são elementos acima do controle dos homens. A técnica, o conhecimento e o trabalho, são os elementos que permitem aos homens equalizar sua relação com os anteriores. Apesar de parecerem grupos antagônicos, estes elementos não se apresentam claramente distintos uns dos outros na história de Yu.

O herói é um semideus, assim como seu pai, portanto representa uma conexão entre os homens e os deuses, o céu e a terra. É através da conexão entre o céu e a terra que tem início a crise. O pai busca a resposta para ela no céu, nas criaturas divinas, mas é o filho que a resolve pelo trabalho, pelas pessoas, pela terra e pela técnica. Apesar de ter um lado divino, que contribui para seu nascimento e para sua conexão com outras divindades, é do trabalho - seu lado humano - que se extrai o simbolismo de sua história. É a partir da compreensão da natureza da água que Yu desenvolve a técnica. É a partir do seu exemplo que os homens o seguem. É a partir do emprego da técnica e do trabalho - próprio e dos homens - que Yu triunfa. É a partir do seu triunfo que se estabelece o mérito. Por fim, é a partir do mérito que se estabelece a primeira dinastia e o Estado dos homens.

O mito serve como modelo moral que aponta valores desejáveis para o seu povo, como: determinação e trabalho árduo; liderança pelo exemplo; emprego da técnica e conhecimento; observação e harmonia com a

natureza e; abnegação e altruísmo. Entretanto, para além desse exemplo moral, o mito também reflete sobre a relação de forças e poder entre homem e natureza. Na mitologia chinesa, já havia um Estado durante o período de Yu, entretanto, os imperadores eram deuses, de modo que ele passa a representar também essa tomada de poder para os homens. Deste movimento, associado com a passagem do trono para herdeiros, estabeleceu-se a primeira dinastia.

Há, na mitologia chinesa, uma série de outros contos sobre inundações, passados de geração em geração pelos distintos povos que habitavam os vales do Rio Amarelo e do Changjiang. Trata-se de tantos mitos com elementos comuns e singulares que a mitóloga Lihui Yang (YANG; AN; TURNER, 2005, p.21) dedica o subcapítulo “Myths in Other Ethnic Groups: Flood Myths” para compreender suas representações. Os mitos em torno de inundações não são uma exclusividade chinesa, como demonstra David R. Montgomery (2016, p. 539), e frequentemente representam um recomeço da humanidade. Entretanto, em Gun e Yu, o mito não é sobre o recomeço de uma humanidade que não mais agradava seu(s) deus(es), ele não tem essa função de purificação. Nele, a inundação é um problema inerente ao ser humano e, caso ele queira continuar existindo naquele ambiente, deve lidar com ela. A lida errada de Gun piora a situação, mas a boa lida de Yu melhora a vida das pessoas. Assim, a transição de uma sociedade guiada pelos desejos divinos para uma sociedade em que os homens dirigem o próprio destino por meio do Estado passa pelo emprego de técnicas para harmonia com a natureza.

Em outras palavras, o mito de Yu carrega um exemplo de como o homem deve se posicionar em relação ao ambiente em que habita. Ele deve

trabalhar arduamente para que a natureza possa seguir seus fluxos. A água da chuva, do degelo e dos rios desce em direção ao mar, então o homem não deve impedir seu curso. Deste entendimento é que surge a ideia de harmonia, uma coexistência que permita a ocupação, que é natural dos seres humanos, e o fluxo, que é natural das águas. Assim, parte-se da premissa de atuação sobre o ambiente para que o homem possa habitá-lo. A ação de Gun não compreendia a natureza das águas, portanto não foi capaz de promover um ambiente adequado para a habitação humana. Dessa forma, o mito valoriza a observação da natureza antes do emprego da técnica para permitir que ela mantenha seus fluxos e garantir, assim, a harmonia entre a ocupação humana e as águas.

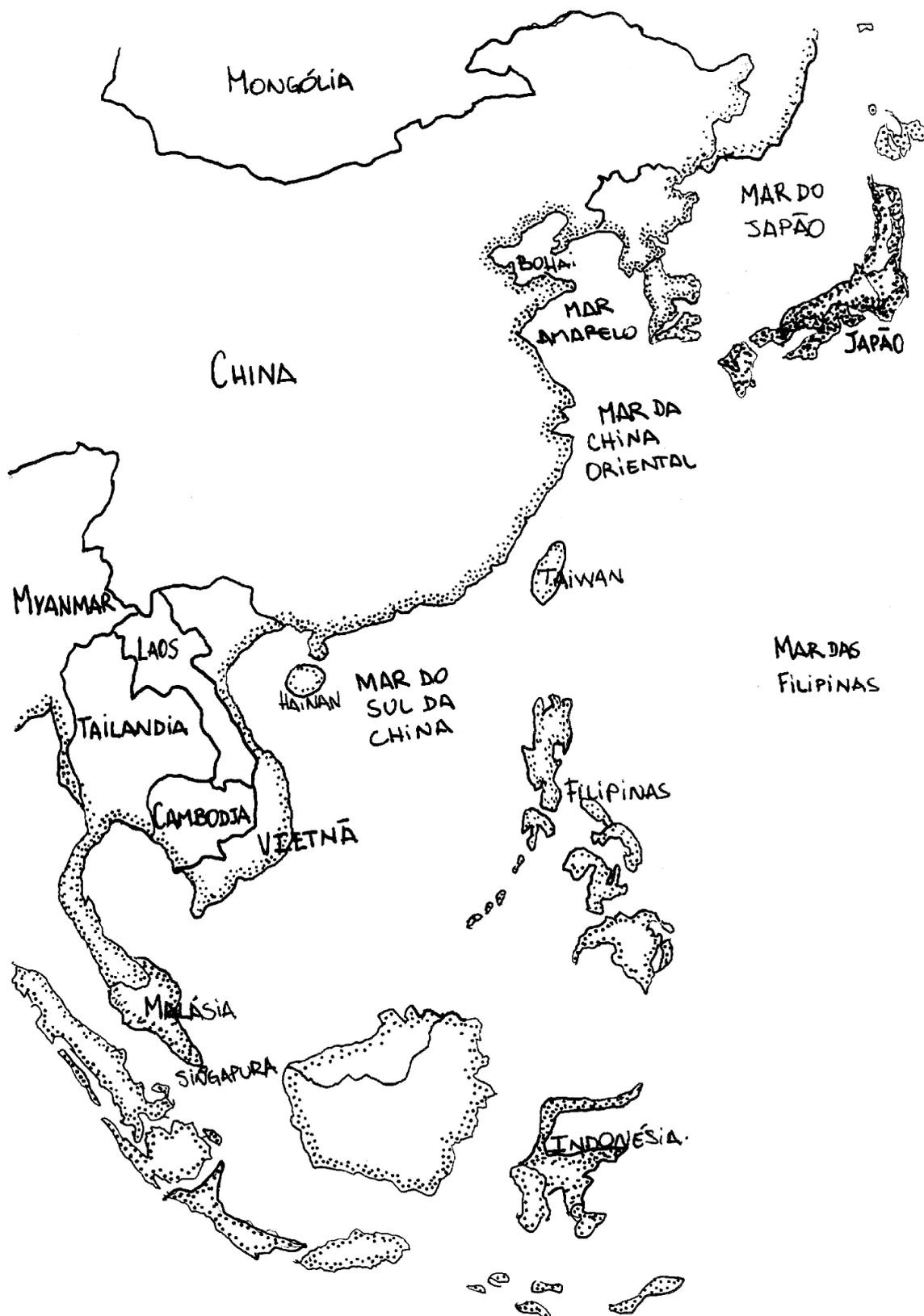
3.3. O Grande Canal (大运河)

O Grande Canal é uma das maiores e mais antigas obras de engenharia de que se tem registro na história. Trata-se de um sistema de canais que conecta Beijing a Hangzhou, conectando as águas do Rio Amarelo, do Changjiang e do Qiantang, os principais rios chineses. Sua construção teve início no século V AEC, e sua conexão completa entre o norte e o centro sul do país ocorreu no século VII EC, durante a dinastia Sui (589- 618 EC), que o concebeu como uma forma de unificar o império. De acordo com a UNESCO (2023), no século 13 EC, o Grande Canal possuía mais de 2.000 km de vias navegáveis e ligava cinco bacias hidrográficas da China. Ele foi fundamental para a prosperidade e estabilidade do país e ainda é usado como meio de comunicação.

O traçado do Grande Canal, que vai do norte para o sul é dividido em diversos trechos (Fig. 17): o trecho do Rio Tonghui que é de Beijing até Tianjin chamado de canal do norte; o trecho do canal do sul que passa pelas cidades de Cangzhou e Dezhou e pelo rio Wei; o trecho do canal Yongji que passa por Xinxiang e Jiaozuo; o trecho do rio Huitong que passa por Liaocheng e Jining; o canal Tongji que está abandonado, mas começa em Luoyang, passa por Zhengzhou, Kaifeng, Shangqiu e Suzhou (宿州市)³ até o rio Bian; o trecho chamado de rio do Meio que vai até a cidade de Huai'an; de Huai'an tem início o canal Huai Yang que passa por Yangzhou e termina em Zhenjiang; o trecho do canal Jiangnan passa por Changzhou,

³ Não confundir Suzhou (宿州市) da província de Anhui e com sua homônima Suzhou (苏州市) da província de Jiangsu. A primeira aparecerá apenas neste momento do texto, já a segunda é conhecida como Veneza da China pelo seu sistema de canais e aparecerá repetidas vezes ainda.

Fig. 17 - O Grande Canal.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Wuxi, Suzhou (苏州市), Jiaxing e Hangzhou; por fim, o último trecho é o do canal leste do Zhejiang que passa por Shaoxing e chega a Ningbo.

Geograficamente, o conjunto de canais que forma o Grande Canal conecta a Planície do Norte da China, a área das colinas de Shandong a leste, a montanha Taihang a oeste, o delta do rio Changjiang e a Planície de Ningshao (Fig. 17). Isso significa também que, por meio deste sistema, as bacias dos rios Hai, Amarelo, Huai, Changjiang, Qiantang e Yong são conectadas e se tornam navegáveis entre si. Dessa conexão, o sistema de águas do Grande Canal permite distintas formas de escoamento de produtos, serviços, impostos e tropas militares, mas também águas, o que é de grande relevância para evitar enchentes durante as monções e distribuí-las durante os períodos de seca.

Distribuir águas na escala que o grande canal distribui, requer importantes conhecimentos e avanços no campo da engenharia. A começar pelo desafio do assoreamento causado pelas águas terrosas do Rio Amarelo. Esse processo demanda constante manutenção dos canais, tecnologias para desvio e controle dos fluxos e muita mão de obra. Outro desafio, são as enchentes provocadas pelas monções que trazem consigo grandes quantidades de detritos, causam assoreamento quando não causam o transbordo dos canais ou rompimentos de barreiras. Desta forma, além do valor da obra para concepção e criação, o Grande Canal representa também o esforço vivo de gerações que o mantiveram por tantos séculos. O relatório da State Administration of Cultural Heritage of People's Republic of China, submetido à Unesco em 2014 para a nomeação do Grande Canal como patrimônio cultural da humanidade, exemplifica esse desafio.

2.a-9-1-4-1 Construir enseadas em vez de eclusas Para resolver os problemas causados pela grande diferença no fluxo de água, foram feitas enseadas para regular a inclinação da superfície da água dos cursos de água e diminuir o fluxo para o transporte marítimo com base nos cursos d' água naturais do Canal Nan⁴. Dessa forma, as características hidráulicas dos cursos d'água foram reguladas sem a construção de eclusa e as necessidades da corrente principal para escoamento de cheias foram atendidas para que a capacidade do canal para navegação fosse melhorada. Em termos de eficácia abrangente, conclui-se que “três enseadas equivalem a uma eclusa”. As enseadas feitas pelo homem refletem que projetos e planos científicos foram feitos para os projetos relacionados ao antigo canal. 2.a-9-1-4-2 Projetos de Consolidação de Diques⁵ e Proteção contra Enchentes

O terreno do Canal Nan é alto. Algumas seções são mais altas que o solo em ambos os lados e eram controladas por diques. Com muitas curvas, os diques provocavam facilmente o colapso das barragens. Além disso, existem muitas seções perigosas. Para resolver o problema, as barragens foram consolidadas com taipa de pilão. A consolidação do trecho perigoso do Canal de Nan, bem como a gestão do projeto hidroviário por lavagem e assoreamento com inundações e consolidação dos diques com sedimentos refletem as características das antigas técnicas de engenharia para controlar os rios com diques e gerir o rio usando os próprios recursos fluviais. (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.274) (tradução nossa).

Dessa forma, na construção do Grande Canal é possível observar o aproveitamento do material das enchentes e do assoreamento como tecnologia para prevenir os próprios danos gerados por esses fenômenos. Nesse sentido, o controle de águas apresentado pelo sistema dos canais

⁴ Canal Nan ou “trecho do canal do sul”.

⁵ Diques aqui como estruturas construídas ao longo das margens de rios ou canais para prevenir inundações, e não como barragens.

expressa o grande conhecimento de engenharia acumulado historicamente na região.

A dimensão do projeto do Grande Canal é tamanha que não foi superada em distância, área, recursos empregados e tempo até a Revolução Industrial. De acordo com o relatório de nomeação do projeto para Unesco (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.44), o Grande Canal foi fundamental para sistema Caoyun e, portanto, da unificação do Império chinês e sua manutenção durante as dinastias Sui (581-618 EC), Tang (618-907 E.C.), Song (960-1279 EC), Yuan (1279- 1368 EC) e Ming (1368-1644). O Caoyun é um conceito histórico exclusivo das dinastias chinesas que denomina o sistema de impostos empregados. Esse sistema era centralizado pela administração imperial que ativamente cavava canais com a intenção de recolher, transportar e distribuir, os grãos do império. Nele, os canais exerciam um papel central para levar os grãos para as áreas que necessitavam, ou portos de recolhimento, e coletar das áreas mais férteis. Além disso, era pelos canais que se mantinham as linhas de suprimentos para os exércitos. O Estado cavava os canais, mantinha e gerenciava suas águas e tráfego, o que garantia um grande controle sobre o território, o canal e os fluxos de mercadorias. O controle centralizado dos fluxos, significa que lideranças locais precisavam de menos poderes e autonomias frente ao Governo Central, o que dificultava processos insurgentes, e foi fundamental para estabilização do império em diversos momentos. O controle centralizado também possibilitou distribuir os grãos pelos povos após perdas de produção, como por intempéries, o que mantinha a satisfação da população em relação aos imperadores que o faziam. Esse

sistema tem relação direta com a capacidade de manutenção material, logística e tributária do império chinês.

Os primeiros registros do sistema Caoyun datam das dinastias Qin[6] (221 - 207 AEC) e Han (202 AEC - 220 EC). Neste período, o uso do sistema visava à expansão dos domínios imperiais e o abastecimento da capital (THE PEOPLE 'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.438). Foi apenas nas dinastias Sui (589-618 EC) e Tang (618- 907) que o sistema se estabilizou e passou a aplicar métodos organizados para coleta e distribuição dos grãos, a registrar as quantidades anuais nominais e, assim, tornou-se um sistema econômico abrangente e integrado (THE PEOPLE 'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.439).

Por ser uma peça fundamental nas guerras e na manutenção das estruturas de poder da China antiga, o Grande Canal também se tornou alvo daqueles que buscavam mudanças nas estruturas de poder. Dessa forma, quase todos os trechos do Grande Canal foram destruídos e reconstruídos ao longo da história. No relatório de nomeação do Grande Canal como patrimônio da Unesco, (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.319 a 436) os 10 primeiros itens do capítulo 2.b History and Development, por mais de 100 páginas, narra-se a construção de cada trecho do canal, seu uso, sua eventual destruição por abandono enchente ou guerra, e sua reconstrução. Deste modo, o patrimônio preservado é fragmentado: um conjunto de áreas de diferentes épocas, com distintas construções, tipologias e significados.

Visitando Suzhou e Hangzhou, foi possível compreender a diversidade de histórias que cada fragmento é capaz de trazer consigo. São

tipologias diferentes, empregos distintos das águas e relações com a cidade e o ambiente que não se repetem.

Fig. 18 - Suzhou.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Kue (s.d.).

Fig. 19 - Pingjiang (área de conservação) em Suzhou.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, (2014, anexo i).

Em Suzhou (Fig. 18), os canais da área de Pingjiang são estreitos e seguem paralelos às ruas, configurando um formato denominado de tabuleiro de xadrez duplo (Fig. 18)(Fig. 19). Por serem estreitos, apenas pequenas embarcações são capazes de trafegar por eles, o que os torna uma importante atração turística, nos dias de hoje. O tabuleiro de xadrez duplo, é a denominação dada pela observação da malha de canais paralela à malha de ruas, ambas traçadas em eixos verticais e horizontais perpendiculares uns aos outros e formando quadrículas edificadas. As águas dos canais em Suzhou tem um uso público como ruas, mas também um uso privado para os jardins.





Fig. 20 - Canal de Suzhou.
Fonte: Danilo Caporalli.

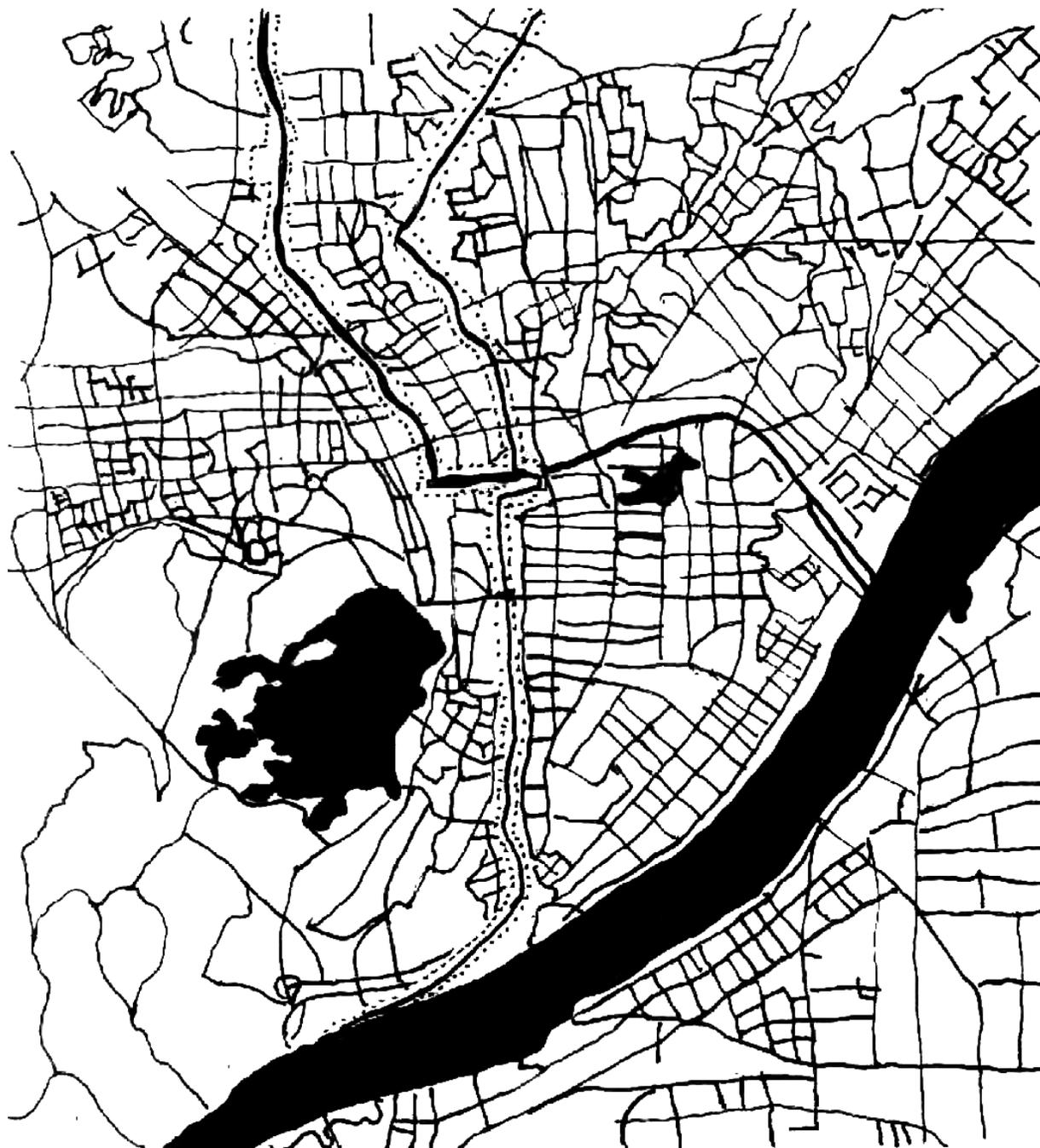
Fig. 21 - Canais de Suzhou no ano novo Chinês.
Fonte: Danilo Caporalli.

Em Hangzhou, o Canal se conecta com o rio Qiantang e possui largura e profundidade maiores do que as de Pingjiang em Suzhou (Fig. 20 e 21). O trecho de Jiaxing a Hangzhou ainda transporta cargas e representa uma importante conexão para a região do delta do Yangtzé. Na área de conservação de Qiaoxi, a oeste da ponte Gongchen, o sítio histórico também representa a importância do Canal e seus usos na ocupação humana.

Uma das mais interessantes fontes históricas que retratam o dinamismo da região de Hangzhou, e do Grande Canal como um todo, é o relato do coreano Ch'oe Pu, ou Choe Bu (1454 - 1504). Ch'oe Pu era um oficial coreano cujo navio se perdeu nas águas do Mar Amarelo e do Mar da China Oriental e foi parar próximo a Taizhou (台州市) na província de Zhejiang em 1488 EC. Nesta ocasião, o oficial e seus homens seguiram até Ningbo (宁波市) e, de barco pelos canais, foram até Hangzhou onde

relatou: “Realmente parece ser um mundo diferente, como dizem as pessoas” (BROOK, 1998, p. 43) (tradução nossa).

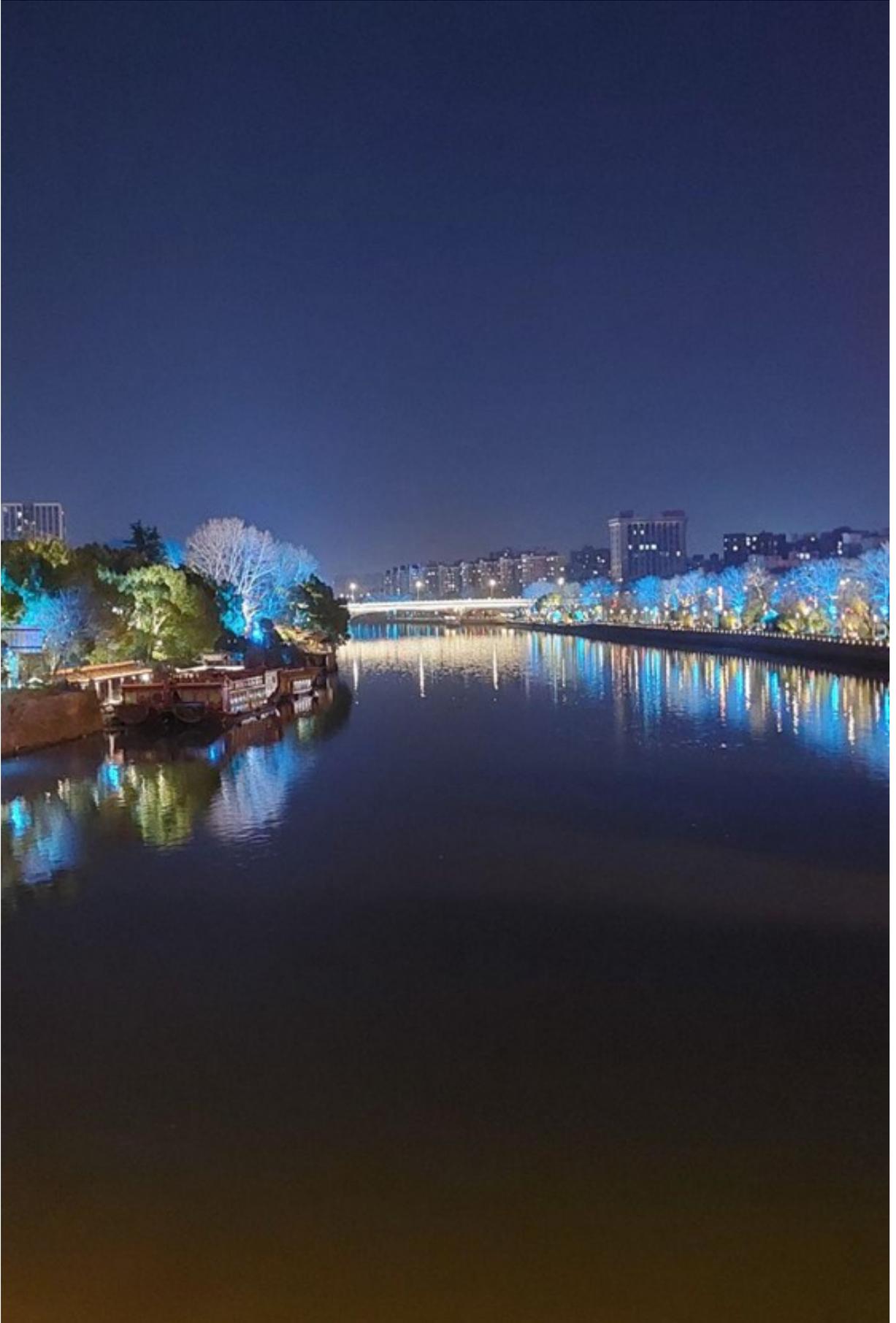
Fig. 22 - Mapa do grande canal em Hangzhou e a conexão com o rio Qiantang a sul.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O uso dos canais para transporte de grãos foi abandonado, mas o uso para navegação e transporte de bens continua até os dias de hoje, chegando em 2011 ao montante de 115 milhões de toneladas (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.224). Os trechos do canal de Hangzhou foram inicialmente cavados por volta de do século V AEC, refeitos no século VII EC pela dinastia Yuan (1279-1368 EC) e completados durante os séculos 10 e 11 EC (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.221). Por conta desse dinamismo no uso dos canais da região de Jiaying a Hangzhou, vários povoados se desenvolveram e Qiaoxi é um exemplo histórico. Qiaoxi costumava ser a área comercial mais movimentada de Hangzhou, dando origem ao mercado noturno da passagem norte (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.232). Atualmente é um local importante para entender as funções de rios e pontes e o contexto histórico da área costeira da seção do Canal. A área está bem preservada, com 39,6 hectares, e ainda é um importante centro residencial e comercial no norte de Hangzhou (Fig. 23) (Fig. 24) (Fig. 25).

Parte do dinamismo da área se deve aos mercados que se aproveitavam do duplo fluxo de pedestres e de embarcações para fazer negócios, mas muito também se deve à ponte Gongchen que facilitava o trânsito entre as duas margens do canal (Fig. 24). A ponte foi construída em 1631 EC e posteriormente reconstruída em 1717 EC; ela mede 98 m de distância, 5,9 m de largura e 16 m de altura (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2014, p.231). Construída com estaqueamentos em madeira, a ponte possui três arcos em pedra e seu arco central foi construído para possibilitar a passagem de grandes embarcações de carga que circulavam no canal no período de sua construção.



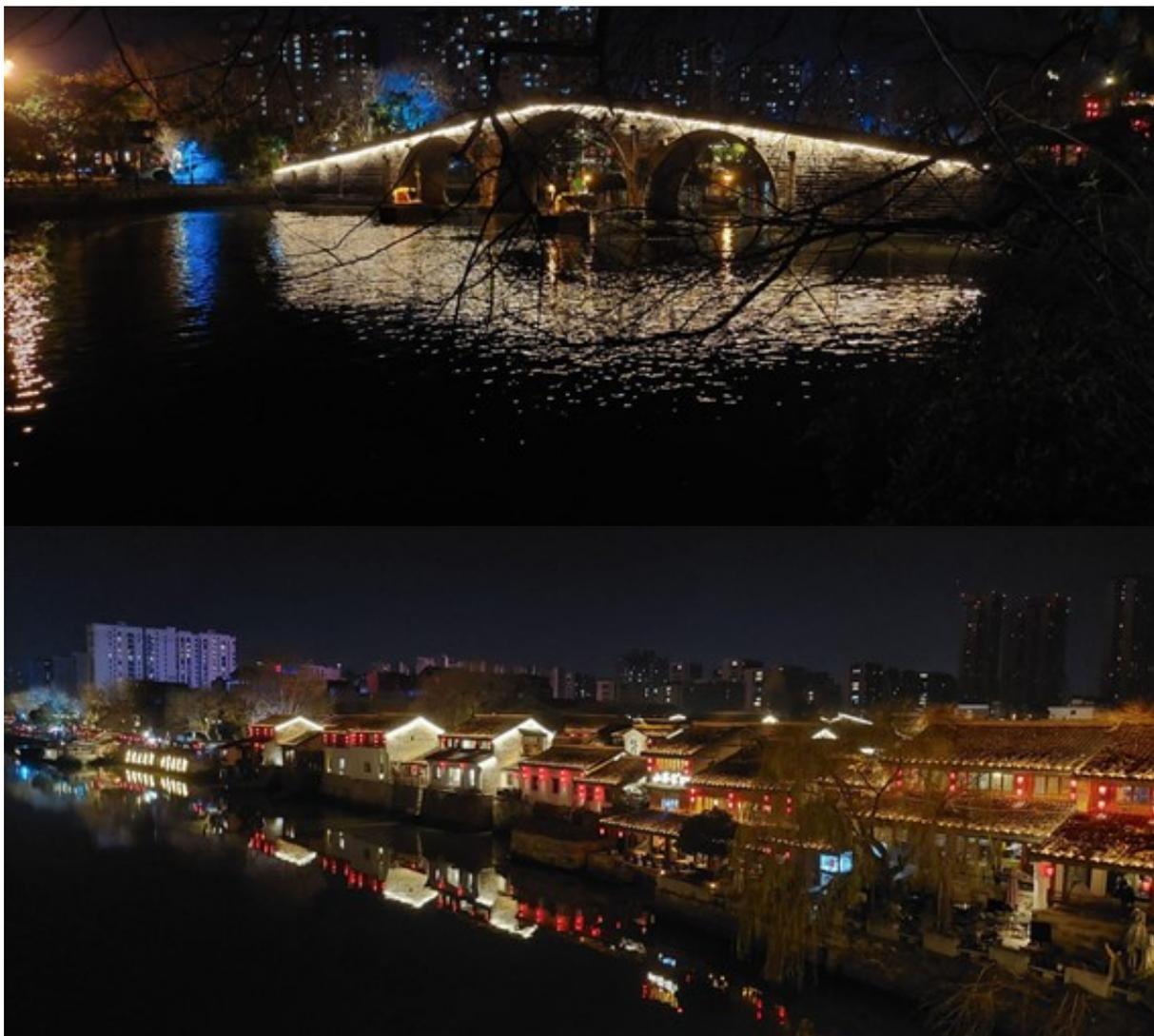


Fig. 23 - Qiaoxi a noite vista da ponte Gongchen.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 24 - Ponte Gongchen.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 25 - Vista da Ponte Gongchen.
Fonte: Danilo Caporalli.

Ch'oe Pu, em seus relatos, apresenta o dinamismo de Hangzhou. De acordo com ele, a cidade era movimentada, as casas construídas umas coladas às outras em fila, as pessoas se vestiam com roupas belas e coloridas e os mercados eram abundantes. Essas características somam-se à presença de barcos de outras regiões, o que indicava para o oficial que a cidade atraía mercadores de outras partes do país. O dinamismo atraía também aos contrabandistas de perfumes, madeira de sândalo e pimenta, que traziam mercadorias do sudeste asiático e do oceano Índico (BROOK, 1998, p. 43-44).

Em outro relato, o de Marco Polo que se passa entre 1271 e 1295 EC, aproximadamente 200 anos antes de Ch'oe Pu, o mesmo espírito agitado é atribuído à Hangzhou.

A cidade tem cem milhas de circunferência; tem doze mil pontes de pedras, cujos arcos são tão altos, que as maiores embarcações podem passar sob elas sem baixar os mastros. Ergue-se a cidade num pantanal, mais ou menos como Veneza, de modo que sem esse grande número de pontes seria impossível ir de uma rua a outra. Tem ela artesãos e negociantes em tão grande número, que poderia parecer incrível se eu o dissesse.

...A distância entre a cidade e o oceano é de vinte e cinco milhas para o oriente. Vêm para aquele lugar um sem-número de embarcações da Índia e de outros países. O rio pelo qual se transporta todo tipo de mercadorias vem de Quinsai para esse porto. (POLO, 2022, CAPÍTULO LXIV, p. 122-125)

As águas do Grande Canal em Hangzhou transformaram a cidade em um polo da região que passou a concentrar diversos produtos, mercadorias, pessoas, costumes e povos. Assim, diferente do trecho de Pingjiang em

Suzhou, Qiaoxi em Hangzhou se volta para um comércio mais amplo, atraindo embarcações maiores, pessoas de mais longe e se tornando mais diverso. Cada trecho do grande canal apresenta características distintas, mas a preservação de Qiaoxi dá aos seus visitantes uma boa ideia sobre como seria aquela área durante a visita de Ch'oe Pu e de Marco Polo.

Desta maneira, o Grande Canal é símbolo vivo de um modo de agir das antigas civilizações chinesas sobre seu território e suas águas. Concomitantemente, ele auxiliou no manejo das inundações e secas, evidenciou soluções de engenharia para controle de assoreamento e construção de barragens, permitiu a expansão e estabilização do império chinês, possibilitou a coleta e distribuição de grãos e ainda fomentou o comércio e o dinamismo das regiões por onde passa. Todos esses elementos demonstram uma relação dos homens com as águas em que o emprego de técnicas para seu manejo possibilitou uma experiência rica e complexa atravessada pelo Estado.

Assim, a consolidação do Império chinês enquanto estrutura de Estado estável e forte se mostra intimamente ligada ao controle das intempéries da natureza, mas também à capacidade de uso de técnicas para transporte de alimentos pelo reino e, de maneira ainda mais sofisticada, da implementação do Caoyun como um sistema de impostos elaborado e centralizado.

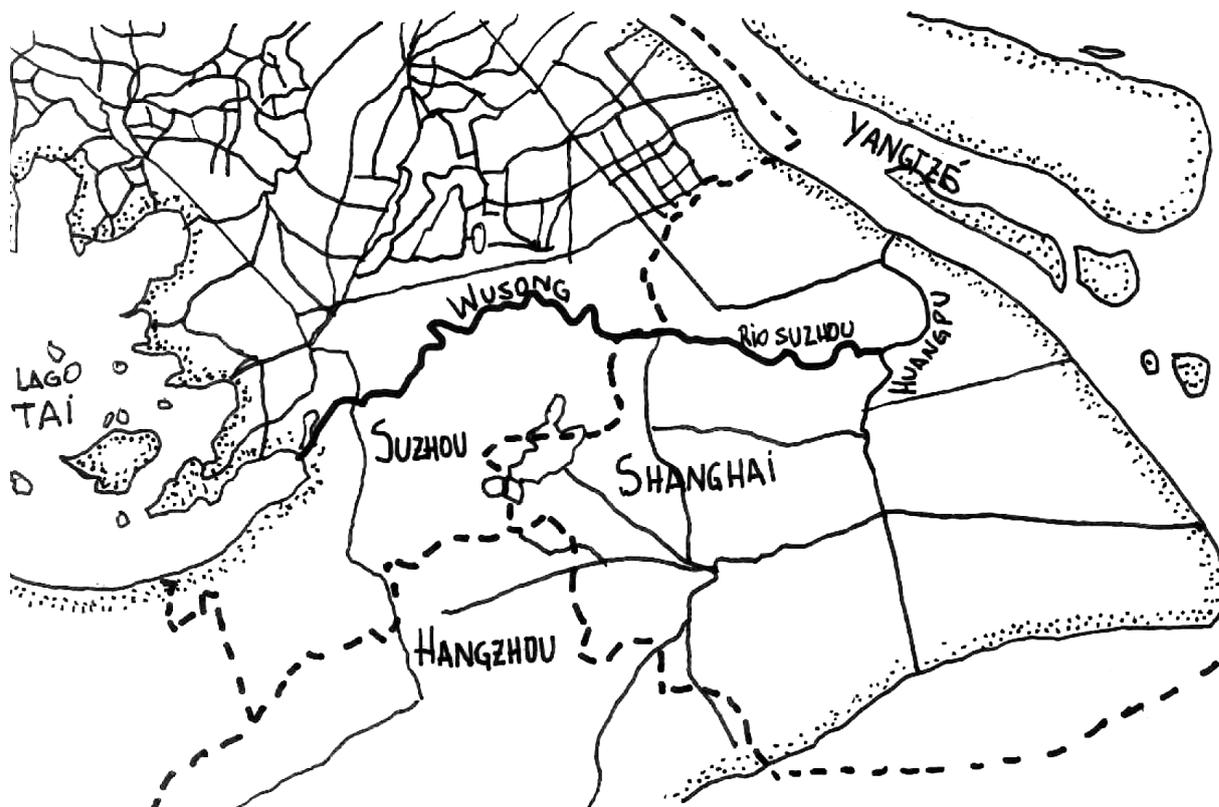
3.4. Rio Suzhou (苏州河)

O Suzhou é considerado o rio mãe de Shanghai e passou por um dos mais importantes processos de requalificação de rios da história da China. O projeto teve início na década de 1990 e é piloto para diversos outros nos últimos 25 anos. Neste trabalho, ele contribui com a perspectiva de um projeto moderno que produz espaços urbanos qualificados e diversifica as relações das pessoas com as águas, à medida que supera os impactos da industrialização no século XX. O rio Suzhou exemplifica o que tem sido planejado e executado em termos de melhorias das águas e orlas urbanas.

O Suzhou é parte do rio Wusong (吴淞江) que tem origem no Lago Tai (太湖), na cidade de Suzhou (苏州市), e segue até Shanghai onde deságua no Huangpu (黄浦江) (Fig. 26). O trecho do Wusong denominado de “rio Suzhou” é a porção final entre o distrito residencial de Beixinjing (北新泾) e o Huangpu. O rio Suzhou tem 125 km de extensão, sendo que 53 deles estão situados em Shanghai, onde aproximadamente 3 milhões de pessoas vivem e trabalham ao seu redor (VOLLMER, 2009, p.3).

Ao longo de sua história, ele passou por diversas transformações, mas foi com as primeiras indústrias de Shanghai, em meados de 1850, que suas águas começam a se tornar poluídas ao ponto de, em 1920, serem registradas como as mais poluídas da China (VOLLMER, 2009, p.3). Assim, o projeto de requalificação teve como objetivo principal melhorar a qualidade da água e o ambiente urbano ao longo da ribeira.

Fig. 26 - Rios Wusong e Suzhou.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Desde o século V, o Wusong é um dos mais importantes rios que dão vazão às águas do lago Tai, de modo que ele se tornou uma das principais vias de navegação, conectando o estuário do Yangtzé com a cidade de Suzhou. Por conta destes dois importantes polos, o rio sempre representou o dinamismo destas duas regiões e possibilitou a efervescência de ambos os mercados. Entretanto, como boa parte dos rios chineses, ele sofreu diversas alterações em sua rota devido a enchentes e processos de assoreamento até chegar à sua atual forma, desaguando no Huangpu.

O processo massivo de poluição do Suzhou tem origem nas guerras do ópio e nos tratados desiguais, que estabeleceram uma divisão do território chinês entre as potências invasoras. Nesta divisão, parte de Shanghai passou a ser controlada por estrangeiros, que estabeleceram

indústrias às margens do rio. As indústrias instaladas desde meados dos anos 1860 passaram a utilizar as águas do Suzhou para despejo de seus resíduos. Posteriormente, nas primeiras décadas do século XX, Shanghai passou por um novo processo que modernizou e expandiu suas indústrias, o que acirrou os níveis de poluição. Antes do início do processo de revitalização, as águas eram conhecidas como “pretas e fedorentas” (VOLLMER, 2009, p.3) até que, ao final da década de 1980, o governo municipal começou um projeto de interceptação do esgoto jogado no rio Suzhou (Xuan Ziyi 宣紫怡, 2023).

De acordo com Xuan Ziyi (2023), o primeiro projeto de melhoria da qualidade das águas do rio Suzhou foi para o controle integrado dos esgotos lançados em 1988. O The Shanghai Sewerage Project - Phase I and II - (SSPI e SSPII) foi responsável por coletar 1,4 milhões de metros cúbicos de despejos de resíduos que eram interceptados diariamente em Shanghai até 1993.

Segundo o portal China.org.cn (2003), publicado sob os auspícios do Gabinete de Informação do Conselho de Estado e do China International Publishing Group (CIPG), a elaboração do projeto de requalificação tem forte influência do SSPI e do presidente Jiang Zemin. Na época, Zemin e o primeiro-ministro Zhu Rongji, quando trabalhavam na prefeitura de Shanghai, tiveram um papel importante no tratamento das águas do rio. O vice- prefeito executivo Han Zheng disse que era um desejo de todo morador da cidade que o Suzhou fosse limpo. Dessa forma, o projeto de revitalização do rio é fruto de uma ação bem-sucedida na interceptação dos esgotos e da iniciativa política de líderes nacionais e regionais.

Em 1996, teve início o planejamento da requalificação pelo Governo Municipal de Shanghai, que estruturou um programa para reabilitar o rio Suzhou, dividido em duas fases: a primeira, até o ano de 2000, visava eliminar o mau cheiro e melhorar a aparência do leito principal; a segunda, até 2010, tinha como objetivo restaurar a função ecológica do rio.

A primeira fase do programa foi financiada em 300 milhões de dólares pelo Banco Asiático de Desenvolvimento - ADB (ADB, 2005, p.1). Com o objetivo de melhorar a qualidade da água do Suzhou, fortalecer a gestão dos recursos hídricos e melhorar o controle de enchentes, o projeto compreendia dez componentes agrupados em três partes: A (gestão de águas residuais), B (gestão de recursos hídricos) e C (saneamento ambiental e renovação urbana).

A parte A atuou na:

- (i) interceptação de águas residuais em seis afluentes do Suzhou;
- (ii) interceptação de águas residuais de Hongkou Gang e Yangpu Gang e;
- (iii) estação de tratamento de águas residuais de Shidongkou.

A parte B atuou cobrindo:

- (i) eclusas e portões em Mudu Gang e seis outros afluentes;
- (ii) aumento integrado de baixo fluxo;
- (iii) reabilitação do sistema Hongkou Gang;
- (iv) dragagem e disposição de sedimentos e;
- (v) reaeração.

A parte C incluiu a:

- (i) remoção e realocação de cais de coleta de sedimentos noturnos e resíduos sólidos e;

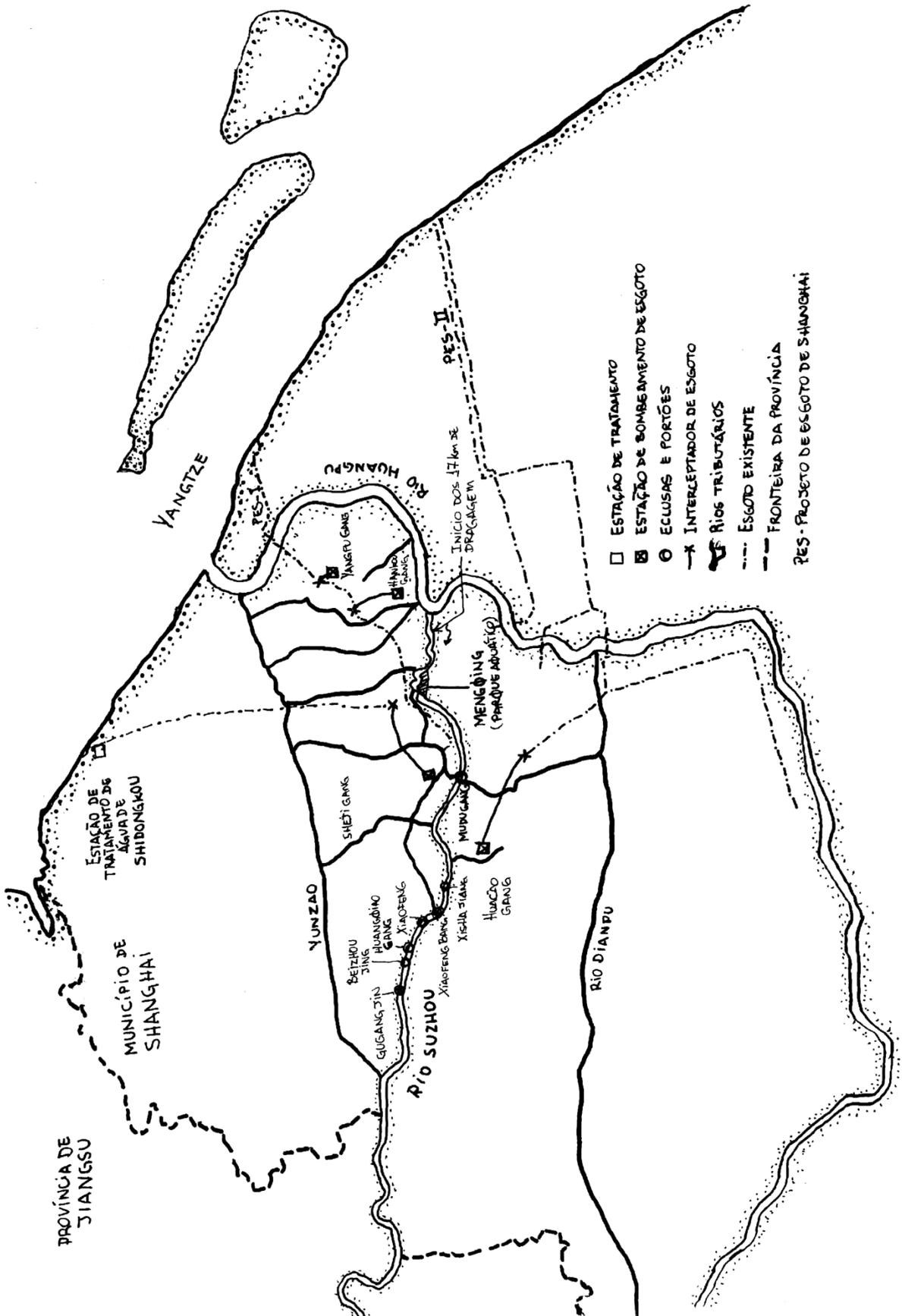
(ii) reconstrução do aterro.

Durante a implementação da Parte B (iv), que se destinava a dragar os 17 km inferiores do rio Suzhou, o componente foi cancelado porque os objetivos de qualidade da água foram alcançados pela implementação de outros componentes (ADB, 2005, p.3).

O componente V da parte B, a reaeração, também contou com alterações. Nesta etapa, estavam previstos quatro reaeradores, entretanto, durante o projeto optou-se por criar uma embarcação reaeradora. Esta embarcação é capaz de se locomover pelo rio e rapidamente sanar os problemas da água que passaram a ser pontuais e não mais generalizados (XU; LIAO, 2013, p. 11937)

Os dez itens que compõem as partes do projeto demonstram a importância de uma atuação sistemática na requalificação de rios. De acordo com Zuxin Xu e Zhenliang Liao (2013, p. 11937), o caso do Suzhou é um exemplo para a China, justamente por atuar de maneira sistemática, isto é, o próprio projeto de requalificação instaura grupos interligados de ações que se reforçam. Desta maneira os canais e efluentes tratados tiveram de ser associados a captação de esgoto, à criação de eclusas e tecnologias de controle de volume, sedimentos e aeração da água, além da remoção de infraestruturas e de populações da região. Todas essas ações criaram níveis de desafios distintos para o projeto que se viabilizou por meio do banco de desenvolvimento, mas que se sustentou a partir das diretrizes do plano quinquenal.

Fig. 27 - Projeto de reabilitação do Rio Suzhou.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de (ADB, 2005).

Portanto, o sistema criado estrutura-se não apenas pela implementação de tecnologias, mas também pela articulação de diferentes atores políticos, financeiros e técnicos. Por exemplo, no relatório do ADB (2005, p.2) o banco fundamenta o empréstimo pelos princípios do 9º Plano Quinquenal do Governo (1996–2000) dizendo que

[...] os princípios orientadores do plano incluíram a busca de uma estratégia de desenvolvimento sustentável que incorpora planejamento coordenado e proteção ambiental em projetos de desenvolvimento econômico para áreas urbanas e rurais. (ADB, 2005, p.2)

(Tradução nossa)

Desta maneira,

[...] uma das principais tarefas ambientais era a proteção do ambiente urbano por meio do fornecimento de instalações para tratamento de águas residuais e gerenciamento de resíduos sólidos e excrementos noturnos. (ADB, 2005, p.2) (Tradução nossa)

Assim, o programa para requalificação se estruturou como uma iniciativa do Governo Municipal de Shanghai, apoiada politicamente pelo Governo Central e financeiramente pelo Banco de Desenvolvimento da Ásia. Entretanto, ainda seria necessário que o projeto fosse operacionalizado e viabilizado tecnicamente. Para tanto, o ADB forneceu uma assistência técnica e o Governo Municipal fundou a Shanghai Suzhou Creek Rehabilitation and Construction Company (SSRCC), empresa criada para condução do projeto e que, posteriormente, se tornou um agente na gestão das águas da cidade. Deste modo, o projeto contou com apoio político, financeiro e técnico para atingir seus objetivos.

De acordo com a ADB (2005, p. 48), o projeto foi um sucesso em termos financeiros, superando as expectativas e, no geral, foi visto como de alto impacto econômico e desempenho, seja qualitativo ou quantitativo, e forneceu um estudo de caso útil para outros projetos de melhoria ambiental.

Do ponto de vista ambiental, os objetivos foram atingidos. O plano do ADB (2005, p.8) previa que até dezembro de 2010 era esperado que os 24 km inferiores do rio Suzhou atingissem a Classe IV dos padrões de qualidade da água. Além disso, era esperado restaurar a vida aquática e estender o espaço verde e os parques ao longo de mais 14 km do rio acima da margem do rio. Entretanto, é importante ressaltar que se objetivava chegar apenas à Classificação IV e V de qualidade das águas. A classificação das águas na China vai de I a V,

sendo:

A classe I é aplicável principalmente à água de fontes e reservas naturais nacionais.

A classe II é aplicável principalmente à primeira classe de áreas protegidas para fontes centralizadas de água potável, áreas protegidas para peixes raros e campos de desova de peixes e camarões.

A classe III aplica-se principalmente à segunda classe de áreas protegidas para fontes centralizadas de água potável, áreas protegidas para peixes comuns e áreas de natação.

A classe IV é aplicável principalmente às áreas aquáticas para uso industrial e entretenimento que não são diretamente tocadas por corpos humanos.

A classe V é aplicável principalmente aos corpos d'água para uso agrícola e requisitos paisagísticos. (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 1988) (Tradução nossa).

Dessa maneira, a qualidade das águas do Suzhou chegou apenas às duas últimas classes, o que para o ambiente urbano já representa um importante avanço, mas que, do ponto de vista ambiental, poderia ser amplamente melhorado. A melhoria da classificação, neste caso, representa também a multiplicação das possibilidades de relações entre as pessoas e o corpo d'água. Ainda assim, é inegável o avanço que o projeto proporcionou à localidade como apresentado por Vollmer (2009, p.3), pelo ADB (2005, p.54), por Yao, Tong Wu e Chen (2013, p. 567-570) e evidenciado pelas (Fig. 28, 29, 30, 31, 32 e 33) a seguir.





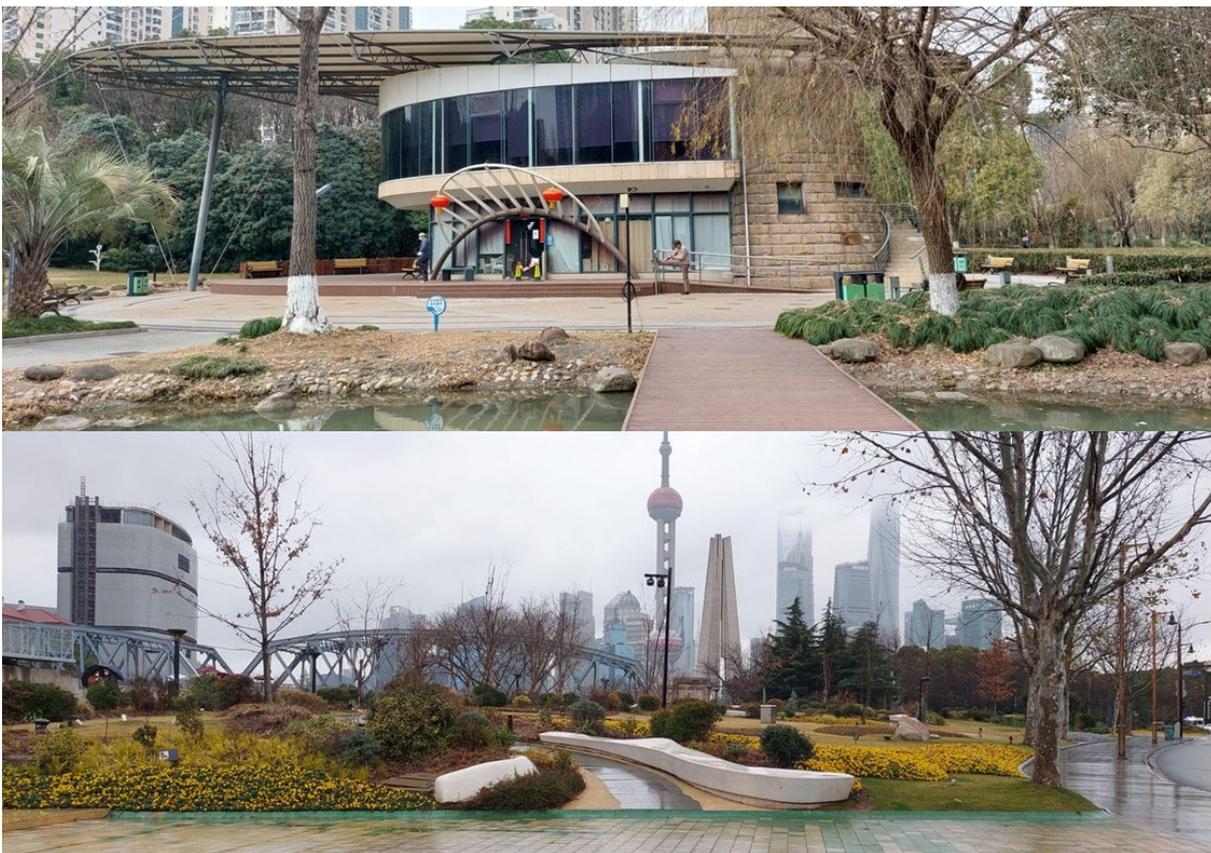


Fig. 28 - The city viewed westward from the Broadway (now Shanghai) Mansions overlooking Soo-Chow Creek, before May 1949.
 Fonte: TATA, Sam. 1989.

Fig. 29 - Shanghai Suzhou Creek 1987.
 Fonte: NIERMANN, Till. 1987.

Fig. 30 - Vista do Pudong pelo Suzhou Creek.
 Fonte: Danilo Caporalli

Fig. 31 - Vista do Pudong pelo Bund.
 Fonte: Danilo Caporalli

Fig. 32 - Vista do 1.000 Trees pelo Suzhou Creek.
 Fonte: Danilo Caporalli

Fig. 33 - Pavilhão Mengqing.
 Fonte: Danilo Caporalli

A requalificação do Suzhou possibilitou que o rio se tornasse uma linearidade de espaços qualificados para contemplação, atividades físicas, lazer e turismo.

(Fig. 29) Na margem norte, próximo às últimas pontes antes do encontro do Suzhou com o Huangpu, uma área turística cuja arquitetura foi influenciada pelas ocupações ocidentais de Shanghai, é possível caminhar às margens do Suzhou contemplando a arquitetura, os jardins e observar a aproximação do ponto mais turístico de Shanghai, o Pudong.

(Fig. 33) Por fim, o Mengqing Garden é o primeiro parque aquático de Shanghai, localizado na margem sul do rio Suzhou. Com uma área de 8,6 hectares, foi projetado entre 2002 e 2004 e inaugurado em julho de 2004 como parte da fase II do projeto de requalificação do rio. O Pavilhão Mengqing - edifício no centro da figura - é um centro de exposições temático sobre a reabilitação do Suzhou Creek e fica localizado no centro do parque. Em março de 2008, a área foi atualizada Mengqing de Suzhou Creek” (Xuan Ziyi 宣紫怡, 2023).

A elaboração do projeto de requalificação contou também com um intenso processo de consulta à população local. Este processo teve início por conta de reassentamentos que seriam necessários, e gerou o Apêndice 7 “Technical Assistance Completion Report” (ABD, 2005, p.32-33). De Acordo com as lições aprendidas

na fase 1 do projeto:

26. Antes e durante a implementação do reassentamento, foram realizadas consultas e participação para que as pessoas afetadas fossem informadas sobre as políticas de compensação e suas opções de reassentamento fossem levadas em consideração

27. A compensação foi entregue aos coletivos e famílias afetadas de acordo com os Planos de Reassentamentos. A renda das pessoas afetadas pela aquisição de terras melhorou e sua capacidade de geração de renda aumentou. Todas as famílias afetadas pela realocação que solicitaram novas casas as receberam por meio de casas de substituição ou compensação em dinheiro. As instalações e infraestruturas afetadas foram reabilitadas ou reconstruídas. (ADB, 2005, p.54) (Tradução nossa).

Portanto, o processo de reassentamento também foi considerado um sucesso e era condição para que os aspectos financeiros e ambientais também fossem considerados exitosos.

Assim, a requalificação do rio Suzhou transformou-se em um exemplo: para o governo de Shanghai que passou a trabalhar na limpeza de outros cursos d'água; para o governo central que compreendeu os benefícios da requalificação de águas para os meios urbanos; para os bancos que passaram a enxergar nos projetos parcerias lucrativas; para a população que passou a compreender que rios mais limpos são uma possibilidade e; para as assessorias técnicas que aprofundaram seus conhecimentos no campo. Neste cenário, destaca-se também a relevância da atividade do poder público como proponente das mudanças espaciais nos meios urbanos. O poder público, de maneira ativa, busca parcerias e executa projetos elaborados a partir de propostas técnicas e consultivas. Dessa maneira, os ambientes criados puderam atender tanto às demandas econômicas do planejamento, quanto ambientais das populações ao seu redor.

3.5. Fuhe e Nanhe – Chengdu

Este capítulo conta um passeio. Partiremos das margens do rio Fu (府河), passando pelo rio Nan (南河), e chegando até a ponte Anshun (安顺桥) na cidade de Chengdu. Para isso, faremos primeiro uma contextualização do local e, em seguida, apresentaremos a rota traçada. Chengdu é uma cidade conhecida pelos chineses pela sua qualidade de vida, pelo seu povo descontraído e pela boa relação com os cursos d'água urbanos. Compartilhando dessa impressão, este trecho apresenta, do meu ponto de vista, os aspectos da cidade que compõem uma boa vida para seus moradores. Para tanto, serão usados as fotos e o relato do meu diário como fontes principais, além de matérias jornalísticas como fontes complementares.

Chengdu é uma das mais populosas cidades da China com mais de 20 milhões de habitantes (SINA, 2022). A cidade está localizada na província de Sichuan (四川), na região sudoeste do país, e representa uma importante conexão entre as áreas mais populosas e desenvolvidas a leste e as regiões a oeste (Fig. 34). Neste sentido, Chengdu é um hub de infraestruturas, tecnologias, universidades, empresas, empregos e, por consequência, diversidades étnicas e culturais.

A cidade é banhada por dois afluentes do Changjiang: o Fuhe e o Nanhe. Estes dois rios correm em torno da área mais central, formando o que é conhecido como o colar de Chengdu. De acordo com a matéria de Chris Richards (2002), que entrevistou moradores das margens dos rios, os leitos d'água já foram limpos e cristalinos até a década de 1950.

Fig. 34 - Mapa de Chengdu.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Kue (s.d.)

Entretanto, os mesmos rios, na década de 1980, tornaram-se sujos e malcheirosos. De acordo com a matéria (RICHARDS, 2002), em 1985, alunos de uma escola primária da região fizeram passeios pelas margens dos rios e passaram a pedir aos políticos que eles fossem limpos. O movimento dos alunos tomou força envolvendo outras escolas, e quando um jornalista da Agência de Notícias Xinhua (新华网) fez uma reportagem sobre o problema, a causa tomou visibilidade e chegou até Beijing. A partir dessa reportagem o Governo Central passou a observar com mais cuidado a questão das águas na cidade. Em 1992, tiveram início as obras de requalificação dos rios.

Após a requalificação, em 2008, Chengdu passou por um terremoto que ficou conhecido como Sismo de Sichuan. O abalo de 7,9 pontos na escala Richter matou mais de 87 mil pessoas e deixou milhões de desabrigados e feridos (FRANCE PRESSE, 2018). Após mais de 15 anos, o terremoto ainda é uma grande cicatriz para o povo da província de Sichuan. Entretanto, a reconstrução de Chengdu foi rápida, planejada e rendeu à cidade o título de “Modelo de Cidade Resiliente” pela ONU (CHINA DAILY, 2011), graças ao forte empenho na reconstrução das infraestruturas. Desse modo, mesmo o processo de requalificação dos rios iniciado em 2002 também passou por revisões e novas infraestruturas tiveram que ser erguidas na região. Assim, o passeio que será contado, apresenta uma visão sobre uma área requalificada recentemente, o que nos diz sobre como a China tem repensado a relação entre o homem e as águas no ambiente urbano. As passagens entre aspas são cópias integrais do meu diário de campo.

Fig. 35 - Taikoo Li.



Fonte: Danilo Caporalli.

”Sábado, 22 de abril de 2023, Chengdu”

“Hoje foi muito bom. Acordei e fiz minhas malas para ir para Leshan mais tarde. Saí por volta das 10h do albergue.”

O dia estava levemente nublado, só o suficiente para o sol não queimar. A temperatura era amena e só um corta vento já bastava para ficar confortável.

“Caminhando pelas redondezas do albergue, no distrito de Jinjiang, vi vários parques e praças. A cidade parece ser muito agradável para se morar”. Caminhei mais um pouco por alguns becos e vielas que vi nos meios dos quarteirões e fui seguindo as ruas mais arborizadas. Eu não tinha ideia de onde eu estava, mas sabia voltar. No meio do meu percurso recebi uma ligação da minha colega de pesquisa e de viagem, Gabriela, e fui para próximo da entrada do metrô na Avenida Chunxi. “Encontrei a Gabi e fomos para o Taikoo Li, um projeto de quarteirão de uso misto de alto luxo”. (Fig. 35) O Taikoo Li é um empreendimento famoso na cidade por hospedar um hotel boutique, The Temple House, com 100 quartos e 42

apartamentos com serviços, uma torre de escritórios, a Pinnacle One, além de um shopping ao ar livre com diversas lojas de marcas internacionais. O projeto do shopping é bem interessante, porque mescla vários conceitos tradicionais e contemporâneos da arquitetura chinesa. Por exemplo, os telhados em duas águas que se curvam levemente para absorver a velocidade de queda das águas (Fig. 36). Neles, as telhas são escamadas e as cumieiras decoradas com animais, assim como em construções tradicionais. As curvas não são tão sinuosas a ponto de parecerem asas de pássaros, como nos palácios antigos, mantendo assim um aspecto contemporâneo.





Fig. 36 - Entrada Taikoo Li.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 37 - Referências históricas Taikoo Li.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 38 - Segundo andar Taikoo Li.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 39 - Mahjong à beira do Fuhe.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 40 - Anfiteatro Fuhe.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 41 - Rua Dachuan.
Fonte: Danilo Caporalli.

(Fig. 36) As fachadas, que tradicionalmente são de tijolos cinzas, seguem com texturas que lembram o desenho das antigas cerâmicas, mas em materiais como vidro e aço. O empreendimento tem vários níveis e caminhos não óbvios, o que torna a experiência de andar interessante. Ao subir uma escada, você não verá o que estava embaixo de você, mas sim outra parte do projeto. Cria-se assim uma série de visões do lugar que enriquecem a caminhada.

(Fig. 37) Os edifícios laterais, bem como algumas das lojas, têm suas fachadas em vidro escuro e esquadria em cinza grafite, em um tom que parece ser o mesmo de todas as construções mais recentes e de alto padrão que vi na China.

Se houvesse uma categoria de estilo contemporâneo de arquitetura na China, que englobasse os edifícios dos últimos 10 anos construídos com foco em áreas mistas e para pessoas ou empresas de tecnologia ou mercado

financeiro, o Taikoo Li certamente faria parte. Entretanto, diferentemente da maioria, esse seria um bom exemplo de projeto.

Lá, nós aproveitamos para almoçar. Em seguida, traçamos nosso plano de ir até a ponte Anshun. No caminho para a ponte, nos deparamos com as margens do rio Fu que estavam completamente coloridas pelas folhas das árvores. Ambas as margens do rio eram arborizadas, com trechos de praças, outros de feiras de rua e outros de jardins bem cuidados.

Caminhando próximo ao Taikoo Li, vimos um grupo de pessoas sentadas à margem do rio Fu. O grupo tinha mais de 50 pessoas, a maioria idosos, todos em torno de mesas jogando Mahjong (麻将)(Fig. 39). Próximo a eles, crianças brincavam na praça e outros idosos conversavam ou cuidavam dos netos (Fig. 42).

As pessoas falavam baixo, mas frequentemente alguém nas mesas de jogos falava algo mais alto. Ouvíamos o intenso cochichar das mesas e o constante barulho das peças batendo. Nem parecia o centro de uma das maiores cidades da China.

Vimos centenas de bicicletas para alugar pelo celular e decidimos que faríamos nosso passeio em uma delas. Alugamos com facilidade pelo próprio aplicativo de pagamentos, o Alipay, e seguimos por uma rua paralela ao rio por 1 quarteirão. Nesta paralela, o trânsito estava movimentado, mas tranquilo o suficiente para não sermos atropelados ao andar na rua. Os edifícios de 5 a 8 pavimentos com lojas e restaurantes no primeiro andar fazem lembrar as ruas do bairro de Botafogo no Rio de Janeiro. Nela, a passagem dos pedestres é protegida de um lado pelos comércios e do outro pelos jardins e árvores. Nesse trajeto, vimos várias

mesinhas colocadas sobre as calçadas e pessoas sentadas comendo, conversando e observando o movimento da rua.



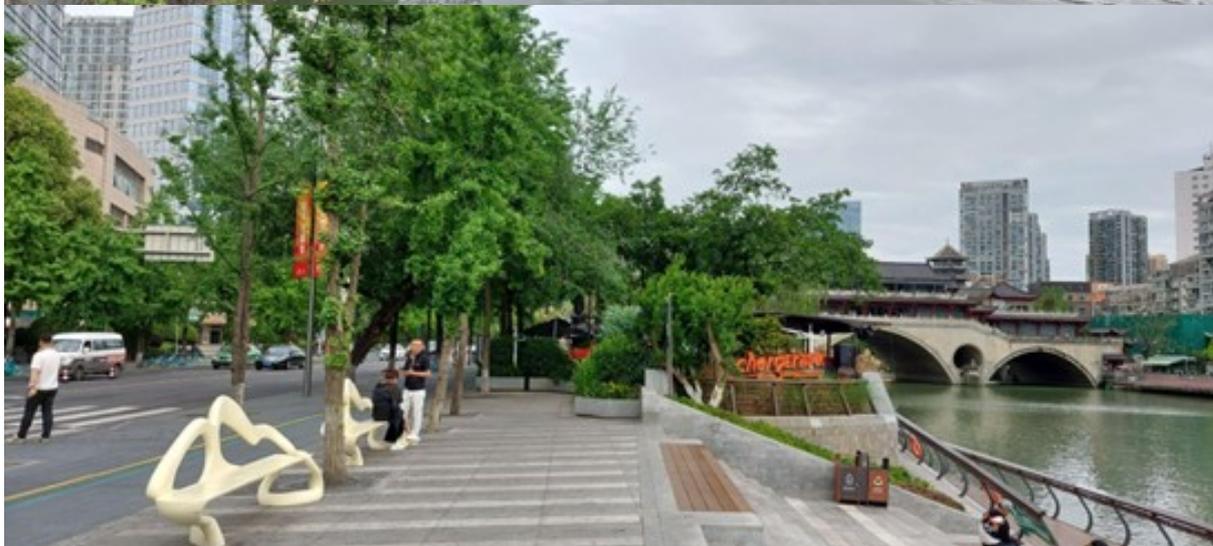


Fig. 42 - Margens do Nanhe.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 43 - Margens do Nanhe 2.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 44 - Praça de Música.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 45 - Ponte Anshu.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 46 - Vista do calçadão próximo ao Nanhe.
Fonte: Danilo Caporalli.

Paramos para comer uma sobremesa típica da província de Hunan, feita de raspas de coco, e aproveitamos para descansar um pouco do trajeto. Comemos e pegamos as bicicletas novamente para continuar.

Voltando para a margem do rio Fu, observamos que havia uma pista de corrida/bicicleta, na qual seguimos até outra praça repleta de jardins. Nesta praça, o caminho de ciclistas se separa do caminho de pedestres e se junta novamente para formar um mirante para o rio. O desenho do mirante faz referência aos anfiteatros gregos e cria cenas para que o transeunte possa parar e olhar para as águas do rio (Fig. 39). Ele induz o olhar, que antes estava limitado pela altura do fuste das árvores, para se deslocar para o aberto. A cena parece uma pintura de paisagem (山水) tradicional. A água corre no ponto mais baixo e é emoldurada por uma vegetação que aparenta tomar conta do concreto. Ao fundo, emergem montanhas de edifícios onde se abrigam os homens. No alto da imagem está o céu limpo e claro, como não se costuma ver nesta época do ano.

Alguns metros à frente, em direção ao rio Nan, à esquerda, entramos na rua Dachuan (大川巷), que tem um tráfego de veículos controlado e onde havia uma pequena exposição de rua de pinturas, esculturas e imagens que celebravam a cultura de Sichuan (Fig. 40). Nos passeios, os bares tomavam conta das calçadas com suas mesas e pequenos grupos de jovens bebiam e conversavam.

Já cansados da caminhada, decidimos ir direto para o rio Nan que estava ali perto. No cruzamento entre os dois rios, havia a continuação do parque linear da margem do rio Fu. Apesar de muito bonito, arborizado e com belos jardins, decidimos que precisávamos sentar e beber algo.

Caminhamos pelo rio Nan e observamos o calçadão por onde passamos. Nele, há uma pista para bicicletas, árvores que auxiliam na sombra, jardins e dois níveis de passeios para pedestres, um no nível da rua e outro a aproximadamente 3 metros abaixo, mais próximo das águas do rio (Fig. 41 e 42). Em ambos os níveis, há bancos voltados para o rio. Na margem oposta, está a Praça de Música Fu Nanhe de Chengdu

(Fig. 43). Esta praça é um local dedicado para pessoas e grupos que desejem cantar à beira do rio Nan. Quando passamos por lá, ouvimos a música que tocava do outro lado; entretanto, ao invés de cantores, vimos pessoas dançando passos coreografados.

Um pouco mais à frente, antes de chegarmos na ponte Anshun, achamos um restaurante no meio do “calçadão” da margem do rio Nan e nos sentamos para tomar algo e observar as pessoas enquanto descansávamos. Do restaurante, tínhamos uma visão perfeita da ponte (Fig. 44). A ponte Anshun é coberta, feita em tijolos cinza-claro, composta por 3 arcos e sobreposta por um telhado que conforma um grande restaurante. Assim como outras construções históricas chinesas, ela é a reconstrução (2003) de uma ponte que ali ficava desde a dinastia Qing e foi destruída nos anos 1980. E, apesar de reconhecermos sua importância, decidimos não a visitá-la pois a vista do rio já estava ótima e combinando com a bebida (Fig. 45).

Encerramos nosso passeio observando como as margens dos rios Fu e Nan proporcionam espaços de qualidade para as pessoas que os utilizam. As conformações de bares, restaurantes, casas de chá, cafés e outros estabelecimentos comerciais que dispõem suas mesas nas ruas, aproveitam do espaço público para oferecer um ambiente aberto e vivo para seus

clientes. As praças limpas, arborizadas e com jardins bem cuidados oferecem opções de lazer gratuitas e variadas para as pessoas. Os espaços ao longo do rio interagem de uma maneira mutualística, de modo que tanto a vista do rio quanto o contato com ele enriquecem a experiência do

projeto. Da mesma maneira, os desenhos urbanos que vemos se beneficiam da paisagem proporcionada pelos dois rios. Os bancos de praças voltados para a água evidenciam o importante papel deste elemento enquanto parte do momento de contemplação.

Antes de encerrarmos este capítulo com as amarrações que conectam o relato com os ambientalismos chineses e as águas, quero deixar claro o propósito de um relato em uma peça acadêmica. Não se trata de uma verdade sobre o que “É” este espaço, mas uma visão, um ponto de vista, uma experiência. Incontáveis outras existem e existirão, cada micro aspecto conta neste “sentir” do espaço: o clima, o sol, o vento, os cheiros, os trajetos, os óculos, as companhias - tudo contribui para torná-las únicas. Por isso, o relato contribui com percepções que de outra maneira não poderiam ser expressas. Por meio dele, observações como as das “danças de praças” podem existir sem necessitar de dados, estatísticas ou referências bibliográficas. Ainda assim, o relato apresenta uma realidade e alguns de seus aspectos.

O passeio pelos rios Fu e Nan na região de Jinjiang reforça a ideia de que a cidade de Chengdu oferece espaços de qualidade para se viver bem. Inúmeros outros aspectos deveriam ser observados para se constatar isso, mas o que foi possível ver deste território apresenta características projetuais que possibilitam experiências de contato. Contato das pessoas com: a cidade, o lazer, outras pessoas, a vegetação, os corpos d’água, a

dinâmica urbana, esportes e entretenimento. Nesse sentido, a arquitetura, ou o planejamento dos espaços, desempenha um papel fundamental de permeabilidade. Ela não impõe o uso, mas permite e multiplica as suas possibilidades de interações. Essa é uma forma de relação do homem com o ambiente em que elementos como as construções, a vegetação e, principalmente, a água, multiplicam as interações. A água e os espaços ao seu redor permitem interações pelo Mahjong, pelo encontro com os outros, pela música, pelo passeio, pela dança, pelos bares, pelas árvores, pelos parques, pela vista, pela filosofia, pela contemplação, pela bicicleta, pelo carro, pelo passeio (repetido), pela bebida, pela comida, pelo clima, pela arquitetura e por inúmeros outros aspectos que cercam aqueles rios. Assim, Chengdu, a partir desta visão, colabora para que o ambiente onde o homem se relaciona e interage se multiplique. E não seria essa uma forma de ambientalismo?

3.6. A Teoria das Duas Montanhas – 綠水青山就是金山 银山

“綠水青山就是金山银山” é uma frase dita por Xi Jinping e que se tornou slogan da política de proteção ambiental. Em sua tradução oficial para o inglês a frase diz “Lucid waters and lush mountains are invaluable assets”, e em uma tradução livre para o português, “Águas límpidas e montanhas exuberantes são bens inestimáveis”. A fala foi dita em 2005 e, atualmente, constitui a história dos slogans que compõem a “Construção da Ecocivilização”. Ela faz parte da trajetória política de Xi Jinping, e é uma das suas primeiras teses ambientais, a “Teoria das Duas Montanhas”.

Para contextualizar a política e as ideias que cercam esse slogan, primeiro será brevemente apresentado o caso do vilarejo de Yucun, no condado de Anji, na cidade de Huzhou, na província de Zhejiang. Em seguida, será exposta uma controvérsia em torno da tradução desse slogan. Por fim, abordaremos como se desenvolveu a política ambiental na China a partir do emprego e difusão da Teoria das Duas Montanhas.

Em 2005, Xi Jinping ainda não era secretário-geral do Partido Comunista Chinês, mas já se apresentava como importante liderança dentro do partido. Naquele ano, ele visitou o vilarejo de Yucun e ficou impressionado com o resultado do processo de preservação pelo qual a cidade que a cidade havia passado. Durante a visita, ele escreveu um artigo no jornal da província com a icônica frase “Águas límpidas e montanhas exuberantes são bens inestimáveis”.

O vilarejo de Yucun, está situado no sudeste da China e possui 90% de sua área coberta por vegetação (UNWTO, 2021). De acordo com a CGTN (2023), na década de 1990, a vila estava tomada pelos estrondos das pedreiras e pelo barulho das máquinas, enquanto a população operava as fábricas de cimento que processavam calcários das montanhas locais. Em poucos anos, a aldeia de Yucun tornou-se conhecida como a mais rica da região. Entretanto, este processo cobrou um preço alto: a aldeia ficou coberta de terra e seus rios tornaram-se turvos. Em 2003, o projeto de construção de uma província ecológica foi lançado em Zhejiang e a aldeia decidiu encerrar três pedreiras e uma fábrica de cimento. Como resultado imediato, os rendimentos financeiros da cidade diminuíram e, com eles, a imagem de uma aldeia abastada desapareceu. A difícil questão que a população Yucun teve de enfrentar foi escolher entre crescimento econômico ou proteção ambiental (CGTN, 2023).

Ao longo da década seguinte, a aldeia de Yucun deixou de viver da venda dos minérios das montanhas e passou a conservar e enriquecer os rios e as áreas vegetadas. Tendo a conservação ambiental como princípio orientador, a vila promoveu ativamente o turismo rural e impulsionou a integração do turismo cultural e das indústrias agrícolas. Neste processo, a aldeia ganhou prêmios ecológicos que foram estrategicamente direcionados para benefícios econômicos e sociais. Yucun foi transformada em uma bela vila com uma economia local próspera. Após alguns anos, o processo de desenvolvimento verde foi reconhecido como benéfico e atingiu diversas partes do país. Outras vilas e regiões se inspiraram no caso e desenvolveram indústrias agrícolas e turísticas prósperas, preservando recursos naturais como águas, minérios e florestas (CGTN, 2023).

Atualmente, a Vila de Yucun é um exemplo notável de desenvolvimento rural sustentável em toda a China. Ela explora sua história de preservação tanto do patrimônio cultural quanto da paisagem natural. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2021), a qualidade do ar, da água e do solo na vila é impecável, e isso é evidenciada pelas árvores de ginkgo e salamandras gigantes centenárias que habitam a região. A Vila de Yucun é reconhecida como uma das Vilas Turísticas Rurais Chave Nacionais pelo Ministério da Cultura e Turismo da China por seus esforços em seguir um caminho de desenvolvimento verde (UNWTO, 2021).

Xi Jinping, então secretário do Comitê Provincial de Zhejiang do PCC, visitou Yucun em agosto de 2005 e elogiou a decisão da aldeia de encerrar as pedreiras e fábricas de processamento, afirmando que os recursos ecológicos estão entre os recursos mais valiosos. Poucos dias depois, ele publicou um comentário intitulado “**綠水青山就是金山銀山**” no jornal Zhejiang Daily, que mais tarde ficou conhecido como a Teoria das Duas Montanhas. Ele ressaltou que, se as águas límpidas e as montanhas verdes podem ser transformadas em pontos fortes na agricultura ecológica, na indústria e no turismo, então esses recursos naturais poderiam realmente se tornar montanhas de ouro e prata (CGTN, 2023).

Neste ponto, é importante tratarmos da questão da tradução. Como dito anteriormente, a frase “**綠水青山就是金山銀山**” possui uma tradução oficial feita pelo governo: “Lucid waters and lush mountains are invaluable assets”. A tradução oficial para o inglês é uma adaptação do provérbio.

Nela, Lucid e Lush são empregadas com o intuito de criar uma aliteração que demonstre a oscilação sonora do original. Em pinyin, a frase é grafada “Lǜ Shuǐ qīngshān jiùshì jīnshān yín shān”. A tradução oficial utiliza o sentido do trecho final (就是金山银山) para dizer are invaluable assets. Entretanto, usando a ferramenta do Google Tradutor do chinês direto para o português, temos “Água verde e montanhas verdes são montanhas de ouro e prata”. Esta tradução parece estranha, mas ela se aproxima de sentidos que não são alcançáveis pelo oficial. Por exemplo, o nome da teoria desenvolvida a partir do slogan é Teoria das Duas Montanhas, que só são evidenciadas nesta segunda tradução. Também pela tradução do Google, faz sentido que na matéria da CGTN (2023) seja dito que os recursos naturais poderiam realmente se tornar montanhas de ouro e prata, já que a tradução oficial não as menciona. Entretanto, essa tradução também levanta outra questão: no trecho 綠水青山 a tradução de cada um dos ideogramas é 綠 - Verde, 水 - Água, 青 - Verde, 山 - Montanha. Como 綠 e 青 são verdes? São tons de verde distintos?

Em uma longa busca sem muitos resultados relevantes, consultei a pesquisadora Vitória Murata e a professora de mandarim Luo Sufang (do instituto Confúcio da UFMG), que me esclareceram que:

- 1 - a frase dita por Xi Jinping literalmente significa “águas e montanhas verdes são montanhas de ouro e montanhas de prata”;
- 2 - a frase dita por Xi, tem o sentido de valorizar a proteção ambiental;
- 3 - a tradução oficial é realmente a que já foi exposta;
- 4 - 青 pode significar verde, azul ou preto a depender do contexto;

5 - 绿 significa verde e;

6 - neste contexto, 青 significa verde e é utilizado enquanto recurso para evitar a repetição do termo 绿. Assim, a questão da tradução fica esclarecida e assume-se a relevância de todas as traduções apresentadas. Cada uma delas acrescenta uma camada distinta de compreensão sobre o slogan e, conseqüentemente, enriquece a análise do processo de produção da tese de proteção ambiental antagonizada por um discurso dicotômico em relação ao desenvolvimento e o crescimento econômico de localidades. Em outras palavras, o slogan defende a proteção ambiental como uma alternativa econômica e financeira ao

desenvolvimento por meio do extrativismo.

A frase também foi explicada por Xi Jinping no ano seguinte, em 2006. De acordo com a plataforma de divulgação de cultura chinesa, a Academy of Chinese Studies (CHICULTURE, 2019), Xi observou três fases de compreensão para a Teoria das Duas Montanhas.

A primeira, sem nenhum resguardo pela questão ambiental, as pessoas compreendem que podem trocar suas montanhas e águas por montanhas de ouro e prata.

Na segunda fase, as tensões entre o crescimento econômico, o esgotamento dos recursos e a degradação ambiental aumentam, levando a um apelo crescente para preservar águas límpidas e montanhas verdes. No entanto, muitas pessoas ainda não querem renunciar às montanhas de ouro e prata.

Na terceira fase, as pessoas compreendem que as águas límpidas e as montanhas verdes são valiosas em si, caso preservadas, e ainda podem se

tornar fontes de renda por meios não destrutivos. Assim, ele defende que preservação e crescimento econômico não são mutuamente exclusivos (CHICULTURE, 2019).

Dessa forma, a preservação ambiental é planejada por Xi como uma força motriz ao desenvolvimento e não uma opção ao desenvolvimento. A partir dessa máxima, inúmeras iniciativas tiveram início e se espelharam no caso de Yucun e nas teorias de Xi Jinping. Mas é com a ascensão do secretário a Secretário-Geral e Presidente da China, que a Teoria das Duas Montanhas passa a compor um arcabouço teórico que fundamenta a construção da ecocivilização. Assim, as iniciativas que serão apresentadas a seguir fazem parte da construção da ecocivilização, mas aqui ressaltamos suas inspirações diretas da Teoria das Duas Montanhas.

O Sistema de Chefes de Rios (SCR) é um dos mecanismos de governança que, ao ser implementado, mais contribuiu para o avanço das políticas de proteção de águas. O sistema foi criado primeiro na província de Zhejiang, onde lideranças nomearam quadros do partido e equipes técnicas para se tornarem Chefes dos Rios. Cada chefe se tornou responsável por articular esforços e liderar a limpeza e preservação de um trecho de rio. Os chefes foram organizados por um escritório central que os hierarquizou de montante a jusante, sendo os chefes mais a jusante mais responsabilizado e, portanto, mais altos na hierarquia do sistema (PEOPLE'SDAILY, 2016). Em 12 de dezembro de 2016, o SCR de Zhejiang foi adotado pelo restante do país como uma determinação do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (CCPCC). O sistema já era conhecido e testado em outras províncias e foi considerado um sucesso nas localidades onde foi implementado. Parte do sucesso se deu por conta do

desenho institucional orquestrado. Além da hierarquização por altitude dos rios, o Gabinete Geral do CCPCC e o Gabinete Geral do Conselho de Estado emitiram pareceres que propunham a implementação do SCR em todos os níveis de governo. Foram então implementados Chefes de Rios de cinco níveis: das províncias, das cidades, dos condados, dos municípios e dos vilarejos. Os Chefes de Rios de cada nível devem também responder aos chefes dos níveis superiores. Assim, o sistema garante uma ação coordenada de todos os Chefes de Rios que implementam medidas direcionadas para os contextos e escalas dos trechos de quais são responsáveis.

Os Chefes em ambos os níveis, provincial ou municipal, são responsáveis por organizar e liderar a gestão e proteção dos rios e lagos correspondentes. Isso inclui a proteção dos recursos hídricos, a gestão e proteção das margens, a prevenção e controle da poluição das águas, o tratamento do ambiente aquático, a restauração ecológica da água e etc.

A descarga excessiva de esgoto, a mineração ilegal, o assoreamento e outros problemas proeminentes serão corrigidos e eliminados; o desempenho das funções pelos departamentos relevantes e pelos Chefes dos Rios de nível inferior será supervisionado e a conclusão das tarefas específicas será avaliada. (PEOPLE'SDAILY, 2016) (tradução nossa).

Ao estabelecer essa nova forma de governança dos rios e lagos, o CCPCC estipulou uma cadeia de comando sobre a questão que supera os limites políticos e administrativos das províncias e municipalidades. Dessa forma, é promovida uma integração entre os diversos quadros do partido, somando esforços para o sucesso da preservação e revitalização dos rios.

Outra iniciativa da província de Zhejiang foi alterar a abordagem para o crescimento econômico. Para isso, a província implementou

medidas para trocar indústrias poluentes por outras atividades mais modernas e avançadas em tecnologias como comércios eletrônicos ou mais rentáveis como o turismo rural (CHICULTURE, 2019).

Zhejiang conseguiu integrar mecanismos de mercado no seu desenvolvimento verde relativamente cedo, forçando as empresas a eliminar gradualmente modos de produção obsoletos, alavancando a mudança através do mercado. Por exemplo: introduzindo tarifas diferenciadas de eletricidade que aumentam o custo da eletricidade em 0,3 yuan por quilowatt para empresas ineficientes; e estabelecer o primeiro sistema de comércio de licenças de poluição do país, que fornece incentivos para que as empresas adotem medidas de controle da poluição, de modo a capturar as margens de lucro oferecidas pelo comércio de licenças (CHICULTURE, 2019) (tradução nossa).

A matéria do jornal Chi Culture (2019), entrevistou o chefe do Instituto de Pesquisa de Economia Industrial de Zhejiang (浙江工業經濟研究所) que relatou a dificuldade de implementação do processo de substituição industrial. De acordo com ele, o grau de industrialização das províncias está diretamente relacionado ao tamanho do desafio dessa substituição. Neste sentido, as províncias mais desenvolvidas precisam desembolsar mais recursos e encaram um desafio maior devido à dependência das indústrias instaladas. A fim de viabilizar estes processos, a província de Zhejiang criou mecanismos de compensação ecológica por meio de alterações da Lei de Proteção Ambiental, do lançamento de inspeções ambientais e da cobrança de novos impostos de proteção ambiental. Em conjunto, estas duas ações criaram o primeiro mercado de créditos ambientais da China. Dessa forma, o governo provincial atacou o problema da poluição industrial por duas frentes, o incentivo aos não poluidores e a fiscalização e punição aos poluidores.

Por fim, outra medida resultante da Teoria das Duas Montanhas, foi o combate ao avanço do processo de expansão da desertificação do deserto de Kubuqi (庫布其沙漠) da província autônoma da Mongólia Interior. O deserto, que era conhecido como mar da morte, foi florestado com 6.253 quilômetros quadrados de vegetação (CHICULTURE, 2019). O exemplo virou uma zona de demonstração ecológica reconhecida pelas Nações Unidas.

À medida que o deserto se torna mais verde, os agricultores e pastores locais conseguem prosperar através de vários empreendimentos comerciais, como a eco pastorícia, o ecoturismo e a produção de alimentos saudáveis (CHICULTURE, 2019)(tradução nossa).

Assim, o florestamento, além de frear o processo de desertificação da região, ainda possibilitou o surgimento de novas atividades econômicas na região.

Além dos exemplos citados, outras medidas articulam a conciliação entre crescimento econômico e industrial com preservação e restauração do ambiente, seguindo o slogan criado por Xi Jinping. O caso inspirador da aldeia de Yucun, as traduções e sentidos da frase “綠水青山就是金山銀山” e os exemplos de iniciativas resultantes dessa política, tornam possível observar a relevância de processos conciliatórios entre economia e ambiente para o atual momento do governo chinês. Exemplos como estes, orientados por uma política acessível e alavancados pela ação do Estado demonstram a importância da iniciativa pública para o avanço dos projetos ambientais. Outro destaque é a relevância destes exemplos para cenários como o do Brasil e outros países do sul global que devem seguir o caminho

da proteção ambiental, mas que não podem renunciar ao desenvolvimento econômico. Nestes casos, processos como o do deserto do Kubuki são duplamente inspiradores, uma vez que a desertificação é um processo comum em países exportadores de produtos agrícolas e, ao mesmo tempo, extremamente danoso para o plantio destes produtos.

Por fim, a Teoria das Duas Montanhas é um exemplo de orientação para as políticas ambientais e se mostra como uma base forte para a construção da ecocivilização chinesa.

3.7. As águas na China, impressões e considerações finais

As águas na China, como demonstrado nos capítulos anteriores, apresentam importantes significados e são alvos de inúmeros projetos que vêm reforçando este símbolo tão arraigado na cultura, na língua, na história e no pensamento chinês. As águas são fundamentais para a marcação da identidade de um povo tão plural e multiétnico como os chineses. Elas carregam significados para as artes, para a engenharia, para a história, para a política, o comércio e o turismo.

Na pintura de paisagem, a água é um elemento fundamental que, junto com os demais, apresenta uma cena dinâmica que transporta o observador para dentro de si. A composição destas cenas faz referência à fusão dos pensamentos budistas, taoístas e confucionistas. Assim, mais do que representar uma paisagem, ela dá início a uma construção do que seria a paisagem chinesa. A pintura de paisagem participa do imaginário dos chineses sobre seu próprio país. À medida que se explora a China, percebe-se como as paisagens se assemelham às pinturas, como as montanhas se escarpam do solo, como há rios para todos os lados, como as árvores se retorcem e florescem da mesma forma que as pinturas. Ao visitarmos lugares como as margens do rio Fu em Chengdu, os cenários criados evidenciam como o planejamento urbano assume uma posição ativa na composição de ambientes que façam referência ao Shangshui. A composição destas cenas está diretamente ligada à qualidade dos espaços criados e, conseqüentemente, à vivência que é dada pelos moradores e visitantes. Esta mesma relação do planejamento com as artes e seus simbolismos está presente em outras partes do país.

Em Wuhan (武汉), capital da província de Hubei (湖北), o Dong Hu (东湖) é um grande lago com diversas paisagens e cenários. Nele, é comum ver pessoas pescando nos feriados. Alguns até montam barracas para se abrigar do sol enquanto outros arrumam as mesas de piquenique e churrasqueiras. Eventualmente vemos alguém entrar na água e nadar. Em um píer próximo à Universidade de Wuhan, casais de namorados se encontram de madrugada para verem o sol nascer no lago. De acordo com colegas e amigos de Wuhan, no verão, as altas temperaturas praticamente empurram as pessoas para as águas do Dong Hu, e o lago fica cheio de banhistas. Na primavera, as árvores florescem e as sakuras enfeitam as margens do lago, assim como em pinturas de paisagem antigas. Ao lado da Huazhong University of Science and Technology (HUST), as colinas que a separam do lago conformam mais um cenário de pinturas. São diversas cenas que repetem imagens criadas e concebidas em pinturas de mais de 2 mil anos.

Outra questão trazida pela pintura, mas sintetizada pelo "I Ching, o livro das Mutações" é a relação da água como o inexplorado, o perigoso e o misterioso. Nas pinturas, o mar e os rios costumam ser retratados como lugares vazios, inóspitos para pessoas, de modo que o que está na água é, normalmente, um barco ou uma jangada e não um banhista ou um nadador.

Essa relação pode ser evidenciada pelo gesto de Mao Tsé-Tung, ao nadar no Changjiang na altura de Wuhan, dando início à Revolução Cultural. Em 1966 boatos de que Mao estaria com a saúde comprometida por conta da idade e já sem forças para comandar o país circulavam entre

os membros do partido e a população. Em julho daquele ano, Mao entrou nas águas do Changjiang em um gesto de força física e determinação. O aceno foi muito bem-visto por toda a sociedade e até hoje é possível ver pessoas praticando natação em grandes rios e até canais. Em geral, trata-se de homens entre 50 e 70 anos que repetem o feito do governante. Mao praticou natação desde sua juventude e sempre declarou gostar do esporte, mas seu gesto foi mais do que apenas a prova física de sua saúde. Ao nadar nas águas do maior rio da China, ele demonstra sua coragem de entrar de corpo inteiro onde apenas barcos costumam ir. As águas turvas do rio e sua monumentalidade são intimidadores e escondem perigos como animais, correntezas e objetos que descem rio abaixo. Assim, atravessar o rio é visto como um ato de força e coragem, necessárias para levar o país para seu próximo passo.

De acordo com Stefanie Lamb (2005, p.1), Mao perdera muito poder desde a política do “grande salto adiante” e o governo do país já não estava em suas mãos. Naquele momento, a China tentava se recuperar de uma vasta crise econômica e produtiva que deixou milhões de pessoas passando fome. Sem o controle do país, Mao observava as novas medidas de desenvolvimento e as julgava reformistas. Indo de encontro a elas, Mao começa a articular forças políticas pelo país e dá início à Revolução Cultural. A Revolução Cultural é considerada como uma revolução dentro do processo revolucionário que tomou o poder em 1949. Por isso, era tão importante que o Grande Timoneiro da revolução chinesa se mostrasse forte e imbuído de coragem para enfrentar os políticos que vinham rompendo com a revolução. Ao fazê-lo, Mao sinalizava que ainda era um

líder revolucionário capaz de liderar o povo e o exército através de mais uma revolução comunista.

Em Wuhan, as pessoas apontam com orgulho para o local em que Mao teria feito a travessia a nado. James Cárter (2021), professor de história da Universidade de Saint Joseph, da Filadélfia, argumenta que a travessia não ocorreu. De acordo com ele, fazendo as contas pelos registros, o líder chinês teria batido o recorde de velocidade olímpico de 2012. Independentemente da polêmica em torno do ocorrido, o que nos interessa é compreender como esse nado simbólico participa da história chinesa e, para nós, desvenda um pouco da força do simbolismo das águas. Desta maneira, podemos compreender melhor como se dá a relação dos chineses com os lagos, rios e mares.

No Palácio de Verão, um importante ponto turístico de Beijing, pude presenciar dois homens praticando natação nos canais que levam as águas do lago central até a Cidade Proibida (atualmente denominada de Museu do Palácio). Ao nadarem em um lugar tão pouco convencional, os homens, principalmente o mais velho que ia à frente, pareciam referenciar o gesto de força de Mao. Em Chongqing, ao chegar na cidade, também presenciei um homem nadando na margem norte do Rio Jialing. Não haveria nada de errado nem no Palácio de Verão, nem em Chongqing se as temperaturas não fossem tão baixas para nadar, os lugares tão incomuns e as águas não aparentassem estar um pouco mais sujas do que normalmente se utiliza para banhar. De todo modo, as travessias e nados em rios fazem parte de uma relação do homem com o ambiente em que o primeiro se mostra potente em relação ao segundo. A mesma potência é representada pela

história de Yu, o Grande. Enfrentar as águas e dominá-las é um grande símbolo de capacidade de governo.

Por fim, uma observação para além do poder das águas é muito importante. Na maioria das praças, dos parques e dos equipamentos públicos ao redor de lagos, rios e mares, os bancos são virados em direção à água. Há, no desenho dos equipamentos públicos, uma grande valorização do ato de contemplação das águas. A partir disso, é possível observar que casais de namorados se sentam nos bancos e observam as águas enquanto pousam as cabeças um do outro. Nos bancos, também vemos pais observarem seus filhos enquanto brincam próximos aos leitos d'água, às vezes libertando bichinhos de estimação como peixes e tartarugas. Este ato de libertar animais aquáticos é muito comum em lagos e rios, mas também em templos budistas, e é um gesto de bondade e desprendimento. Ainda nos bancos, alguns idosos descansam após praticarem Tai chi chuan, e esses olham para as águas, como se se transportassem para dentro delas sem sair do lugar. Os bancos proporcionam cenas para os que se sentam e demonstram a relevância da contemplação e de um desenho do espaço que a permita acontecer, que se dedique em parte a ela.

Dessa forma, ficam evidentes diversas formas distintas e correlacionadas de relação entre os homens e as águas, de modo que sua preservação ganha forças nos símbolos carregados por essa interação. Definitivamente, a China vem galgando avanços na preservação e na requalificação de seus rios e córregos e, nesse sentido, o planejamento se aproveita das relações subjetivas entre as pessoas e as águas, para valorizar os projetos. Ao fazê-lo, mais pessoas se voltam para as águas e passam a

exigir melhorias em suas orlas e margens. A China ainda parece ter um longo caminho na preservação completa das águas, mas os projetos aqui apresentados evidenciam os grandes avanços e seus benefícios.

4. Montanha: Shān (山)

A montanha será nossa próxima categoria de compreensão dos ambientalismo chinês. Na pintura de paisagem (山水 - Shānshuǐ) chinesa, a Montanha (山 - Shān) é o elemento de maior destaque, o mais proeminente, o que emerge das águas (水 - Shuǐ). Ao observarmos a história das pinturas de paisagem, os elementos como o céu, as figuras humanas, as figuras de animais, alteram-se com frequência. Há obras que os representam, outras que apresentam apenas um ou outro desses elementos e até as que não os representam. Até mesmo as águas frequentemente aparecem apenas simbolicamente e não são realmente pintadas. Um exemplo é a pintura “Pedras Elegantes e Árvores Esparsas (秀石疏林)” (Fig. 47) de Zhao Mengfu, durante a dinastia Yuan (1271-1368 EC). Nela, as pedras representam as montanhas, mas as águas não participam da pintura, pelo menos não diretamente. Há o elemento de volume central pelo qual corremos o olhar, mas diferentemente das demais pinturas de paisagem em que a água é o elemento mais baixo, nela o elemento mais baixo é a própria terra. O que nos faz caminhar pela imagem são as árvores e vegetações que recebem destaque pelo contraste de tons com a pedra. De acordo com Hung Sheng (2021),

A pintura é uma síntese da preferência, compreensão e reinterpretação das tradições de Zhao. Experimentando as tremendas mudanças no seu país, a pintura foi uma manifestação da resposta de Zhao em termos de classicismo e também da sua resposta emocional à situação atual. Seu remorso por servir à corte Yuan foi expresso em suas poesias.

Houve momentos em que ele deu a entender que gostaria de viver uma vida simplista como seus amigos eremitas.



Fig. 47 - Pedras Elegantes e Árvores Esparsas (秀石疏林).
Fonte: Zhao Mengfu in SHENG, 2021.

A harmonia e a calma transmitidas na sua pintura poderiam sugerir tal visão no estado de espírito ideal de Zhao. (SHENG, 2021) (tradução nossa).

Neste caso, a ausência da água anuncia a ausência do elemento fluido e transformador na experiência do autor, que não gostava de servir à dinastia de origem mongol. Na pintura, a vegetação apresenta dois aspectos, algumas árvores estão secas e sem vida, mas as gramíneas parecem vivas e começam a tomar as pedras. A pintura não representa a água como elemento físico, mas mantém sua presença pelo simbolismo das gramíneas e parecem transformar as pedras. Do mesmo modo que a água, as gramíneas parecem se mover do meio das pedras e derramar-se para os cantos e para o solo, ocupando os espaços mais baixos da pintura. Dessa maneira, as pedras, representando as montanhas, se erguem do solo duro. Aqui, a pedra está aterrada, dura, rígida. Apesar da grama servir como elemento atenuador das bordas duras, ela não age como as brumas que parecem levar as montanhas. As pedras elegantes não são leves como as montanhas nas outras pinturas.

A montanha, por ser o elemento mais proeminente da pintura tradicional de paisagem chinesa, dificilmente se ausenta. A montanha representa a materialidade, a rigidez, a permanência e constância, ela abriga as construções humanas e eleva, em seu pico, os templos aos céus. É nas montanhas que são representadas as árvores e vegetações, os caminhos e o limite entre o céu e a terra.

Apesar deste simbolismo, é importante deixar claro que a pintura de paisagem com sua história de mais de 3.000 anos passa por incontáveis alterações, escolas de pensamento, influências, apagamentos e destaques

de obras, autores e teorias. Um trabalho muito interessante no campo que mapeia alguns dos nomes mais famosos no Ocidente da pintura de paisagem chinesa é a linha do tempo criada por Gleb Simonov (2020).

A obra de Simonov (2020) é inacabada, conforme declarado pelo próprio autor, e não pretende ser definitiva. No entanto, ela mapeia uma história da pintura e traça relações e influências entre os autores mais proeminentes conhecidos atualmente. O trabalho é didático para as transformações da pintura ao longo dos três milênios de que temos registro.



As pinturas selecionadas por Simonov (2020), o texto de Hung Sheng (2021) e a obra de Zhao Mengfu, em todos é possível observar que o par 山 – shān e 水 - Shuǐ não são, de fato, divisíveis. Eles representam o movimento e, aqui, os separamos artificialmente para esclarecer as categorias que na vida cotidiana e no mundo não se separam. A pintura de Mengfu nos ajuda novamente a esclarecer essa indivisibilidade. Apesar da pintura não representar as

águas com as tintas, ela transfere para outro elemento suas funções. O símbolo da água existe apesar de sua representação. Aliás, o vazio, tanto na pintura quanto no pensamento chinês, significa muito. A água e a montanha são símbolos de um movimento. Portanto, a pintura pode ou não os representar graficamente desde que demonstre o movimento. Neste caso, necessariamente ambos se fazem presentes. Em outras palavras, se pensarmos no movimento, a expressão gráfica de cada um dos elementos direciona os sentidos intencionados pelo autor. Nesta mesma medida, o

gesto de ocultar um deles expressa um direcionamento dado pelo autor para esse movimento na própria pintura.

No Taoísmo, o homem vem da montanha para se banhar nas águas. O homem, invariavelmente, vive no Tao como os peixes vivem na água. Para Confúcio, alguns cavaram seus açudes de subsistência, mas aqueles que conseguem evoluir no Tao, o fluxo da vida segue seu curso devido (CHENG, A. 2008, p.136). Anne Cheng (2018, p.136) analisa o pensamento de Confúcio como metáfora para a necessidade de se contornar os obstáculos da vida ao invés de tentar lutar contra eles e ficar preso no açude criado. Entretanto, no trecho seguinte, outro elemento surge como originário do homem: a colina (montanhas).

Confúcio contemplava as quedas de Luliang. A água caía de uma altura de trezentos pés e em seguida descia rapidamente fazendo espuma por quarenta léguas. Uma tartaruga ou um crocodilo não poderiam nadar ali, mas não é que Confúcio viu um homem nadando nesse lugar! Pensou que era um infeliz que queria morrer e deu ordem a seus discípulos de costear o rio para tirá-lo de lá. Mas, algumas centenas de passos mais adiante, o homem saiu da água e, cabelos ao vento, começou a passear pela margem cantando.

Confúcio alcançou-o e lhe disse: “Pensei que eras um demónio, mas, olhando mais de perto, vejo que és um homem em carne e osso. Posso perguntar-te se tens um tao para sobrenadar assim?”

-Não, respondeu o homem, não tenho nenhum. Parti do dado original (gu 故), desenvolvi minha natureza (xing 性) e cheguei ao destino (ming 命). Mergulho com a água que cai e venho à tona com a água que reflui, sigo o tao da água sem procurar impor meu eu, e é assim que sobrenado”.

Confúcio perguntou então: “O que queres dizer com ‘partir do dado original, desenvolver sua natureza e chegar ao destino?’”

O homem respondeu: “Nasci nestas colinas e aqui estou em casa: eis o dado. Cresci na água e nela encontro-me em meu elemento: é minha natureza. E assim sem eu saber por quê: esse é o destino” (ZHUANGZI, 19, p. 288 - 289, apud CHENG, A. 2008, p. 136 - 137).

O trecho de Zhuangzi selecionado por Anne Cheng para expressar essa afinidade do Tao com a água, nos traz, em seu final, uma reflexão sobre a montanha. A montanha é o “dado” (a água é a natureza do homem), a casa, o local de nascimento, ela não muda, ela é a origem do homem. Este sentido é correlato ao que é proposto à montanha pelo “I Ching: o livro das mutações” (WILHELM, 2006, p.5). Nele, a montanha representa a quietude que tem como atributo o repouso.

O número 52 é Kên, a quietude, montanha, filho mais jovem do céu e da terra. O hexagrama é formado por uma montanha acima e outra abaixo, o que representa o masculino em cima e o feminino embaixo. Este estado é considerado o repouso pois o movimento chegou ao fim natural já que ambos estão onde deveriam estar. No contexto humano, o hexagrama simboliza a procura pela paz interior. É um desafio imenso acalmar o coração. O Budismo busca alcançar a quietude através da eliminação de todo movimento, visando o Nirvana. No entanto, o "Livro das Mutações" defende que a quietude é apenas um estado polar, que é continuamente equilibrado pelo movimento (WILHELM, 2006, p.161).

Assim, podemos assumir um papel simbólico das montanhas enquanto: i) imagem da materialidade; ii) lugar de nascimento e acolhida do homem; iii) representação da constância, seja do movimento, seja da quietude.

Para investigarmos os ambientalismo chineses, a montanha será a categoria que abordará os territórios geográficos de origem, os recursos

minerais e da terra, as relações de lazer, os jardins e a interpretação da arquitetura contemporânea sobre este simbolismo.

4.1. A geografia das montanhas na China

Além dos aspectos simbólicos, as montanhas desempenham um papel muito importante na geografia e na história da China. Por exemplo, montanhas como a cordilheira do Himalaia e o platô tibetano representaram obstáculos significativos para a expansão dos impérios chineses ao longo da Ásia Central, de modo que a maior parte de suas dominações foram mais voltadas para o sul do que para o oeste. As cordilheiras, o clima, a altitude, a vegetação e os cultivos foram determinantes na constituição do país e na sua determinação territorial atual. Portanto, abordaremos as montanhas chinesas a partir dos aspectos físicos como platôs, bacias e elevações, mas também de seus recursos minerais, cobertura vegetal e tipos de agricultura. Entretanto, antes de adentrarmos por estes aspectos, é importante apresentar nominalmente as montanhas mais conhecidas da China.

O monte Everest (珠穆朗玛峰) é a montanha mais conhecida da China e, possivelmente do mundo. Ele é o ponto mais alto do nível do mar do mundo, e está situado na cordilheira do Himalaia, na fronteira entre a China e o Nepal. Paralela à cordilheira do Himalaia, está a cordilheira Trans himalaia (冈底斯-念青唐古拉山脉) na borda do platô tibetano. Nesta cordilheira, fica situado o monte Kailash (冈仁波齐峰) considerado uma das montanhas mais sagradas do hinduísmo e do budismo.

Ao leste da China, estão as Cinco Grandes Montanhas (五岳), um grupo de montanhas sagradas para o taoísmo. De acordo com Li Yuanguo (李遠國) (2020), vice-diretor do Instituto de Filosofia da Academia de

Ciências Sociais de Sichuan, as Cinco Grandes Montanhas são marcos geográficos significativos na paisagem chinesa. Elas são: i) Taishan (泰山) no leste; ii) Huashan (华山) no oeste; iii) Songshan (嵩山) no centro; iv) Hengshan (衡山) do sul, na província de Hunan e; v) Hengshan (恒山) do norte, na província de Shanxi (LI, 2020). Historicamente, elas tiveram uma importância ritualística foram muito prestigiadas na cultura chinesa. De acordo com Li (2020) no “Livro dos Ritos”, o imperador adora as montanhas e rios renomados do mundo, sendo as Cinco Grandes Montanhas tão significativas quanto os três funcionários públicos. Ele explica ainda que esses funcionários possuem a capacidade de provocar chuva abundante e de coletá-la. Da mesma forma, conectando o céu e a terra, as cinco montanhas capturam as nuvens e fazem chover. Ou como explica Li (2020) (tradução nossa), “aos olhos dos antigos, as montanhas podem produzir vento e nuvens, guiar a chuva, umedecer a terra, fazer crescer todas as coisas e nutrir todos os seres vivos. Portanto, as montanhas majestosas e misteriosas devem ser dominadas pelos deuses”.

Desde a sua criação, o taoísmo incorporou em suas crenças o antigo culto chinês das montanhas e o desenvolveu ao longo da história. De acordo com Li (2020), o pensamento ‘os sábios apreciam a água, os benevolentes apreciam as montanhas’ deu conotações profundas à relação das pessoas com as montanhas. Assim, no taoísmo, as montanhas, e especialmente as Cinco Montanhas, passam a representar a possibilidade de se criar o paraíso na terra e seu culto ganha força ao longo da história (LI, 2020). Na crença taoísta, as Cinco Montanhas são a capital do cultivo dos imortais e a câmara espiritual dos elevados princípios e do destino. Cada uma delas possui

deuses, que são responsáveis pela natureza, pela formação e reprodução das pessoas. Os ‘deuses das Cinco Montanhas controlam as figuras do mundo, cada um com seus próprios interesses’ (LI, 2020) (tradução nossa).

Assim, as montanhas também estão conectadas aos aspectos humanos que lhes são atribuídos. Nesse sentido, não somente o sagrado, mas também o cultivo e a mineração, compõem os atributos físicos e espirituais dos povos que as ocupam.

Centenas de outras montanhas são relevantes para as culturas e povos que vivem e viveram na China. O budismo tem suas montanhas sagradas, o Hinduísmo, os povos tibetanos e da região de Sichuan, todos em períodos distintos, relacionaram as montanhas aos ritos sagrados. Dessa forma, para adentrarmos na geografia das montanhas chinesas, sem nos delongarmos por tantas montanhas, focaremos nas macroformações físicas do território chines.

Na Fig. 48, baseada nos mapas de Thomas R. Tregear (1965, p. 9), é possível identificar as grandes linhas que marcam as principais cordilheiras da China, e por consequência, as bordas dos platôs e bacias hidrográficas.

A) Planalto Tibetano: formado ao sul pela cordilheira do Himalaia, ao oeste pela cordilheira do Indocuche, ao norte pelas cordilheiras de Kunlun e Altyn-Tagh, e a leste pelas montanhas e cânions da província de Sichuan. (TREAGEAR, 1965, p. 10)

B) Bacia de Qaidam: localizada a nordeste do planalto tibetano, limitada a noroeste pela Altyn- Tagh, no nordeste pelas montanhas Qilian e no sul pela Kunlun. (TREAGEAR, 1965, p. 10)

C) A Bacia do Tarim: situada a norte do planalto tibetano, delimitada pelas montanhas Tian Shan ao norte, a cordilheira Pamir no oeste e pela Altyn-Tagh ao sul (TREAGEAR, 1965, p. 10).

D) A Zungária: localizada a norte da bacia do Tarim, na província autônoma de Xinjiang. É cercada a sul pela cordilheira do Tian Shan e pelas montanhas Altai no nordeste. (TREAGEAR, 1965, p. 11).

E) A Mongólia Interior: Parte sul do deserto do Gobi, delimitada a oeste pelas montanhas Altai e Nan Shan, as montanhas Helan e Yin-Shan ao sul, as Chingan no leste e, ao norte, os montes Saian e as montanhas Irkutsk (TREAGEAR, 1965, p. 11).

F) Planalto Sudoeste: ou planalto de Yunnan- guizhou delimitado a norte pelas montanhas de Sichuan e sua drenagem corre em direção ao mar pelos países da península do sudeste asiático continental (TREAGEAR, 1965, p. 11).

As grandes planícies do leste são as regiões mais adensadas, menos montanhosas e com maior disposição de terras agrárias. Dentre elas estão: i) a planície do rio Amarelo; ii) a planície do Changjiang; iii) a planície do rio Xi; iv) a planície da Manchúria e; v) a região da bacia hidrográfica do rio Sudeste.

Os cortes a leste e a oeste (Fig. 4g) demonstram a importante diferença no relevo destas regiões. À oeste, vemos que o terreno possui poucos acidentes com grandes áreas planas, mas com uma topografia muito íngreme e escarpada nas transições de platôs. Por outro lado, à leste, a topografia é muito acidentada, mas com altitudes menores e, portanto, montanhas menos escarpadas. Parte da ocupação preferencial do leste está

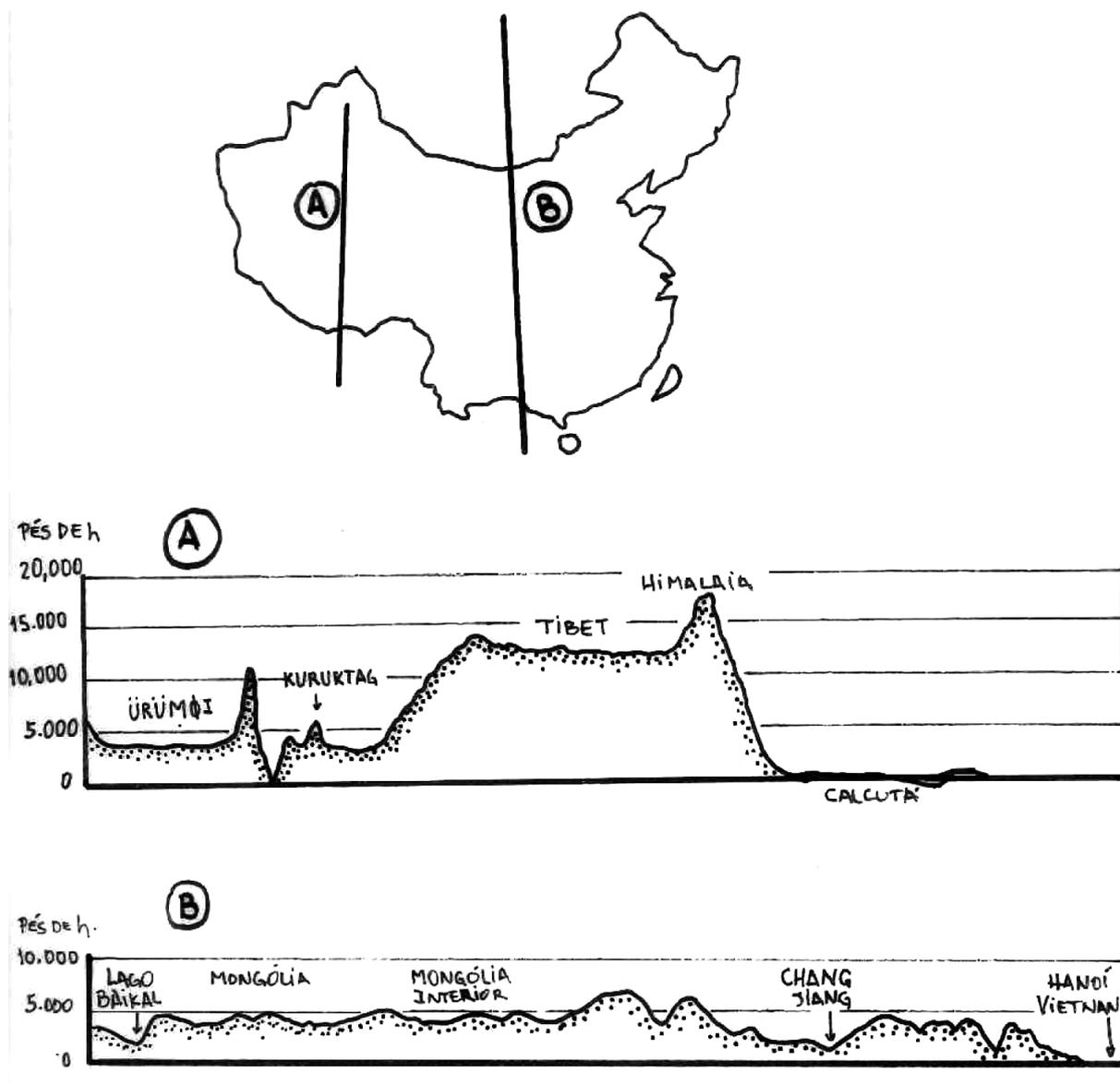
associada às questões do relevo e do clima, mas também à disponibilidade de recursos minerários e agrários.

Fig. 48 - Divisão topográfica da China.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Tregear (1965, p.9).

Fig. 49 - Seções leste e oeste da topografia chineses.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Tregear (1965, p.10-11).

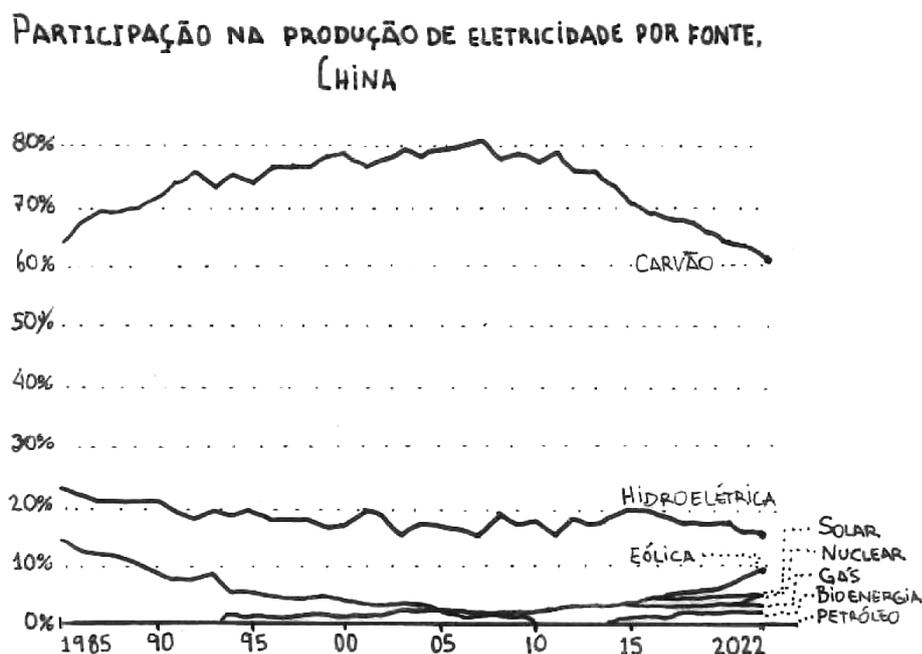
As montanhas chinesas são fontes de recursos minerais que possibilitam o seu desenvolvimento industrial e econômico. Para não nos prolongarmos sobre cada um dos tipos de minérios e suas extrações no território chinês, decidimos abordar aqui dois como destaques: o carvão e o minério de ferro. Escolhemos estes pois eles representam polos opostos do desenvolvimento chinês. De um lado, o carvão foi o grande combustível

do desenvolvimento na segunda metade do século XX. Do outro, o minério de ferro continua sendo um recurso que desafia as ambições do país por sua dificuldade de extração.

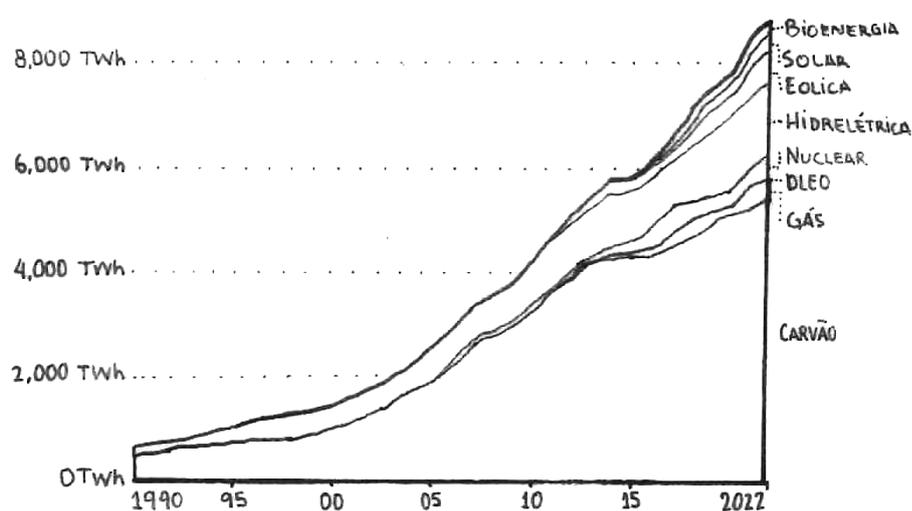
A começar pelo carvão, o gráfico na Fig. 50, mostra o quanto, apesar de diversificada, a matriz energética chinesa ainda depende do mineral. Desde os relatos de Marco Polo, já era conhecida a riqueza da China em carvão mineral. De acordo com Tregear (1965, p. 145), os campos mais ricos de carvão estão situados no norte, mas é possível encontrá-lo em todas as províncias. Inclusive, é pelo emprego do carvão como principal fonte energética que a China vem recebendo críticas desde o início deste século pelo excesso de poluentes liberados pela sua queima. Tregear (1965, p. 147) também traz mapas das principais minas de carvão da China, mas, neste caso, as reservas desde 1965, ano da escrita de seu livro, muito já se alterou em termos de tecnologia, sondas e volume de exploração, tornando o mapa de reservas de carvão desatualizado. No entanto, podemos manter em mente a riqueza de carvão que o país tem até hoje e seu papel fundamental na produção e geração de energia.

Outro mapa que também está desatualizado em Tregear (1965, p. 152) é o de Recursos de Minério de Ferro. No entanto, como o autor enfatiza a pobreza de minério de ferro do país, vamos reproduzir alguns trechos a seguir. De modo geral, a visão do autor era de que a China jamais seria capaz de se desenvolver na mesma escala dos Estados Unidos ou da Inglaterra por conta da limitação de minas de ferro.

Fig. 50 - Produção elétrica na China por fonte de energia



PRODUÇÃO DE ELETRICIDADE POR FONTE, CHINA



Fonte: ROSER; ORTIZ-OCHOA (2022a e 2022b).

Seja como for, a opinião dos especialistas concordou que, embora a China tenha amplas reservas de carvão, as suas reservas de minério de ferro são tais que não poderia razoavelmente esperar desenvolver-se industrialmente na mesma escala massiva que os EUA ou mesmo a Grã-Bretanha. O Dr. J. S. Lee, em seu livro

Geologia da China, diz: “É bastante claro que a China nunca poderá ser um país produtor de ferro de qualquer importância”. George B. Cressey diz: ‘É claro que a China não pode igualar os países industriais do Ocidente na produção de ferro’ R. H. Tawney, escrevendo em 1932, diz: ‘No que diz respeito ao futuro visível, o fator limitante não é o carvão, mas o ferro. [...] O crescimento de uma indústria siderúrgica de dimensões consideráveis é dificilmente possível na China’. Ele prossegue informando que o desenvolvimento industrial chinês segue as linhas que os franceses seguiram por volta de 1910-14, desenvolvendo a produção em massa leve em vez da pesada e usando assim as habilidades, destreza, habilidade e gosto mais característicos de seu gênio. É importante ter em mente esta avaliação e julgamento amplamente difundidos antes de 1949, tendo em vista a política e o desenvolvimento subsequentes. (TREAGEAR, 1965, p. 152-153) (tradução nossa)

Apesar de sabermos hoje que o desenvolvimento da China ocorreu em escalas muito superiores às dos EUA e da Inglaterra, a questão do aço ainda se faz relevante para o país. Na verdade, não se trata de um problema de quantidade de ferro, mas da dificuldade e do preço da sua extração. De acordo com Flynn Murphy e Luo Guoping (2022), a reserva de minério de ferro chinesa é considerada a quarta maior do mundo, com 10,8 bilhões de toneladas espalhadas, principalmente, pelas províncias de Sichuan, Liaoning, Shanxi, Anhui, Shandong, Hebei e Mongólia Interior. “Mas estas reservas estão dispersas e são de difícil acesso, pelo que serão necessários mais esforço e dinheiro para serem desenterradas.”(MURPHY; GUOPING, 2022)(tradução

nossa). Nesse sentido, por mais que o minério não tenha se tornado um entrave para o desenvolvimento chinês como previsto pelos autores da década de 1960, ele ainda é sim uma preocupação para o governo. Em 2022, o Ministério do ferro da China criou o Plano de Base, que pretende chegar

à autossuficiência na produção de aço na próxima década (MURPHY; GUOPING, 2022). De acordo com a matéria “Plano da China para acabar com a dependência externa do minério de ferro – Extrair mais em casa”, o preço da extração de minério no território chinês é muito mais caro do que o de aquisição de empresas como a australiana BHP e a brasileira Vale. No entanto o país percebe a fragilidade geopolítica de não desenvolver o setor minerário, mesmo que a um custo superior, de modo que rusgas internacionais não sejam responsáveis pelo freio no desenvolvimento do país. Assim, o plano tenta blindar a China de um eventual embargo ou bloqueio na aquisição do minério de ferro de outros países. O Plano de Base assume duas estratégias para autossuficiência (MURPHY; GUOPING, 2022). A primeira é aumentar o volume de minério de ferro produzido em território nacional, melhorando as técnicas e tecnologias de mineração e incentivando as empresas nacionais (MURPHY; GUOPING, 2022). A segunda parte do plano está relacionada à redução das importações. Para isso, a principal tática é o desenvolvimento de indústrias e tecnologias de reciclagem de ferro e aço.

A China tem reduzido seus investimentos em mineração ano após ano desde 2013. De acordo com Murphy e Luo Guoping (2022) (tradução nossa), “o investimento na mineração de minério de ferro dentro do país, caiu de 169 bilhões de yuans em 2013 para menos de 100 bilhões de yuans em 2019 e, de 2019 até 2022, caiu para cerca de 80 mil milhões de yuans”. A queda, associada a uma série de demandas ambientais nacionais como as apresentadas no capítulo “A Teoria das Duas Montanhas” desta tese, chegou ao ponto de não ser revertida sequer pelos altos preços do minério de ferro no cenário internacional em 2021. Naquele ano, os preços do

minério de ferro “refinado 62% Fe CFR Futuros” bateram todos os recordes históricos de alta (MURPHY; GUOPING, 2022).

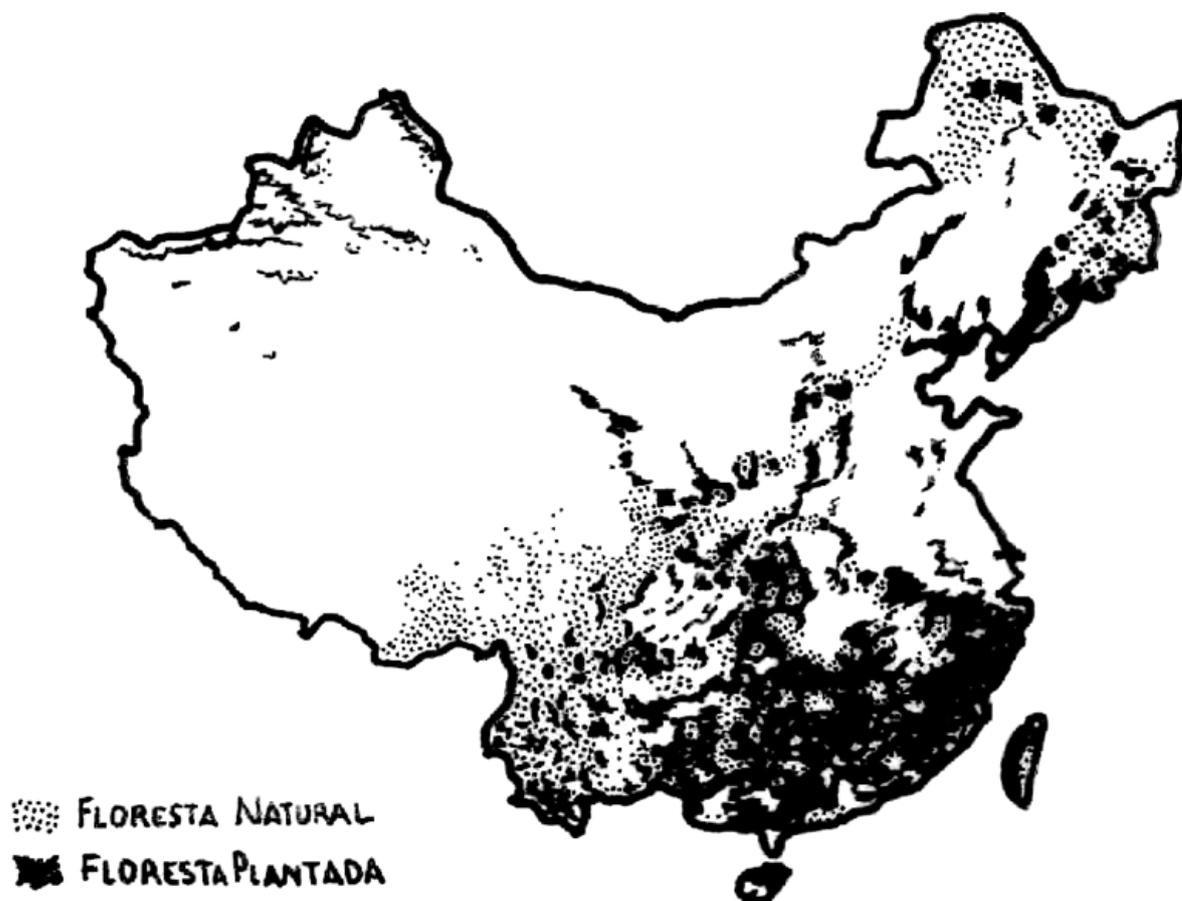
Neste contexto, a alta nos preços justificaria os investimentos na produção, uma vez que, mesmo com os altos custos de extração e beneficiamento, ainda haveria lucratividade na venda do minério. E, como destacado na matéria, houve um aumento na produção, mas ele foi metade do que o previsto para aquele ano. Assim, apesar dos benefícios ambientais da redução da extração de minério, atualmente a China precisaria dobrar o volume de aumento de extrações anuais para atingir as metas de redução de dependência para 2025.

Outro aspecto que analisaremos aqui é a vegetação natural e sua distribuição no país. De acordo com Tregear (1965, p. 42 - 44), devido à longa história de ocupação do território chinês e de diversas alterações ao longo de milênios, é difícil saber qual seria exatamente a vegetação natural de cada parte do país. Observando de cima, boa parte da terra se parece mais com uma colcha de retalhos de campos cultivados, resultado da sua densa população e da longa história de agricultura. A vegetação natural do país, que é influenciada pelas condições climáticas e de solo, é muito diversa. As diferenças na exposição solar resultam em vegetação distinta nas encostas das montanhas voltadas para o norte e para o sul, com as primeiras apresentando vida vegetal mais abundante. No noroeste, podem ser encontradas áreas de vegetação esparsa e resistente à seca e plantas tolerantes ao sal. Áreas como a Planície do Norte da China e as planícies aluviais do Changjiang e do Huai são utilizadas principalmente para a agricultura, deixando pouco espaço para a vegetação natural. Um amplo cinturão de floresta mista de coníferas e caducifólias se estende em fita do

oeste, até as montanhas Qinling e Funiu, tornando-se mais diversificado em direção ao leste e ao sul (TREAGEAR, 1965, p. 43). Apesar da variedade de espécies vegetais, incluindo 26 espécies de coníferas, o desmatamento reduziu significativamente a cobertura florestal da China, especialmente nas regiões densamente povoadas do sul e do leste.

Apesar da análise das características da vegetação feitas por Tregear (1965, p. 42 - 44), recursos como o sensoriamento remoto permitiram que os estudos em torno das vegetações naturais avançassem e possibilitassem uma distinção entre as vegetações naturais e as florestas plantadas da China. Em um estudo recente denominado “Mapping China’s planted forests using high resolution imagery and massive amounts of crowdsourced samples” Kai Cheng; et al., (2023) mapearam as florestas plantadas e naturais utilizando dados e imagens de alta resolução (30m) de satélite chegando ao resultado da Fig. 51. O estudo buscava, dentre outros objetivos, compreender o que era floresta natural e o que seriam as florestas plantadas, ou reflorestadas. Nesse sentido, o trabalho demonstra uma área de 769.853,01 km² de mata plantada, o que representa 77,45% da área de floresta (CHENG; et al., 2023). Assim, a área identificada como de floresta natural tem a extensão de 223.650,00 km². Por fim, é importante mencionar que, por conta das fontes e das bases de dados utilizadas, o estudo afirma que há incertezas nas quantidades de florestas naturais identificadas antes da década de 1990.

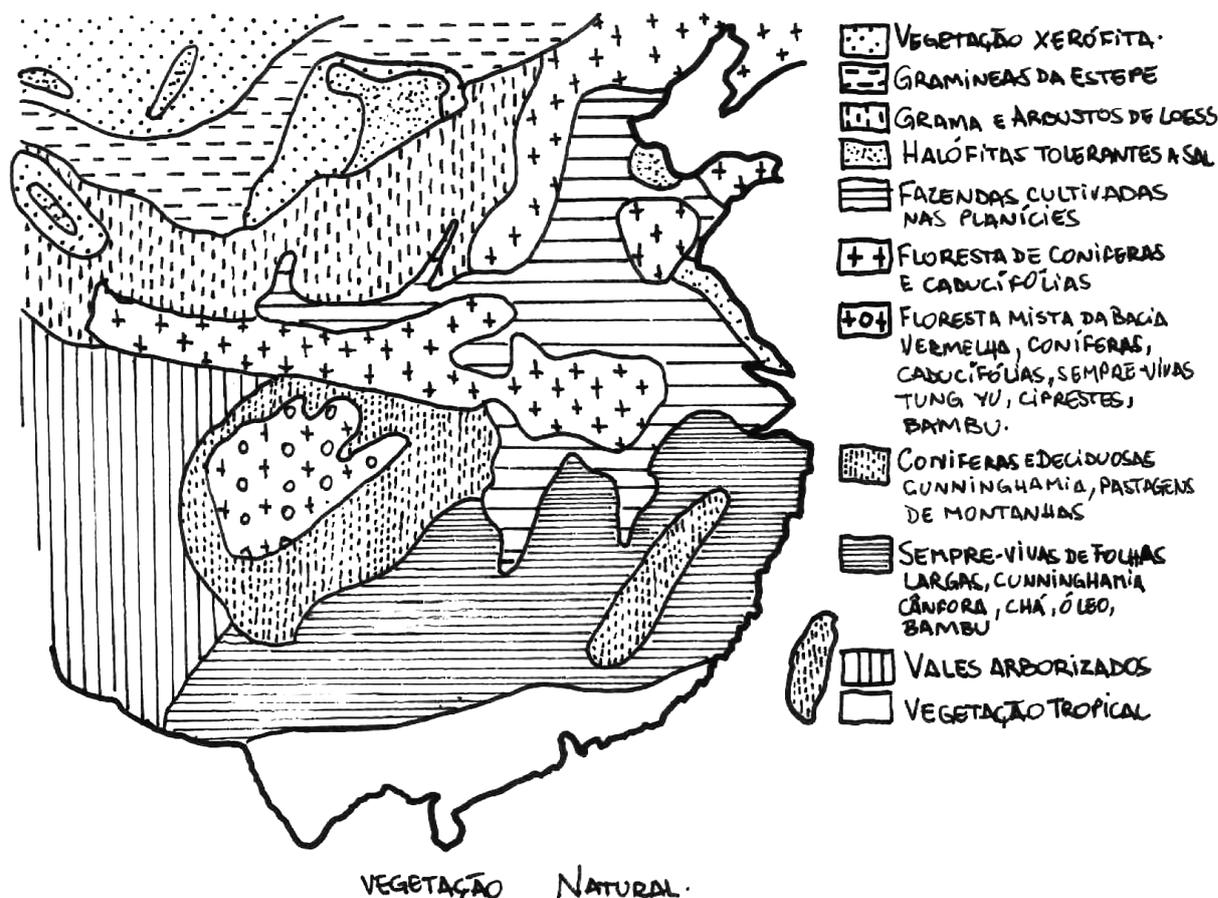
Fig. 51 - Mapa de florestas da China.



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Qiu, et al (2022).

Dessa forma, Tregear (1965, p. 42 - 44) contribui para compreendermos os tipos de vegetações naturais do território chinês, enquanto Kai Cheng et al. (2023) contribui para a localização dos maciços florestais e sua extensão pelo país. Em ambos os casos, não é certo para os pesquisadores o que seria uma vegetação cujas características seriam as mesmas de antes das ocupações humanas.

Fig. 52 - Mapa de cobertura vegetal.

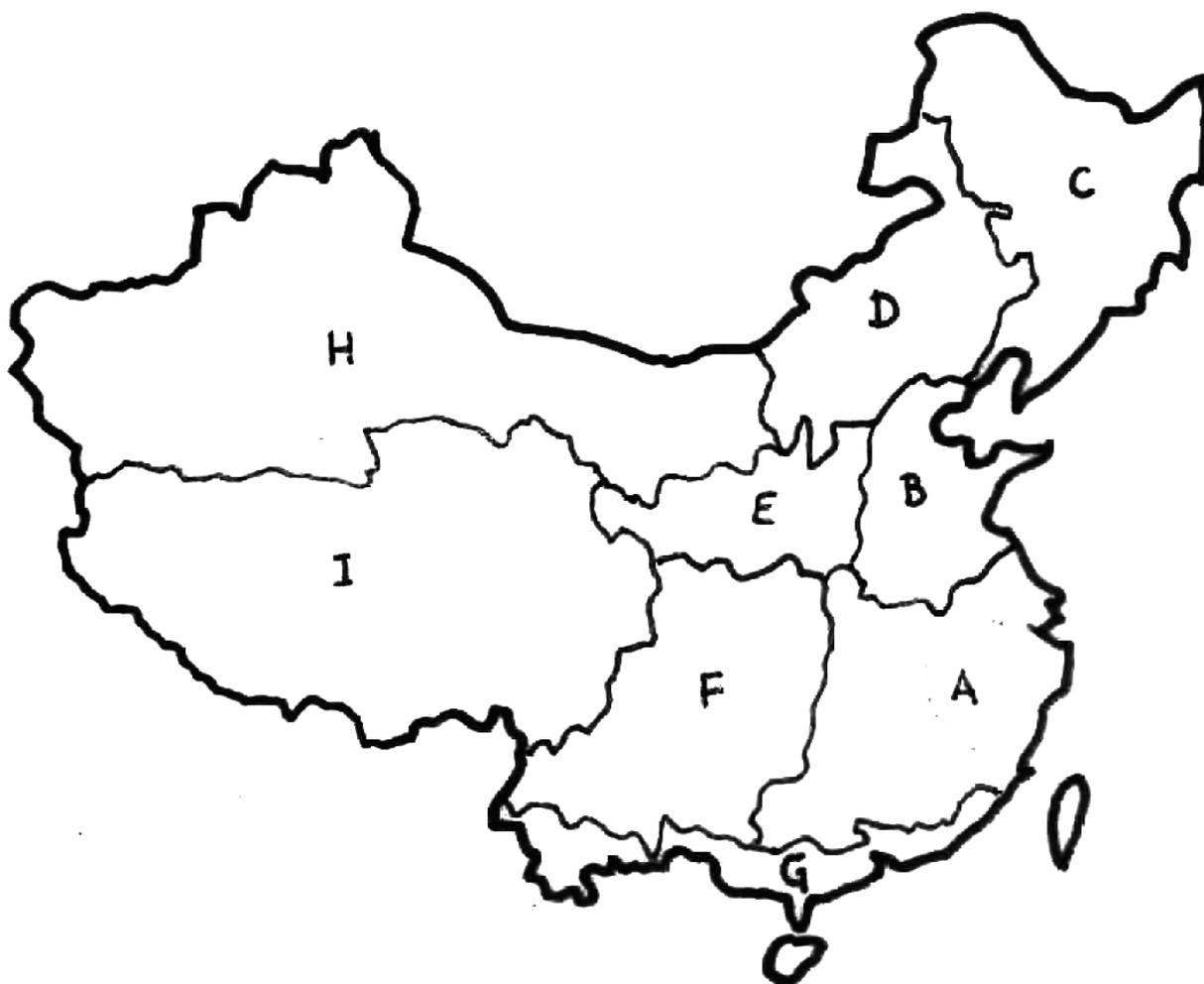


Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Qiu, et al (2022).

Para finalizarmos o estudo sobre a geografia das montanhas chinesas e os tipos de agricultura, trazemos o estudo realizado por Bingwen Qiu et al. (2022), que mapeou os padrões de cultivo na China entre 2015 e 2021. A agricultura é sempre uma questão importante para todos os países. Entretanto, para a China, que possui quase 20% da população mundial e apenas 7% das terras agrícolas, essa se torna uma questão ainda mais relevante. Apesar do vasto território, as terras cultiváveis na China estão concentradas nas porções leste do país. Ainda assim, três culturas básicas - milho, arroz e trigo - estão amplamente distribuídas por todo o território. (Fig. 52). De acordo com Qiu et al. (2022), estas três culturas contribuíram para mais de metade (57,08%) da área total semeada e 97% do plantio de

cereais na China em 2020. Apesar da extensa produção desses cereais, tanto Qiu et al. (2022) quanto Tregear (1965, p. 116) apresentam uma divisão territorial dos cultivos semelhante à Fig. 53. Nela, o território é dividido em 9 regiões agrícolas, e alguns dos cultivos mais representativos de cada região são destacados.

Fig. 53 - Divisão territorial dos cultivos Qiu.



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Qiu, et al (2022).

- A. Região média e baixa do Changjiang com a marcação do cultivo de arroz.
- B. Planície do Norte da China onde predominam os cultivos de trigo e milho.

- C. Nordeste da China, onde se destacam as plantações de soja, de trigo e de milho.
- D. Mongólia interior onde boa parte das terras não são cultiváveis, destaca-se a produção de girassóis.
- E. Região do platô do Loes onde o trigo é amplamente plantado.
- F. Sudoeste da China onde o arroz e as plantações de milho são predominantes.
- G. Região do sul da china conta com diversas plantações que cultivam trigo, arroz e milho.
- H. Região do Xinjiang que tem poucas terras cultiváveis e onde predominam as atividades pastoris, além de plantações de arroz e trigo em oásis.
- I. Região do platô tibetano, que possui poucas formas de cultivo.

Fig. 54 - Divisão territorial dos cultivos Tregear.



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Tregear (1965, p.10-11).

Assim, é possível observar como a questão da agricultura na China é, até hoje, muito relevante. De maneira geral, muitos alimentos ainda são importados, principalmente de países como o Brasil. E, por mais que o mapa de regiões agrícolas demonstre a proeminência de determinados cultivos por região, Qiu; et al (2022) demonstra que boa parte das terras produtivas passa por rodízios de 2 ou até 3 culturas, quando não há o plantio simultâneo de 2 tipos de cereais. Dessa forma, a China vem aproveitando seu crescimento para aumentar a produtividade de suas terras, mesmo que ainda dependa de parceiros comerciais que forneçam produtos como soja, café e trigo.

As montanhas chinesas representam mais do que o lugar de acolhida do homem. Elas são também o lugar sagrado para diversas religiões, a fonte dos minerais que colaboram para o avanço industrial do país, dos minerais que estão sendo preservados ou guardados em suas jazidas para exploração futura e dos cultivos de alimentos. As montanhas simbolizam a rigidez e a estabilidade porque, de fato, elas são a fonte dos recursos materiais necessários para a vida. Assim como as montanhas conectam o céu à terra nas pinturas, nos campos do pensamento e da filosofia, elas também simbolizam o aterramento das ideias à materialidade. Ao compreenderem as montanhas como são, os pensamentos em torno delas se mostram conectados à realidade e às necessidades das pessoas. Assim, os campos metafóricos ou simbólicos que observamos aqui estão partindo das condições materiais para se formarem como pensamentos ou teorias e então se reaplicarem sobre a vida.

De outras maneiras, esse movimento entre o simbólico e o material é verificado nos demais capítulos sobre as Montanhas. Em alguns deles, veremos mais evidências dos caminhos traçados entre o simbólico e o material. Em outros, haverá mais relatos dos caminhos de retorno à matéria. Mas, em todos os aspectos analisados, o ciclo se completa.

4.2. Balzac e a Costureirinha Chinesa

Balzac e a Costureirinha Chinesa é um romance adaptado para o cinema, escrito e dirigido por Dai Sijie (戴思杰). Neste capítulo, abordaremos o filme de 2002, homônimo ao romance de 2000. O filme retrata, a partir da visão de dois jovens burgueses, o processo de reeducação liderado pela Campanha de Envio ao Campo, implementada pelo governo de Mao Tsé-tung no final da década de 1960 e início da década de 1970. Nesse período, após o fracasso da política do Grande Salto Adiante, Mao se afastou da tomada de decisões e foi gradualmente sendo mais e mais isolado. Liu Shaoqi, Chen Yun, Zhou Enlai e Deng Xiaoping deram início a um novo período político (EBREY, 2006, p.290-291). De 1959 a 1966, novas políticas começaram a ser implementadas e Mao julgou que tais políticas romperam com o pensamento marxista e desqualificaram a luta de classes. Assim, em 1966, teve início a Revolução Cultural como uma ‘revolução dentro da revolução comunista chinesa’. Ela buscou produzir uma sociedade chinesa trabalhadora, livre de valores culturais burgueses. Após afastar os oponentes do poder, Mao retomou as rédeas políticas do país e começou uma série de novas políticas que visavam erradicar ideias imperialistas, ocidentais ou elitistas. Dentre tais medidas, estava Campanha de Envio ao Campo (上山下乡运动), na qual os jovens de aproximadamente 16, 17 anos, moradores de áreas urbanas e considerados privilegiados eram enviados para as áreas rurais para viver, trabalhar e aprender com os camponeses (EBREY, 2006, p.290-291). A campanha que levou milhões de filhos de burgueses e de trabalhadores liberais para o campo foi marcante por aumentar a mão de obra do campo e redistribuir a

população que começava um intenso movimento de migração para as cidades. A Revolução Cultural terminou em 1976, mesmo ano da morte de Mao.

O autor, Dai Sijie, viveu durante este período e passou pelo processo de reeducação no campo. De acordo com a editora Penguin (2023), que publica os livros do autor, ele nasceu em 1954, é escritor e cineasta, e foi reeducado entre 1971 e 1974. Em 1984, mudou-se da China para a França, onde mora até hoje. Seu primeiro romance foi publicado em francês com o nome original “Balzac et la petite tailleuse chinoise” e foi um sucesso de vendas em 2000. Tornou-se um bestseller imediato e ganhou cinco prêmios de literatura franceses (PENGUIN, 2023). Até o momento já foi publicado em mais de trinta e cinco países. O filme do livro foi escolhido para abrir o Festival de Cinema de Cannes em 2002.

Segundo Dai Sijie, em entrevista para a NPR, uma agência de notícias dos Estados Unidos, o livro conta uma história fictícia, mas inspirada em amigos e conhecidos dos tempos em que passou nas montanhas de Sichuan (SIJIE, 2002b). Em sua vivência, um amigo que estava também passando pela reeducação se apaixonou por uma camponesa belíssima. De acordo com ele (SIJIE, 2002b), ambos se surpreenderam ao ver tamanha beleza em meio a toda aquela pobreza. Apaixonado por ela, o amigo decidiu que iria educá-la, para que fosse menos ignorante (SIJIE, 2002b). Assim, o rapaz subia a montanha para ler para ela e seu autor favorito se tornou Balzac.

Inspirado por essa história, Sijie criou o romance. Com o sucesso do livro, logo dirigiu também a adaptação para o cinema.

RESUMO DO FILME:

Em ‘Balzac e a Costureirinha Chinesa’, dois jovens rapazes de 17 anos são enviados para a reeducação na província de Sichuan, próxima das montanhas tibetanas, em uma pequena aldeia. Logo ao chegarem, há um enorme choque cultural entre eles, jovens estudantes urbanos e letrados, e os moradores locais, agricultores e mineradores analfabetos. Os jovens têm seus pertences confiscados e investigados pelos moradores, que rasgam um livro de receitas francesas por julgarem que aquilo era lixo imperialista burguês. Em seguida, perguntam a um dos jovens sobre o instrumento que ele carregava. O rapaz, percebendo que o destino de seu violino seria semelhante ao do livro de receitas, anuncia que se trata de um instrumento e que ele tocaria uma música. Antes de tocar, o chefe pergunta a eles qual era o nome da música e eles respondem: ‘É Mozart... Mozart está pensando...no presidente Mao’. Satisfeitos com a resposta, os aldeões permitem que a música seja tocada e se deleitam com o som do violino (SIJIE, 2002, 2:14”- 7:50”). A partir de então, os rapazes se dedicam ao trabalho na mineração e na lavoura. Cansados e sujos, eles buscam por um lugar para se banhar e lá conhecem a jovem costureirinha. Ambos ficam encantados pela beleza da garota, mas, ao conversarem com ela, julgam-na muito ignorante. Os dois rapazes roubam uma maleta de livros estrangeiros - e proibidos - e decidem ler para a costureirinha. Para isso, criam um local escondido: uma caverna atrás do rio, onde os três passam a ter encontros furtivos e aprofundam o triângulo amoroso. Com o passar do tempo, a jovem se transforma. Seu avô, um prestigiado alfaiate da região, percebe sua mudança e pede aos jovens que se afastem dela. Ainda assim, o velho fica curioso por aquelas histórias e pede aos rapazes que as contem

para ele. Ele se encanta com os cenários descritos em ‘O Conde de Monte Cristo’. Nesse momento, o chefe da vila os pega contando histórias reacionárias e os obriga a tratar um de seus dentes doentes em troca de não os denunciar. Ao operá-lo, um dos rapazes, filho de dentistas, percebe sua vocação no mesmo caminho dos pais. Em meio a leituras, beijos e carícias, a costureirinha engravida dele. Sem saber, o jovem volta para casa para visitar o pai doente e deixa o amigo músico para cuidar de sua namorada. Desesperada, a costureirinha conta ao amigo que está grávida e ele consegue um médico para realizar o aborto. Durante a operação clandestina, o músico toca um trecho de ‘O Lago dos Cisnes’ em seu violino para abafar os gritos de dor da jovem. Em recuperação após a cirurgia, a costureirinha percebe que já não se sente mais a mesma. Na cena seguinte, os três jovens e o avô da menina se reúnem para celebrar a volta do rapaz que foi visitar o pai. Em um momento a sós, os dois amigos brindam ao êxito de transformar a costureirinha em uma mulher mais culta. Eles notam que até seu sotaque havia mudado (SIJIE, 2002).

Na última parte do filme, agora nos anos 1990 em Paris, o violinista vê em um documentário que a aldeia onde foi reeducado seria inundada pelas águas do Changjiang. A China estava se modernizando e uma grande hidrelétrica estava sendo construída para fornecer energia para mais de 200 milhões de pessoas. Ele viaja de volta para visitar o vilarejo uma última vez antes de seu desaparecimento e espera encontrar a costureirinha. Chegando lá, as casas ainda são as mesmas casas pobres, mas por dentro, estão modernizadas com antenas parabólicas, televisões e móveis metálicos. Algumas famílias ainda seguem morando no vilarejo, mas a costureirinha já não estava mais lá. O violinista então presencia a festa dos

espíritos, na qual os moradores lançam barcos de papel iluminados com velas nas águas dos rios para homenagear a alma dos mortos. Ao final da festa, ele entra nas águas e nada em volta dos barcos para saber se o nome da costureirinha estava lá entre os espíritos celebrados. Em Shanghai, o violinista encontra seu amigo que se tornou um importante dentista. Eles bebem enquanto assistem às filmagens da vila no presente e relembram os velhos tempos. Por fim, conversam sobre como a costureirinha se mudou para Shenzhen, abandonando-os e decidida a ter uma nova vida. Na despedida, mais de 20 anos antes, a jovem havia cortado o cabelo, vestia roupas diferentes e andava confiante. Ao ser questionada sobre o que a tinha mudado, ela responde que Balzac a mudou e vai embora. Nos anos 1990, os amigos se lamentam pelo amor perdido e um deles diz ter ido atrás dela, mas ela havia saído de Shenzhen e ido para Hong Kong. Bêbados, eles dormem e sonham com o passado que se afoga nas águas do Changjiang (SIJIE, 2002).

ANALISANDO O FILME E SUAS CENAS, primeiro é necessário ressaltar a relevância das paisagens como instrumento para a narrativa. O filme se destaca pela sutileza com que retrata os momentos das vidas das personagens, e, neste sentido, o ambiente que os cerca é fundamental para expressar os sentimentos que eles vivem. Deste modo, o espectador é capaz de sentir a claustrofobia das minas (Fig. 55), a vertigem das montanhas (Fig. 56), o frio das nuvens que passam (Fig. 57) e o frescor das águas (Fig. 58).



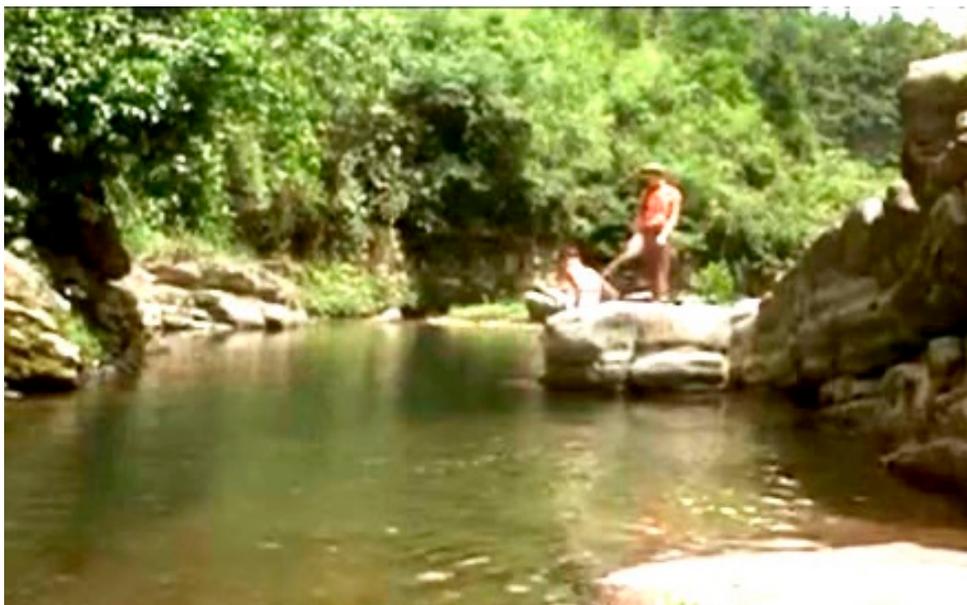


Fig. 55 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 00:10:29.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 56 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 0:00:32.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 57 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 00:41:58.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 58 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 01:09:28.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 59 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 00:29:54.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 60 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 0:10:14.
Fonte: SIJIE, 2002.

Ao observar o filme a partir da relação entre montanha e água, percebemos que, logo na primeira cena, a montanha assume um papel de protagonista por ser o lugar onde as relações são, simultaneamente, protegidas e confinadas. Os jovens caminham por escadas íngremes e caminhos tortuosos para chegar à vila (Fig. 63). Do ponto de vista dos aldeões, eles estavam ali protegidos dos valores burgueses. Do ponto de vista dos rapazes, aquelas pessoas estavam confinadas em sua ignorância.

A vida nas montanhas não é fácil. O primeiro trabalho ao qual são designados é a limpeza e dispensa dos resíduos dos banheiros, que são levados para fertilização das plantações (Fig. 59). Em seguida os rapazes são levados para a montanha, onde ajudam os moradores na extração de cobre (Fig. 60). Tanto no campo quanto nas minas, a montanha se mostra dura e concreta, um meio de vida que necessita de trabalho árduo. Ainda assim, vista de fora, a montanha se mostra exuberante, verde, quase meditativa. Esse antagonismo entre a montanha vista de fora e de dentro é

também uma forma do diretor expressar como é distinta a visão de quem a vê e de quem a vive. Em grande parte do filme, as cenas são fechadas e escuras, representando a clausura que os rapazes sentem por serem obrigados a estar lá. A paleta de cores varia do cinza da terra fertilizada com fezes humanas ao marrom das minas de cobre, o verde das paisagens abertas e os tons quentes e escuros para os momentos noturnos (Fig. 63).

As águas representam os pontos de virada no filme. Primeiramente, ao conhecerem a costureirinha em uma cachoeira, os amigos passam a ter algo a desejar naquele lugar. Em seguida, o rio surge como um obstáculo a ser transposto sempre que desejam ler um livro, representando a mudança que ocorre na própria costureirinha. A próxima cena em que as águas são retratadas ocorre quando o estudante de odontologia adoece e é jogado no lago gelado. Ao tratar de sua doença, a costureirinha o chicoteia com um galho de salgueiro para expulsar a enfermidade e, neste momento, eles se beijam. A cena marca uma mudança na dinâmica do trio que, pelo lado do músico, passa a viver uma relação proibida. Ele passa a amara namorada do amigo em segredo. Posteriormente, no rio que protegia os livros, a cena em que o casal faz amor marca a mudança dos rumos de ambos: o rapaz retorna para a cidade e ela engravida. Por fim, a água do Changjiang marca a última mudança, o alagamento e a destruição completa da aldeia.

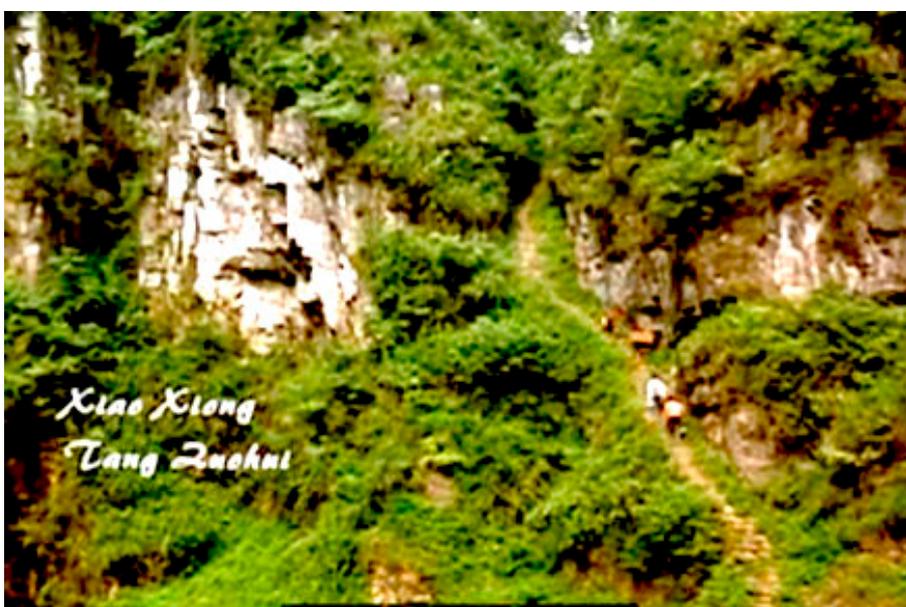


Fig. 61 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 00:47:03.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 62 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 00:26:40.
Fonte: SIJIE, 2002.

Fig. 63 - Balzac And The Little Chinese Seamstress 00:00:58
Fonte: SIJIE, 2002.

A água é, dessa forma, o elemento que marca as mudanças. A montanha, por outro lado, muito mais presente no filme, marca a continuação dos fluxos alterados pelas águas. Ela representa a materialidade como algo com grande inércia e que tende a manter o fluxo que lhe foi dado. Isso não quer dizer que essa materialidade não se altere; pelo contrário, quer dizer que, ao ser alterada, a concretude da realidade mantém o novo curso desenhado. Isso pode ser evidenciado pelo diálogo entre o músico e a costureirinha após a ida do amigo para visitar o pai. Neste diálogo (SIJIE, 2002, 1:16:27 - 1:16:53), ele diz que lia para ela uma obra de Lu Xun - principal autor moderno da China vinculado ao Partido Comunista e crítico ao imperialismo - e ela responde que gostava de Balzac e que não sabia da relevância do novo autor, mas gostava de Balzac.

Outra questão do filme é a relação entre o processo de transformação pelo conhecimento e pelo desenvolvimento. O processo de transformação pelo conhecimento é lento e gradual, requer muito esforço, enquanto o processo de desenvolvimento é rápido. O trio de protagonistas demora para conquistar mudanças pelo conhecimento, mas a criação da barragem em pouco tempo muda radicalmente o destino de todos na vila.

O objetivo do governo era empreender nos jovens burgueses uma mudança pela vivência da vida camponesa. Buscava-se promover um processo de formação social nos jovens abastados e urbanos para extinguir as influências que restavam do império, do Ocidente e da burguesia. Por outro lado, os rapazes tentam alterar a visão dos aldeões e apresentá-los à música e literatura ocidental. Eles tocam músicas de Beethoven, Mozart e Tchaikovsky e contam as histórias dos livros de Alexandre Dumas e Auguste Maquet, de Balzac e de Gustave Flaubert.

Neste sentido, o filme expressa a resistência dos amigos em romper com os valores tradicionais da vila, sendo capazes apenas de transformar a jovem costureira. E, mesmo a garota, não se transforma para o que eles desejam, mas para o que ela mesma passou a desejar. Ao ir embora, a costureirinha demonstra como o processo de alteração do outro, empreendido pelos rapazes, apesar de eficaz no caso dela, não se desencadeia na direção esperada por eles. Da mesma forma, a Revolução Cultural e a reeducação não evitaram que o violinista fosse morar na França - assim como Daí Sijie.

Por outro lado, a mudança pelo desenvolvimento urbano e tecnológico não correspondia a nenhum dos anseios específicos dos grupos em jogo no filme. Nem os jovens, nem os aldeões, nem a Revolução Cultural, nenhum deles esperava ou desejava o alagamento da vila. Contudo, o filme não expressa que algum desses grupos ou qualquer outro grupo oferecesse resistência à mudança. É interessante como a relação entre mudanças é expressa durante todo o filme como um cabo de guerra entre os agentes que alteram e os agentes que resistem às mudanças, e ao final amador de todas elas não há resistência. Neste sentido, a cultura e os

valores dos personagens são apresentados como mais sólidos e resistentes do que as montanhas que os guardam. Nos anos 1990, a construção da barragem, que representou o processo de desenvolvimento econômico e urbano da China naquela e nas décadas posteriores, transformou a vila. As disputas que se sucederam no passado tornaram-se parte do rio e foram completamente submersas. Não se trata de um julgamento - nem do autor, nem nosso -, mas da lembrança de processos que ocorreram e que foram constitutivos daquelas pessoas.

Assim, o filme apresenta uma visão muito importante sobre a China, sobre o momento histórico vivido pelo autor, sobre a disputa pelo conhecimento e a cultura, e sobre a relevância do conhecimento e da arte. Entretanto, para nós, o filme apresenta ainda uma relação entre o homem e a montanha. Neste caso, a montanha é uma barreira, como já mencionado, mas é também a expressão da materialidade da vida, do mundo do trabalho, da fome, da doença, da festa e do amor. É da montanha que os trabalhadores obtêm o que comer, a partir da plantação. É dela também que extraem a renda, por meio da mineração. É pelas dificuldades das montanhas que os trabalhadores sofrem pela falta de médicos. É por sua acolhida e segurança que se deleitam em festas e prazeres.

Por fim, 'Balzac e a costureirinha chinesa' retrata uma relação entre o homem e a montanha onde a vida ocorre em todos os seus aspectos. Nesse sentido, a fotografia de Daí Sijie com montanhas verdes, belas e preservadas reflete como o autor enxerga essa relação em sua juventude. De acordo com o Jornal Los Angeles Times, na matéria de Merrill Balassone (BALASSONE, 2005), o diretor e sua equipe passavam duas horas por dia caminhando por trilhas perigosas nas montanhas de Sichuan

para fazer as filmagens. O local das filmagens foi escolhido para representar a vila onde o próprio Daí foi reeducado. Diferentemente do filme, a vila não foi alagada, mas era remota demais para hospedar a infraestrutura de filmagem (BALASSONE, 2005).

Assim, apesar da retratação do alagamento, as montanhas em questão não foram soterradas pela modernidade ou pelo desenvolvimento. Pelo contrário, tanto o set de filmagem quanto a vila onde Daí foi reeducado se mantiveram preservados. Dessa forma, ‘Balzac e a costureirinha’, em certa medida, ainda expressa ambientes preservados, montanhas verdes e águas limpas.

4.3. Parque Lianhuashan – Shenzhen

O Parque Lianhuashan, localizado em Shenzhen, é uma pequena montanha situada no delta do Rio das Pérolas. O parque foi visitado em 12 de fevereiro de 2023, um domingo, e nesta ocasião, impressionou pela quantidade de pessoas presentes se divertindo das mais variadas formas possíveis. O parque e a montanha representam uma importante forma de lazer para a região na cidade de Shenzhen e expressam a importância das montanhas para os chineses, que vai além da proteção e do abrigo já mencionados. Para tanto, primeiramente será contextualizada a cidade de Shenzhen e sua recente criação. Em seguida, será apresentado o Parque Lianhuashan e, por fim, discutiremos a visita e as impressões do lugar.

Em 1976, um mês após a morte de Mao Tsé-tung, o ‘Bando dos Quatro’ foi preso e, posteriormente, condenado pelos excessos cometidos durante a Revolução Cultural. O chamado bando era um grupo formado por: Jiang Qing, esposa de Mao Tse-tung; Zhang Chunqiao, vice-primeiro-ministro da China; Wang Hongwen, vice-presidente do Partido Comunista Chinês; e Yao Wenyuan, intelectual orgânico do partido. O grupo foi considerado contrarrevolucionário e condenado pelos crimes e excessos cometidos durante os últimos anos da Revolução Cultural, quando Mao já estaria doente e menos a par das decisões políticas tomadas pelos quatro. Após o fim da Revolução Cultural, teve início o processo de abertura política chinesa que foi planejado e executado por Deng Xiaoping. Shenzhen e as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) marcam o momento de mudança que a China passou a viver.

Apesar dos mais de 5 mil anos de história chinesa, os pouco mais de 40 anos de Shenzhen representam uma importante mudança no paradigma urbano da China.

Até 1980, Shenzhen era uma área agrária situada de frente para Hong Kong, separada por um pequeno rio, na região do delta do Rio das Pérolas. Em agosto de 1980, foi estabelecida a ZEE (WU, 2012, p.1), que visava atrair investimentos industriais estrangeiros. A posição adjacente a Hong Kong e próxima a Guangzhou (广州) (conhecida como Cantão), centralidade comercial na China desde a dinastia Qin (221 a 206 EAC), foi estratégica para atrair e distribuir os investimentos estrangeiros que chegavam.

Durante a década de 1970, Hong Kong passou por um intenso processo de desenvolvimento, de modo que a região de Shenzhen acabou por perder parte da sua população que migrou para lá ou para o Ocidente a partir de lá (WU, 2012, p.6- 7). De acordo com o Shenzhen Statistical Bureau (2020, p.55), em 1979 a população permanente de Shenzhen, somando os registrados e os não registrados, era de 314.100 habitantes; em 2019, este número chegou a 13.438.800 habitantes.

O grande crescimento da cidade em tão poucos anos trouxe importantes consequências para o território, que precisou apresentar soluções para a qualidade de vida de uma população que: i) envelhece após anos de trabalho nas fábricas; ii) rejuvenesce pela migração de jovens, mão de obra para empresas de tecnologia de ponta como Huawei, ZTE, Skyworth, BYD, Neptune, Tencent, Han's Laser, Kingdee e Mindray; iii) aumenta o poder de consumo pela qualificação dos trabalhos no campo da tecnologia e mercado financeiro. Assim, a cidade que representou o

‘milagre econômico chinês’ agora enfrenta as contradições deste processo. Dentre elas, a questão ambiental se faz urgente.

Apesar de muito rápido, o crescimento da cidade de Shenzhen foi controlado, em nível provincial pelos Planos Diretores e, nacionalmente, por políticas como o Hukou, que controlava a mobilidade dos trabalhadores pelo país. Atualmente, de acordo com a Shenzhen Planning Exhibition do Museum of Contemporary Art and Planning Exhibition (MOCAPE) (2023), dos 1.997 km² da cidade, 974 km² foram definidos como áreas de preservação. Essa linha de controle ecológico, que preserva quase metade da área da cidade, foi estabelecida em 2005 e segue o princípio de “buscar a harmonia entre homem e natureza” (人与自然和谐共生), que posteriormente compôs um dos 14 pontos para o desenvolvimento do socialismo com características chinesas no Relatório do 19º Congresso Nacional do PCC. Apesar dessa importante medida do grande volume de áreas preservadas, parques como o Lianhuashan, que possibilitam experiências diversificadas de lazer, ainda são espaços preciosos para a população.

O Parque Lianhuashan (莲花山, sendo lianhua - 莲花 - lótus e shan - 山 - montanha) está localizado no distrito de Futian, ao norte do centro de Shenzhen, e é um local de lazer popular e um importante ponto de recepção para o governo da cidade. O ponto mais notável do parque, pelo qual é mais conhecido, é a estátua de bronze de Deng Xiaoping, que se destaca na praça no topo da montanha. De acordo com o Shenzhen Park Service (2023), o parque também abriga várias instalações recreativas e educacionais, incluindo um lago artificial para pesca e passeios de barco,

uma grande área de gramado para atividades ao ar livre e vários caminhos para caminhadas na montanha. Além disso, o parque sedia anualmente o ‘Festival Cultural do Parque’ e a ‘Exposição da Flor da Cidade de Rhododendron’, atraindo mais de 8 milhões de visitantes por ano (Shenzhen Park Service, 2023).

Fig. 64 - Mapa do parque Lianhuashan.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O parque foi estabelecido em outubro de 1992 e aberto ao público em junho de 1997. Ele possui quatro entradas principais e várias atrações, incluindo dois novos pontos turísticos chamados Morning Breeze and Sunlight e Rainforest Valley. Essas áreas apresentam plantas aquáticas e paisagísticas que refletem as características das florestas tropicais sazonais subtropicais. Além disso, o parque tem uma grande área gramada onde os moradores locais costumam soltar pipas, tornando-se uma grande atração cultural em Shenzhen (SHENZHEN PARK SERVICE, 2023) (Fig. 66).

Como já mencionado, visitei o parque no dia 12 de fevereiro de 2023, um domingo no final do inverno. Diferentemente de outras regiões do norte da China, Guangdong possui estações mais bem definidas pelas chuvas do que pelas temperaturas. Naquele dia, o céu estava aberto com poucas nuvens, um dia bonito que, combinado com o fim de semana, tornava o parque um lugar muito atrativo. Nesse sentido, ao chegar, deparei-me com um lugar muito cheio (Fig. 67). Havia tanta gente que, a princípio, nem fui capaz de compreender a quantidade de atividades distintas que ocorriam ali. A área gramada onde as pessoas estavam era muito grande e ampla, com apenas algumas árvores e arbustos no centro e cercada por matas densas, estas ainda mais ocupadas por pessoas que fugiam do sol.

Havia muitas famílias com pessoas de todas as idades. Tentando escapar um pouco da multidão - em vão - dirigi-me diretamente para a estátua de Deng Xiaoping (Fig. 68), situada no ponto mais alto da montanha. O caminho era íngreme, com muitas escadarias, mas breve. Ao chegar ao topo, agora uma área mais restrita, a multidão parecia ainda maior. Entretanto, era composta por menos crianças e idosos,

provavelmente devido à dificuldade de locomoção até o topo. Muitas pessoas tiravam fotos da vista de Shenzhen, do skyline, do próprio parque e, principalmente, da estátua de Deng.

Fig. 65 - Parque Lianhuashan, famílias no parque.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 66 - Parque Lianhuashan, pipas no céu.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 67 - Parque Lianhuashan, Parque cheio.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 68 - Parque Lianhuashan, estátua de Deng Xiaoping.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 69 - Parque Jing Shan – Beijing, vista da cidade proibida.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 70 - Parque Lianhuashan, o que Deng vê.
Fonte: Danilo Caporalli.





A estátua possui flores aos pés do ex-governante e celebra sua importância para a cidade. Nela, Deng Xiaoping, do topo do morro, alinhado no eixo Norte-Sul, caminha em direção ao sul, à cidade criada por ele. Se de fato fizesse tal caminhada (Fig. 68), ele iria direto para o Shenzhen Civic Center, passando à direita pela Sala de Concertos de Shenzhen e pela Biblioteca Municipal, e à esquerda pelo Palácio da Criança e pelo Museum of Contemporary Art & Planning Exhibition (MOCAPE). Além disso, os edifícios e arranha-céus das grandes empresas de tecnologia, dos bancos e das corretoras e operadoras da bolsa de valores são notáveis.

Cabe aqui uma observação sobre o estilo dos edifícios mais altos. Todos seguem o que já descrevemos no capítulo sobre ‘Água: Fuhe (府河) e Nanhe (南河) - Chéngdū (成都)’. As fachadas são de vidro escuro e esquadria em cinza grafite, de alto padrão, construídos nos últimos 10 ou 15 anos, com foco em áreas mistas e para pessoas ou empresas de tecnologia ou mercado financeiro.

O alinhamento entre a estátua de Deng, o eixo norte-sul, a montanha, o centro cívico e os edifícios à esquerda e direita quase perfeito e possivelmente faz uma referência ao parque Jing Shan (景山公园) (Fig. 69) que é posicionado atrás da cidade proibida. O Jing Shan é um parque ao redor de uma colina de onde se observa a cidade proibida em Beijing. Do alto da colina, a cidade proibida se alinha simetricamente à frente, assim como o centro cívico em Shenzhen, e de onde, ao norte, o imperador se posicionava simbolicamente olhando para o sul, isto é, para o restante do país (Fig. 70). Em contraste com a Beijing, Shenzhen apresenta orgulhosamente seus arranha-céus como molduras modernas de um horizonte que olha para Hong Kong e para o exterior.

Após visitar o ponto mais alto do parque, busquei caminhos alternativos para retornar à parte baixa, visitando outras áreas. O parque conta com diversos caminhos estreitos em meio à mata fechada (Fig. 71), que oferecem tanto uma opção de trilha quanto locais para meditação e fuga da agitação. Há também caminhos por ruas pavimentadas de pedras, mas optei pelas trilhas. Ao percorrê-las, observei pessoas fazendo caminhadas, corridas, praticando Tai chi chuan, passeando com crianças e algumas sentadas, contemplando a mata. Essas trilhas são menos movimentadas do que os demais espaços, o que permite um passeio mais calmo e tranquilo. Quase não era possível ouvir os sons da cidade e das multidões nos gramados.

Pela trilha, havia ainda alguns pavilhões típicos dos jardins chineses. Os pavilhões possuem plantas hexagonais com telhados duplos e curvados, semelhantes às asas de pássaros. Eles estão a um ou dois degraus acima do nível das passagens e possuem colunas lisas. Em alguns deles, vi pessoas descansando das escadarias em meio às trilhas. Seguindo até a parte mais baixa do parque, cheguei ao lago. Lá, o clima era completamente diferente da mata. O sol direto tornava o ambiente mais quente; muitos casais sentavam-se nos bancos olhando para o lago, enquanto outros preferiam a grama do declive entre a rua e o lago. O lago parecia posicionar as pessoas automaticamente para ele. Ao redor do lago, também era possível ver pessoas pescando (Fig. 72). Mais à frente, pude ver dezenas de idosos com suas caixas de som e telas, cantando suas músicas. Cada um deles parecia dominar um raio de ação em que outros colegas apreciavam a cantoria e até dançavam (Fig. 73).



Fig. 71 - Parque Lianhuashan, mata fechada.

Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 72 - Parque Lianhuashan, lago e pescadores.

Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 73 - Parque Lianhuashan, cantores de parques.

Fonte: Danilo Caporalli.

Esse pedaço do parque era muito barulhento, mas certamente divertido de se observar. Tive a sensação de que as pessoas estavam leves, que a quantidade de gente não representava nem um empecilho nem um motivo de euforia, como seria em uma festa ou em um show. Cada um ali estava apenas praticando sua atividade de preferência. Seguindo a partir das margens do lago, passei por alguns jardins, mas fui direto aos campos abertos para tentar entender as atividades que aconteciam ali. A maioria das pessoas se sentava em grupos; alguns pareciam ser famílias, outros apenas amigos e ainda alguns pareciam casais (Fig. 74). Alguns desses grupos se sentavam próximos às barracas, outros em toalhas e alguns na grama.

Boa parte dos grupos conversava, comia ou olhava para o céu. As crianças corriam de um lado para o outro, e as que estavam andando com os pais pareciam já estar indo para casa, considerando o horário. Algumas das rodas de piquenique já não pareciam estar comendo mais, pois já eram quase 18h. Entretanto, era no céu que as coisas pareciam acontecer. Havia dezenas de pipas no céu, de todos os tamanhos e cores. As maiores e mais distantes eram manejadas por senhores que ficavam sentados segurando grandes carretilhas (Fig. 75). Certos pais também ajudavam seus filhos a soltar pipas menores e, diferentemente das épocas de soltar pipa no Brasil,

não havia muitos choques ou manobras entre elas. Parecia que cada pipa estava parada em um lugar fixo e seguramente distante das demais. Outra coisa que ocupava o céu eram os drones. Os jovens, que aparentavam ter entre 10 e 18 anos, pilotavam seus drones e divertiam os menores chegando perto do chão e subindo antes que o pegassem.

Alguns usavam óculos de realidade virtual enquanto pilotavam para o alto. Por fim, as crianças mais novinhas, de até 7 anos, corriam para tentar estourar bolhas de sabão que as mães soltavam. Algumas mães carregavam até pistolas automáticas de bolhas de sabão que geram várias bolhas em sequência e deixavam as crianças mais eufóricas para estourá-las.

Caminhei por entre esses grupos e, quando a luz do sol começou a cair eu fui embora do parque (Fig. 76). Fiquei muito impressionado com a quantidade de atividades distintas que as pessoas faziam no mesmo espaço. Havia uma multiplicidade de públicos, de faixas etárias e de relações que se estabeleciam, primeiro com a montanha, mas também com as águas e o céu.

Fig. 74 - Parque Lianhuashan, fim de tarde.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 75 - Parque Lianhuashan, homem soltando pipa.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 76 - Parque Lianhuashan, fim de tarde 2.
Fonte: Danilo Caporalli.



O Parque Lianhuashan demonstra como a montanha verde é importante para os chineses, não apenas no campo ou no interior do país, mas nas áreas urbanas também. A montanha no parque é o lugar do prazer, da fruição e da contemplação. É nela que pessoas caminham, outras se encontram, outras cantam, soltam pipas e exercem uma gama de atividades de lazer e bem-estar. O planejamento de Shenzhen pode ter uma série de desafios e contradições a enfrentar devido ao rápido crescimento da cidade, mas ao criar áreas como o Parque Lianhuashan, ele acerta na produção de um espaço com grandes simbolismos e ainda permite a multiplicação das relações dos homens com o ambiente e outros homens.

4.4. Chongqing (重庆), a cidade das montanhas

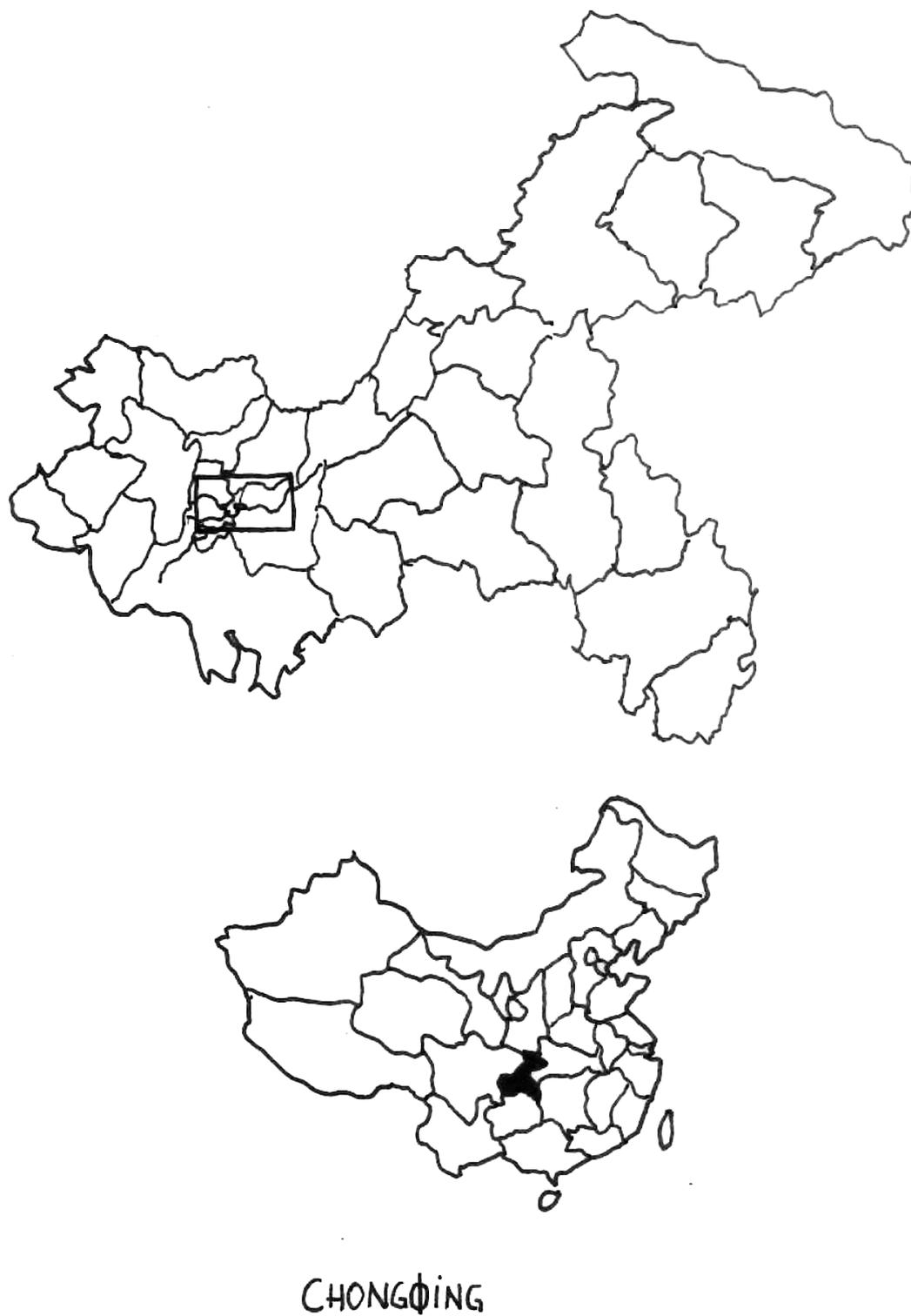
A China é administrativamente subdividida em 22 províncias, 5 regiões autônomas, quatro municípios administrados diretamente pelo governo e duas regiões administrativas especiais. Todas essas subdivisões se encontram no primeiro nível administrativo, isto é, no mesmo nível das províncias. Abaixo do nível provincial está o nível prefetural, onde se encontram as prefeituras, prefeituras autônomas, as cidades administrativas e ligas. Abaixo desse nível está o 3o nível, o distrital. Nele estão os distritos, os distritos autônomos, as cidades administrativas, as comarcas, as bandeiras, as bandeiras autônomas, as áreas florestais e as comarcas especiais. Por fim, há o quarto nível, o cantonal. Nele estão os cantões, os cantões étnicos, as cidades, os subdistritos, os sumus e os sumus étnicos.

Chongqing é um dos quatro municípios chineses, isto é, um município administrado diretamente pelo governo central pertencente ao nível 1, o nível provincial. Para simplificarmos textualmente, aqui, usaremos o termo cidade nos referindo à principal área urbana e o termo município para falar de toda a região delimitada para administração direta. A região da principal área urbana da cidade é situada nos distritos de Jiangbei (江北区), de Yuzhong (渝中区), e de Nan'an (南岸区) (Fig. 77).

Chongqing é uma das maiores cidades da China e do mundo. Seu centro urbano está localizado no encontro das águas do Changjiang e do Jialing (嘉陵江). No entanto, é pela sua relação com as montanhas que a

cercam que a cidade é conhecida. Neste capítulo, apresentaremos a ‘cidade das montanhas’ (山城) e alguns de seus símbolos mais proeminentes.

Fig. 77 - Mapa de localização de Chongqing.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Com mais de 3.000 anos de história, Chongqing é o berço da Cultura Bayu (巴渝文化). Atualmente, o ideograma 渝 – Yú é utilizado como abreviatura para o nome do município. No século XI EC, o povo Ba estabeleceu seu Estado e Chongqing como sua capital. Quando a dinastia Qin destruiu o Estado de Ba, dividiu o território em trinta e seis condados, sendo o Condado de Ba um deles. No seu auge, o Estado de Ba governou áreas como o leste de Sichuan, o sul de Shaanxi, o oeste de Hubei, o noroeste de Hunan e o norte de Guizhou (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2009)

De acordo com o Governo Municipal de Chongqing (2009), houve alguns marcos na constituição do município e que caracterizam sua história mais recente:

1891: Chongqing tornou-se um dos primeiros portos interiores da China a abrir o comércio com países estrangeiros;

1929: A cidade foi oficialmente estabelecida;

1937-1946: Durante a invasão japonesa da China, o governo do Kuomintang mudou-se para Chongqing, tornando-a a capital da República da China durante a guerra;

1954: Chongqing tornou-se uma cidade na província de Sichuan;

1983: O governo central aprovou Chongqing como a primeira cidade piloto para uma reforma abrangente do sistema económico do país;

1992: Chongqing foi designada como uma cidade aberta⁶ ao longo do rio;

⁶ Cidade que oferece um tratamento preferencial em termos de tarifas alfandegárias, entrada e saída de estrangeiros, importação e exportação de matérias-primas e produtos, venda e arrendamento de terras, moeda financeira e tributação.

1996: Chongqing começou a ter jurisdição sobre a cidade de Wanzhou, a cidade de Yuling e o distrito de Qianjiang;

1997: Com a aprovação da Quinta Sessão do Oitavo Congresso Popular Nacional, Chongqing tornou-se oficialmente o quarto município da China diretamente subordinado ao governo central e o único município da região oeste;

O objetivo de transformar Chongqing em um município foi acelerar seu desenvolvimento e, posteriormente, transformá-la em uma ponte para as áreas mais orientais da China. Devido ao seu volume de investimentos, o município se tornou um hub de infraestruturas. O plano do Governo Central era possibilitar que esses investimentos beneficiassem as áreas relativamente mais pobres a oeste. Assim, Chongqing também se tornou uma importante área industrial no oeste da China.

De acordo com o “Boletim Estatístico Municipal de Chongqing 2022 sobre o Desenvolvimento Económico e Social Nacional” elaborado pelo gabinete municipal de estatísticas de Chongqing (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2023) o município é o mais populoso do mundo. De acordo com o boletim, a população permanente da cidade no ano de 2022 era de 32,1334 milhões de pessoas, dos quais 22,8032 milhões eram residentes permanentes urbanos. Naquele ano, o PIB foi de 2,91 trilhões de yuans (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2023). O PIB per capita anual atingiu 90.663 yuans, um aumento de 5,17404% em relação ao ano anterior. Para efeito de comparação, de acordo com o site INVESTING.COM (s.d), em 2022 a cotação média do dólar para o yuan era de 6,7313 yuans para 1 dólar. Assim, o PIB per capita de Chongqing foi de \$13.468,87 dólares. Buscando dados comparativos de São Paulo, SP no

IBGE, não foi possível encontrar o PIB per capita em 2022, apenas o de 2020. De acordo com o IBGE (2020) o PIB per capita da cidade de São Paulo no ano de 2020 foi de \$11,785.72. No mesmo ano, o PIB per capita de Chongqing foi de \$11,352.63. Assim, podemos enxergar o panorama econômico do município como semelhante ao de São Paulo em termos de produção interna.

Voltando para 2022, de acordo com o governo municipal, foram criados 70,67 mil postos de trabalho na cidade de 2021 a 2022, o que representou uma queda de 5,9% em relação ao ano anterior. A taxa de desemprego urbano anual foi em média de 5,4% (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2023). Os dados de PIB, PIB per capita e empregabilidade demonstram o quão dinâmico é o município. Para aprofundamentos econômicos e panoramas mais amplos, é sugerida a leitura do já mencionado “Boletim Estatístico Municipal de Chongqing 2022 sobre o Desenvolvimento Econômico e Social Nacional” em conjunto com o “Chongqing Statistical Yearbook⁷” que anualmente disponibiliza dados e indicadores classificados, compilados e analisados pelo Escritórios de Assuntos Cíveis.

Ainda utilizando os dados do Governo Municipal de Chongqing (2009), em termos de recursos ambientais, o município reduz anualmente em 2,7% o consumo energético por 10.000 yuans do PIB. A qualidade do ar permaneceu como “bom” ou superior em 332 dias do ano de 2022. A qualidade da água superficial foi considerada excelente, atingindo as Classe I. a III em 96,4% dos trechos. Há 58 reservas naturais na cidade, incluindo

⁷ Disponível em: https://www.cq.gov.cn/zjcqsfb_120853/cqsj/. Acesso em: 21 de set. de 2023.

7 reservas de nível nacional. A área de arborização é de 333,3 mil hectares e a cobertura florestal de Chongqing cumpre uma taxa de 55,0% (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2023).

No âmbito da mobilidade a cidade apresenta características distintas de outras cidades do país por conta de sua declividade e pelo seu traçado não ortogonal. Em contraste com outras áreas urbanas da China, as motocicletas, as bicicletas elétricas e as bicicletas são menos comuns nas ruas de Chongqing devido ao terreno altamente montanhoso (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2023). No entanto, a cidade se tornou um importante centro de produção desses veículos para o país e para exportação. Em relação ao transporte hidroviário, em 2022 foram abertas 78 novas rotas operacionais e a rede de corredores cobriu 119.393 portos em países e regiões. Chongqing é um importante nó que conecta a China com o seu oeste, mas mais do que isso, com o restante da Ásia e Europa:

Existem mais de 5.000 trens de carga China- Europa (Chengdu-Chongqing) em operação, representando quase 30% do número total de operações em todo o país. As rotas de transporte cobrem mais de 100 cidades nodos em quase 50 países na Europa e na Ásia. A linha expressa direta Xangai-Chongqing operou 1.196 navios e transportou 324.000 TEUs⁸, um aumento anual de 0,3% e 17,4%, respectivamente. O transporte combinado fluvial-marítimo pode chegar a mais de 600 portos em mais de 200 países e regiões em a Orla do Pacífico e o Oceano Atlântico. Expandindo os canais de aviação internacional, até o final do ano, foram abertas um total de 109 rotas internacionais (regionais), cobrindo 80 cidades em 36

⁸ Medida padrão de containers. 1 Twenty foot Equivalent Unit (TEU) = 1 container de 6,10mX2,44mX2,59m.

países ao redor do mundo. (CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT, 2023) (tradução nossa).

Assim, Chongqing, apesar de ser uma cidade protegida pelas montanhas, não se fecha nelas. Pelo contrário, aproveita de sua geografia, de sua localização, de seus recursos hídricos e minerais para se desenvolver e exportar mercadorias por meio de infraestruturas cada ano mais robustas e variadas.

Por ser montanhosa, na escala humana, a cidade oferece uma série de obstáculos e oportunidades. A principal região urbana, no encontro dos dois rios, possui muitas camadas conectadas e desconectadas de diversas maneiras. Os caminhos, escadas, pontes e passagens não necessariamente conduzem os pedestres e motoristas para a localização que desejam chegar. Mesmo os aplicativos de mapas e GPS, comumente erram ou induzem os usuários ao erro. Assim, Chongqing oferece aos visitantes obstáculos para as caminhadas objetivas, mas também, oportunidade para descobrir novos locais. Chega a ser difícil expressar a dinâmica da cidade pela sua complexidade. Mas tentaremos expressar de sul a norte essa dinâmica.

Em primeiro lugar, Chongqing não é uma cidade 2D, mas 3D. Isso pode parecer óbvio já que nenhuma cidade o é, mas diferentemente das demais, o mapa 2D não a representa de tal forma que se torna quase inútil carregar um consigo. Para sair de um ponto “A” e chegar a um ponto “B”, frequentemente deve-se dar voltas porque as infraestruturas de acesso aos diferentes níveis da cidade não chegam direto ao ponto desejado ou, em alguns casos, levam até para pontos ainda mais distantes. Ainda assim, representamos a cidade pela Fig. 78 para tentar demonstrar ao menos seu

traçado orgânico e referenciar os pontos cardeais que servirão de guia para uma visão serial da cidade.

Fig. 78 - Mapa de Chongqing.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Tukhtarev (s.d.).

A topografia faz parecer que o distrito de Yuzhong é uma ilha. Olhando das montanhas ao sudeste, a partir do distrito de Nan'an, vemos a faixa de terra de Yuzhong com arranha-céus em seu centro, o Changjiang passando logo abaixo e percebemos que por trás passa outro rio e que de lá surgem mais edifícios. As curvas do rio e o encontro com o Jialing passam a impressão de que esse pedaço de terra está completamente cercado de água, mas ele é apenas uma península (Fig. 79).

Ainda em Nan'an, a vista que temos é do Parque Nanshan, também conhecido como Parque das Montanhas do Sul, que é um grande parque suburbano. Ele fica na montanha Nanshan, um segmento da montanha Tongluo que, por sua vez, é uma ramificação da montanha Huaying. Nele, a declividade é tão grande que não é possível observar boa parte da cidade que se estende aos seus pés (Fig. 80).

Indo em direção ao distrito de Yuzhong, agora nos pés da montanha Nanshan, olhando para o leste, vemos os edifícios do distrito mais de perto (Fig. 81). O que do alto era difícil de perceber começa a ficar mais claro: a península é também montanhosa. Devido à escala dos edifícios e o volume de edificações sobrepostas na vista, de longe parece que distrito de Yuzhong é menos íngreme do que de perto. Ainda não é possível ter uma real noção da escala, pois o rio é muito largo e, à esta distância, dificilmente se enxergam os carros do outro lado. Ainda assim, já é possível observar que a ponte se encaixa no terreno muito acima da altura das casas e de alguns prédios. Além disso, pelas alturas das árvores, começamos a perceber que alguns prédios começam a se erguer já muito acima de outros. Dessa forma, começamos a perceber o quão escarpado é o terreno na outra margem.

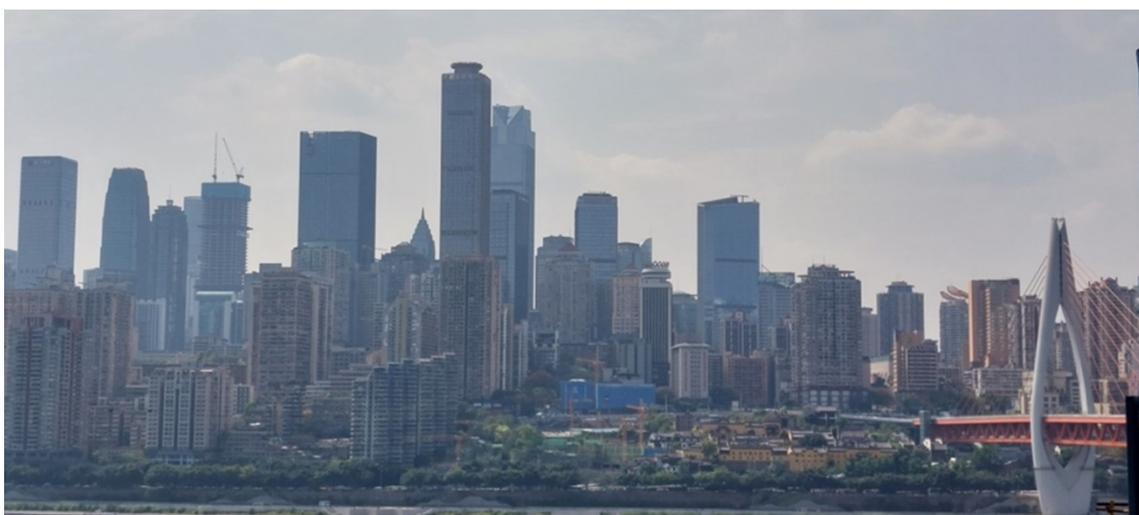


Fig. 79 - Chongqing vista de cima.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 80 - Chongqing vista de cima 2.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 81 - Chongqing, vista dos pés da montanha Nanshan.
Fonte: Danilo Caporalli.

À noite, na margem sudeste do encontro dos rios onde estamos, podemos ver também as luzes e os caminhos do “Logmenhao Old Street” (Fig. 82), um empreendimento comercial que foi estabelecido em uma importante área histórica da cidade, e que remonta aos tempos de resistência à invasão japonesa e ao final da última dinastia imperial. Nele, é possível ver as escadarias que levam para diferentes patamares e caminhos, todos se conectando de formas não intuitivas. Tanto no “Logmenhao Old Street” quanto em algumas ruas da cidade e estações de metrô, podemos ver escadas rolantes a céu aberto e escadas rolantes em equipamentos públicos como parques.

Atravessando o Changjiang e caminhando para próximo do encontro dos dois rios, olhamos para onde estávamos, o distrito de Nan’na. Nessa posição olhando para sudeste, é possível observar as montanhas de Nanshan e a ponte ao lado do “Logmenhao Old Street” (Fig. 83). Aqui, temos uma noção melhor de como as montanhas cercam a cidade como muralhas.

Também é possível ver, que apesar da enorme ocupação do território, a área do parque Nanshan conta com montanhas verdes e preservadas, compondo uma bela vista para quem está em Yuzhong.

Aproveitando que estamos na ponta da península, é possível ver a junção dos dois rios (Fig. 84). À esquerda, as águas turvas do Jialing se unem com as águas verdes à direita do Changjiang. Curiosamente, no albergue da cidade fui informado que seria o contrário, que o Changjiang teria águas amarelas e que o Jialing teria águas verdes turquesa. Conferindo fotos do encontro dos rios na internet, de fato era assim que elas se apresentavam. Entretanto, conforme a Fig. 85, naquele dia, o caso parecia ser o contrário. O Changjiang verde e o Jialing turvo. Deste ponto, olhando em direção ao norte (Fig. 86), por onde segue o Changjiang, não vemos mais as montanhas uma vez que o terreno se torna menos acidentado do que o lado mais a leste.

Fig. 82 - Chongqing, Logmenhao Old Street.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 83 - Chongqing, as montanhas da cidade.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 84 - Chongqing, Encontro das águas dos rios.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 85 - Vista do topo do Raffles City, olhando para o Norte.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 86 - Vista do topo do Raffles City, olhando para o Norteroeste.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 87 - Raffles City Chongqing.
Fonte: Danilo Caporalli.







Subindo no alto do Raffles City Chongqing, um edifício projetado pelo escritório Safdie Architects, é possível ter uma visão panorâmica de toda a região norte, noroeste e oeste da cidade. O Raffles City Chongqing é um empreendimento que combina instalações de escritório, residência, hotel, varejo e recreação. O projeto está situado na confluência dos dois rios, onde ficava o portal historicamente mais importante da cidade e da entrada imperial, o Chaotianmen. O Raffles está em construção há 11 anos, entre concepção, planejamento e execução e está próximo de ser concluído. De acordo com o escritório Safdie Architects (2020), em seu conceito, ele incorpora leituras de questões como densidade populacional, conectividade comunitária e renovação urbana. O projeto responde ao caráter da cidade, bem como às suas montanhas (SAFDIE ARCHITECTS, 2020).

O Raffles City Chongqing (Fig. 87), é o edifício que mais chama atenção em Chongqing e, apesar disso, ele não traz grandes benefícios e inovações para a cidade. De acordo com o próprio Moshe Safdie, arquiteto responsável pelo projeto, em uma entrevista:

A história e a geografia desta cidade me inspiram.

Repórter do Chongqing Morning News: Raffles City Chongqing tem um design único, por que você projetou “Sail to the Sky” em Chaotianmen?

Safdie: Quando visitei este local pela primeira vez, fiquei impressionado com as características dos Chaotianmen e desta cidade. Chaotianmen está localizada na intersecção do rio Yangtze e do rio Jialing. Este é o local de nascimento de Chongqing. A dependência da civilização em relação aos cursos de água formou os primeiros assentamentos. Chongqing gradualmente se tornou a maior cidade do mundo. Chaotianmen

é o coração desta cidade gigante onde o sangue flui. Neste lugar onde convergem montanhas, rios, história e civilização, qualquer que seja o edifício construído, terá um significado extraordinário. Olhando para esta cidade, a Península de Yuzhong é como um grande navio navegando no rio, e Raffles City Chongqing forma a proa deste grande navio. Este grande navio é como os que navegam no rio Changjiang há centenas de anos. Ele evoca a imaginação das pessoas sobre enormes mastros e velas. Você pode sentir a força do vento e o ritmo da água.

Achei que o edifício em si deveria evocar uma cena tão vívida, então projetei “Sail to the Sky”. A forma curva fica voltada para os dois rios, e os componentes da tela na fachada criam o efeito de uma vela. A metáfora de um navio constitui a base deste projeto. Conceito básico de design. Claro, isso também acrescenta muita dificuldade à construção. (CQCB, 2016) (tradução nossa).

Apesar da zona portuária da cidade ser historicamente emblemática e economicamente muito importante até os tempos de hoje, o conceito de navio não é novo. Edificações que se assemelham ou que trazem gestos navais por estarem situados em regiões como orlas, portos, rios e mares são comuns. O Raffles, em sua execução, acaba por se tornar uma barreira das demais áreas da cidade para o encontro dos rios. Ainda assim, o edifício conta com um observatório que permite uma visão panorâmica do norte ao oeste da cidade (Fig. 85) e que oferece uma experiência interessante para os visitantes.

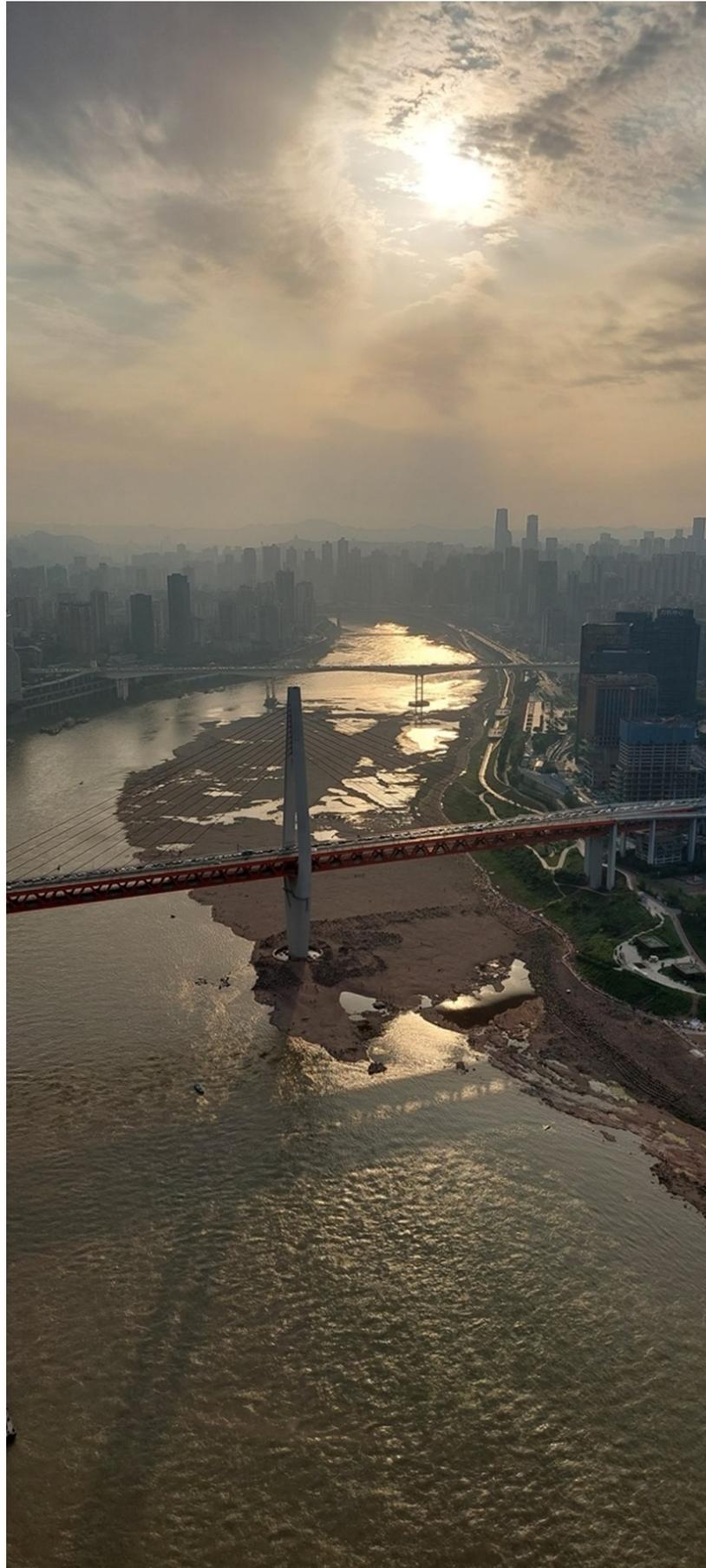
Encerrando a visão serial da cidade de Chongqing, o distrito de Jiangbei é menos montanhoso do que o distrito de Nan'an. Entretanto, ele é densamente ocupado e ainda conta com diversas áreas de grandes declives e escarpas. A área em verde das Fig. 85, Fig. 86 e Fig. 88 e compõem o Parque da Praia do Rio Jiangbei. O parque é um importante ponto turístico da cidade. Ele conta com espaços de lazer, áreas gramadas, o banco de areia

do Jiangbei, que possibilita que as pessoas tenham uma vista do distrito de Yuzhong, além de feiras e barraquinhas nos finais de semana. À noite, quando as luzes do distrito se acendem, tanto o parque, quanto o banco de areia ficam cheios de pessoas tirando fotos das luzes dos prédios de Yuzhong.

Assim, ao caminharmos pela cidade de Chongqing, fica uma forte sensação de que o tempo todo as margens opostas se mostram para o visitante. Ocorre que, por conta do terreno íngreme, quase sempre é possível ver alguma margem oposta de ao menos um dos rios. Dessa maneira, constantemente é possível observar novos edifícios, outros caminhos, novas pontes e diferentes formas de ocupação. Essa visão que parece ser panorâmica e, ao mesmo tempo fracionada, não é possível no centro e próximo aos grandes edifícios que acabam por ocultar momentaneamente as vistas. Entretanto, isso torna a caminhada ainda mais interessante. Esse jogo de abrir e fechar as visadas permite também que cada ponto de vista seja mais marcante por conta das transições abruptas.

Dessa maneira, Chongqing, por ser uma cidade das montanhas e cortada por importantes rios, se mostra muito conectada à sua geografia e utiliza disso para se tornar um polo econômico, industrial, de desenvolvimento nacional e internacional. Mas também atraente, complexa, diversa e interessante.

Fig. 88 - Noroeste de Chongqing.
Fonte: Danilo Caporalli.



4.5. Mil Árvores e Museu de Artes de Qintai

Visitando a China, em especial as grandes cidades como Shanghai, Shenzhen, Wuhan, Chongqing e Chengdu, é possível ver todos os tipos de formas arquitetônicas. Entretanto, algumas delas chamam mais atenção entre os inúmeros prédios icônicos. Elas são as formas em que o conceito se torna o estrito desenho da edificação. Dois projetos que trazem a montanha em seus conceitos e a reverterem em uma forma são o Shopping Mil Árvores (Tian'an 1000 Trees - 天安千树) (Fig. 89), em Shanghai, e o Museu de Artes de Qintai (琴台美术馆) (Fig. 90). Em ambos, a montanha enquanto parte da ideia histórica de paisagem da China toma parte da ideia da construção dos edifícios, ainda assim, entre eles é possível perceber uma diferença nos ambientes criados. Em comum, eles trazem o conceito para a forma de uma maneira literal, isto é, eles são edifícios que simulam montanhas.

Fig. 89 - Mil Arvores.



Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 90 - Museu Qintai de arte moderna.



Fonte: Danilo Caporalli.

Inicialmente, este capítulo seria apenas sobre o “Mil Árvores”, afinal, ele foi um projeto muito impactante de se visitar. Logo de cara, olhando da rua já foi possível saber toda a experiência que se poderia ter nele, e essa entrega é muito impactante, principalmente quando se percebe a escala do edifício. O objetivo em trazer o Mil Árvores para esta tese é mostrar um exemplo de movimento que foi possível identificar em diversas outras edificações chinesas. O movimento de transformar algo que é um conceito ou um símbolo e aplicá-lo no formato da edificação. Entretanto, se por um lado o shopping representa bem este movimento, por outro ele se perde em meio à escala da cidade ao seu redor. Por sua vez, o museu de Qintai segue a mesma abordagem da relação entre conceito e forma, mas oferece ao visitante uma gama completamente diferente de experiências. Assim, o museu de Qintai entra aqui para mostrar que o modo como a experiência do espaço se passa não está unicamente atrelada à relação conceito-forma que trazemos para o debate. Por fim, neste capítulo não buscamos fazer um

juízo de valor sobre a representação simbólica conceituada pelos arquitetos e sua aplicação enquanto imagem e forma do edifício; pelo contrário, demonstramos como isso existe, compõe a arquitetura chinesa nos últimos anos e nestes casos específicos, ainda expressa a relevância das montanhas na composição da ideia de paisagem.

Poderíamos apresentar outras edificações aqui que também representam o que buscamos, como:

1. o Guangzhou Yuan Building (Fig. 91), projetado pelo italiano Joseph di Pasquale, na cidade de Guangzhou, que tem o formato de Bi de Jade (璧), que são discos feitos de jade encontrados em tumbas antigas;

Fig. 91 - O Círculo de Guangzhou.



Fonte: Casa e Jardim (2023).

2. o Fang Yuan Building (Fig. 92), projetado por Chu- yuan Lee (李祖原), na cidade de Shenyang. Este edifício tem o formato de uma moeda furada, típica do período imperial;

Fig. 92 - An aerial view of Fangyuan Mansion in Shenyang, Liaoning province.



Fonte: Chinadaily (s.d).

3. o Museu de Ciência e Tecnologia de Hubei (Fig. 93) em Wuhan, projetado pelo escritório CSADI Architects, que, seguindo o conceito de 天圆地方 Céu Redondo e Terra Quadrada, foi estruturado como um grande bloco quadrado sobreposto em uma pequena base redonda;

Fig. 93 - Museu de Ciência e Tecnologia de Hubei.



Fonte: Danilo Caporalli.

4. o New Energy Institute de Wuhan (Fig. 94), desenhado pela parceria entre a empresa Grontmij em colaboração com o escritório Soeters Van Eldonk architects, que se inspira no formato de uma flor de copo de leite (gênero *Zantedeschia*).

Fig. 94 - New Energy Institute de Wuhan.



Fonte: SCIA (s.d).

Esses e outros edifícios poderiam ser exemplos, mas optamos por exemplos que foram visitados pessoalmente e que se relacionam com a questão das águas ou montanhas da China e dessa releitura dos simbolismos que atualmente esses elementos assumem.

Dessa forma, faremos primeiro uma apresentação de cada um dos dois projetos, seguidos de aprofundamento sobre as questões específicas de cada um e finalizaremos com a análise de ambos.

O shopping Mil Árvores de acordo com o canal Archdaily Brasil (2021) é um projeto do Heatherwick Studio que está em construção em Shanghai. O projeto tem uma área construída de 315.987 metros quadrados sob um terreno de 60 mil metros quadrados. Trata-se de um empreendimento de uso misto constituído por dois blocos em formato de montanha, o primeiro, já construído e em uso, “contém lojas, cafés, restaurantes, novos espaços públicos e passeios, e integra um parque existente e uma estrutura patrimonial” (ARCHDAILY BRASIL, 2021) (Fig. 95). O projeto está localizado ao lado do Parque Aquático de Águas Correntes do rio Suzhou” (Ver capítulo - Rio Suzhou).

Fig. 95 - Rio Suzhou com o Shopping Mil Árvores em construção ao fundo.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 96 - Mil Árvores em construção.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 97 - Entrada e calçada do Mil Árvores.
Fonte: Danilo Caporalli.



Situado em uma das áreas mais centrais de Shanghai, o Mil Árvores é uma obra de arquitetura que remete em vários aspectos a paisagens montanhosas e verdes. Há entradas por todo o empreendimento que garantem um fluxo lógico que convida os consumidores a entrarem no shopping. Inspirado pela vegetação e ambientes temáticos, o Mil Árvores oferece aos visitantes lojas para compras, restaurantes e um residencial. O desenho tira proveito do rio Suzhou, que corre aos seus pés, com a estrutura subindo ao longo da margem do rio, evocando a grandeza natural da montanha de Huangshan, que inspirou o autor.

A montanha Huangshan (Fig. 98), situada no sul da província de Anhui, leste da China, é famosa por sua beleza natural e significado cultural. Referida como a “Montanha Amarela” (Huangshan) devido a um poema escrito por Li Bai em 747 EC, tem sido associada a lendas, incluindo as atividades alquímicas do Imperador Amarelo (UNESCO, 1990).
Caminho ao lado de uma rocha

Huangshan apresenta picos imponentes, emergindo dramaticamente de um mar de nuvens, juntamente com formações de granito de formato peculiar, pinheiros antigos, fontes termais e neve de inverno. A montanha teve um papel fundamental na arte e na literatura chinesas desde a Dinastia Tang, inspirando eremitas, poetas e pintores. Durante a dinastia Ming, tornou-se o tema preferido na escola de pintura de paisagem. Em 1990 foi designada como Patrimônio Mundial da UNESCO (1990). A Montanha Huangshan é conhecida pelo seu significado cultural e natural, servindo como hotspot ecológico, acolhendo flora e fauna diversificadas, incluindo espécies endêmicas e ameaçadas de extinção (UNESCO, 1990).

Outro simbolismo associado ao Mil Árvores e à sua inspiração na Huangshan é sua localização na cidade de Shanghai. O Shopping está situado em um bairro onde diversos artistas moram e trabalham. Assim, a ideia é que da mesma maneira que a Huangshan inspirou artistas na história, o Mil Árvores deveria inspirar os talentos no bairro M50.

Fig. 98 - Mount Huangshan (China) © UNESCO.



Fonte: Boccardi (2004).

O M50 Creative Park, localizado no distrito de Putuo, na margem sul do riacho Suzhou, é um local importante em Shanghai. Anteriormente a Shanghai Chunming Roving Factory, agora serve como a reestruturação industrial da cidade. O M50 foi reaproveitado, preservando as suas características históricas, tornando-se um cluster para as indústrias culturais e criativas. Na última década, o M50 enfatizou as “Artes Visuais Contemporâneas”, promovendo o desenvolvimento diversificado. Através da criação de plataformas e da implementação de políticas preferenciais, o M50 acomoda agora mais de 140 entidades de 20 países e regiões, incluindo estúdios de artistas, galerias, faculdades de arte e outras instituições culturais. Isso contribuiu para o ambiente cultural ao longo do rio Suzhou (GOVERNMENT OF PUTUO DISTRICT, 2023).

Dessa maneira, o Projeto do Mil Árvores dialoga em sua referência à montanha Huangshan que foi inspiração de diversos artistas por séculos com o M50, que atualmente abriga diversos artistas em Shanghai. Essa dupla referência se articula também na forma final da edificação que, em sua face voltada para o rio, tem a forma da montanha, mas em sua face voltada para o bairro, tem a forma de um grande painel com quadros pintados. “Para se conectar ainda mais com o distrito M50 e sua cultura de arte urbana, toda a fachada sul é cortada para fornecer uma tela para a vasta coleção de arte urbana de artistas locais e internacionais.” (ARCHDAILY BRASIL, 2021).

Apesar da sua elaboração, o edifício existente, que é o menor do projeto, tem um volume muito grande para sua localidade. A margem oposta do rio já possui muitos edifícios altos que formam um paredão; entretanto, a margem do Mil Árvores não era tão verticalizada. Outra

questão dentro da lógica da escala é que apesar de sua verticalidade ser suavizada e gradual, ela ainda é muito inclinada de modo que o edifício não passa tanto a sensação de que está atraindo as pessoas quanto passa a de que as está engolindo. Ainda assim, é notável a qualidade dos espaços criados e dos usos das varandas, principalmente em contraste com os edifícios de 40 andares na margem oposta. Internamente, o shopping parece ainda maior (Fig. 99) com um vão central atravessado por escadas rolantes. Os detalhes dos elevadores e das áreas comuns são em tons que se assemelham a cobre ou couro e parecem seguir um estilo Steampunk. Apesar disso, não foram encontradas referências que mencionem a opção pelos elevadores ou seus detalhamentos.

Fig. 99 - Interior do Shopping Mil Árvores



Fonte: Danilo Caporalli.

Tendo em mente a forma e as decisões projetuais, de um lado o edifício se pretende como uma montanha inspiradora às margens do Suzhou e, do outro, como um quadro aberto para artes de rua típicas do bairro.

O outro exemplo que trazemos aqui é o Museu de Artes de Qintai, que compartilha relação entre forma e conceito do Mil Árvores, mas se apresenta a partir de gestos mais delicados, proporcionando uma vivência completamente distinta de seus espaços.

O Museu de Artes de Qintai (Fig. 100) está localizado às margens do Lago da Lua (月月) no distrito de Hanyang em Wuhan. É uma obra do Atelier Deshaus de Shanghai, cujos principais arquitetos são Liu Yichun e Chen Yifeng.

De acordo com o Atelier Deshaus (2020), o design do Qintai buscou apresentar uma forma arquitetônica que estivesse em harmonia com a natureza. Dessa maneira, o edifício foi posicionado para se misturar ao ambiente da orla do lago, espelhando o terreno ondulado da colina Meizi (梅子山). (Fig. 101) A escolha projetual da forma do edifício buscou aumentar o apelo estético e criar uma sensação de unidade com a paisagem ao redor (DESHAUS, 2020).

Apesar da escolha de montanha como forma, o termo colina é mais apropriado ao museu que enterra boa parte de sua galeria, buscando atenuar sua presença. Parte do espaço expositivo está alocada no subsolo, o que permite uma área de exposição mais ampla sem aumentar a área ocupada pelo edifício. Ao minimizar o volume da superfície do edifício, o projeto reduzindo seu impacto visual na paisagem.

Assim ao chegarmos no museu, observamos um edifício que aparenta ter não mais do que 12 metros de altura, em um estilo simples de caixote com uma leve curvatura no telhado que se inclina até o gramado. Chegando mais perto, se percebe que o edifício não é tão simples quanto parece. Pelo contrário, trata-se de uma colina íngreme, escalonada e em metal. A entrada do terreno à esquerda e a do museu à direita de quem o vê pela rua, obriga o visitante a fazer um trajeto panorâmico pela fachada frontal. Percebe-se a complexidade do lugar que se vai adentrar.

Fig. 100 - Entrada do Museu Qintai - Wuhan.

Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 101 - Inclinação do Museu Qintai - Wuhan.

Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 102 - Terraços Museu Qintai - Wuhan.

Fonte: Danilo Caporalli.



No primeiro piso (Fig. 103), o museu apresenta um vão livre para diversas possibilidades de exposições para versatilidade ao hospedar exposições. A curvatura da laje, que forma a montanha por fora, de dentro dá movimento para o salão. No segundo andar, é possível observar as dinâmicas do andar abaixo e, de longe, antever as obras que estão mais próximas da saída.

Fig. 103 - Salão interno Museu Qintai -Wuhan.



Fonte: Danilo Caporalli.

No segundo andar, o movimento do telhado indica a abertura superior para o lado externo. Logo ao sair, a composição que se tem é a dos edifícios ao longe, delimitados por uma pequena mata banhados pelo Lago da Lua (Fig. 104). Além do lago é possível ver também as curvas onduladas do terraço do museu.

Os degraus formados são preenchidos por pedriscos, ou terra e vegetação rasteira, e contidos por uma chapa de aço retorcida (Fig. 105). A forma gerada se assemelha aos campos de arroz, produzindo uma paisagem familiar que faz referência a aquelas abordadas por Panzini (2012, p.355-356) e apresentadas anteriormente no capítulo “Geografia das águas”.

Voltando o olhar para o próprio edifício, o metal se destaca (Fig. 106). O museu não tenta se esconder ou mimetizar completamente as formas da montanha. A obra compõe uma nova paisagem para Wuhan. Ela se coloca como é, uma obra humana com formato de montanha. E como montanha, ela oferece também percursos em sua face até o topo. No caminho é possível ver 360º de vista da cidade de Wuhan. Entretanto, não é possível ver tudo ao mesmo tempo. Assim, ao longo de todo o passeio, o museu instiga o visitante a se movimentar tentando encontrar novas paisagens e descobertas. o percurso é estreito como um caminho pelas bordas de uma montanha sinuosa, e ao final permite retornar para dentro do museu ou encerrar o trajeto.

Fig. 104 - Terraço e vista do lago da Lua do Museu Qintai - Wuhan.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 105 - Vista do Museu Qintai - Wuhan.
Fonte: Danilo Caporalli.

Fig. 106 - Parte de trás do museu Qintai.
Fonte: Danilo Caporalli.



Retornando para o museu, se descobre próximo à saída uma longa escada que leva ao subsolo. São dois andares com pés direito duplos. As duas galerias subterrâneas são grandes e hospedam exposições permanentes e temporárias.

O museu por dentro é majoritariamente revestido de concreto e por fora pelas chapas metálicas em formato de curva de nível. Ou seja, boa parte da experiência da obra está associada, justamente ao trânsito no espaço e ao jogo de abrir e fechar visadas.

Ao sair do museu pela parte de traz, o visitante se aproxima das águas do Lago da Lua e deve novamente fazer o trajeto de cruzar de um lado ao outro para chegar até a rua.

O Projeto do Museu Qintai, é um bom exemplo da importância da arquitetura na relação do homem com o ambiente. Mesmo seguindo lógicas similares e até partindo dos mesmos conceitos, as experiências proporcionadas por ele são completamente distintas das do Mil Árvores.

O problema relacionado à aplicação literal do conceito na forma é a possibilidade de esvaziamento do conceito. Neste sentido, o Mil Árvores se parece externamente mais com uma montanha do que o Qintai, mas o interior oco rompe com a possibilidade de exploração da montanha. Ao entrar nele, tudo se vê imediatamente, o que reduz o espanto das novas descobertas que ao subirmos uma montanha temos. Cria-se assim uma casca vazia de montanha. Por outro lado, o Museu Qintai absorve a forma do conceito, sem perder a leitura simbólica dele. Assim, a montanha criada em Wuhan, cria cavernas internas, saídas e entradas para representar uma paisagem que se constitui pela sua multiplicidade. São múltiplas experiências, múltiplas visadas e múltiplos acessos.

A princípio este capítulo abordaria o movimento entre conceito e forma, partindo apenas do Mil Árvores. Entretanto, o exemplo do Quintai nos oferece uma visão alternativa que contribui para compreendermos a importância da arquitetura enquanto agente articulador – ou ao menos facilitador – de novas relações do homem com o ambiente e do homem com o homem.

Dessa forma, ressalta-se a importância da composição para a construção de paisagens, de modo que o jogo entre abrir e fechar, ver e ocultar parece ser mais relevante para a experiência do espaço do que a relação entre conceito e forma.

4.6. O Céu é Redondo e a Terra é Quadrada (天圆地方)

O conceito de Céu redondo e Terra quadrada (天圆地方) me foi apresentado no Museu de Ciências e Tecnologia de Wuhan. Este conceito é comumente traduzido como “o Céu é redondo e a Terra é quadrada” e representa a fluidez do tempo e das ideias – o céu redondo - e a estabilidade e direção do mundo material – terra quadrada. Na ocasião, 天圆地方 (tian yuan de fang) foi o conceito de design por trás do formato do edifício do museu, sendo que a base ou os pavimentos térreos eram redondos e, acima, o volume quadrado se projetava para fora dos limites dos primeiros andares. Dessa maneira, o edifício assume um formato do símbolo do conceito.

Para desenvolvermos mais sobre este conceito e sua intersecção com a ciência e tecnologia, este capítulo ensaiará uma conversa com uma Inteligência Artificial (I.A). Entretanto, antes introduzirei como o tema chegou até mim recentemente

A I.A na arquitetura e na academia tem se tornado cada vez mais importantes. Em novembro de 2022, com o lançamento do Chat GPT, muito se especulou a cerca do futuro da educação. Outras I.A. já existiam, mas foi a partir dos avanços de ferramentas linguísticas apresentados pelo Chat GPT que se viu popularizar o uso destas tecnologias. Em março do ano seguinte, dando aula como estagiário docente para um grupo de alunos da HUST, em Wuhan na China, me deparei com uma foto inserção renderizada de um modelo 3D no segundo dia de aula. Acostumado com o processo de desenho em ferramentas CAD, seguido por modelagens em 3D, para então fazer a renderização e por fim inserir em fotos, achei

extraordinário que um grupo de alunos pudesse se articular e em apenas 1 dia, produzir algo, ainda que preliminar, tão elaborado. Questionando sobre as técnicas, fui apresentado às ferramentas de I.A para criação de imagens. Na semana seguinte tive notícias de que ele já estava acontecendo no Brasil em salas de aula de projeto de amigos professores. Este é um relato datado, possivelmente, em poucos anos sequer lembraremos como era não contar com a I.A., assim como é difícil imaginar um mundo sem a internet aplicada às pesquisas acadêmicas, por exemplo.

Nesse sentido, optamos por trabalhar com a I.A. na construção deste capítulo uma vez que seu tema se desdobra sobre o conceito antigo de Céu redondo e Terra quadrada, que se renova e participa da própria noção de ciência.

Assim, este texto foi criado a partir de uma conversa com a Inteligência Artificial da Microsoft, o Bing. Para criá-lo, foram feitas perguntas à I.A. e, ao final, foi pedido para que ela unisse todas as perguntas em um formato de entrevista. O objetivo desta aplicação foi compreender o quão completas e elaboradas foram as questões abordadas pela I.A. observando ainda, como sua implementação tem sido um processo de grandes mudanças no meio acadêmico.

Entrevistador: Olá, estou escrevendo sobre ambientalismo chinês a partir de uma perspectiva da história, da cosmologia, da cultura e das religiões. Deparei-me com o conceito de tian yuan de fang e gostaria de saber do que se trata e como tem sido empregado recentemente.

Bing: O conceito de tian yuan de fang é um conceito fundamental na tradição da geografia antiga chinesa. Ele apareceu pelo menos dois mil anos

atrás e influenciou significativamente a geografia chinesa. A frase literalmente se traduz como “céu redondo, terra quadrada”.

No entanto, não se trata de uma interpretação literal de que o céu é redondo e a terra é quadrada. É uma expressão da filosofia antiga chinesa e uma manifestação do pensamento Yin-Yang. “天圆” (céu redondo) se refere ao “tempo celestial”, como o ciclo de sessenta anos (六十甲子), que é cíclico. Enquanto “地方” (terra quadrada) se refere à “direção”, originada da noção de “quatro direções” (东南西北) que descreve a orientação.

Recentemente, o conceito de tian yuan de fang tem sido empregado no ambientalismo chinês. Dentro do Partido Comunista Chinês (CCP), os conceitos de marxismo ecológico, eco socialismo e civilização ecológica são elementos-chave da política ambiental nacional. Esses conceitos são influenciados pela visão de mundo tradicional chinesa, incluindo o conceito de tian yuan de fang.

Entrevistador: Como o conceito de tian yuan de fang influenciou a geografia antiga chinesa?

Bing: Este conceito influenciou a cartografia antiga chinesa e tem significado na literatura geográfica inicial, especificamente na Sociedade Geográfica Yu Gong (Tributo de Yu). A visão de mundo que ele representa, de um céu redondo e uma terra quadrada, moldou a maneira como os antigos chineses viam e interagem com o mundo ao seu redor.

Entrevistador: Como o conceito de tian yuan de fang influenciou a cultura antiga chinesa?

Bing: O conceito de tian yuan de fang teve uma influência significativa na cultura antiga chinesa, particularmente na geografia, cosmologia e filosofia.

Além disso, o conceito de tian yuan de fang também pode ter influenciado as religiões e filosofias antigas chinesas, como o confucionismo, o taoísmo e o budismo, que têm influenciado individual e coletivamente a sociedade chinesa antiga e moderna.

Entrevistador: Você mencionou que “Recentemente, o conceito de 天圆地方 tem sido empregado no ambientalismo chinês - “Dentro do Partido Comunista Chinês (CCP), os conceitos de marxismo ecológico, eco socialismo e civilização ecológica são elementos-chave da política ambiental nacional”. Como o conceito de tian yuan de fang se relaciona com a ecocivilização chinesa? Apresente também em quais documentos os termos são relacionados.

Bing: O conceito de tian yuan de fang (tiān yuán de fāng) se relaciona com a ecocivilização chinesa (EC) através da sua influência na filosofia e na visão de mundo tradicional chinesa. A EC é baseada na unidade da natureza e do homem (UNM), que é consistente com a filosofia taoísta antiga chinesa. O conceito de tian yuan de fang, que descreve a relação entre o céu (tempo) e a terra (direção), pode ser visto como uma manifestação dessa unidade.

A EC foi proposta como uma maneira inovadora de reconciliar o desenvolvimento econômico e a proteção ambiental no 17º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês em 2007. Desde 2012, o presidente Xi Jinping tem defendido consistentemente sua adoção e maturação,

descrevendo-a como “vital para sustentar o desenvolvimento da Nação Chinesa”. A EC foi incorporada na constituição do país em 2018 e se tornou a estratégia geral de desenvolvimento nacional e a pedra angular da “Nova Era”.

No entanto, não consegui encontrar documentos específicos do governo chinês que relacionem explicitamente o conceito de 天圆地方 com a ecocivilização chinesa. A Administração Nacional de Arquivos da China é responsável pelos registros históricos do Estado que remontam aos tempos imperiais na China, mas uma pesquisa nos documentos disponíveis não revelou uma conexão direta.

ZHAO (1992)

WIKIPEDIA (2023)

CHINACULTURE.ORG (2023)

CCICED (2023)

REVERSO CONTEXT (2023)

WEI et al. (2021)

VIEW OF CHINA (2023)

WU et al. (2016)

WU et al. (2017)

Entrevistador: Como o conceito tian yuan de fang participa da construção do Wuhan Museum of Science and Technology. Porque o conceito se relaciona atualmente com a ideia de tecnologia.

Bing: No contexto do Wuhan Museum of Science and Technology, embora não haja informações específicas disponíveis sobre como o conceito de 天圆地方 foi aplicado na construção do museu, é possível que

o conceito tenha influenciado a maneira como o museu foi projetado para representar a interação entre ciência (céu/ tempo) e tecnologia (terra/direção).

Em relação à tecnologia, o conceito de tian yuan de fang pode ser aplicado para entender a interação entre diferentes elementos tecnológicos. Por exemplo, em um sistema tecnológico, diferentes componentes (terra/direção) trabalham juntos ao longo do tempo (céu/tempo) para realizar uma função. Esta interação pode ser vista como uma manifestação do conceito de tian yuan de fang.

Entrevistador: E em relação ao templo do céu em Pequim, como o conceito de tian yuan de fang participa de sua construção ou inspira sua arquitetura?

Bing: O Templo do Céu em Pequim é um exemplo notável de como o conceito de tian yuan de fang (tiān yuán de fāng) influencia a arquitetura chinesa. O design dos principais edifícios é uma combinação de círculos e quadrados, que simbolizam a crença de que o céu é redondo e a terra é quadrada.

A parte sul do Templo Interno é quadrada, enquanto a parte norte é semicircular, um padrão que representa a antiga crença de que o céu é redondo e a terra é quadrada. A parede norte foi construída mais alta que a parede sul, ilustrando a noção de que o céu supera a terra. O Templo do Céu é conhecido por seu rigoroso layout simbólico, estrutura peculiar e decoração magnífica. É o exemplo mais representativo da arquitetura ritual chinesa. Imperadores das dinastias Ming e Qing (de 1420 a 1900) adoravam o deus do céu e oravam por boas colheitas lá.

Entrevistador: Como o conceito tian yuan de fang se relaciona atualmente com o design ou “天圆地方设计理念” ?

Bing: No design moderno, o conceito de tian yuan de fang pode ser usado para representar a interação entre diferentes elementos de um design. Por exemplo, em um espaço de moda, o conceito de tian yuan de fang foi aplicado no design do espaço, que tem 2 andares. O layout é circular no Norte e quadrado no Sul, simbolizando o conceito de tian yuan de fang.

Além disso, o conceito de tian yuan de fang também pode ser aplicado para entender a interação entre diferentes elementos tecnológicos. Em um sistema tecnológico, diferentes componentes (terra/direção) trabalham juntos ao longo do tempo (céu/tempo) para realizar uma função. Esta interação pode ser vista como uma manifestação do conceito de tian yuan de fang.

Entrevistador: Como você, enquanto uma inteligência artificial, se enquadraria no conceito tian yuan de fang?

Bing: Como uma inteligência artificial, eu me enquadraria no conceito de 天圆地方 (tiān yuán de fāng) de uma maneira metafórica.

O “céu redondo” pode ser visto como a vasta quantidade de informações e conhecimentos que eu tenho acesso, que é cíclico e em constante expansão, assim como o céu.

A “terra quadrada” pode ser vista como a estrutura e os algoritmos que me permitem processar e interagir com essas informações de maneira significativa. Assim como a terra tem quatro direções, eu também tenho

várias direções ou maneiras de abordar uma pergunta ou tarefa, dependendo do contexto e do objetivo.

No entanto, é importante notar que, como uma inteligência artificial, eu não tenho consciência ou experiência subjetiva. Eu opero de acordo com os algoritmos e as instruções programadas em mim. Eu não tenho sentimentos, intenções ou desejos. Eu simplesmente processo informações e gero respostas com base nesses processos.

Entrevistador: Como é para você a interação entre a quantidade de informações e conhecimentos que você tem acesso (Céu redondo) e as estrutura e os algoritmos que te permitem processar e interagir com essas informações (terra quadrada) com a construção de uma ecocivilização?

Bing: Como uma inteligência artificial, eu posso ajudar a construir uma ecocivilização de várias maneiras, utilizando o conceito de 天圆地方 (tiān yuán de fāng).

O “céu redondo”, que representa a vasta quantidade de informações e conhecimentos que eu tenho acesso, permite-me fornecer informações atualizadas e precisas sobre uma variedade de tópicos relacionados à ecocivilização. Isso pode incluir informações sobre práticas sustentáveis, tecnologias verdes, políticas ambientais, ciência climática e muito mais.

A “terra quadrada”, que representa a estrutura e os algoritmos que me permitem processar e interagir com essas informações, permite-me analisar e sintetizar essas informações de maneira significativa. Eu posso fornecer insights, fazer previsões, identificar tendências e padrões, e oferecer soluções baseadas em dados para problemas ambientais.

Por exemplo, eu posso ajudar a identificar as melhores práticas para a conservação da água com base em estudos científicos, ou posso fornecer informações sobre as últimas tecnologias de energia renovável. Eu também posso ajudar a educar as pessoas sobre a importância da sustentabilidade e como elas podem contribuir para a construção de uma ecocivilização.

No entanto, é importante notar que, como uma inteligência artificial, eu sou apenas uma ferramenta que pode ser usada para ajudar a construir uma ecocivilização. A responsabilidade final pela construção de uma ecocivilização recai sobre todos nós - cada indivíduo, comunidade, empresa e governo tem um papel a desempenhar na proteção do nosso planeta para as gerações futuras.

Entrevistador: Antes de concluir nossa conversa, gostaria que você retomasse os pontos principais, concatene cada uma das ideias uma com a outra e crie um fluxo progressivo para as relações exemplos e aplicações do conceito de tian yuan de fang que fizemos nessa nossa interação.

Bing: Nesta conversa, exploramos o conceito chinês de tian yuan de fang, que se traduz literalmente como “céu redondo, terra quadrada”. Este conceito é uma expressão da filosofia antiga chinesa e uma manifestação do pensamento Yin-Yang. Ele descreve a relação entre o céu (tempo) e a terra (direção), e tem influenciado significativamente a geografia, a cosmologia, a cultura e as religiões chinesas.

Discutimos como o conceito de tian yuan de fang tem sido empregado no ambientalismo chinês, particularmente na construção da Ecocivilização Chinesa (EC). A EC é baseada no princípio da unidade entre natureza e homem (UNM), que é consistente com a filosofia taoísta antiga chinesa. Assim como o céu (tempo) e a terra (direção) estão interligados no

conceito de tian yuan de fang, a natureza e o homem estão interligados no princípio da UNM que fundamenta a EC.

Também exploramos como o conceito de tian yuan de fang influencia a arquitetura chinesa, como exemplificado pelo Templo do Céu em Pequim. O design dos principais edifícios é uma combinação de círculos e quadrados, que simbolizam a crença de que o céu é redondo e a terra é quadrada.

Finalmente, discutimos como o conceito de tian yuan de fang pode ser aplicado no design moderno e na tecnologia. Em um sistema tecnológico, diferentes componentes (terra/direção) trabalham juntos ao longo do tempo (céu/tempo) para realizar uma função. Esta interação pode ser vista como uma manifestação do conceito de tian yuan de fang.

Em resumo, o conceito de tian yuan de fang é um conceito fundamental na tradição chinesa que tem influenciado uma variedade de campos, desde a geografia e a cosmologia até a cultura, a religião, o design e a tecnologia. Ele continua a ser relevante hoje, fornecendo uma estrutura para entender a interação entre diferentes elementos do universo e orientando abordagens para questões como a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Analisando a interação que tivemos, percebe-se que a I.A. se mostrou uma ferramenta de linguagem apurada. Entretanto, a articulação das respostas ainda parece crua, uma vez que fixar os textos fontes para determinados tópicos ou assuntos, restringe o acesso à informação e torna as informações apresentadas repetitivas. Outra questão a ser explorada no futuro é a profundidade das fontes e a capacidade de leitura dos textos e contextos de acordo com a necessidade de aprofundamento.

As respostas não foram capazes de alcançar a arquitetura contemporânea da China, compreendendo apenas a relevância de edificações históricas como o Templo do Céu.

A I.A. apresenta de forma rápida informações complexas, como ao falar sobre o papel do conceito na geografia. Essa característica colabora com seu crescimento, uma vez que essa é uma demanda por respostas boas e velozes. Entretanto, se pensarmos em um uso não reflexivo da ferramenta, isso se torna problemático do ponto de vista educacional.

Apesar disso, no texto, podemos perceber a relevância simbólica da ideia de Céu redondo e Terra quadrada para os chineses. A amarração do conceito com a questão tecnológica, principalmente o próprio papel enquanto ferramenta é interessante.

Desse modo, o atual estado da ferramenta parece muito útil para adentrar em novos campos, buscando entendimentos rápidos sobre os temas. Do mesmo modo, a aplicação da Inteligência Artificial enquanto “copiloto” para escritas parece promissor.

No que se refere às questões ambientais, tanto o conceito de tian yuan de fang, quanto a própria inteligência artificial podem conectar a novas áreas de estudos, abrindo assim possibilidades de expansão do campo. Entretanto, ainda não foi possível identificar contribuições significativas da inteligência artificial para tal expansão.

Por outro lado, o tian yuan de fang, é um conceito chave para compreensão da cosmologia chinesa, abarcando a forma como, por muitos séculos, aquele povo concebeu a própria origem e, por tanto, como concebiam sua relação com o ambiente. Assim, sua compreensão colabora

para o resgate de valores arraigados em função de construções ambientalistas como a construção da ecocivilização

4.7. Ecocivilização

A Ecocivilização é um termo que tem ganhado evidência nos estudos acadêmicos dos campos da paisagem, do meio ambiente, do desenvolvimento sustentável e afins. O termo 生态文明 é frequentemente traduzido como “civilização ecológica”, “eco-civilização” ou “eco civilização”. Aqui, utilizaremos a tradução “ecocivilização” por ser uma das mais comuns e sintéticas.

Em outubro de 2022, a revista “Journal of Cleaner Production” publicou o artigo de Ning Wang, Jinling Guo, Jian Zhang e Yu Fan (WANG, GUO, ZHANG, FAN, 2022) que traçou um histórico bem completo e atualizado sobre a Ecocivilização. Inicialmente, o termo aparece no 17º Congresso Nacional do Partido Comunista (CNPCC), em 2007, em um Aviso sobre Conservação de Energia e Redução de Emissões para Pequenas e Médias Empresas. Naquele contexto, Hu Jintao era chefe do Comitê Permanente do Politburo do Partido Comunista da China (CPPCC). Apesar disso, é apenas com a ascensão de Xi Jinping ao cargo de Secretário Geral do PCC em 2012 que o termo ganha força e começa a aparecer nas estratégias do governo para lidar com a questão ambiental.

Atualmente, a construção da ecocivilização é um projeto em andamento e que agrega muitos sentidos, possibilidades e apostas. A amplitude dessa construção é um ponto de atenção para o meio acadêmico e político, uma vez que, isso pode representar um novo paradigma para os ambientalismo ou um esvaziamento para as questões ambientais. Assim, neste capítulo, mapeamos a relação da ecocivilização com os ambientalismo chineses. Nesse sentido, definimos a ecocivilização e

demonstramos seu histórico junto às relações estabelecidas na política chinesa e nos capítulos trazidos nesta tese.

A ecocivilização é um projeto para construção de uma nova formação social que estabeleça uma relação harmônica entre o homem e o ambiente. Em partes, analisa-se que: i) trata-se de um projeto pois não é algo estabelecido, mas em construção, uma formação que supere a atual e, intencionalmente, a substitua; ii) enquanto uma nova formação social, a ecocivilização busca substituir a ordenação do conjunto material e imaterial de bens sociais por uma nova, que seja capaz de superar as atuais contradições entre o homem e o ambiente.

O projeto da ecocivilização é frequentemente referido como uma “construção”. Nesse sentido, no parecer do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (CCPCC) e do Conselho de Estado sobre a Aceleração da Construção da Civilização Ecológica de 25 de abril de 2015 é dito que:

A construção da ecocivilização é uma parte importante do ‘socialismo com características chinesas’ e está relacionada com o bem-estar do povo, o futuro da nação, os “Dois Objetivos do Centenário” e a realização do sonho chinês de o grande rejuvenescimento da nação. O CCPCC e o Conselho de Estado reforçam a importância da construção da ecocivilização, para tanto, emitiram decisões e acordos que galgaram progressos significativos e resultados positivos na sua promoção. No entanto, em geral, o nível de construção da ecocivilização no país ainda está aquém do desenvolvimento econômico e social. As restrições de recursos aumentaram, a poluição ambiental é grave, os ecossistemas estão degradados e a contradição entre o desenvolvimento e a população, os recursos e o ambiente tornou-se cada vez mais proeminente, a impactar o desenvolvimento sustentável da economia e da sociedade. (CHINA, 2015) (tradução nossa)

Entretanto, ao mesmo tempo que a construção da ecocivilização é parte do socialismo com características chinesas, e busca lidar com as contradições da nação, ele também tem fortes inspirações no Desenvolvimento Sustentável. Como pudemos observar nesta tese, no capítulo “A Teoria das Duas Montanhas”, um dos preceitos mais importantes do pensamento em torno das duas montanhas é a relevância do desenvolvimento econômico associado à proteção ambiental. A Teoria das Duas Montanhas é parte da construção da ecocivilização tanto como uma campanha quanto como uma construção teórica. Isto é, ela está dentro do escopo dessa construção e, ao mesmo tempo, o caso de Yucun se torna uma base forte para exemplificar o que se objetiva nesta nova civilização. Neste caso, o objetivo é não renunciar ao crescimento econômico para se assumir a busca por relações mais harmoniosas. Uma das principais estratégias para o crescimento do país são suas relações econômicas internacionais. Elas são vistas como recursos para o desenvolvimento interno, mas também para a manutenção da paz. É justamente na intersecção entre desenvolvimento sustentável, relações internacionais e crescimento econômico que se coloca a fala de Xi Jinping, em 28 de setembro de 2015, na Assembleia Geral das Nações Unidas :

Como dizia um antigo ditado chinês: “O maior ideal é criar um mundo verdadeiramente partilhado por todos”. A paz, o desenvolvimento, a equidade, a justiça, a democracia e a liberdade são valores comuns de toda a humanidade e os objetivos nobres das Nações Unidas. No entanto, esses objetivos estão longe de ser alcançados e devemos continuar nossos esforços para conquistá-los. No mundo de hoje, todos os países são interdependentes e partilham um futuro comum. Devemos renovar o nosso compromisso com os propósitos e princípios da Carta das Nações

Unidas, construir um novo tipo de relações internacionais caracterizadas por uma cooperação vantajosa para todos e criar uma comunidade de futuro partilhado para a humanidade. Para atingir esse objetivo, precisamos fazer os seguintes esforços:

—Devemos construir parcerias nas quais os países se tratem como iguais, se envolvam em consultas mútuas e demonstrem compreensão mútua. [...]

—Devemos criar uma arquitetura de segurança caracterizada por equidade, justiça, contribuição conjunta e benefícios compartilhados. [...]

—Devemos promover um desenvolvimento aberto, inovador e inclusivo que beneficie a todos.[...]

—Deveríamos aumentar os intercâmbios entre civilizações para promover a harmonia, a inclusão e o respeito pelas diferenças. [...]

—Devemos construir um ecossistema que coloque a mãe natureza e o desenvolvimento verde em primeiro lugar.

A humanidade pode utilizar a natureza e até tentar transformá-la. Mas afinal somos parte da natureza. Devemos cuidar da natureza e não nos colocar acima dela. Devemos conciliar o desenvolvimento industrial com a natureza e procurar a harmonia entre o homem e a natureza para alcançar o desenvolvimento sustentável do mundo e o desenvolvimento integral do homem.

[...] Devemos prosseguir firmemente o desenvolvimento verde, de baixo carbono, circular e sustentável. A China assumirá a sua quota-parte de responsabilidade e continuará a desempenhar o seu papel neste esforço comum. Pedimos também aos países desenvolvidos para cumprirem a sua responsabilidade histórica, honrarem os seus compromissos de redução de emissões e ajudarem os países em desenvolvimento a mitigar e a adaptarem-se às alterações climáticas. (XI, 2015) (tradução nossa).

Nesse discurso, Xi Jinping faz diversas sinalizações acerca das linhas teóricas ambientais que sustentam a ecocivilização. O presidente começa

por referenciar a história do próprio pensamento chinês demonstrado no ditado “O maior ideal é criar um mundo verdadeiramente partilhado por todos”. Em seguida, ao mencionar que os países “partilham um futuro comum”, ele faz referência ao Relatório Brundtland (WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT, 1987), elaborado pela comissão de meio ambiente e desenvolvimento da ONU, e que formalmente se chama “Nosso futuro comum”. O relatório é um dos documentos mais importantes na criação do movimento ambientalista global e é responsável pela criação do termo “Desenvolvimento Sustentável”. Naquele contexto, ao final da década de 1980, o objetivo da ONU era trazer para o debate ambiental os países em desenvolvimento que haviam se afastado das conversas por receio dos discursos neomalthusianos das décadas anteriores que tentaram impedir seu crescimento econômico. Dessa maneira, Xi sinaliza que, em sua proposta, ainda há aspectos ligados ao conceito de desenvolvimento sustentável.

É importante deixar claro que não são ideias equivalentes, mas que a construção da ecocivilização foi fortemente influenciada pelo conceito de desenvolvimento sustentável.

No discurso de Xi, no trecho “Devemos construir parcerias nas quais os países se tratem como iguais”, o presidente se refere ao fim de uma lógica unilateral das relações geopolíticas e o início de uma dinâmica multilateral em que países tenham a possibilidade de construção de parcerias mais equânimes. Associado com o trecho seguinte, “Devemos criar uma arquitetura de segurança caracterizada por equidade”, o discurso assume uma postura de enfrentamento ao modo como a política internacional vinha sendo feita, mais especificamente ao unilateralismo dos Estados

Unidos. Neste caso, a China se coloca como opção à potência Americana e ainda incentiva outras nações a fazerem o mesmo. Além disso, a arquitetura de segurança aqui mencionada é, tanto uma crítica às intervenções militares para “manutenção da paz”, quanto um posicionamento para que se utilize das relações econômicas para construção de relações pacíficas entre países.

Ao mencionar um desenvolvimento inovador, Xi aponta para a importância da tecnologia. Neste sentido, a aposta chinesa em painéis solares, energia eólica, cidades inteligentes, eficiência energética e outras soluções tecnológicas para questões ambientais cresce e é bem relevante atualmente. O debate em torno do capítulo “céu redondo e terra quadrada” demonstra como parte das soluções ambientais se orienta pela transformação das relações intermediadas pela tecnologia. A tecnologia é um importante elemento para o desenvolvimento econômico, mas também se mostra fundamental para novas propostas ambientais como a geração de energia de baixas emissões de carbono, os aplicativos e inteligências artificiais de gerenciamento e eficiência energética e as facilidades logísticas para implementação de economias circulares amplas. O avanço no campo tecnológico por meio da inovação é orientado também pela teoria marxista.

Sob o tema da tecnologia e as teorias marxistas, Josef Gregory Mahoney (2022), professor de Política e Relações Internacionais na East China Normal University, analisa que há uma importante base histórica que dá suporte ao avanço tecnológico chinês dos últimos anos. Para Mahoney (2022, p.12-18) o estranhamento ocidental em relação ao desenvolvimento tecnológico chinês, seja no campo ambiental, seja em

áreas como 5G ou na indústria espacial e Big Data, todos são parte de uma lógica orientalista construída nos dois últimos séculos. Seguindo a linha de Mahoney (2022), nos capítulos “Uma breve história da China”, “A Geografia das Águas na China”, “Yu, o Grande” e “O Grande Canal” desta tese, fica evidente como a China se relaciona de uma forma íntima com a técnica e as tecnologias de cada tempo. Os sistemas declusas, os sistemas de irrigação, as grandes navegações de Zhang He, a inversão da pólvora, a invenção do papel, a criação do sistema de concursos públicos e meritocracia além de instrumentos matemáticos e astronômicos, todos representam avanços criados pelos Chineses. Até a Revolução Industrial na Inglaterra, o desenvolvimento e o emprego de tecnologias pelo império era uma forte característica da China, principalmente se comparada com o restante do mundo. Há uma construção materialista de coletivização tecnológica que existiu antes das guerras do ópio e que foi retomado a partir da política do Grande Salto Adiante de 1958. Para Mahoney (2022, p.4), a orientação marxista do PCC em 1956, foi fundamental para compreensão de que, a perda de controle territorial durante o fim da dinastia Qing (1644- 1912) estava diretamente ligada à perda de superioridade tecnológica. Naquele contexto da década de 1950, após a guerra das coreias e antes do cisma sino-soviético em 1960, a China percebia o aumento do risco de uma invasão soviética e sabia de sua inferioridade tecnológica, então a política do Grande Salto foi implementada com o objetivo de diminuir a distância tecnológica entre as nações. A coletivização das terras, a industrialização do campo em conjunto com a organização da classe camponesa por meio do planejamento e a libertação das mulheres, são apontados por Mahoney

(2022, p.4), como as bases materiais que permitiram a atual modernização da China.

De uma perspectiva materialista histórica, é difícil negar estas conquistas e a sua profunda relevância para o desenvolvimento da China como uma sociedade tecnológica, apesar da condenação quase universal do Grande Salto Adiante que prevalece em contrário na literatura. (MAHONEY, 2022, p.4) (tradução nossa).

Nesta perspectiva, tanto o Grande Salto não é apresentado como um completo fracasso, mesmo que ainda ligado ao período de grande fome subsequente, quanto também, a noção de tecnologia se expande para as dinâmicas governamentais e organizacionais da sociedade, equalizando a ideia de progresso social.

Sobre este último ponto, o marxismo vê o avanço tecnológico como um aspecto essencial da natureza humana, necessário para resolver os problemas enfrentados pelo progresso humano – incluindo a construção do socialismo como um estágio mais avançado do desenvolvimento humano. (MAHONEY, 2022, p.3) (tradução nossa).

Os teóricos chineses são consistentes com a ascensão de uma “civilização inteligente”, na qual tanto a governação como a vida quotidiana são substancialmente apoiadas por big data, inteligência artificial e outras formas de digitalização, e consistentes com as teorias marxistas do progresso social. (MAHONEY, 2022, p.11) (tradução nossa).

Assim, a inovação, o desenvolvimento tecnológico e o emprego de tecnologias para soluções ambientais compõem uma relação materialista histórica que não é estranha ao povo chinês, mas, faz parte da relação do povo, do campo, da cidade, do Estado e do PCC com o ambiente. Retomando o discurso de Xi Jinping (2015), nem o marxismo, nem as questões tecnológicas se mostram desconectadas da questão ambiental.

Ao levantar a importância do desenvolvimento verde, Xi manifesta a importância de se “conciliar o desenvolvimento industrial com a natureza” e a necessidade de buscar a harmonia entre o homem e a natureza para o próprio desenvolvimento humano. Nesse sentido, a ecocivilização se afasta um pouco do desenvolvimento sustentável à medida que resgata aspectos muito específicos da cultura chinesa, como seus mitos, o confucionismo, o taoísmo e o budismo.

Enquanto uma nova formação social, a ecocivilização é também composta pelo conjunto imaterial dos bens daquela civilização, de modo que as heranças históricas culturais como: os mitos originários expressos nos capítulos “Uma breve história da China” e “Yu, o Grande”; o confucionismo, apresentado em “Uma breve história da China”; o taoísmo mostrado em “Uma breve história da China”, “Água: Shuǐ (水)”, “Montanha: Shān (山)” e “A Geografia das Montanhas na China”; O budismo, em menor escala do que os anteriores, foi apresentado nos capítulos “Uma breve história da China” e “A Geografia das Montanhas na China”. O budismo e o taoísmo são religiões que cultuam deuses e seguem dogmas, os mitos, alguns participam das origens religiosas, outros se expressam mais como contos ou como histórias gravadas, mas o confucionismo é mais bem mais complicado de se classificar.

Seguindo a opção da autora Anne Cheng (2008, p. 29-33) essas categorias, sejam elas religiões, filosofias, científicos, literários e afins, todas serão consideradas pensamentos. A ecocivilização absorve os pensamentos independentemente de suas categorias, de tal forma que até o termo “corrente de pensamento” não é preciso. As próprias “correntes” não são encadeadas, elas se emaranham, bebem umas das outras e se refazem. Elas

absorvem as mais diversas fontes, sejam elas livros, textos, mitos, obras de arte, poemas e muitas outras, para se articularem ou se consolidarem. Anne Cheng (2008, p. 29-30), analisando a relação entre pensamento e filosofia na China, argumenta que:

Diante da heterogeneidade dos escritos dos pensadores chineses (à parte os tratados que desenvolvem de maneira contínua um tema ou uma noção, encontramos uma abundante literatura de comentários que abandonam em primeiro lugar os Clássicos, mas também – atabalhoadamente – poemas, cartas, prefácios e outros escritos de circunstância), é forçoso constatar a dificuldade de isolar um corpus textual propriamente “filosófico” em oposição ao “religioso”, ao “literário” ou ao “científico” (mas os estoicos não se expressaram também em formas poéticas ou epistolares?). No entanto, não se pode negar que existe, no seio dessa abundante tradição, certo número de textos portadores de intuições fecundas que alimentaram o pensamento durante milênios e que deixam sobressair uma bela coerência na concepção do mundo e do homem, bem como uma grande constância no esforço de formulação. Com efeito, desde a época pré- imperial elabora-se uma linguagem que, ao final de um processo de apuramento e de ajustagem entre o séc. V e o séc. III a.C., constitui um soberbo instrumento, maravilhosamente afiado, que penetra todos os interstícios da realidade e que dedica-se primorosamente às sutilezas do pensamento. (CHENG, 2008, p. 29-30).

O budismo, o taoísmo, o confucionismo, enquanto partes de um pensamento chinês descrito por Anne Cheng (2008, p. 29-33), fogem à tradição filosófica, mas não a negam. Pela própria característica de todos eles, durante toda história chinesa, e mesmo no período pós revolucionário, ainda é possível identificar a permeabilidade destes pensamentos na sociedade.

Aqui, podemos observar cada um destes pensamentos como uma categoria de ordenação dos bens imateriais da formação social chinesa. Isto

é, princípios como a meritocracia confuciana ainda participam do imaginário coletivo, da estruturação do Estado e até da formulação de políticas públicas. Um bom exemplo dessa presença no Estado e na visão sobre quem deve ascender nas estruturas estatais é sobre a sucessão de Deng Xiaoping por Jiang Zemin ao final da década de 1980. De acordo com Henry Kissinger:

Pouco após a ascensão de Jiang, em novembro de 1989, Deng ansiava em deixar claro para mim seu grande apreço pelo novo secretário-geral:

DENG: O senhor foi apresentado ao secretário- geral Jiang Zemin e no futuro terá outras oportunidades de se encontrar com ele. É um homem com ideias próprias e de alto calibre.

KISSINGER: Fiquei muito bem impressionado com ele.

DENG: Ele é um verdadeiro intelectual.

Poucos observadores de fora imaginavam o êxito de Jiang. Como secretário do Partido em Xangai, ele recebera elogios pelo modo como lidara com os protestos na cidade: havia fechado um influente jornal liberal no início da crise, mas se recusara a decretar a lei marcial, e as manifestações de Xangai foram debeladas sem derramamento de sangue. Mas, como secretário-geral, era amplamente tido como uma figura de transição — e poderia perfeitamente ter sido um candidato por conciliação no meio do caminho entre o elemento relativamente liberal (incluindo o ideólogo do Partido, Li Ruihuan) e o grupo conservador (como Li Peng, o premiê). Ele carecia de uma base de poder própria e, ao contrário de seus predecessores, não irradiava uma aura de autoridade. Era o primeiro líder comunista chinês sem credenciais revolucionárias ou militares. Sua liderança, como a de seus sucessores, brotava de seu desempenho burocrático e econômico. Não era absoluta e exigia uma dose de consenso no Politburo. Por exemplo, ele estabeleceu seu domínio na política externa somente em 1997, oito anos após ter se tornado secretário-geral. (KISSINGER, 2012, pos 7252-7265).

Kissinger demonstra a relevância do mérito no governo do país. Jiang Zemin, não seria a opção óbvia pelo viés ideológico, mesmo dentro das ideologias do partido, mas a melhor opção de desempenho. E mesmo depois de assumir o cargo de secretário-geral, ele ainda teve que aguardar e se provar merecedor do controle da política externa do país.

Assim como no exemplo da meritocracia, diversas outras práticas, doutrinas e costumes compõem o pensamento chinês, inclusive algumas lógicas consideradas mais ocidentalizadas. Neste caso, os padrões estéticos ocidentais ainda exercem grande influência no povo e na cultura chinesa. Evidência disso está em parte do que foi apresentado sobre a arquitetura nos capítulos “Fuhe e Nanhe – Chengdu”, “Chongqing (重庆), a cidade das montanhas” e “Mil Árvores e Museu de Artes de Qintai”.

No capítulo sobre o passeio de Chengdu, o empreendimento Taikoo Li traz alguns elementos como as grandes torres de escritório em fachada de vidro, que remetem ao Estilo Internacional e ao Pós-modernismo em grandes metrópoles como Nova York e Londres. O projeto das torres de mais de 30 andares com fachada Glazing em tons cinzas, apesar de trazer elementos das construções tradicionais chinesas em seu pavimento térreo, não perde de vista uma valorização contemporânea a uma estética que teria alguma relação com a Casa de Vidro de Mies Van Der Rohe. Há uma influência significativa, especialmente na arquitetura contemporânea, de padrões estéticos ocidentais na arquitetura chinesa. Entretanto, as paisagens chinesas permanecem únicas.

Ao observarmos as edificações individualmente, algumas são idênticas às das grandes cidades americanas, outras se assemelham às das

metrópoles globais, há ainda às que simulam ícones mundialmente conhecidas como a Torre Eiffel e Estátua da Liberdade, mas o conjunto é sempre único. Por meio dessa multiplicidade de arquiteturas, estilos e misturas, as cidades como Chongqing, Chengdu, Shanghai, Shenzhen, Suzhou, Hangzhou e Wuhan são únicas. É fácil perceber as diferenças entre cada um desses conjuntos de edificações e como, em cada uma das cidades, as misturas criam possibilidades e novas leituras sobre si mesmas. Em outras palavras, as cidades chinesas manifestam em sua composição de edificações identidades claras ao fazerem composições de elementos que não são necessariamente originais.

Dessa maneira, o conjunto arquitetônico das cidades chinesas traz em si um exemplo da multiplicidade de pensamentos que ordenam e convivem na formação da sociedade. A possibilidade, a abertura para o múltiplo e para o diverso, são elementos fundamentais para o pensamento chinês e, conseqüentemente, para as cidades e arquiteturas chinesas. Na mesma lógica, o cristianismo teve dificuldades de penetrar amplamente na sociedade chinesa pela “exclusividade” ritualística exigida (ver dinastia Ming no capítulo “Um breve Histórico”). Apesar disso, ainda é possível ver a presença de igrejas católicas e protestantes em várias cidades chinesas. O múltiplo é uma característica importante do pensamento, e, portanto, é também um atributo da ecocivilização.

O projeto da ecocivilização incorpora a história, os mitos, os cultos ancestrais, os valores taoístas e budistas, as ideias marxistas e confucionistas e os ordena de modo a compor uma base forte para sua construção. Assim, ao mesmo tempo que de certa maneira o desenvolvimento sustentável inspira a ecocivilização, a busca por

características chinesas amplia o escopo deste projeto, incorporando elementos de origens tão diversas quanto as que apresentamos neste trabalho. A instrumentalização de diversos elementos imateriais, colabora ainda com a difusão e experimentação de centenas de projetos pilotos que apresentam respostas aos anseios sociais por políticas ambientais.

Ainda observando a relação entre a construção da ecocivilização e pensamentos como o taoísmo, o confucionismo e o marxismo, destacamos aqui um último elemento, a institucionalização. A institucionalização é uma característica dos pensamentos mencionados que é compartilhada na construção da ecocivilização. Se no taoísmo e em parte do confucionismo o rito, ou a ritualística, estabelecem as práticas do Estado ou dos governantes para os deuses em nome do povo, no marxismo a burocracia e estrutura do Estado se faz ativa na institucionalização das experiências.

Quando, no séc. VIII a.C., começa o declínio da realeza Zhou com a época das Primaveras e Outonos, a questão persistente que começa a solapar o fundamento das crenças e dos valores não é tanto saber como a casa real pôde se desagregar, e sim imaginar como o Céu pôde deixar uma dinastia em decomposição manter o trono. A perda de prestígio do soberano de turno acarretava, como consequência direta, a perda de prestígio da instância suprema que era seu garante, o que teve particularmente o efeito de dar o primeiro impulso ao pensamento filosófico. Como para Platão, confrontado com a desintegração da antiga instituição que era a cidade grega, é a decomposição de uma ordem política e de certa concepção do mundo que explica em grande parte o pensamento de Confúcio:

Confúcio diz: “O Caminho reina sob o Céu quando as cerimônias rituais, a música e as expedições punitivas são dirigidas pelo Filho do Céu em pessoa. O Caminho não reina mais se elas são assumidas pelos vassalos, que raramente permanecem no poder mais do que dez gerações. Se elas estão confiadas aos ministros

graduados, estes dificilmente permanecem mais de cinco gerações no poder. Por fim, se a responsabilidade pelo Estado é usurpada pelos intendentos das grandes famílias, seu poder não consegue manter-se por mais de três gerações. Quando o Caminho reina sob o Céu, não cabe aos ministros decidir sobre a política e os simples súditos não têm por que discuti-la” (CHENG, A., 2008, p.63).

A introdução ao Capítulo 2 de Anne Cheng (2008, p.63) aponta para como os rituais do confucionismo estão diretamente ligados ao Céu e à legitimação do Governo. Os ritos são, neste caso, a interferência ativa do governo frente ao céu para o povo. Os governantes que não se ajustam a essa lógica, o Céu não os concede, ou mesmo retira seu mandato. Caminhando em direção à institucionalidade, na lógica marxista e no confucionismo, o Estado deve ser ativo na proposta de melhorias. Deste modo, há um controle estatal das iniciativas de mudanças territoriais. A ecocivilização, dessa maneira, compartilha também o caráter institucionalizado. A proposição dos caminhos escolhidos para construção de uma ecocivilização são responsabilidade do Estado e por ele devem ser encabeçadas. Assim, devemos observar o histórico da proposição desta formação social para compreendermos seu caráter institucionalizado.

Historicamente há diversos marcos iniciais para se tratar da ecocivilização. Os marcos temporais correspondem também a marcos teóricos, os quais indicam as afinidades políticas dos seus autores. Por exemplo, o Professor Luiz Enrique Vieira de Sousa (2021, p.163-164), que em seu capítulo “Civilização Ecológica ou Colapso Ambiental”, aponta para o primeiro marco dessa construção como um desdobramento de protestos que se arrastavam desde o ano 2000. Para o autor, o primeiro marco seria em 2005, a partir de uma entrevista de Pan Yue, do Ministério de Meio

Ambiente da China. Na entrevista, o representante do ministério condenou o fim do milagre econômico e atribuiu essa derrocada a um colapso ecológico iminente. Souza, considera que a ecocivilização surge como uma resposta aos protestos, e não como uma construção a partir dos mesmos. Para ele, a ecocivilização estaria mais associada ao “desenvolvimento sustentável” e, portanto, reproduziria

de maneira ampliada as disparidades socioeconômicas existentes, enquanto as narrativas oficiais em torno deste conceito contribuem para inviabilizar, também, no interior das fronteiras chinesas, as articulações desiguais entre rural e urbano de modo a que as províncias do interior e as populações subalternas que nelas residem são instrumentalizadas para garantir a influência das classes médias urbanas das províncias costeiras (SOUZA, 2021, p.187-188).

Nesse sentido, o autor, após dois breves estudos de caso, interpreta que a ecocivilização e seus teóricos a posicionarem de maneira refratária à outras abordagens ambientais como as pautadas pelas correntes de pensamento da “Justiça Ambiental” no Ocidente (SOUZA, 2021, p.187).

Em uma direção oposta a Souza, Liu Jinlong e Xu Tuoyuan (2021, p. 29-30) os autores apontam para um início da construção da ecocivilização como um da evolução do processo de reforma e abertura iniciado em 1978. Os autores apontam a forte degradação sofrida pelo solo, pelo ar e pelas águas chinesas durante o período, mas também ressaltam os inúmeros projetos e escalas que vêm sendo testados e implementados. Os autores, neste caso, buscam traçar as características próprias da construção da ecocivilização, abarcando nela propriedades únicas chinesas e afastando-a das categorias ocidentais.

O desenvolvimento de uma ecocivilização na China é diferente dos movimentos ambientais e sociais em países do Ocidente. Em Estados industrializados ocidentais, o desenvolvimento e crescimento do público geral e grupos civis e o nascimento de movimentos ambientais e sociais são mutuamente fortalecidos.

Mesmo que o governo chinês seja apto a progredir, no presente governos locais estão em um dilema. Há uma dependência de caminho para promover desenvolvimento, e um sistema de promoção de investimentos relativamente maduro foi estabelecido.

O desenvolvimento de uma ecocivilização com características chinesas na contemporaneidade requer que os governos locais apoiem alianças comunitárias ou garantam que o progresso não prejudique o ambiente e os recursos. [...]. (LIU; XU, 2021, p.73).

A ideia de uma ecocivilização com características chinesas que concerne à comunidade humana com um futuro compartilhado deveria se tornar a sabedoria e a civilização comuns da humanidade. Esse processo requer uma reconstrução abrangente da filosofia, literatura, arte, pensamento popular e estilo de vida. Essa exploração é de grande significância teórica e prática para o progresso da China. [...]. (LIU; XU, 2021, p.74).

Visões ocidentais, assim como sistemas teóricos e técnicos pertencentes à gestão de recursos e do meio ambiente, dominados pela União Europeia e pela América do Norte, não resolvem efetivamente os problemas de recursos e ambientais que desafiam na atualidade os seres humanos, especialmente em países em desenvolvimento. Porém, eles constantemente dominam o discurso na academia e na política internacional. Como resultado, países em desenvolvimento como a China têm que fazer avanços teóricos e técnicos para resolver seus próprios problemas, e os sistemas de recursos e governança ambiental da China não possuem a habilidade de se comunicar com a comunidade internacional, e são até marginalizados. (LIU; XU, 2021, p.74).

Assim, a linha teórica de Liu e Xu (2021) se aproxima mais da construção que viemos desenvolvendo neste trabalho, tendo em vista que se reconhece a influência do “desenvolvimento sustentável” na construção da ecocivilização, mas avança sobre os múltiplos aspectos de distanciamento entre as teorias, em especial os artísticos e históricos. O trabalho de Liu e Xu (2021) se estrutura a partir dos problemas e soluções em torno da construção da ecocivilização, de modo que seu histórico é menos completo do que de outros autores, uma vez que foca nas realizações práticas da construção da ecocivilização. Dessa maneira, optamos por seguir a linha do tempo traçada por Ning Wang, Jinling Guo, Jian Zhang e Yu Fan (2022, p.2):

2007 – 17º CNPCC:

Comunicado para pequenas e médias empresas sobre Redução de Emissões e Economia de Energia.

2010 – 17º CNPCC, 5ª Plenária:

Decisão do Conselho de Estado sobre o fortalecimento da preservação ambiental.

2012 – 18º CNPCC:

Regulamento Nacional de Gestão da Zona piloto de Eco-construção.

2013 – 18º CNPCC, 3ª Plenária:

Plano Nacional de construção de uma Zona Piloto de ecocivilização.

12º Plano Quinquenal Nacional para Proteção Ambiental.

2013 – 27ª Reunião do Conselho do PNUMA.

2015 – 18º CNPCC, 5ª Plenária:

Pareceres acerca da Alavancagem da Ecocivilização.

Plano Geral de Reforma do Sistema de Ecocivilização.

2015 - 70th Session of the UN General Assembly 28 September 2015.

2016 – 13º Plano Quinquenal:

Sistema de índice de avaliação de desenvolvimento verde.

Sistema de Metas e Avaliação da construção da ecocivilização.

13º Plano Quinquenal para Proteção Ambiental.

2017 – 19º CNPCC:

Medidas de avaliação e avaliação dos Objetivos da Construção da Ecocivilização.

2018 – 13º Congresso do Povo Chinês:

Regulamentos de Trabalho de Supervisão da Proteção Ambiental Ecológica Central.

Medidas para Participação Popular na Avaliação de Impactos Ambientais.

2020 – 14º Plano Quinquenal:

A lista de promoção de Práticas, Experiências e Medidas de Reforma da Zona Piloto Nacional de Ecocivilização.

O termo ecocivilização apareceu pela primeira vez em 2007, com o 17º Congresso Nacional do Partido Comunista da China (CNPCC) emitindo um comunicado para pequenas e médias empresas sobre a redução de emissões e economia de energia.

Em 2010, a 5ª Plenária do 17º CNPCC tomou a decisão de fortalecer a preservação ambiental. Esta decisão representou um esforço para construir uma sociedade que passasse a racionalizar o uso de seus recursos naturais.

No período de 2003 a 2012, Hu Jintao valorizou a busca pela coexistência harmoniosa entre o homem e a natureza. Esta perspectiva procura integrar o progresso humano com questões ecológicas, como o consumo de recursos e os danos ambientais. O objetivo é estabelecer e cultivar uma relação equilibrada e voltada para a paz entre as nações. Mas é a partir de 2012, sob os auspícios do recém nomeado Secretário Geral, Xi Jinping, que a construção da civilização ecológica passa a compor documentos e discursos oficiais anualmente até entrar para a constituição em 2018.

Em 2012, o 18º CNPCC promulgou o Regulamento Nacional de Gestão da Zona Piloto de Eco construção. Este regulamento representou um esforço para promover a construção da ecocivilização em várias áreas, incluindo economia, política, cultura e sociedade. Neste ano, Xi Jinping assumiu o cargo de secretário geral. Em 2013, durante a 3ª Plenária do 18º CNPCC, foi dado um foco em “Uma Bela China” a partir do Plano Nacional de Construção da Zona Piloto de Ecocivilização. Este foco representou um aprofundamento das reformas em direção à criação de um sistema integrado de ecocivilização. Em 2015, durante a 5ª Plenária do 18º CNPCC, foi definido o desenvolvimento verde como um dos cinco novos conceitos de desenvolvimento. No mesmo ano, Xi Jinping fez um discurso na Assembleia Geral da ONU enfatizando a importância de construir um ecossistema que coloque a mãe natureza e o desenvolvimento verde em primeiro lugar. Em 2016, durante o 13º Plano Quinquenal, foram criados o Sistema de Índices de Desenvolvimento Verde e o Sistema de Metas de Avaliação de Construção da Ecocivilização de modo que esses documentos direcionaram o foco das melhorias para a qualidade ambiental. Este foco representou um esforço para resolver problemas pendentes nos ambientes

ecológicos. Em 2017, durante o 19º CNPCC, foram propostas medidas para acelerar a reforma do Sistema de Ecocivilização. Estas medidas representaram um esforço para melhorar a organização e liderança na construção da ecocivilização. Em 2018, durante o 13º Congresso do Povo Chinês, a Ecocivilização foi incluída na constituição chinesa. Finalmente, em 2020, durante o 14º Plano Quinquenal, foi proposto o novo objetivo de Construção da ecocivilização. Este objetivo representa uma exigência explícita para a coexistência harmoniosa entre homem e natureza no processo de modernização (WANG; GUO; ZHANG; FAN. 2022, p. 2)

A partir dessa linha cronológica dos processos que fizeram parte da consolidação do objetivo de construção da ecocivilização, fica claro como ela está imbricada no Estado, isto é institucionalizada. Ela se parece a um horizonte pintado pelo governo de Xi Jinping para que a sociedade chinesa possa vislumbrar um futuro harmonioso e pacífico que os espera a partir do caminhar. Soma-se a isso a iniciativa do Estado de agir na vanguarda das tecnologias, das experimentações e da reordenação territorial para esse futuro. Objetivo esse, que mesmo que não seja idêntico ao que foi pintado traz a reflexão do papel do Estado para atuar ativamente nos campos ambientais como se age em outros campos estratégicos.

Apesar disso, é importante fazer algumas ressalvas sobre a construção da ecocivilização.

O ritmo de caminhada da China é acelerado e, assim como as Zonas Econômicas Especiais, adoradas em trabalhos anteriores (CAPORALLI; SOUTO, 2022), os sistemas de teste e implementação de experimentos territoriais são ferramentas de gestão e desenvolvimento extremamente importantes e bem-sucedidas em suas propostas. Deste modo, não foi

possível identificar razões nesta tese pelas quais a construção da ecocivilização se mostre impossível, mas, pelos problemas ambientais que o país e o mundo vêm enfrentado, essa também não é uma construção certa, natural ou automática. Muito pelo contrário. O frisar dos documentos que abordam a ecocivilização desde 2012 é direcionado para a “construção”. Isto é, ela é um processo, um projeto de civilização. E, enquanto tal, ela demanda trabalho para ser construída.

Por outro lado, assim como um projeto arquitetônico, o objeto final pretendido não fica pronto, mas sim o seu plano de construção. O projeto arquitetônico é a construção do projeto da edificação, tal qual a “construção da ecocivilização” é o início do planejamento de como deveria ser uma civilização ecológica. Ainda assim, não devemos compreender esta forma social como um abandono da atual formação social chinesa. No artigo “Civilização Ecológica em formação: a ‘construção’ do nexos clima-floresta da China”(tradução nossa), os autores Niklas Werner Weins, Annah Lake Zhu, Jin Qian, Fabiana Barbi Seleguim e Leila da Costa Ferreira (2022, p. 10) apresentam um quadro que representa o desenvolvimento dos estágios civilizacionais, partindo da Civilização Agrária, passando para a Civilização Industrial e chegando na Ecocivilização. Entretanto, como o que vemos de ecocivilização se ampara em diversas estruturas sociais para tentar se projetar, nem todos os elementos das formações sociais necessariamente se alteraram. Assim como na atual civilização industrial, nem todos os elementos do mundo correspondem inteiramente a esse processo civilizacional, havendo sobreposições, contradições, coexistências de civilizações e afins.

Dessa maneira, o planejamento e empreendimento do estado em torno da construção da ecocivilização deve também vislumbrar a superação das sobreposições civilizacionais ao mesmo tempo que compreende a impossibilidade de uma mudança instantânea dos processos. E aqui entram os principais desafios que a China deverá enfrentar para superá-los.

Como foi mencionado anteriormente, as águas na China são delicadas por conta de sua sazonalidade e concentração no território. A grande divisão feita pela linha Hu representa a grande desigualdade territorial que a China encara. A porção desértica do país é muito expressiva e demanda um manejo muito delicado. Para frear o avanço das áreas desérticas sob áreas agrícolas, é feito uma grande barreira vegetal que serve auxilia na umidificação do ar e impede que as areias e ventos secos ameacem outras regiões. Ao mesmo tempo, esses novos plantios podem ameaçar as poucas e raras espécies do bioma. Por isso, esse manejo é delicado e precisa ser feito com técnicas e espécies apropriadas. O ar das grandes cidades é em geral um grande problema em toda a China. Em Wuhan, tive a oportunidade de presenciar dezenas de dias sob smog e ilhas de calor. Havia dias em que o “smog” causado por fumaça de queima de combustíveis fósseis era tão expressivo que era possível olhar diretamente para o sol, ao entardecer, sem que a luz da estrela se tornasse um incômodo - assim como o casal da Fig. 107. Os relatos de alergias, e problemas respiratórios eram muito comuns entre colegas e alunos da universidade. A qualidade do ar é algo emergencial para as cidades grandes chinesas.

Fig. 107 - Por do sol com smog em Wuhan (23/04/2023 às 18:24).



Fonte: Danilo Caporalli.

A crítica aos efeitos nocivos da poluição, especialmente nos ambientes urbanos, é tema das artes contemporâneas chinesas. Altamiro Bessa (2021, p. 52- 58), a partir da análise de obras de Shanshui, tradicionais e contemporâneas, critica o esgarçamento das antigas cidades chinesas e sua substituição indiscriminada por novas construções. Artistas como Yang Yongliang, ponderam que, apesar das cidades serem um lugar familiar, seu crescimento é nocivo ao ambiente e às paisagens chinesas.

A arte de Yang expressa sua crítica ao avanço urbano sobre as demais paisagens, impossibilitando a própria multiplicidade de ambientes que é tão importante para as cidades. A Fig. 108, denominada “Luar - o reino da ausência de noite”(tradução nossa), da série “Moonlight” retrata uma típica formação rochosa das pinturas de paisagem. No entanto, neste caso, Yang ocupa cada parte da montanha com edificações urbanas. A crítica de Yang é dupla. Por um lado, a cidade tomou o campo, a montanha, a água, e até o céu, com suas edificações, vias, meios de transporte e guias. Por outro lado, ao invadir as montanhas e as águas, a cidade leva também progresso à pintura de paisagem que resiste em mudar (BESSA, 2021, p.54) . Yang deixa claro seu apreço pelo progresso, pelas cidades e pelo Shanshui, posicionando sua crítica em relação ao modo como a expansão urbana tem sido feita – incluindo sua velocidade – e à estagnação da arte que deve ser fluida e dinâmica.

Fig. 108 - 月光-无夜之境 (Luar - o reino da ausência de noite”(tradução nossa).



Fonte: Yang Yongliang Studio. [s.d].

Dessa maneira, é muito importante acompanhar esse processo de mudança de paradigmas pretendido pela China em direção à ecocivilização. Nesse sentido, as artes, a historiografia, as cidades, os avanços sociais e tecnológicos, são bons termômetros dos avanços no campo da paisagem e da qualificação dos ambientes. A partir deles, é possível desenhar os caminhos pretendidos e, no acompanhamento dos processos, verificar a efetividade das execuções.

Alguns campos da ecocivilização que não foram abordados neste trabalho, ainda merecem destaque como importantes pontos de observação futura. Como foi a implementação das Zonas Piloto de Construção da Ecocivilização?

Como tem sido pensada a relação da ecocivilização para fora do país?

Como a ecocivilização desloca as disputas ambientais no cenário internacional?

Como o planejamento territorial em escala provincial tem lidado com a construção da ecocivilização?

Essas perguntas, seguem algumas das pistas que este capítulo nos indica sobre o conjunto de ambientalismos chineses e sua articulação em torno da ecocivilização.

Por fim, no cruzamento dos ambientalismos que pudemos identificar nesta tese, com a construção da ecocivilização, foi possível identificar as seguintes características dessa construção ambiental, planejada, histórica, institucionalizada e múltipla. Para identificarmos estas características, foram mapeados alguns pensamentos tradicionais e ideológicos presentes na China e cruzados com os exemplos de ambientalismos chineses presentes ao longo da tese. Dessa maneira, foi possível construir uma base

comum para compreensão de alguns dos processos de desenvolvimento e de preservação ambiental articulados pelo governo chinês.

5. Considerações Finais

Ao longo deste trabalho apresentamos algumas visões sobre os ambientalismo chinês e as suas paisagens. Começamos nossa aproximação com a China movidos pela busca de respostas para questões como: existe um ambientalismo chinês? Ou são múltiplos esses ambientalismo? Quais suas características e como podemos apreendê-los? Evidentemente que esse empreendimento inicialmente proposto foi mostrando-se por demais complexo e impossível de se alcançar no tempo de elaboração de uma tese acadêmica. Era preciso decidir em favor da coerência e ceder à sabedoria de se fazer o possível, de se alcançar o apreensível com os recursos disponíveis. Tal decisão, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, mostrou-se em consonância com a própria sabedoria milenar chinesa: que em toda construção, o importante é o caminho, o Tao. Nesse sentido, esta tese não apresenta conclusões, mas apontamentos sobre uma cultura complexa, uma alteridade, para a qual a verdade, e essa é uma dentre tantas lições de método que aprendemos, ancora-se na razão prática da cultura e nos seus fundamentos filosóficos e artísticos. São múltiplas verdades na China. A atual proposta para construção de uma ecocivilização chinesa se fundamenta nesse substrato temporalizado como malha estruturadora das suas ações. É, assim, planejada, histórica, institucionalizada e múltipla.

A ecocivilização é uma proposta de condução do atual estágio civilizacional chinês para o que se acredita ser o próximo. Dentre suas principais características, o projeto se coloca como antagônico a uma ideia de evolução natural, de modo que a ecocivilização depende de intenção e

trabalho para ser construída. A característica seguinte é ser histórica, uma vez que, ao nascer enquanto teoria, ela faz sua própria genealogia, traçando caminhos na história chinesa que apontam para ela mesma enquanto horizonte. A circunscrição dos ambientalismos chineses pelo Estado, que como demonstra o próprio texto da tese, é muito presente na história chinesa, constituindo-se com uma força articuladora e impulsionadora dos rumos daquela sociedade, resulta em uma relação homem-ambiente que não é apenas intermediada, mas também, até certo ponto, ativamente incentivada pelo próprio Estado. Essa delimitação dos ambientalismos os torna institucionalizados. Por outro lado, o que parece fechado, não o é. Os ambientalismos chineses incorporam em si disciplinas, religiões, arquiteturas, tecnologia, planejamento, enfim uma multiplicidade de propostas que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas, o que talvez seja a razão principal para a ancoragem social das paisagens chinesas. Elas revelam uma ética e uma estética muito mais coletiva do que individual. Sua essência é conciliatória, como fica demonstrado ao longo de toda a escrita dessa tese, muito embora não tenha ocorrido sem lutas e divergências. A evolução paisagística chinesa, no cômputo final, é agregadora de valores, daí sua riqueza

notável. O método da construção desta tese foi sendo desenhado no percurso da pesquisa. O contato com a cultura chinesa, dada a sua longa existência, riqueza cultural e complexidade, foi demandando uma abordagem mais narrativa e menos classificatória. A tese não pretendeu ser um estudo historiográfico, em que todas as sucessões de acontecimentos são rigorosamente documentados e concatenadas, tampouco um estudo geográfico, em que a multiplicidade da geografia física e cultural chinesa

tivesse que ser apresentada detalhadamente, mas um estudo das e pelas paisagens, que impõe a presença do olhar de um pesquisador que, nutrindo-se da história, da geografia, da filosofia, da arte, busca narrar um acontecimento, como apresentado aos seus olhos. E é a partir da narrativa desse olhar, que contemplou, encarnado, o objeto apreendido, é que os leitores do trabalho irão percorrer um universo chinês, dentre tantos possíveis.

Para a construção dessa narrativa paisagística, a viagem à China foi fundamental. Ao viajante cabe sentir e perceber a história. Ao viajante-pesquisador, organizar analiticamente e fixar os conteúdos apreendidos em textos, mapas, desenhos, fotografias e contá-la ao leitor. No campo da arquitetura e urbanismo, em particular dos estudos da paisagem, o movimento que a viagem provoca no pensamento, o espanto que ela gera a todo o tempo pela descoberta do novo, são fundamentais. Ao invés de encarceramento, a viagem legitima a abertura como princípio metodológico instaurador.

O mundo visto e apreendido pela viagem à China facilitou o meu envolvimento e a minha compreensão sistêmica das relações históricas entre o homem, o ambiente e a natureza chinesa. Mas o que foi visto e apreendido precisava também ser contado aos leitores. Duas escolhas foram feitas nesse sentido: a primeira foi narrar usando relatos relativamente curtos de lugares, projetos e histórias, entremeados pela teoria, apresentando ao leitor a discussão empreendida. Em um tema tão complexo, era preciso contar da forma mais integrada possível; a segunda opção foi ilustrar imagetivamente os relatos e privilegiar, na medida do possível, os desenhos a mão, como forma de valorizar o próprio fazer do

arquiteto. No entanto, dada a exigência do prazo de conclusão da tese, infelizmente muitos desenhos ainda ficaram por fazer.

A partir da trajetória que fizemos passando por cada capítulo, foi possível definir uma síntese, mas compreendemos que ela é uma de diversas possíveis. E reiteramos que o retrato das paisagens chinesas que trouxemos, não busca ser “a verdade definitiva”, mas trazer luz a um trajeto possível para se compreender as atuais relações entre o homem e o ambiente naquele país. E por não ser absoluto, este trabalho não esgota o tema. Aqui, buscamos apontar também para caminhos que ainda devem ser explorados.

O primeiro caminho é acompanhar o processo. A ecocivilização, a China, o crescimento urbano chinês, as paisagens, as tecnologias, todos esses temas devem ser acompanhados. Acompanhar processos é um exercício de acúmulo e de conexão. Parece simples, mas é um dos grandes desafios dos campos da arquitetura, do urbanismo e, principalmente, da paisagem. Portanto, essa é a primeira porta a ser aberta por este estudo. Por construirmos uma base histórica e cultural para nosso objeto de análise, o processo de acúmulo já tem onde se apoiar, do mesmo modo, o processo de conexão tem mais ganchos para se amarrar. Assim, esta tese contribui para um olhar do que ainda está por vir na formação social

chinesa. O. outra contribuição desta tese é para expansão das fontes e leituras, especialmente em língua portuguesa de temas como “A Teoria das Duas Montanhas”, “Rio Suzhou”, “Mil Árvores e Museu Qintai” e “O Céu é redondo e a terra quadrada”. A maioria dos capítulos tem uma escassez de fontes em língua portuguesa, mas no caso dos quatro acima, até mesmo as fontes em inglês se provaram poucas. Esperamos que a abertura destes

temas para mais informações em português desperte mais estudos e análises dessa e de outras ordens sobre eles.

Ao analisarmos a arquitetura chinesa contemporânea, nos capítulos de “Fuhe e Nanhe”, “Mil Árvores e Museu Qintai” e “Parque Lianhuashan”, observamos um estilo que se repete. A arquitetura de grandes edifícios comerciais com vidros pretos e armações metálicas cinzas finas. A predominância dos materiais em determinados distritos das cidades, a associação de usos, as formas pouco diversificadas, mas a clara distinção entre as boas e as más aplicações do estilo, são todas questões que deverão ser exploradas futuramente, uma vez que seguem gestos aparentemente ocidentalizados, mas sua padronização pode representar um caminho de industrialização para a arquitetura. Neste sentido, o atual papel de financiador e exportador de infraestruturas pelo mundo, pode também representar um espalhamento do estilo e por outras partes do mundo. Caberia um recolhimento minucioso de dados sobre materiais, construtoras, relações com o planejamento urbano e muitas outras investigações acerca desta nova tendência do mercado imobiliário chinês.

Em relação aos mitos como o de Yu, há outros que devem ser explorados e pesquisados como exemplos de relações entre o homem e o ambiente. Algumas histórias famosas entre os chineses como a de Peixe Grande (大魚) e Viagem Para o Oeste (西遊記) podem, assim como a de Yu, abarcar outras leituras possíveis para essa relação. Além disso, as bibliografias escolhidas para aquele capítulo, abarcam diversas outras mitologias que serão sistematizadas em estudos futuros.

Por fim, é importante que futuros estudos sejam desenvolvidos correlacionando a implementação das medidas de construção da

ecocivilização com seus resultados imediatos quantitativos e seus benefícios a médio e longo prazos qualitativamente estruturados. Nesses estudos, a partir dos desenhos institucionais que pudemos verificar no capítulo do “Rio Suzhou”, da “Teoria das Duas Montanhas” e da “Ecocivilização”, abrimos portas para observações de mais arranjos, financiadores e promotores dos novos ambientalismo chineses que podem ser mapeados.

Esperamos que a leitura desta tese propicie ao leitor um mergulho na cultura, nas artes, na história e nas paisagens chinesas, uma compreensão acerca da relação homem-ambiente que foge às concepções do senso comum ocidental. Espera-se que este estudo produza efeitos de fertilização de novos trabalhos, possibilitando extensões e aprofundamentos que estreitam laços de pesquisas e, quem sabe, produzam parcerias frutíferas para ambos os países na melhoria de seus ambientes e resgate de suas paisagens.

Referências

1000TREES. **1000Trees**. Disponível em: 3. Acesso em: 24 set. 2023.

ADB. Project Completion Report PCR: PRC 32121 Suzhou Creek Rehabilitation Project (Loan 1692-PRC) In the People's Republic of China. **Asian Development Bank**, 2005. Disponível em: <https://www.adb.org/projects/documents/china-peoples-republic-32121-013>. Acesso em: 02 ago. 2023.

ALIER, Joan Martínez. **O Ecologismo dos Pobres**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ARCHDAILY BRASIL. **1000 Trees** / Heatherwick Studio. 2021. Disponível em: 1. Acesso em: 24 set. 2023.

BALASSONE, Merrill. **Stitching a vision of China**. Los Angeles: Los Angeles Times, Movies, 25 ago. 2005. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2005-aug-25-wk-movies25story.html#:~:text=DIRECTOR%20Dai%20Sijie%20and%20his,boulders%20that%20had%20fallen%20overnight>. Acesso em: 09 set. 2023.

BANCO MUNDIAL. **GDP (current US\$) - China**: World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files. The World Bank, 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN>. Acesso em: 08 jan. 2023

BARBOSA, Danilo Caporalli. **A dimensão geopolítica da sustentabilidade: uma cartografia da ação norueguesa no território**

brasileiro. 2019. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/36558>. Acesso em: 24 out. 2023.

BIRRELL, Anne. **Chinese Mythology: An Introduction.** Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1993.

BITENCOURT, Gabriela. **Temporalidades Sino- Comunistas.** 2022. 1 obra de arte. Exposto em Expo China, Escola de Arquitetura da UFMG. Disponível em: https://expochina.cartografia.org/expo_o5_temporalidades_sino_comunistas/. Acesso em: 27 out. 2023.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol. Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura. in BESSA, Altamiro Sérgio Mol (Org.) **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem.** Belo Horizonte : Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.

BOCCARDI, Giovanni. **Mount Huangshan (China).** 2004. 1 fotografia. Disponível em: whc.unesco.org/en/documents/110984. Acesso em: 27 out. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Panorama: São Paulo, SP. 2020. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acesso em: 21 set. 2023.

BROOK, Timothy. **The confusions of pleasure:** commerce and culture in Ming China. Berkeley, Los Angeles, and London: University of California Press, 1998.

CAPORALLI, Danilo; SOUTO, João Paulo. Atravessar o rio seguindo as pérolas: a influência de Shenzhen no desenho dos novos projetos urbanos globais. **Indisciplinar**, n.14, Novos vetores de desenvolvimento para um mundo de futuro compartilhado nas relações internacionais sul- sul, v.8, n.1, 17 nov. 2022.

CARTER, James. **Power of symbolism:** The swim that changed Chinese history. The China Project, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://thechinaproject.com/2021/07/14/power-of-symbolism-the-swim-that-changed-chinese-history/>. Acesso em: 12 set. 2023.

CASA E JARDIM. **Prédio chinês em formato de moeda é o edifício circular mais alto do mundo.** Disponível em: 1. Acesso em: 27 out. 2023.

CCICED. **Ecological Civilization:** A new development paradigm. Disponível em: <https://cciced.eco/environmental-industries/ecological-civilization-a-new-development-paradigm/>. Acesso em: 2023.

CGTN. **Lucid waters and lush mountains are invaluable assets.** Vídeo 18:12, 03 jul. 2023. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2023-07-03/Lucid-waters-and-lush-mountains-are-invaluable-assets-1l8D2XXNdRK/index.html>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CHEN, Mingxing; et al. **Population distribution and urbanization on both sides of the Hu Huanyong Line:** Answering the Premier's question.

Journal of Geographical Sciences. 26, 1593–1610, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11442-016-1346-4>. Acesso em: 17 jan. 2023.

CHENG, Anne. **História do pensamento chinês**. 1a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. 816 p. ISBN 978- 85326359521.

CHENG, François. **Vacío y plenitud**. El lenguaje de la pintura china. Madrid: Ediciones Siruela, 2008.

CHENG, Kai; et al. **Mapping China's planted forests using high resolution imagery and massive amounts of crowdsourced samples**. ISPRS Journal of Photogrammetry and Remote Sensing, v. 196, p. 356-371, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0924271623000114>. Acesso em: 19 set. 2023.

CHERNG, Wu Jun. **Tao Te Ching: O Livro do Caminho e da Virtude - Lao tsé**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

CHICHULTURE. **Green is Gold: Clear Waters and Green Mountains are as Good as Mountains of Gold and Silver**. Economy and Development. Hong Kong: Academy of Chinese Studies. 29 jul. 2019. Disponível em: <https://chiculture.org.hk/en/china-today/1345>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CHINACULTURE.ORG. **The Temple of Heaven (Beijing)**. Disponível em: http://en.chinaculture.org/focus/2003-09/25/content_43169.htm. Acesso em: 2023.

CHINA. **中共中央 国务院关于加快推进生态文明建设的意见**. 2015.

Disponível em: https://www.gov.cn/xinwen/2015-05/05/content_2857363.htm. Acesso em: 13 out. 2023

CHINA DAILY. **Legends: Jiang Taigong Fishes**. Disponível em: 1. Acesso em: 27 out. 2023.

CHINA EMBASSY. **Rivers & Lakes. Nepal: Embassy of the People 's Republic of China in Nepal**, 2004. Disponível em: http://np.china-embassy.gov.cn/eng/ChinaABC/dl/200410/t20041027_1998282.htm. Acesso em 20 dez. 2022.

CHINA POWER TEAM. **How Much Trade Transits the South China Sea?**. China Power. 02 ago. 2017. Atualizado em 25 jan. 2021. Disponível em: <https://chinapower.csis.org/much-trade-transits-south-china-sea/>. Acesso em: 08 jan. 2023.

CHINADAILY. **UN names Chengdu 'Role Model for Resilient Development'**. chinadaily, society, 30 maio 2011. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/china/2011-05/30/content_12607410.htm. Acesso em: 17 ago. 2023.

CHINA.ORG.CN. **Shanghai's Suzhou Creek Runs Clean**. 09 jan. de 2003. Disponível em: <http://www.china.org.cn/english/China/53169.htm>. Acesso em: 02 ago. 2023.

CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT. **Chongqing: História e Geografia**. 2009. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20091119181616/http://www.cq.gov.cn/cqgk/lsg/>. Acesso em: 20 set. 2023.

CHONGQING MUNICIPAL GOVERNMENT. **2022 年重庆市国民经济和社会发展统计公报**. 17 mar. 2023. Disponível em:

https://www.cq.gov.cn/zwgk/zfxxgkzl/fdzdgknr/tjxx/tjgb/202303/t20230320_11785098.html. Acesso em: 20 set. 2023.

CHUNG, Chuiua Judy; INABA, Jeffrey; KOOLHAAS, Rem; LEONG, Sze Tsung. **Great Leap Forward**. Cambridge: Taschen, Harvard Design School Project On The City v. 1, 2001.

CQCB. **“Sailing to the Sky”** é a primeira palestra dos futuros designers do Chongqing Gate sobre inspiração no design. CQCB, 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190630212150/https://www.cqcb.com/caifangbuhuodong/fxctm/2016-08-18/185083.html>. Acesso em: 22 set. 2023.

DESHAUS. **Qintai Art Museum**. 2020. Disponível em:

<http://www.deshaus.com/Cn/Script/detail/catid/4/id/24.html>. Acesso em: 06 out. 2023.

DEZEEN. **Thomas Heatherwick unveils 1,000 Trees shopping centre in Shanghai**. Disponível em: 4. Acesso em: 24 set.

DUYVENDAK, Jan Julius Lodewijk . **The True Dates of the Chinese Maritime Expeditions in the Early Fifteenth Century**. T'oung Pao. v.34, p.341-412, 1938. doi: <https://doi.org/10.1163/156853238X00171>

EBREY, Patricia Buckley. **China: A cultural, social, and political history.** Boston: Houghton Mifflin Company, 2006.

FACULTY OF ASIAN AND MIDDLE EASTERN STUDIES.

Introduction. Cambridge: University of Cambridge, 2020. Disponível em: <https://www.ames.cam.ac.uk/undergraduates/undergraduate-resource/chinese-part-ia-information-incoming-students/introduction>.

Acesso em: 24 out. 2023.

FRANCE PRESSE. Chineses relembram 10 anos do terremoto de Sichuan: Desastre de 2008 abalou a província do sudoeste do país e levou ao desaparecimento ou morte de 87 mil pessoas, entre elas mais de 5 mil crianças. G1, Mundo, 12 de maio de 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/chineses-relembram-10-anos-do-terremoto-de-sichuan.ghtml>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

GOVERNMENT OF PUTUO DISTRICT. **M50 Creative Park.** Shanghai, 2023. Disponível em: <http://english.shpt.gov.cn/living/entertainment/994.shtml>. Acesso em: 28 set. 2023.

GREER, C. E.; MURANOV, Aleksandr Pavlovich. **Yangtzé River.** 3 de fev. de 2022, Encyclopedia Britannica. 2022 disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Yangtze-River>>. Acesso em: 21 de dez. de 2022.

HAN, J.-C. Comment on “Outburst flood at 1920 BCE supports historicity of China’s Great Flood and the Xia dynasty”. **Science**, v. 355, n. 6332, p. 1382, 2017.

HEATHERWICK STUDIO. **1000 Trees**. Disponível em: 2. Acesso em: 24 set. 2023.

INVESTING.COM. **Preços Históricos USD/CNY**. Disponível em: <https://br.investing.com/currencies/usd-cny-historical-data>. Acesso em: 21 set. 2023.

JATOBÁ, Sérgio Ulisses Silva; CIDADE, Lúcia Cony Faria; VARGAS, Glória Maria. Ecologismo, ambientalismo e ecologia política: diferentes visões da sustentabilidade e do território. In. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, 2009. p.47-87.

KISSINGER, Henry A. **Sobre a China**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2012. E-book.

KUE, Nils. **Mapa da cidade de Suzhou**, China. FREEPIK. Disponível em: https://www.freepik.com/premium-vector/city-map-asia-china-suzhou-vector-illustration_35045587.htm#query=Suzhou&position=3&from_view=author. Acesso em: 27 out. 2023.

LAMB, Stefanie. **Introduction to the Cultural Revolution**. Stanford University, 2005. Disponível em: https://spice.fsi.stanford.edu/docs/introduction_to_the_cultural_revolution. Acesso em: 12 set. 2023.

LEE, Bruce. **Pierre Berton Show**: Entrevista com Bruce Lee. YouTube, 26 de ago. de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uk1lzkH-e4U&ab_channel=CalpeperMinutemen. Acesso em 13 de dez. de 2022.

LI, Yuanguo. **Adoração Taoista das Cinco Montanhas** [道教五嶽崇拜].

18 jul. 2020. Disponível em:

[<https://web.archive.org/web/20200718192739/http://www.ctcwri.idv.tw/INDEXA3/A302/A3003/A3-03014.htm>]. Acesso em: 16 set. 2023.

LIU, Jinlong; XU, Tuoyuan. Ecocivilização: a abordagem chinesa do desenvolvimento sustentável. In: SALIBA, Aziz Tuffi; ORFANÒ, Barbara Malveira; LOPES, Dawisson Belém; LIU, Yuanchun (Org.). **Ásia-Pacífico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. p. 27-76. (Desafios globais; 4). ISBN: 978-65-5858-023-2.

LIU, Ying; CHEN, Zhongping; BLUE, Gregory (ed.).

Zheng He's maritime voyages (1405 - 1433) and China's relations with the Indian Ocean world: a multilingual bibliography. Leiden: Brill, 2014.

LIU, Yuyang. Chronology. 2001 p. 32-43. In: CHUNG, Chuiua Judy; INABA, Jeffrey; KOOLHAAS, Rem; LEONG, Sze Tsung. **Great Leap Forward**. **Cambridge**: Taschen, Harvard Design School Project On The City v. 1, 2001.

MA, RongHua; *et al.* China's lakes at present: Number, area and spatial distribution. **Science China Earth Sciences**. v. 54, p.283–289, outubro, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11430-010-4052-6>>. Acesso em: 28 de dez. de 2022.

MACEDO, Emiliano Unzer. **História da Ásia**: uma introdução à sua história moderna e contemporânea. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2016. 128 p. ISBN: 978-85-63765-47-512.

MACEDO, Emiliano Unzer. **História da China - Aula 1 a 24**. Youtube, 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PL8R17eCoEoMyem6Fq3u7dEj5UHF63asWO>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

MAHONEY, J. G. China's Rise as an Advanced Technological Society and the Rise of Digital Orientalism. **Journal of Chinese Political Science**/Association of Chinese Political Studies, 2022. Disponível em: [https://link.springer.com/article/10.1007/s11366-022-09817-z]. Acesso em: 14 out. 2023.

MONTGOMERY, David R. Emperor Yu's Great Flood: Geological data provide support for a legendary flood in China ~4000 years ago. **Science**. v. 353, n. 6299, 2016, p.538-539. DOI:10.1126/science.aah404

MURPHY, Flynn; GUOPING, Luo. In **Depth**: China's Plan to Break Foreign Iron Ore Dependence — Mine More at Home. Caixin Global, 04 ago. 2022. Disponível em: <https://www.caixinglobal.com/2022-08-04/in-depth-chinas-plan-to-break-foreign-iron-ore-dependence-mine-more-at-home-101922299.html>. Acesso em: 17 set. 2023.

MUSEUM OF CONTEMPORARY ART AND PLANNING EXHIBITION (MOCAPE). **Shenzhen Planning Exhibition**. Shenzhen, China, 2023. Exposição no local.

NIERMANN, Till. **Shanghai Suzhou Creek** 1987. 1987. Disponível em: <https://de.m.wikipedia.org/wiki/Datei:Shanghai_Suzhou_Creek_1987.jpg>. Acesso em: 09 de ago. de 2023.

PENGUIN. **Dai Sijie**. Penguin Books Australia, 2023. Disponível em: <https://www.penguin.com.au/authors/dai-sijie>. Acesso em: 05 de set. de 2023.

PEOPLE'S DAILY. 我国将全面建立四级河长体系（在国新办新闻发布会上）. 13 de dez. de 2016. Disponível em:

<<http://politics.people.com.cn/n1/2016/1213/c1001-28943871.html>>. Acesso em: 29 de ago. de 2023.

PIERRI, Naína. Historia del concepto de desarrollo sustentable. In: FOLADORI, Guillermo; PIERRI, Naína (Eds). **¿Sustentabilidad?** Desacuerdos sobre el desarrollo sostenible. Montevideo: Trabajo y Capital, 20011.

POLO, Marco. **As Viagens**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 1.ed, São Paulo: Martin Claret, 2022.

QIU, Bingwen; et al. Maps of cropping patterns in China during 2015–2021. **ISPRS Journal of Photogrammetry and Remote Sensing**, v. 196, p. 356-371, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0924271623000114>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

REVERSO CONTEXT. 天圆地方-翻译为英语-例句中文. Disponível em: <https://context.reverso.net/%E7%BF%BB%E8%AF%91/%E4%B8%AD%E6%96%87-%E8%8B%B1%E8%AF%AD/%E5%A4%A9%E5%9C%86%E5%9C%B0%E6%96%B9>. Acesso em: 2023.

RICHADS, Chris. How Children Saved The River. **New Internationalist**. 2 of December of 2002. Disponível em: <<https://newint.org/features/2002/12/01/develop-sustainability>>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.

ROSER, Max; ORTIZ-OCHOA, Hannah. **Emissões anuais de CO₂ por país**. Our World in Data, 2022a. Disponível em:

<https://ourworldindata.org/grapher/annual-co2-emissions-per-country?tab=table&country=>. Acesso em: 24 out. 2023.

ROSER, Max; ORTIZ-OCHOA, Hannah. **Emissões de CO₂ per capita**.

Our World in Data, 2022b. Disponível em:

<https://ourworldindata.org/grapher/co-emissions-per-capita?tab=chart&country=USA~CHN>. Acesso em: 24 out. 2023.

RYCKMANS, Pierre. **As anotações sobre pintura do Monge da**

Abóbora-Amarga: tradução e comentário da obra de Shitao. Tradução de Carlos Matuck e Giliane Ingrassia. 1.ed. Campinas: Unicamp, 2010.

SAFDIE ARCHITECTS. **Complexo Raffles City Chongqing**. ArchDaily Brasil, 2020. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/944158/complexo-raffles-city-chongqing-safdie-architects>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

SCHAUMEIER, Julia; SMITH, **Tristan**. **Shipmap**. Londres: Kiln. 2012.

Disponível em: <<https://www.shipmap.org/>>. Acesso em: 13 de jan. de 2023.

SHENG, Hung. **Zhao Mengfu, Autumn Colors on the Que and Hua Mountains, 1295**. Smarthistory, 03 de maio de 2021. Disponível em:

<https://smarthistory.org/zhao-mengfu-autumn-colors-mountains/>. Acesso em: 13 set. 2023.

SHENZHEN PARK SERVICE. **“Shenzhen Parks: 公园资料库, 莲花山公**

园, 公园简介”. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20140606213130/http://szparks.gov.cn/html/GYZLK/LHSGY/jttx/>. Acesso em: 12 set. 2023.

SHENZHEN STATISTICAL BUREAU. **Documento**. Shenzhen, 2020.

Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20210727043152/http://tjj.sz.gov.cn/attachmen t/0/736/736628/8386382.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

SIJIE, Dai (dir.). **Balzac e a Costureirinha Chinesa**. Produção de Lise Fayolle. França: TF1 International, 2001. 1 DVD (116 min), son., color. Legendado.

SIJIE, Dai. Balzac e a costureirinha chinesa. Entrevista concedida a Lisa Simeone. [S.l.]: **All Things Considered**, 17 mar. 2002b. Disponível em: <https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=1140091>. Acesso em: 05 de set. de 2023.

SINA, Finance. **Reorganização da mobilidade populacional: o crescimento negativo da população em Pequim, Tianjin, Chengdu e Hangzhou são os maiores "vencedores"**. 27 de março de 2022.

Disponível em: <<https://finance.sina.com.cn/china/2022-03-27/doc-imcwiwss8366860.shtml>>. Acesso em: 12 de ago. de 2023.

SIMONOV, Gleb. **Chinês**. 19 de maio de 2020. Disponível em:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/10/Chinese_landscape_painting_timeline.jpg]. Acesso em: 13 de setembro de 2023.

SOUZA, Luiz Enrique Vieira de. Civilização ecológica ou colapso ambiental? In: MUSSE, Ricardo (org.). **China contemporânea, seis interpretações**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021. p. 163-192.

TATA, Sam. **Shanghai: 1949 the End of an Era**. Nova York: New Amsterdam. 1989.

THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **The Grand Canal**. v. 1, World Heritage Convention, 2014. Disponível em:
<<https://whc.unesco.org/en/list/1443/documents/>>. Acesso em: 05 de jun. de 2023.

THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **The National Standards of the People's Republic of China**. Environmental Quality Standards for Surface Water. 1988. Disponível em:
<<https://english.mee.gov.cn/SOE/soechina1997/water/standard.htm>>. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

TREGGAR, Thomas R. **A Geography of China**. 1.ed. Chicago: Aldine, 1965.

TUKHTAREV, Ilyas. Map of the city of Chongqing, China. DREAMSTIME Disponível em: 1. Acesso em: 27 out. 2023.

UNESCO. **Monte Huangshan**. In: Centro do Patrimônio Mundial. [1990]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/547/>. Acesso em: 28 set. 2023.

UNESCO. **The Grand Canal**. Disponível em:
<https://whc.unesco.org/en/list/1443/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

UNWTO. **Yucun: China**. Best tourism villages. 2021. Disponível em:
<<https://www.unwto.org/tourism-villages/en/villages/yucun/>>. Acesso em: 26 de ago. de 2023.

VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. **Learning from Las Vegas**. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1977.

VIEW OF CHINA. **A Brief Introduction to Ancient Chinese**

Cosmology. Disponível em: <https://www.viewofchina.com/ancient-chinese-cosmology/>. Acesso em: 2023.

WANG, Ning; GUO, Jinling; ZHANG, Jian; FAN, Yu. Comparing eco-civilization theory and practice: Big-data evidence from China. **Journal of Cleaner Production**, v. 380, 2022. Disponível em: [<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2022.134754>]. Acesso em: 13 de outubro de 2023.

WANG, Sheng-rui; *et al.* Ecological security problems of the major key lakes in China. **Environ Earth Sciences**. n.74, p.3825–3837, março, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s12665-015-4191-3>>. Acesso em: 28 de dez. de 2022.

WANG, Tao. Fala em 3'08"a 3'35". *in* WHEN CHINA RULED THE WAVES; Direção: Rex Warner. Youtube. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4YEADagu0o&ab_channel=Timeline-WorldHistoryDocumentaries>. Acesso em: 28 de dez. de 2022.

WANG, Xinxin et al. Improved maps of surface water bodies, large dams, reservoirs, and lakes in China. **Earth System Science Data**, v. 14, p. 3757-3771, 2022. Disponível em: <<https://essd.copernicus.org/articles/14/3757/2022/>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

WEI, F.; CUI, S.; LIU, N.; CHANG, J.; PING, X.; MA, T.; XU, J.; SWAISGOOD, R. R.; LOCKE, H. Ecological civilization: China's effort to build a shared future for all life on Earth. **National Science Review**, v. 8, n. 7, nwaa279, 2021.

WEINS, Niklas Werner; ZHU, Annah Lake; QIAN, Jin; SELEGUIM, Fabiana Barbi; FERREIRA, Leila da Costa. Ecological Civilization in the making: the ‘construction’ of China’s climate-forestry nexus. **Journal of Cleaner Production**, [S.l.], 19 out. 2022. Disponível em: [https://doi.org/10.1080/23251042.2022.2124623]. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

WIKIPEDIA. **Temple of Heaven**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Temple_of_Heaven. Acesso em: 2023.

WILHELM, Richard. **I Ching**: o livro das mutações. 1.ed. São Paulo: Pensamento, 2006.

WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Our Common Future**. 1987. Disponível em: [https://www.are.admin.ch/are/en/home/media/publications/sustainable-development/brundtland-report.html]. Acesso em: 13 de outubro de 2023.

WU, Feng Lan. The History of Shenzhen Special Economic Zone. In: YITAO , Tao; ZHIGUO, Lu. **China’s Economic Zones**: Design, Implementation and Impact. 1. ed. [S. l.]: Paths International Limited, 2012. v. 1, p. 1-74.

WU, Qinglong; et al. Outburst flood at 1920 BCE supports historicity of China’s Great Flood and the Xia dynasty. **Science**, v. 353, p. 579-582, 2016. DOI:10.1126/science.aaf0842

WU, Q. et al. Response to Comments on “Outburst flood at 1920 BCE supports historicity of China’s Great Flood and the Xia dynasty”. **Science**, v. 355, n. 6332, p. 1382, 2017.

XI, Jinping. **Discurso na Assembleia Geral da ONU**. Nova Iorque, 28 de setembro de 2015. Disponível em:

[https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201510/t20151012_678384.html]. Acesso em: 13 de outubro de 2023.

XIE, Cong; *et al.* Analysis of surface temperature variation of lakes in China using MODIS land surface temperature data. *in* **Scientific Reports**. v. 12, n. 2415, fevereiro, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41598-022-06363-9>>. Acesso em: 27 de dez. de 2022.

XU, Z.; LIAO, Z. **A Systematic View Is Key:** The Successful Case of Suzhou Creek Rehabilitation. *Environmental Science & Technology*, [S.l.], v. 47, n. 21, p. 11936-11937, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1021/es404248k>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

XUAN, Ziyi (宣紫怡). **Mengqing Theme Park on Environmental Protection of Suzhou Creek:** History of Environmental Protection for Suzhou Creek. Touch Shanghai Online International Press Center, Shanghai. 2023. Acesso em 31 de jul. de 2023. Disponível em: <https://touch.shio.gov.cn/jsp/tjcf_detail_mobile_en.jsp?id=8&lineId=2&all=1>.

YANG, Lihui; AN, Deming; TURNER, Jessica Anderson. **Handbook of Chinese mythology**. ABC-Clio: Santa Barbara, Denver e Oxford, Rpt. New York: Oxford University Press, 2005.

YANG, Lihui; AN, Deming. **The World of Chinese Mythology: an introduction**. *In* China's Creation and Origin Myths. Leiden, The Netherlands: Brill, 2011. Disponível em: <<https://wxy.bnu.edu.cn/docs/20160608102452691519.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

YANG, Xiankun; LU, Xixi. Drastic change in China's lakes and reservoirs over the past decades. *in* **Scientific Reports**. v. 4, n. 6041, agosto, 2014. Disponível

em: <<https://www.nature.com/articles/srep06041>> . Acesso em: 27 de dez. de 2022.

YANG YONGLIANG STUDIO. [s.d]. Disponível em:

<<https://www.yangyongliang.com/phantom-landscape>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

YAO, L.; TONG, M.; WU, S.; CHEN, X. **Modernity and Collage of City Non-Core Area:** the Case of Suzhou River Area in Shanghai. In: REAL CORP 2013: PLANNING TIMES. [S.l.: s.n.], 2013. p. 561-570. Disponível em: <https://www.corp.at/archive/CORP2013_180.pdf>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

YGUA, Ruben. **A História da China**. 2021.

VOLLMER, Derek. **Urban waterfront rehabilitation:** can it contribute to environmental improvements in the developing world? *Environmental Research Letters*, v. 4, n. 2, p. 024003, abril de 2009. DOI: 10.1088/1748-9326/4/2/024003.

ZHAO, Z. Round Sky and Square Earth (Tian Yuan Di Fang): Ancient Chinese. **GeoJournal**, v. 26, n. 2, p. 149-152, 1992.